HISTORIA

DA

A C A D E M I A.

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV. PARTE II.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1816.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

PRIVILEGIO.

EU a RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo-me representado a Academia das Sciencias estabelecida com Permissão Minha na Cidade de Lisboa, que comprehendendo entre os objectos, que fórmão o Plano da sua Instituição, o de trabalhar na composição de hum Diccionario da Lingoa Portugueza, o mais completo que se possa produzir; o de compilar em boa ordem, e com depurada escolha os Documentos, que podem illustrar a Historia Nacional, para os dar á luz; o de publicar em separadas Collecções as Obras de Litteratura, que ainda não forão publicadas; o de instaurar por meio de novas Edições as Obras de Auctores de merecimento, e cujos Exemplares forem muito antigos, ou se tiverem feito raros; o de trabalhar exacta e assiduamente sobre a Historia Litteraria destes Reinos; o de publicar as Memorias dos seus Socios, das quaes as que contiverem novos descobrimentos, ou perfeições importantes ás Sciencias, e boas Artes serão publicadas com o titulo de *Memorias da Academia*, ficando as

* ou-

outras para servirem de materia a separadas e distinctas Collecções, nas quaes se dê ao Publico em Extractos e Traducções periodicamente tudo, o que nas Obras das outras Academias, e nas de Auctores particulares houver mais proprio, e digno da Instrucção Nacional; e finalmente o de fazer compôr, e publicar hum Mappa Civil e Litterario, que contenha as noticias do nascimento, empregos, e habitações das Pessoas principaes, de que se compoem os Estados destes Reinos, Tribunaes, ou Juntas, de Administração da Justiça, Arrecadação de Fazenda, e outras particulares noticias, na conformidade do que se pratíca em outras Cortes da Europa: E porque havendo de ser summamente despendiosas, tantas, e tão numerosas as Edições das sobreditas Obras, sería facil que a Academia se arriscasse a baldar a importante despeza, que determina fazer nellas; se Eu não me dignasse de privilegiar as suas Edições, para que se lhe não contrafizessem, nem se lhe reimprimissem contra sua vontade, ou mandassem vir de fóra impressas, em detrimento irreparavel da reputação da mesma Academia, e das consideraveis sommas que nellas deverá gastar: Ao que tudo Tendo consideração, e ao mais que Me foi presente em Consulta da Real Meza Censoria, á qual Commetti o exame desta louvavel Empreza; Querendo animar a sobredita Academia, para que reduza a effeito os referidos uteis objectos, que o estão sendo da sua applicação: Sou servida Ordenar aos ditos respeitos o seguinte:

Hei por bem, e Ordeno, que por tempo de dez annos, contados desde a publicação das Edições, sejão privile-

legiadas todas as Obras, que a sobredita Academia das Sciencias fizer imprimir e publicar; para que nenhuma Pessoa ou seja natural, ou existente, e moradora nestes Reinos as possa mandar reimprimir, nem introduzir nelles sendo reimpressas em Paizes Estrangeiros: debaixo das penas de perdimento de todas as Edições que se fizerem, ou introduzirem em contravenção deste Privilegio, as quaes serão apprehendidas a favor da Academia; e de duzentos mil reis de condemnação, que se imporá irremissivelmente ao transgressor, e que será applicada em partes iguaes para o Denunciante, e para o Hospital Real de S. José.

Exceptuo porém da generalidade deste Privilegio aquelles casos, em que as Materias, que fizerem o objecto das Obras que publicar a Academia, appareção tratadas com variação substancial, e importante; ou pelo melhor methodo, novos descobrimentos, e perfeições scientificas se achar, que differem das que imprimio a Academia: sendo o exame e confrontação de humas e outras Obras feito na Real Meza Censoria, ao tempo de se conceder a Licença para a impressão das que fazem o objecto desta Excepção: Encarregando muito á mesma Meza o referido exame, e confrontação; para consequentemente conceder, ou negar a Licença nos casos occorrentes e circunstancias acima referidas. Nesta Excepção Incluo as Obras particulares de cada hum dos Socios; porque estas só poderáõ ser privilegiadas, ou quando forem impressas á custa da Academia, ou quando os seus proprios Auctores Me supplicarem o Privilegio para ellas.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que sejão igual-

mente privilegiadas pelo referido tempo todas as Edições, que a referida Academia fizer de Manuscriptos, que haja adquirido: com tanto porém que dellas não resulte prejuizo ás Pessoas, que primeiro os houverem adquirido, ou lhes pertenção pelos titulos de Herança, ou de Compra, e tenhão intenção de os imprimir por sua conta. E para que a este respeito haja alguma Regra, que attenda á utilidade publica, e á particular: Determino, que a Academia possa imprimir os referidos Manuscriptos; ou logo que mostrar que seus Donos não querem imprimillos; ou que havendo elles declarado quererem dallos á luz, o não fizerem no prefixo termo de cinco annos, que neste caso lhes serão assignados para os imprimirem.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que na generalidade do Privilegio, que a referida Academia Me supplíca, e lhe Concedo na sobredita conformidade para a reimpressão das Obras ou antigas, ou raras, ou de Auctores existentes, fiquem salvas as Obras, que a Universidade de Coimbra mandar imprimir; ou porque sejão concernentes aos Estudos das Faculdades, que se ensinão nella; ou porque sendo compostas por Professores della, as mande imprimir a mesma Universidade, como hum testemunho publico dos progressos, e da reputação litteraria dos referidos Professores: E fiquem igualmente salvas as outras Obras, que actualmente estão sendo ou impressas, ou vendidas por algumas Corporações, e por Familias particulares, e que nellas tem em certo modo constituido ha muitos annos huma boa parte da sua subsistencia, e patrimonio; e a cujo beneficio Poderei privilegiallas, ou protogar-lhes os Privilegios que tiverem.

Hei

Hei por bem finalmente, e Ordeno, que na concessão do Privilegio, que igualmente Concedo na sobredita conformidade, para a referida Academia publicar o Mappa Civil e Litterario na fórma acima declarada, fiquem salvos os Privilegios seguintes, a saber: o Privilegio concedido aos Officiaes da Minha Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra para a impressão da *Gazeta de Lisboa*: o Privilegio perpetuo da Congregação do Oratorio para a impressão do Diario Ecclesiastico, vulgarmente chamado *Folhinha*: e o Privilegio que Fui servida conceder a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal Encyclopedico*: Para que em vista dos referidos Privilegios, e das Edições que fazem os objectos delles, se haja a Academia de regular por tal maneira na composição do referido Mappa Civil e Litterario, que de nenhum modo fiquem offendidos os mesmos Privilegios, que devem ficar illesos.

E este Alvará se cumprirá sem duvida, ou embargo algum, e tão inteiramente, como nelle se contém.

E pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Real Meza Censoria, Conselhos de Minha Real Fazenda, e Ultramar, Meza da Consciencia e Ordens, Regedor da Casa da Supplicação, Governador da Relação e Casa do Porto, Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, Senado da Camara da Cidade de Lisboa, e a todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, Magistrados, e mais Justiças, ás quaes o conhecimento e cumprimento deste Alvará por qualquer modo pertença, ou haja de pertencer; que o cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar inviolavelmente, sem lhe ser posto embargo, impedimen-

mento, duvida, ou opposição alguma, qualquer que ella seja: para que a observancia delle seja inteira, e tão litteral, como nelle se contem. E Mando outro sim ao Doutor Antonio Freire de Andrade Enserrabodes, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór destes Reinos, que o faça publicar na Chancellaria, e que por ella passe: ordenando, que nella fique registado, e que se registe em todos os lugares, em que deva ficar registado, e conveniente for á sobredita Academia, para a conservação e guarda dos Privilegios, que neste Alvará lhe Tenho concedido. Dado no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e dois de Março de mil setecentos oitenta e hum.

RAINHA ∴

Visconde de Villanova da Cerveira.

Alvará pelo qual Vossa Magestade, pelos motivos nelle mencionados, Ha por bem conceder á Academia das Sciencias, estabelecida com a Sua Real Permissão na Cidade de Lisboa, o Privilegio por tempo de dez annos; para poder imprimir privativamente todas as Obras, de que faz menção: com excepções e modificações, que vão nelle expressas; e com as penas contra os transgressores do referido Privilegio. Tudo na fórma acima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Registado nesta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em o Liv. VI. das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 93 ý. Nossa Senhora da Ajuda 7 de Maio de 1781.

Joaquim José Borralho.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes Gratis.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria Mor da Corte e Reino, pela qual passou. Lisboa de Maio de 1781.

D. Sebastião Maldonado.

Publique-se, e registe-se nos Livros da Chancellaria Mor do Reino. Lisboa 18 de Maio de 1781.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. das Leis a fl. 34 ý. Lisboa 19 de Maio de 1781.

Antonio José de Moura.

João Chrysostomo de Faria e Sousa de Vasconcellos de Sá o fez.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. de Officios e Mercês a fl. 68. Lisboa 21 de Maio de 1781.

Matheus Rodrigues Vianna.

(*) DISCURSO,

CONTENDO A HISTORIA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

DESDE 25 DE JUNHO DE 1814 ATÉ 24 DE JUNHO DE 1815:

POR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA,

SECRETARIO DA MESMA ACADEMIA.

Ainda esta vez, Senhores, deverei ser o orgão da Academia, pondo ante vossos olhos sua carreira litteraria e patriotica no Estadio escabroso, mas nobre e grande, das Sciencias e das Artes, onde continúa a merecer loiros desde 24 do passado Junho até hoje. Confesso que este orgão he bem fraço, e pouco digno dos homens illustres que a compoem: se a minha voz porém sahir rouca e grosseira, como he, forcejarei ao menos, quanto em mim for, que seja singela e imparcial. ¿ Mas quem não temerá, despido de forças e talentos como eu, comparecer perante o Tribunal implacavel, bem que justo, do Publico que me ouve, e da Posteridade que me ha de julgar a final? He certo, Senhores; e sei que se não grangea perdão, diz o nosso Sousa, se ha de que o pedir, como sempre ha. Anima-me com tudo e consola-me a só idéa, que vou ser o Annalista fiel dos esforços e tarefas de huma Corporação de Sabios, que luta denodada ha largos annos, em pró das Sciencias e honra da Nação, contra a ignorancia timida, ou desleixada, e ousarei dizer, contra o obscurantismo de algumas toupeiras, que temem, ou não podem supportar a luz; (*a*) de huma Corporação, que ha sido e será, gra-

(*) Lido na Assembléa Pública de 24 de Junho de 1815.
(*a*) *O entendimento, que he nosso,*
Nam no lo querem deixar.
Sá e Miranda Egl. 8.

ças ao Ceo e ao patrocinio do Throno, o ante-mural das Letras, o alforbe e criadeiro, para o dizer assim, das Artes e Sciencias; plantas mimosas e tenras, que dispostas depois e arreigadas nos campos do Estado e da Igreja, tem já crescido, e hão de crescer, certo mais e mais, em arvores robustas, cujos ramos verguem com mil fructos sazonados.

Seria inutil querer demonstrar-vos as grandes utilidades, que a Europa tem tirado do Estabelecimento das Corporações Litterarias de todo o genero, e mui principalmente das Academias Scientificas. Mas permitti-me, Senhores, para enverdecer a aridez do meu assumpto, e comprovar de algum modo a minha these, que vos trace em mui pequeno quadro a decadencia rapida das Letras no Imperio de Roma, desde o brilhante seculo de Augusto, até o seu renascimento no seculo XVI. por diante. Confesso que a empreza he muito ardua e arriscada; pois além de ser preciso fazer grandes empregos de estudos e trabalhos, a que se devião recusar meus fracos hombros, ¿ quão difficil não he pintar gigantes em pequena taboa? Mas a importancia da materia, e os fins que me proponho, desculparáõ o meu arrojo.

O augmento ou decadencia das Letras em qualquer Nação he o criterio mais seguro para ajuizarmos da sua civilização e prosperidade; porque as causas que promovem as Sciencias e as Artes, são as mesmas que fomentão e adiantão a felicidade das Nações. ¿ Que cousa ha mais importante e curiosa, que contemplar a alteza e prosperidade, a que tinhão chegado as Letras no seculo de Augusto; onde as sementes e plantas, vigorosas e sans, dos tempos da Republica, brotárão e crescêrão sobre maneira com o favor e carinho do Principe; e com o socego da paz, depois das guerras civís, desabrochárão em flores e fructos preciosos, que não cedião muito aos da Grecia sua mestra? O espaço de tempo porém que decorreo entre a usurpação de Sulla e as ultimas guerras civís, foi o periodo em que florescêrão os Ci-

ce-

ceros e os Lucrecios; foi, rigorosamente fallando, a idade de ouro da Litteratura Romana. Se Augusto começára a sua usurpação por huma serie inaudita de crueldades e de traições; bem depressa se mudou por huma destas metamorfoses inesperadas em Bemfeitor da nossa especie, e em Delicias de Roma: e poderemos de algum modo explicar este milagre, parte pela sua constituição pusillanime, e enferma; e parte pela amizade, e bons conselhos de hum Agrippa, e de hum Mecenas, de hum Polião, e de hum Messala. Parece que até a mesma Natureza se empenhava em bemaventurar o seu reinado, dando-lhe por contemporaneos e por panegyristas Engenhos da primeira ordem, válidos e mimosos das Musas e do Ceo; entre os quaes bastará nomear a hum Horacio, e a hum Virgilio. Devemos não obstante confessar, que os Escriptores deste tempo trabalhárão mais *esthetica*, que scientificamente; não só porque a Philosophia não tinha ainda descoberto todas as leis da Critica e do Methodo; mas tambem porque os Homens de Letras d' então não se davão exclusivamente a huma só Sciencia em particular, nem formavão no Imperio huma classe separada, e independente, como ora fazem na mór parte da Europa, depois de estabelecidas honras e Cadeiras que os sustentão e excitão.

Se tal era o explendor a que tinhão chegado então as Letras; ¡ que pasmo nos não deve causar a rapida decadencia e abatimento, em que cahírão, logo depois dos Antoninos por diante! Em muita parte das antigas e modernas Nações seu explendor e prosperidade tem dependido de causas de pouca monta na apparencia, ou de outras occultas aos olhos do observador attento; mas não succedeo assim para com o Imperio Romano: as causas da sua grandeza, e sua decadencia estão manifestas e patentes nas paginas da sua Historia para quem sabe ler e reflectir. Floresceo Roma porque seu povo amava a liberdade e a Patria; porque o animava a energia rude, mas forte e varonil de seus antigos costumes, e a gloria dos triunfos; que ajudadas

pela politica do Senado, e pela ambição dos Patricios fizerão de hum pequeno bando de fugidios e foragidos huma Nação immensa, e sem exemplo nos Fastos do Universo. Começou porém a decahir, logo que afracou o amor da Patria, e o enthusiasmo do bello e do sublime. Nem podia ser de outro modo; porque a mudança da condição politica dos Cidadãos, o despotismo dos Imperadores, a anarchia e tumultos do exercito, a immoralidade necessaria dos costumes, e o luxo desenfreado, fructo de riquezas sem conto, roubadas e amontuadas por continuas guerras, destruírão em brevissimo tempo todas as sementes do bem, e desarreigárão do seu espirito e coração todas as qualidades generosas, de que se honra a nossa especie. Espalhou-se pelo corpo moral do Imperio hum torpor mental, que suffocou toda a vitalidade, que poderia combater contra os males da oppressão, e encontrar com denodo a cohorte immensa dos vicios e dos crimes. Em poucos seculos ficou reduzido o desgraçado Occidente, até então mui culto e nobre, á despresivel condição de semi-barbaro, ignorante, falso, affeminado e vil; sem possuir sequer a energia d'alma, e a mascula independencia dos povos do Norte, por quem foi tão facilmente conquistado.

A mudança da Capital do Imperio, a divisão deste, as contendas e combates renhidos do Paganismo, furioso contra a nova Religião exclusiva do Imperio, as heresias sem conto, as disputas Theologicas, que geravão odios e derramavão sangue, absorvião os cuidados, e as faculdades intellectuaes da pouca gente, capaz ainda de ler e meditar.

As irrupções successivas e aturadas dos Barbaros do Norte vierão então accelerar mais e mais a ruina do Imperio e das Sciencias. Condensárão-se as trévas da ignorancia: e com as devastações de cidades e campos, com o continuo tinnir das espadas recebêrão as Letras o ultimo golpe; e apagárão-se quasi de todo os vestigios da instrucção, que havião escapado ao diluvio do sem numero de males, que abysmavão o Imperio de Roma. Não houve desde en-

então mais força contra a oppressão, mais actividade mental; morreo toda a curiosidade honesta: não se via por toda a parte senão indolencia e cobardia; e só levantavão cabeça a hypocrisia e a baixeza nos vencidos, a venalidade e o chamado direito da força nos vencedores; a pobreza esqualida de hum lado, e do outro o despejo de hum luxo grosseiro e desregrado.

¿Mas quem o creria então? Do seio de tantos males brotárão novos *germes* de regeneração e de ventura. Assim como muitas vezes hindo com tormenta desfeita o navio á costa contra rocha talhada, surge d' entre o negrume das borrascas o fogo santo que anima o navegante já perdido, muda o vento, e traz apoz si dias de bonança: assim succedeo agora com as Sciencias e Artes no Occidente. Os povos da Scandinavia e da Germania, ainda cheios de juventude e de energia, depois de pacificos senhores das terras occupadas, formão novas Monarchias na Italia, nas Gallias, e na Hespanha. Cubiçosos de nova gloria, dão-se ao estudo das Letras, e abrigão e cultivão os poucos restos, e sementes dispersas das bôas Artes e Sciencias, que por acaso ainda existião occultas entre o Clero, e no fundo de alguns Claustros. Nos Mosteiros e Cathedraes mais ricas nascem já algumas Escolas; onde, verdade he, só se ensinavão as doutrinas, que compunhão então o chamado *Trivio*, isto he, huma especie de Grammatica, de Dialectica, e Rhetorica; mas estabelecidas as Universidades, foi o *Trivio* ajudado pelo *Quadrivio*, em cujo recinto se abrigárão, além das doutrinas já apontadas, tambem a Musica, a Arithmetica, a Geometria, e a Astrologia: a qual tanto cabimento tinha então nos paços dos Reis, e dos grandes Feudatarios, fazendo de seus pretendidos cultores, valídos, e poderosos. Com as Universidades augmentou-se o patrimonio das Letras, criando-se Cadeiras de Jurisprudencia Canonica e Romana, Theologia e Medicina; a qual de mãos dadas com a Astrologia, Geometria, e Alchymia, que conservavão e cultivavão os Arabes, derão depois nascimento

á

á Astronomia, á Botanica, á Zoologia, á Physica, e á verdadeira Chymica moderna. Os espiritos generosos, que ardião por cultivar as novas Letras, achavão nos estabelecimentos das Escolas descanço, honra, e subsistencia. Aperfeiçoou-se e generalizou-se o vidro, inventou-se a polvora; que tanta influencia hão tido nas Sciencias, e no estado politico dos Povos: forão apparecendo novas e numerosas Artes, que hoje em dia tanto felicitão as Nações.

Os Trovadores das Gallias e das Hespanhas com seus Romances heroicos e guerreiros, com seus Contos e Trovas amorosas e satyricas, excitão o gosto de ler, começão a polir as linguas, e dão honra e estimação á Poesia vulgar, e com ella a toda a Litteratura.

Com a queda de Constantinopla, e já hum pouco antes (*a*) emigrárão para o Occidente alguns dos Sabios que ainda conservava; e os Codices Gregos, que havião escapado á voracidade dos tempos, são conhecidos no Occidente; traduzidos e ás vezes illustrados por Bessarion, Miguel Apostolio, George Gemisto, João Argyropylo, Theodoro Gaza, George Trapezuncio, e muitos outros, que espalhárão pela Italia o estudo da Lingua e Litteratura dos Gregos. A publicação destas obras juntas com as Latinas, que já começavão a ser estudadas, fazem raiar os primeiros assomos da Critica e do bom gosto.

A pezar porém de todos estes progressos jazia ainda a Europa em densas trévas. Mas as faiscas do lume, que se hia augmentando com o novo estudo e leitura dos Gregos e Romanos, fazião já fermentar a materia chaotica, que desenvolvendo-se, e crystallizando, hia criando hum novo mundo de sciencia e de civilização. He verdade que à principio os olhos, opprimidos de longo somno, mal podião en-

(*a*) Já antes de tomada Constantinopla por Mahamet II. em 1453 tinhão passado para a Italia varios Doutos. No Concilio de Florença celebrado em 1439 assistio o Imperador João Paleologo com muitos Prelados e Homens doutos, dos quaes varios ficárão desde então estabelecidos na Italia.

encarar a immensa luz, que se accendia; e mediáo com pavor o profundo abysmo, que os separava dos seculos brilhantes de Pericles e de Augusto; mas pouco e pouco foráo-se os espiritos fortalecendo, e animando. Ainda que muitas vezes desencaminhados em falsas e tortuosas veredas, pouco e pouco foráo cobrando novas forças e ardimento; trilhando primeiro sabiamente os caminhos da erudição, para fazerem seus os thesouros da Antiguidade, e depois em melhor tempo disferirem o vôo, mais além, na athmosfera das Sciencias e das Artes. Assim como nos brilhantes dias da Grecia e de Roma fôra a Eloquencia a meta, a que corriáo os espiritos vigorosos e patrioticos; assim depois que nasceo a Impressão (com que se firmárão para sempre as Sciencias e as Artes, sem medo nenhum de que jámais resuscite o Imperio das trévas), a intelligencia e critica das Obras Poeticas, Historicas e Philosophicas dos Gregos e Romanos forão os objectos da geral admiração, e da ciosa ambição dos Litteratos. Se à principio os engenhos, nutridos com as bellezas das linguas Grega e Latina, desprezaváo as vulgares, achando-as pobres e grosseiras para as delicadezas intellectuaes dos Platões e Aristoteles, e para a riqueza, em sentimentos e imagens, da Eloquencia e da Poesia antiga; animados depois com o exemplo e fortuna dos *Trovadores*, ousárão por fim fallar a linguagem dos Deoses, e ataviar a verdade no proprio idioma; que na Italia elevárão hum Dante, hum Boccacio, e hum Petrarca, quasi de hum golpe, ao maior auge da perfeição.

Melhor entendidos os Physicos, Geometras e Astronomos da Grecia, estudados hum Plinio e hum Seneca entre os Latinos, derão-se os Homens de Letras com mais ventura e facilidade ao estudo da Natureza e da Experiencia. Se a Philosophia conservava ainda nos Claustros e nas Universidades o trajo escolastico e grosseiro, com que cabeças Arabigas e arguciosas a tinhão desornado e afeado, homens criados com o leite de Platão, Aristoteles, Xenofonte, Euclides e Archimedes, quaes Bruno, Cardano, Campa-

panella, Galilei, Torricelli, Borelli, Castelli e outros na Italia, Vives nas Hespanhas, Lord Verulam na Inglaterra, Reuchlin e Erasmo na Germania, e tantos outros, dispunhão os animos para melhor sustento e pasto, que avidamente recebêrão. Com o estabelecimento da Academia dos Linceos em Roma, da Del Cimento em Florença, e do Instituto de Bolonha; com a Sociedade Real de Londres; com as Academias de París, e com a Leopoldina dos Curiosos da Natureza em Allemanha, e mil outras que depois se generalizárão pela Europa, quebrárão-se de todo os grilhões, e os prestigios da escravidão dos Mestres, que ainda continuavão a reinar despoticamente nas Escolas. Abrio-se a estrada real das Sciencias; descobrio-se o verdadeiro methodo de estudar e de indagar a verdade: e as Academias e Sociedades Litterarias forão, e são ainda hoje, as praças fortes e muradas, onde se crião e adestrão nas Sciencias e nas Artes valorosos espiritos, que as vão estendendo e propagando; e tem produzido abundantes fructos, com que acodem em tempo ás necessidades dos Estados e das Nações. Se ainda porém ha muitos espaços ermos e desertos no vasto territorio das Sciencias, não desanimemos com isso: basta considerar que as primeiras faiscas da luz, que hoje chameja, apenas remontão a trinta seculos, nos quaes houve porém repetidos e longos intervallos de barbarie e escuridão. Devemos animar-nos com a reflexão consoladora, que ha dois seculos seus progressos tem sido muito maiores que em todos os passados; e que os cincoenta annos, em que vivemos, apezar das desordens da Europa, igualão, se não excedem em tudo, a estes ultimos dois seculos.

Antes de levantar mão da tea, deveriamos dar huma vista de olhos pelo nosso Portugal; mas falta o tempo, e não convem apurar em demasia a vossa paciencia: com tudo julgo não vos será desagradavel hum pequeno bosquejo da nossa Historia Litteraria desde os primeiros tempos da Monarchia Portugueza até hoje, em que vou a entrar.

As-

Assoladas á porfia nossas terras por Alanos, Suevos, Vandalos, e Godos; só começámos a respirar de algum modo, quando os ultimos se arreigárão nas Hespanhas, e formárão huma nova Monarchia. Já então apparece na Lusitania hum Paulo Orosio, Historiador e Theologo; e póde ser que alguns outros, cujos nomes e escriptos consumio o tempo, como faz a tudo. Desgraçadamente tão bons começos desapparecêrão outra vez com a invasão dos Sarracenos. Mais de trezentos annos durou tão pezada escravidão; e tudo foi então barbarie e atrocidade. Mas graças ao Ceo, com a fundação da Monarchia Portugueza no Seculo XII. começárão a brotar entre nós novos desejos de acudir pelas Artes e Sciencias, que andavão esvoaçadas e foragidas. Livre Portugal das garras de Castella e de Leão pelo valor e brio do I.° Affonso, e seus proximos Successores, a nossa lingua, que até então era huma algaravia gallega, torna-se hum idioma nacional, e com ajuda do Latim, donde nascêra, e do Francez que trouxera o Conde D. Henrique e outros Cavalleiros que se lhe seguírão, (*a*) vai pouco e pouco adquirindo todas as bellas qualidades que a honrárão nos Reinados dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III., e D. Sebastião.

(*a*) Nos começos da nossa Monarchia havia na Peninsula tres dialectos principaes, todos filhos de huma mesma mãi, o Portuguez ramo do Gallego, o Castelhano, e o Catalão. A principio foi mais cultivado o Catalão, depois o Castelhano, que o eclipsou, e por fim se foi polindo e aperfeiçoando o Portuguez á custa de ambos elles. Todos nascêrão do Latim corrompido pelos barbaros do Norte, e recebêrão do Arabigo certo perfume e grandeza oriental, que lhes deixárão por herança os filhos do Deserto. O Conde D. Henrique, e os Cavalleiros Francezes, que successivamente vierão estabelecer-se em Portugal, alterárão e adoçárão a pronuncia, expellindo as guturaes e aspirações, que as linguas Gotica e Arabiga tinhão introduzido nos idiomas da Hespanha; e do som medio entre o *on* Francez, e o Castelhano formámos nós o nazal *aõ*, que he proprio e privativo á nossa lingua entre todas as da Europa. Para se mostrar em fim quão vulgar era o uso da lingua Franceza na Corte do Senhor D. João I. e seus Filhos, basta ver as Divisas de cada hum delles, que se achão no Convento da Batalha: são todas em Francez. A do Senhor Rei D. João he: *Il me plait pour bien*; a de D. Pedro: *Desir*; a de D. Henrique: *Talent de bien faire*; a de D. João: *J'ai bien raison*; e a de D. Fernando: *Le bien me plait.*

Affonso III., Principe politico, mas inteiro e severo, depois de assentado no Throno de seu desgraçado Irmão (cuja bondade natural e frouxidão de huma parte, e da outra a cobiça e preversidade dos privados, e a revolta dos tempos, não deixárão ser bom Rei, quem era bonissimo Varão, como diz o nosso Sousa) deixa por herança a seu Filho, o Grande Diniz, novas idéas politicas; e lhe transfunde o amor das Letras, que trouxera de fóra. Em 1288 cria Diniz em Lisboa huma Universidade, e chama para ella Sabios Estrangeiros, e lhe dá Estatutos em 1309 por onde se regesse: Universidade, que depois de emigrações successivas, como sabeis, firmou-se por fim em Coimbra, reinando o Senhor D. João III. seu Restaurador. Diniz povoa e cultiva nossos campos, cava nossas minas; e com os novos thesouros, que criára, faz florescer Portugal nas Artes e Sciencias que então havia: pule e enriquece a lingua compondo Versos e Trovas, que emparelhão, senão excedem, as dos Poetas Provençaes, segundo he fama. Se a Universidade que fundou, se os estudos que tanto patrocinára, fossem mais cuidados e favorecidos pelos seus Successores; de certo veria o Mundo erguer-se, como por milagre, neste canto da Europa d' entre o estrepito das armas huma Nação poderosa e culta, que desde então assombraria o Mundo com a sua civilização, como depois o fizera com o brado de suas Conquistas e Colonias. No Governo do I.º João começárão a brilhar dias mais claros e serenos; bem que as Conquistas de Africa não deixavão á Nação e ao Soberano todo aquelle descanço, de que precisavão as Sciencias e as Artes. Se o immortal Infante D. Henrique tivera podido firmar e organizar melhor a Corporação de Sabios, dados exclusivamente á Astronomia e á Nautica, que formára em Sagres; se o Reinado pacifico e philosophico do Senhor Rei D. Duarte não tivera sido tão abbreviado, ¡que progressos não terião feito os Portuguezes em toda a especie de saber humano! Com o Governo energico do Senhor D. João II., apezar de revol-

voltas e desassocegos internos, começa a polir-se cada vez mais a linguagem Portugueza; e o estudo das boas Artes vai cobrando novo alento e ufania. A Casa heroica de Aviz foi o berço da nossa gloria marítima e colonial: a seus Principes devêrão as Letras obras, premios e estimulos (*a*).

Seguem-se a tão bons começos os dias serenos do venturoso Manoel; em que as sementes das Sciencias e bom gosto, lançadas em terra já lavrada, brotão e crescem depois com maior força, frequentando os nossos Sabios as Universidades da Italia, da França e Castella, onde alcançárão perfeição e renome. A trasladação da Universidade, que remoçára com os grandes Letrados, que o Senhor D. João III. chamou de quasi toda a Europa culta, abre mais vasto estadio ás Letras e ás Sciencias. E a pezar da desgraça lamentavel, e singular nos fastos da Historia, de que o mesmo Soberano, que tanto amparára e fomentára as Letras, fosse logo depois, por illudido e mal aconselhado, quem de algum modo as acanhasse; todavia tinhão ellas deitado já tão profundas raizes entre nós, que ouso affirmar, nenhuma Nação do Mundo em tão estreitos limites enriquecêra tanto as Letras, nem as honrára mais, que a nossa. Não cessárão de produzir os Engenhos Portuguezes obras-primas, ainda em tempo em que a Nação hia já desfallecendo sobremaneira com os golpes, recebidos diariamente, dentro da Patria, e fóra della nos campos infaustos d'Africa, que para nós fôra sempre fonte perenne de gloria e de ruina.

Mas com o longo captiveiro da Patria fugírão de novo espavoridas as Artes e as Sciencias. Foi o miseravel Portugal hum prazo de tres vidas, que os Filippes desfrutárão arruinando-o, e minguando-o: porém graças ao valor e brio Lusitano, vagou este prazo de novo para o seu legitimo

(*a*) O Senhor Rei D. Duarte, e os Infantes D. Pedro, e D. Henrique não só cultivárão as Letras, e amparárão os Sabios, mas forão tambem bons Escriptores. A D. Affonso V. devemos o primeiro Codigo de Leis, e huma grande Livraria que ajuntou no seu Real Paço. Dom João II. correspondia-se com os Sabios da Italia, a quem dava pençóes.

Senhorio, que muito teve que fazer para o ir outra vez cultivando e melhorando; pois achou o Reino sem gente, sem dinheiro, sem agricultura, sem commercio, sem marinha, sem exercito, sem artilharia, e sem petrechos para a guerra sagrada da nossa liberdade e independencia (*a*). No Reinado grandioso do Senhor D. João V. começárão a luzir de novo em Portugal as Artes e as Sciencias, que só ganhárão pés, e se firmárão de todo no solo Lusitano pela queda dos Jesuitas, e pela reformação dos Estudos que devia produzir aquelle acontecimento, no felicissimo Reinado do Senhor D. José I., de quem podemos dizer propriamente: *Veteres revocavit artes.* Começárão então a sentir os Doutos d'entre nós a necessidade de reunir suas forças em Corporações Litterarias, que a principio não podião deixar de ser fracas, e mal constituidas: todavia a Academia Real da Historia, ainda que ephémera em duração, foi digna do nosso agradecimento pelos trabalhos corajosos de seus Socios em explorar e cavar as ricas minas da nossa Historia, que até então estavão em grandissima parte escondidas e desaproveitadas: mas ficou reservado aos dias gloriosos de MARIA I. ver nascer e firmar-se com o seu favor e protecção huma Academia Real de Sciencias; idéa que concebêra e realizára o Duque de Lafões nosso egregio Fundador e Presidente, em cujas veias circulava o Real Sangue de Bragança: ficou reservado ao nosso Augusto PRINCIPE REGENTE o consolidar a obra de sua Augusta Mãi.

Tendes visto quanto concorrêrão para o explendor das Sciencias, e para a felicidade das Nações as Academias e Sociedades Litterarias. Ha seis lustros que a nossa não tem deixado de marchar vigorosa na sua nobre carreira, como

o

(*a*) Na Praça maior de Sevilha achárão-se novecentas peças de artilheria com as Armas de Portugal. No curto espaço de 60 annos tirou a Hespanha deste pequeno Reino, em tributos e pedidos, para cima de 200 milhões de cruzados.

o mostrão as diversas collecções de suas Memorias, e os Escriptos publicados. Os trabalhos deste anno não forão menores, nem menos importantes. Mas para não cançar a vossa attenção com a miuda historia de suas transacções, só esboçarei aqui em grosso alguns de seus trabalhos, que hão de merecer a vossa approvação; pois delles vereis os fructos, que não cessa de colher no vasto campo do seu Instituto.

Pelo Governo destes Reinos foi encarregada a nossa Academia de dar o seu voto sobre varias materias de serviço público, que procurou desempenhar com o seu costumado zelo e patriotismo. Tivemos a consolação de que o *Plano dos Pesos e Medidas*, proposto pela maioridade da Commissão Academica, de que já vos dei noticia neste lugar, fosse approvado por S. A. R. Dignando-se não só ordenar, que se puzesse quanto antes em execução, mas estendendo os beneficios de tão util reforma ao Estado do Brasil, e a todos os seus vastos Dominios. Os trabalhos da nova Commissão nomeada pelo Governo, para a realização de tão beneficas providencias tem já, segundo me consta, adiantado muito o seu trabalho. Em breve tempo gozará Portugal do incomparavel beneficio de ter hum systema de Pesos e Medidas, fundado em base natural e firme; e cujas divisões uniformes e faceis se derivem de hum só principio fundamental. Se attentarmos ao numero prodigioso de medidas desvairadas, que entre nós ha; se reflectirmos na sua divisão arbitraria e incómmoda para o calculo; e nas muitas e diarias difficuldades de as comparar e reduzir a hum só Padrão, ¿ quem duvidará, que S. A. R. nos dêo a maior prova do seu amor e sabedoria? ¡ Que de embaraços, que de fraudes não resultavão da incerteza e multiplicidade dos nossos Pesos e Medidas, tanto para o trafico da vida commum, como para as transacções mercantís!

Cumpre tambem lembrar aqui, Senhores, que a Academia sempre desvellada em facilitar á Mocidade os meios de

de instrucção; sempre zelosa de conservar viva a nossa antiga gloria: determinou que se reimprimissem em collecção seguida as Obras, e Opusculos raros, que tratão de nossas Navegações e Conquistas; acceitando a offerta generosa, que lhe fizera de desempenhar esse trabalho o Sñr. *Joaquim José da Costa de Macedo*, que já dêo principio á empreza.

Animada do mesmo zelo, incumbio-se a Commissão de Lingua Portugueza, de reimprimir o Cancioneiro de Rezende; mas compilando-o em melhor ordem, e inserindo nos lugares competentes as Poesias de outro mais antigo, que existe manuscrito na Livraria do Real Collegio dos Nobres. Obteve para isso a Academia, do Governo destes Reinos, sempre amigo das Letras, e da gloria da Patria, hum Aviso para que se pozesse á disposição da Commissão este precioso manuscrito. Destes nossos Cancioneiros, e dos Romanceiros de Hespanha se vê, que nenhum Povo na Europa cultivou tanto, e tão cedo, como o das Hespanhas, esta nova Poesia de Trovas e Romances.

A Commissão de Historia e Antiguidades vai desempenhando com todo o esmero a confiança bem fundada, que nella pozera a Academia. A impressão da Chronica do Senhor Rei D. Pedro I. está acabada; e a do Senhor D. Fernando muito adiantada. Tem ella cuidado igualmente em colligir varios documentos do nosso antigo Direito Consuetudinario, por onde se governavão muitas terras e Comarcas deste Reino. Este ramo, não obstante servir para illustrar a nossa Historia e Jurisprudencia, estava ainda muito atrazado entre nós. Igualmente nos faltava huma collecção completa das antigas Cartas e Diplomas, que são a fonte da Historia, e por cuja falta muitas de nossas Chronicas são tão myrrhadas e incompletas. Chegou em fim o tempo em que a Academia ha de realizar seus antigos desejos, e aproveitar o thesouro de Documentos manuscritos,

que

que por vezes tinha mandado recolher dos Archivos e Cartorios do Reino. Com effeito, Senhores, cumpria emular os Estrangeiros nesta parte. A Italia e Allemanha são riquissimas de taes collecções; e a França, apezar da sua furiosa revolução, não se esqueceo de continuar a publicação das que tinha começado: assim a collecção dos Historiadores antigos de França por D. Bouquet Benedictino, que no principio da revolução chegava a 13 volumes, já hoje conta 3 ou 4 mais. A das Ordenanças dos Reis de França da terceira raça por Mr. de Brequigny, que já estava no anno de 1461, continúa igualmente. Tambem a collecção das Cartas, e Diplomas para a Historia de França, que principiárão a publicar os Senhores de Brequigny, e Du Theil, he hoje continuada pelo ultimo. Os Inglezes cuidão igualmente em reimprimir e publicar de novo as antigas Chronicas e Diplomas, que podem' illustrar a sua Historia. Sahírão já traduzidas as de João Froissart, de Joinville, e de Enguerrand de Monstrelet. O Snr. Roberto Lindsay publicou ha pouco as Chronicas de Escocia, a que ajuntou muitos Documentos ineditos.

Era justo por tanto que mostrassemos tambem igual amor á nossa Historia. Já temos muito augmentada a collecção dos Documentos extrahidos do Real Archivo, e dos Cartorios do Reino: e nestes dois ultimos annos tem a Commissão recolhido mais de duzentos, sómente até os fins do Seculo XII.; muitos dos quaes são assaz interessantes, por serem exemplares mais correctos dos que andavão impressos com muitas falhas e defeitos. Hum delles he rarissimo, por ser hum Testamento da Era de 811, mais antigo por tanto, que nenhum outro até agora entre nós conhecido.

Grande louvor por certo merecerá a Academia, subministrando aos Doutos tantos e tão novos soccorros e materiaes a bem da Historia Portugueza, que ainda precisa muito de noticias exactas e importantes. Com estas poderemos ter hum dia quem com Critica apurada, arte, e bom gos-

to

to nos dê hum corpo de Historia pragmatica e philosophica; que, he preciso confessar, ainda nos falta. Cumpre esperar que virá tempo, em que tenhamos os nossos Gibbons, e os nossos Humes.

Mas talvez que àlgum desses homens azedos, desses Philosophos causticos, ouse dizer que entre todos os conhecimentos humanos he a Historia o de menor valia; porque só nos ensina o que todos sabem; isto he, que os homens sempre forão, e hão de ser, mais ou menos imbecís, ou viciosos, mais ou menos enganados, ou enganadores. Embora seja assim; e concedamos-lhes de barato tamanhos paradoxos: ¿quem porém não quererá saber as causas por que o tem sido? Mas convem saber tambem o que os homens tem feito neste mundo de util e de bom, pois he innegavel que o tem feito: convem saber os progressos do espirito humano; as vicissitudes por onde passárão ás Sciencias e as Artes que nos felicitão, ou deleitão; e a sorte das Nações e dos Estados. Cumpre ver o crime detestado, e ás vezes punido; a virtude estimada, e ás vezes premiada: cumpre em fim ver os homens sem mascara, e sem hypocrisia, comparecerem em proprio vulto, com as faltas e fraquezas que cobria a sagacidade da ambição, perante o tribunal terrivel da Verdade. O homem de Letras, que munido de todos os subsidios, e alumiado pela critica, emprehender colher palmas nesta carreira, ha de saber julgar, e avaliar os homens, taes quaes forão; ha de mappejar, para dizer assim, seus vicios e virtudes, e entregar o quadro ao tribunal da Razão, para que o possa esta julgar sem odio e sem lisonja.

Se nossos Historiadores antigos não escrevêrão com toda a critica e gosto, que já começavão a raiar em Machiavelo, e Guicuardini; podemos com tudo blasonar, que depois do renascimento das Letras, fomos os primeiros, que apresentámos ao Mundo hum corpo de Historia volumoso, e rico de noticias, que póde talvez correr parelhas com o de Tito Livio: taes são as *Decadas* do nosso immor-

mortal Barros, cujo estilo he mais natural e castiço que o de Livio. He lastima, Senhores, que ao nosso Fr. Luiz de Sousa, cuja *Historia de S. Domingos* he com mui poucas excepções hum thesouro de excellencias de estilo, e de linguagem, pela pompa da expressão, elegancia da frase, e energia dos pensamentos; he lastima, digo, que lhe coubesse em sorte hum assumpto acanhado, e pouco proprio da Musa da Historia. Todavia he tal a belleza do seu estilo, e a pureza da sua dicção, que todos os defeitos do assumpto, e as faltas repetidas de Critica apurada, desapparecem aos olhos do Leitor.

Não foi só em promover as Sciencias e a Litteratura, que cuidou neste anno a Academia; quiz tambem dar mais huma prova de virtude, e sensibilidade, desejando conservar sempre vivas as feições e imagem de seu egregio Fundador: lembrámo-nos, para mitigar nossas saudades, fazer, por meio de huma Subscripção voluntaria, o Busto em marmore do Duque de Lafões, para ficar collocado na salla das nossas Sessões. Foi encarregado de satisfazer a tão bellos desejos o Sñr. Joaquim Machado de Castro, *Artista* mui distincto e benemerito, a quem devemos a idéa e o modello do grandioso monumento da Estatua Equestre, que o amor dos Povos consagrára ao immortal Rei o Senhor D. José I.

Quaes fossem neste anno os beneficios feitos á Patria e á Humanidade pela Instituição Vaccinica da Academia, deixo a melhor penna. Vereis que a Vaccina, esse atomo milagroso de hum puz estranho á nossa especie, esse achado maravilhoso do immortal Jenner, vai ganhando pés entre nós cada vez mais.

Parece que a guardára a Providencia à nossos dias para compensar de algum modo os males, que a Humanidade tem soffrido com a guerra devastadora que ainda assola a Europa. ¡ Quem sonharia, Senhores, que huma gota de materia infecta havia de combater peito a peito com a morte!

te! ¡E havia estreitar-lhe e diminuir-lhe o imperio! Se a Academia, apezar de seus poucos meios, não tem cessado ha quatro annos de propagar pelo Reino o beneficio incomparavel da Vaccinação: ¿que scena consoladora se não abre agora ante seus olhos, quando o Governo destes Reinos, a quem devem tanto os Portuguezes, acaba de subministrar-nos os soccorros pecuniarios, que nos faltavão?

CUmpre agora, Senhores, dar-vos tambem alguma noticia das Memorias apresentadas, e lidas neste anno. Começando pelas da Classe das Sciencias Naturaes, lêo o Vice-Secretario o Snr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* a conta das suas *Experiencias sobre a comparação dos Pesos e Medidas de Villa Verde e Torres Vedras*, de que tinha sido encarregado pelo Governo; e para cujo desempenho a Academia lhe havia subministrado todos os Instrumentos necesarios.

O Snr. *Visconde de Balsemão* lêo a segunda parte da sua *Descripção Economica da Provincia do Minho*; com que dêo novos subsidios á Estatistica Nacional.

No ramo Mineralogico lêo o *Secretario* huma *Memoria sobre a Minerographia da Serra que decorre do monte de Santa Justa, no termo de Vallongo, e Provincia do Minho, até Santa Comba*: districto este muito rico em mineraes de antimonio, cobalto, zinco, ferro, prata, e provavelmente de ouro; onde em tempos antigos tiverão os Romanos huma vastissima e longa mineração.

Lêo o mesmo *Secretario* outra *Memoria Historica e Minerographica sobre a nova Mina de ouro, que fica no meio da enseada que vai da ponta da Trafaria até o Cabo de Espichel.*

Lêo finalmente hum Opusculo intitulado: *Instrucções praticas e economicas para os Mestres, e Feitores das minas de* ou-

ouro de desmonte *e* lavagem *no Brasil*, precedidas de algumas Reflexões Estatisticas e Minerographicas: obra imperfeita, mas que talvez pelas regras e methodos que ensina e descreve, possa ser de summa utilidade aos Mineiros do Brasil, poupando-lhes tempo, braços, e mil despezas inuteis, com que se perdem a si, e arruinão o Estado, sem saberem ao menos aproveitar todo o ouro que lavrão.

Em Technologia lêo o Sñr. *Antonio de Araujo Travassos* huma importante *Memoria sobre os Alambiques*, *e distillação das Agoas-ardentes*, descrevendo os seus apparelhos, que reunem as utilidades dos de Duarte Adão, e Isaac Berard. Tereis o gosto de a ouvir ler nesta Sessão.

Em Medicina enviou o Sñr. *José Francisco de Carvalho* huma *Memoria sobre a Elefantiase*, util pela materia, e pelas Observações que contém. O Sñr. *José Pinheiro de Freitas* lêo-nos outra, em fórma de Regimento, *sobre a Policia Medica*. Nella trata miudamente de todas as providenias, e meios mais acertados para conservar a Saude pública. O Sñr. Ignacio Xavier da Silva enviou-nos huma Memoria interessante *Sobre o uso do Café em pó para curar as Febres intermittentes*, com hum mappa circunstanciado dos Soldados curados por este methodo no Hospital Real da Marinha. Esperamos delle a continuação das suas Observações, applicando o Café diversamente preparado á cura de outras Febres e achaques.

Em *Agricultura* tivemos huma *Memoria sobre os meios de a melhorar e estender em Portugal*, pelo Sñr. *José de Macedo Pereira Pinto*, em que mostra o seu patriotismo (*a*).

 Pas-

(*a*) A Agricultura póde olhar-se debaixo de tres pontos de vista, isto he, politica, mercantil, ou scientificamente. Politicamente considerada, muito tem influido nos seus progressos ou decadencia a Legislação particular das Nações, a abolição ou conservação do Feudalismo,

Passemos agora á Classe das Sciencias Exactas. Para completar as *Taboas Perpetuas Astronomicas*, que estavão ha tempos no prélo, dêo-nos o Sñr. *Mattheus Valente* a *Explicação necessaria para o seu uso.* O Sñr. *Francisco Villela Barbosa* enriqueceo-nos com os seus novos *Elementos de Geometria para o uso das Aulas*, concordados com os de Mr. Bezout. Nesta obra procurou seu Auctor substituir a varios parallogismos de Bezout, demonstrações rigorosas, e elegantes; e dispoz de modo a materia, que convencendo o espirito dos Alumnos, os conduzisse igualmente, como pela mão, do mais facil e particular ao mais difficil e geral. Os theoremas que em primeiro lugar demonstra, são quasi sempre proposições geraes, das quaes se deduzem como corollarios varias outras particulares, que na mór parte dos Livros elementares são tratadas como novos theoremas. Em huma palavra, a ordem do seu Compendio he não só conforme, a meu ver, com as regras da analogia e do methodo na exposição e demonstração das proposições; mas tem igualmente a vantagem preciosa de simplificar a Sciencia, enriquecendo-a ao mesmo tempo de idéas novas. Elle melhor do que eu vos exporá o motivo do seu bello trabalho, e o methodo da sua Obra.

O Sñr. *Manoel Pedro de Mello* apresentou huma interessante *Memoria sobre as Binomiaes*, que mereceo a approvação da Classe, e a impressão entre as nossas Obras.

Na

as guerras, o commercio maritimo, os diversos systemas de impostos e sua arrecadação. Olhada pelo lado mercantil, devemos consideràla ou sómente como occupação feudal e forçada, ou como a primeira e principal manufactura das Nações civilizadas. Para a encararmos scientificamente, devemos attender aos progressos successivos da sua theorica, ao modo com que se tem procurado corrigir e melhorar seus costumeiros e práticas antigas, com a introducção de novos instrumentos, de nova cultura, e novos methodos de Lavoura. Estes são os pontos de vista, que devem merecer a attenção dos nossos Escriptores em tão importante materia.

Na Classe de Litteratura e Historia, não foi este anno pobre de producções. Enviou-nos o Sñr. Fr. Francisco de Carvalho o principio de huma Obra, que espero virá a ser na sua continuação muito interessante, intitulada: *Ensaio para huma Historia da Litteratura Portugueza desde a sua mais remota origem até o presente tempo.* O Sñr. *Bispo d' Elvas* remetteo varios Additamentos e Notas para enriquecer a reimpressão do seu Ensaio Economico sobre o Brasil, obra bem conhecida e estimada pelos Doutos. O Sñr. *Sebastião Francisco Mendo Trigozo* lêo-nos huma interessante *Memoria sobre a Historia e Legislação dos nossos Pesos e Medidas desde o principio da Monarchia até o tempo dos Filippes, e sobre a introducção do Systema metrico-decimal.* O Sñr. *Joaquim de Santo Agostinho* presenteou-nos com o *Indice dos documentos impressos, relativos á nossa Historia*, em 14 massos, Obra de longo trabalho, e muita utilidade. O Sñr. *Antonio de Almeida*, Medico em Penafiel, enviou huma Memoria intitulada: *Annaes Vaccinicos de Portugal*, fructo do seu constante zelo pelas Sciencias, e para a gloria nacional. O Sñr. *Francisco Nuñes Francklin* começou a communicar-nos os fructos de suas Indagações *diplomaticas*, com que promette enriquecer a nossa Historia: e nos enviou huma *Memoria* sua *sobre a vida e acções do oitavo Vice-Rei da India D. Francisco Coutinho.*

O Sñr. *Manoel José Maria da Costa e Sá* enviou-nos novos *Additamentos ao Indice Chronologico remissivo da Legislação Portugueza* do Sñr. João Pedro Ribeiro, com que muito illustra a Historia da nossa Jurisprudencia.

No mesmo assumpto lêo o Sñr. *Vicente Antonio Esteves de Carvalho* huma Memoria intitulada: *Ligeiro quadro das nossas Leis da Amortização*, rica de noticias e de reflexões de grande péso. A mesma materia da Amortização foi tambem dilucidada pelo Sñr. *Francisco Manoel Trigozo* Vice-Secretario da Academia, em huma Memoria, em que procura provar com so-

solidos fundamentos, *que até o Reinado do Senhor D. Diniz não havia em Portugal Lei alguma geral sobre Amortizações*. Apresentou huma copia exacta dos *Usos e costumes antigos do Conselho de S. Martinho de Mouro*, que acompanhou de huma Introducção. Lêo o mesmo Socio o *Elogio historico do Sñr. Muller*, Obra em que brilhão linguagem, estilo e pensamentos. Vós tereis o gosto de o ouvir nestaSessão.

O Sñr. *Fr. Bento de Santa Gertrudes* enviou a copia de varios Documentos antigos, que existem nos Cartorios de Tibães e Rendufe.

O Sñr. *Fr. Francisco de S. Luiz* dêo a ultima demão ao seu *Glossario de Gallicismos* &c., que brevemente sahirá impresso: Obra por certo de muito estudo e Critica. Lêo-se huma Memoria do Sñr. *Francisco Ribeiro Dosguimarães*, *Sobre hum Documeuto inedito do principio do Seculo XII.*; pelo qual se prova a ida á Terra Santa, que alguns duvidavão, do Sñr. Conde D. Henrique. Vós a ouvireis nesta Sessão.

Finalmente o Sñr. *Sebastião Mendo Trigozo* lêo a *Traducção em verso do I.º Livro das Georgicas de Virgilio*, que pertende completar. Dêo-nos com isto mais huma prova do seu engenho, e do vivo desejo de enriquecer a nossa Litteratura, assaz pobre neste genero. Ainda que muitas das Traducções modernas, principalmente de Poetas e Oradores, em que tanto se esmerão presentemente Francezes, Inglezes, e Allemães, tenhão erros e falhas, que desacreditão de algum modo, e tirão o merecimento á Antiguidade: todavia sem ellas os idiomas vulgares não se terião polido e enriquecido; e o conhecimento dos bons modellos da Antiguidade, desse viveiro de *germes* preciosos, que a Philosophia deve fecundar e aproveitar, serião ainda hoje patrimonio exclusivo dos poucos Doutos, que se dão ao estudo serio das Linguas Grega e Latina.

Vie-

Vierão por fim a concurso neste anno duas Memorias; huma sobre a *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, e outra sobre o assumpto: *Qual seja a fórma dos carros mais proprios aos terrenos desiguaes e montanhosos, com o methodo simples de avaliar o esforço do motor em qualquer posição dos mesmos carros.* Ambas mostrão estudo e applicação em seus Authores: mas não satisfizerão ás condições do Programma; e por isso não forão premiadas. Creio que se ambos os Authores entrassem bem no espirito do assumpto, e nas difficuldades que tinhão de vencer; se nelle puzessem todas as suas forças, e meditação; colherião talvez as palmas, que a Academia só deve dar aos que chegão á meta da carreira Olympica. Ha Engenhos entre nós, que por certa facilidade perigosa, que possuem, de fazer de hum golpe o que aos Mestres custa muito, cuidando exceder aos outros, ficão inferiores a si mesmos.

Estes forão, Senhores, os Escritos lidos em nossa Academia neste anno. Alguns de seus Socios, e outros Litteratos não se esquecêrão de enriquecer nossa Livraria com dadivas de seu engenho, ou de seu zelo e amor pelas Sciencias.

Em primeiro lugar mencionaremos a Copia, que de Ordem de SUA ALTEZA REAL, com intervenção do Ex.mo Sñr. Marquez de Aguiar nosso Consocio, se nos enviou do Rio de Janeiro do Manuscrito precioso de Francisco d'Hollanda, intitulado: *Da Fabrica que fallece à Cidade de Lisboa.* Fôra incumbido por parte da Academia o Sñr. Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, Ajudante das Reaes Bibliothecas do Paço, de supplicar a S. A. R. esta mercê, que nos concedeo seu benigno e generoso coração. Pertencem a esta Obra, que já temos copiada com todo o mimo pelo Sñr. Marrocos, muitos desenhos, que devem ser enviados logo que estejão acabados; e certo he de esperar que sejão tirados com todo o bom gosto e fidelidade.

O

O Sñr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho enviou-nos huma *Memoria* impressa *sobre a origem e progressos da Emphiteuse*: e a Senhora Dona Maria Luiza de Valleré as Memorias da vida de seu illustre Pai, nosso digno Socio, escritas em Portuguez e Francez, e impressas em París: Obra esta, que não só faz honra ao coração desta illustre Senhora, mas tambem á sua douta penna. O Sñr. José Pinheiro de Freitas presenteou-nos com hum exemplar da sua *Memoria Chimico-Medica ácerca do estado em que se acha o Mercurio nos unguentos e outras preparações pharmaceuticas.* Monsenhor Ferreira offereceo hum manuscripto intitulado *Lusiades Leoninæ Libri duodecim*, composto pelo Jesuita Ignacio Archamone, Napolitano. O Sñr. Visconde de Balsemão enriqueceo nossa Livraria com hum exemplar da bella *Descripção do Convento da Batalha*, de *Mr. Murphy*; e emprestou-nos para se copiarem dous Manuscriptos, hum muito antigo, em que se descreve o termo de Lamego, e hum Diario sobre a Acclamação do Senhor Rei D. João IV. O Sñr. Commendador Franzini remetteo hum exemplar das suas *Instrucções Estatisticas.* O Sñr. José Accursio das Neves remetteo-nos o I.° Tomo da sua Obra *Variedades relativas ás Artes*, *Commercio*, *e Manufacturas*, que espero hajão de ser muito uteis á Nação. O Sñr. João Croft presenteou-nos com hum exemplar em Inglez e Portuguez da Conta publica dada pela Commissão encarregada de dirigir a *Distribuição do Donativo Britannico*, *votado no Parlamento*, *para o soccorro das terras invadidas em Portugal*; em cuja distribuição dêo este nosso Consocio grandes provas da sua humanidade e desinteresse.

Tambem de Paizes estranhos mereceo nossa Academia signaes de apreço e estimação. O Sñr. *Jacob Graoberg de Hemsio* dirigio á nossa Academia, como tributo, diz elle, do seu profundo respeito e altissima admiração, as Obras seguintes, que escrevêra em Italiano: *Annaes de Geographia*

e

e de Estatistica em 2 vol. de 8.°: *Carta ao R.do P.e D. Bernardo Laviosa sobre os prazeres dos campos de Albano*: *Ensaio sobre os Skaldos ou antigos Poetas Scandinavios*: *Lições elementares de Cosmographia e Geographia estatistica* : *Vocabulario historico-geographico dos nomes antigos que se encontrão nos dois Opusculos de Tacito*; *Costumes dos Germanos*, *e Vida de Agricola.* A Academia agradecida o recebeo no numero de seus Socios Estrangeiros, e o presenteou com algumas Obras suas.

O Sñr. *D. Francisco Xavier Cabanes*, nosso Correspondente, remetteo-nos de Hespanha a sua *Traducção da Campanha de Portugal* de 1810, e 1811, que enriqueceo de *Notas* e *Additamentos.*

A mesma honra recebemos da Sociedade Geologica de Londres, de quem tenho a honra de ser Membro Ordinario: remetteo-nos seu Secretario o Sñr. Henrique Warbuton o 2.° volume das suas Transacções. A Academia tem determinado agradecer este mimo, remettendo áquella tão distincta Sociedade hum exemplar das nossas Memorias Economicas, e outro das Physicas e Mathematicas.

Não deverei deixar tambem de referir-vos, que o Conselho da Sociedade Real de Londres acaba de dar á nossa Academia huma prova da sua sincera estimação; promettendo-nos renovar a correspondencia antiga, que havia entre ambas, como mui cortezmente o participou o Illustre Bancks, em carta escrita ao nosso Consocio o Sñr. João Croft, para que o fizesse prezente á Academia.

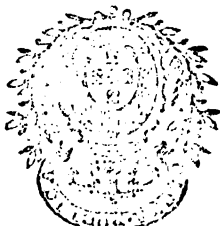
O nosso Museo foi este anno enriquecido de varias producções do Brasil; e de muitos mineraes de Portugal, de ferro, chumbo, antimonio, ouro, &c. acompanhados alguns com amostras em grande de seus metaes já fundidos e apurados: a cuja vista se avivárão mais e mais nossos desejos patrioticos de ver aproveitadas hum dia, como cremos, as immensas riquezas subterraneas, que ainda encerrão nossos montes, não obstante a vastissima mineração, que em

Portugal tiverão Carthaginezes, Romanos, e Arabes: riquezas que tinhão sabido aproveitar os grandes Reis, que fundárão nossa Monarchia; entre os quaes merece especial menção o immortal D. Diniz, que com a lavra e apuração de novas minas, encheo seus cofres de ouro, e dêo novo impulso á nossa industria, povoação, e Agricultura.

Se até aqui hei referido, Senhores, cousas que alegrão e consolão; ¡ porque serei obrigado a memorar agora as perdas, que soffremos! Sim, roubou-nos a morte neste anno não poucos Socios; muitos delles conhecidos por Escriptos de notorio merecimento, todos pelos grandissimos serviços feitos á Patria e á Humanidade. Taes forão os Sñrs. João Guilherme Christiano Müller, Jeronymo Allen, Carlos Antonio Napion, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Pinto da Silva, e Luiz de Sequeira Oliva. Senão fôra a estreiteza do tempo, cumpriria espalhar algumas flores sobre suas sepulturas; tecer-lhes-hia o elogio, para cumprir com as obrigações de Collega, para expollos, se podesse tanto, á vossa veneração. Mas já que me não he permittido expressar agora tudo o que sentem nossos corações, possão ao menos seus *Manes* apreciar o meu silencio, mais eloquente, que todos os meus elogios.

Para encher os lugares vagos, para honrar o merecimento nomeou a Academia para seus Socios Veteranos
os Sñrs. Domingos Vandelli,
Antonio Ribeiro dos Santos,
Agostinho José da Costa de Macedo:
E para Socio Estrangeiro
o Sñr. Jacob Graoberg de Hemsio.

Passárão para Socios Effectivos:
Na Classe das Sciencias Naturaes o Sñr. Bernardino Antonio Gomes;

Na

Na de Sciencias Exactas o Sñr. Anastasio Joaquim Rodrigues:
E na de Litteratura e Hiſtoria
os Sñrs. Francisco Manoel Trigoso,
Joaquim José da Costa de Macedo
Visconde da Lapa.

Passárão para Socios livres
os Sñrs. Antonio de Araujo Travassos
Francisco Simões Margiochi
João Evangelista Torriani
José Pinheiro de Freitas Soares
Justiniano de Mello Franco
Marino Miguel Franzini.

Forão nomeados Correspondentes
os Sñrs. Fr. Bento de Santa Gertrudes
Felix José Marques
Francisco Nunes Franklin
João Antonio Monteiro
Fr. José de Almeida Drake
Manoel Pedro de Mello
Manoel José Maria da Costa e Sá.

Está acabado o meu Discurso, Senhores. Se sahio secco e desalinhado; ao menos creio, que vos convencerá de que a Academia não cessa de buscar com seus escritos e tarefas o bem das Sciencias e da Patria. Muito temos feito os Portuguezes; mas muito terreno nos resta ainda por abrir e cultivar nos campos das Sciencias e da Litteratura. A Philologia Grega, a Archeologia, a Numismatica, a Geographia antiga, as Linguas Orientaes devem merecer-nos novo amor e maior zelo. A arte de escrever com pureza de linguagem, com gosto e Philosophia, em que já tinhamos no seculo de 500 dado grandes passos, recuou hum pouco; e pre-

precisa cobrar forças. Bem sei que esta arte bella, mas difficil, não tem regras fixas, nem demonstrações, por onde se governe; por ser huma especie de inspiração, e hum dom da natureza: mas sei tambem, que este favor celeste só merecem os que estudão e folheão bons modellos; os que ardem pela gloria do renome, que deve ser a nobre recompensa das tarefas Litterarias.

A Sciencia da Natureza, e suas vastas applicações á Agricultura, á Technologia, e á Economia, em cujo estudo tanto se esmerão as Nações cultas da Europa, inda estão pouco correntes entre nós. Eis-aqui pois aberta huma nova estrada, larga e real, por onde devem caminhar os engenhos Portuguezes, que quizerem colher novos loiros debaixo das bandeiras de Minerva. A Academia lhes está dando o exemplo; e mais esta vez os convida, para que entrem em seu gremio, e a ajudem com forças reunidas.

O Homem de Letras, Senhores, que por singularidade, ou capricho pueril desdenha entrar em Sociedades Litterarias, antolha-se-me ser huma especie de Celibatario, despegado do Mundo: que não tendo para quem ajunte, ou a quem deva sustentar, não augmenta seus cabedaes; ou os despende sem regra nem medida, endividando-se muitas vezes, e perdendo o seu credito.

Se os Ciceros e Lucrecios, se os Sallustios, Virgilios, Horacios, e outros muitos Luminares da Litteratura Romana, por não fallar dos Gregos, tivessem sabido reunir-se em Sociedades, como as nossas; ¿ que vôos e progressos não terião feito as Sciencias e boas Artes com homens tão energicos, e cheios de talento? Suas Obras Litterarias terião chegado ás nossas mãos sem algumas falhas e defeitos, que justamente lhe notamos, a pezar de certa especie de idolatria com que as veneramos. Se na barbarie da Meia Idade, assim como houve a inspiração de criar Universidades, tivesse havido tambem a de formar Academias; esses poucos espiritos privilegiados, que apparecêrão então, quaes estrellas errantes em noite escura, de certo não terião sido victimas inuteis da ignorancia.

Eia

Eia pois, reunão-se os Doutos Portuguezes ás nossas bandeiras. ¿ Que mais nobre carreira podem desejar as almas generosas? ¿ Que procura a Academia? ¿em que sua de contínuo, senão em propagar as luzes, em promover o bem, e evitar os males que trazem apoz si a ignorancia e o egoismo?

Indagar a verdade, espalhalla pelas classes que não podem consagrar-se inteiramente ao culto das Sciencias, sustentar os altares da razão, alumiada pela Santa Religião que professamos, fazella a árbitra da opinião pública, e a conselheira dos Thronos, he o dever sagrado das Corporações Scientificas. Eis-aqui, Senhores, porque a nossa Academia, fiel á sua vocação, tem merecido, e ha de merecer, como espero, o patrocinio do nosso Bom e Augusto Soberano, e a estimação do Genero Humano.

CON-

CONTA ANNUAL
DA
INSTITUIÇÃO VACCINICA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

PRONUNCIADA NA SESSÃO PUBLICA DE 1815

POR

BERNARDINO ANTONIO GOMES.

Preambulo em que se mostra a importācia do assumpto.

§ 1. SEgunda vez tenho a honra de occupar este lugar, e he similhantemente para referir os progressos da Vaccinação em Portugal durante o anno proximo passado, o terceiro da Instituição Vaccinica.

§ 2. A' vista desta tarefa, reflectindo que, por não possuir os talentos dos Sabios, que se acabão de ouvir, não posso por meio dos atavios da eloquencia tornar igualmente aprasivel a minha narração, cumpria-me começalla, implorando a benevolencia deste respeitavel Auditorio. Advertindo porém que o que em mim falece, he sobejamente supprido pela importancia do assumpto, e pela qualidade dos que me escutão, julgo escusado sollicitar a indulgencia com que devo contar.

A vaccinação póde cōtribuir muito para a prosperidade de Portugal.

§ 3. Julgo que a insufficiencia do Relator he supprida pela importancia do assumpto, e pela qualidade dos que me escutão, porque vou fallar da Vaccinação em Portugal, e vejo que fallo perante huma Assembléa de Portuguezes, na qual persuado-me que não ha algum, que não seja digno deste nome. ¿E qual he o Portuguez, digno do nome, que não

não deseje a prosperidade do seu Paiz? ¿E quem a deseja assás, que não anhele saber, e não ouça por conseguinte com tanta avidez pelo assumpto, como indulgencia para com o Relator, quanto temos avançado por hum dos caminhos, que conduzem mais directamente para a prosperidade da Nação?

Por augmẽtar a população de que provém a industria, e a força.

§ 4. Sim, não duvido dizer, porque he facil mostrar, que a Vaccinação he hum dos meios, que mais podem contribuir para a prosperidade de Portugal. Por quanto em hum Paiz deserto não póde haver prosperidade. « Os homens, » diz o Author do *Espirito das Leis* (*a*), nos seus deser» tos nem tem animo, nem industria. » Ora onde não ha industria, não podem florescer as Artes, o Commercio, e a Agricultura; não póde por conseguinte haver riqueza; e onde não ha riqueza e falece o animo, he mui percaria a independencia e honra Nacional. He pois essencialmente necessario para a prosperidade de hum paiz que elle não seja deserto, ou que seja sufficientemente povoado. Cumpre agora reflectir quão pouco o he Portugal, e quanto mais póde e carece sello.

Necessidade que ha de se augmentar a nossa população.

§ 5. Se exceptuarmos a Provincia do Minho, que se póde com razão chamar o viveiro da Nação Portugueza, em todas as outras Provincias, sem exceptuar presentemente a mesma Beira (que, outr'ora assás povoada, perdeo muitos dos seus habitantes na guerra, que ultimamente nos fizerão os Francezes) ha huma falta notavel de população. Vê-se claramente comparando Portugal com outra Nação, que lhe não he superior em fertilidade, e que tinha muitas razões bem notorias para se achar hum dos paizes menos povoados da Europa.

Por ser Portug. proporcionalmẽte menos povoado que a França.

§ 6. Portugal tendo actualmente, pelo menos, 2:929ȸ habitantes, como tinha em 1801, tem, segundo o nosso benemerito Consocio o Sñr. Marino Miguel Franzini, 930 habitantes por legoa quadrada (*b*); e tendo França, como ti-

(*a*) L. 23. Cap. 28.
(*b*) Instr. Stat. p. 31.

tinha na mesma época, 1ↀ086$\frac{171}{2014}$ habitantes por legoa quadrada (*a*); he manifesto que Portugal he proporcionalmente menos povoado que França de 156$\frac{171}{2014}$ habitantes por legoa quadrada, e por conseguinte tem 491ↀ667$\frac{763}{1017}$, ou pèrto de 500ↀ habitantes menos do que podia ter. Cumpre porém não parar nestas reflexões, para vêr que muito além de 500ↀ habitantes póde, e carece augmentar a população de Portugal.

Por ter por vizinha huma Potencia muito mais poderosa.

§ 7. Não me demoro na consideração de huma Potencia limitrofe, que tem muito mais do triplo da nossa povoação (*b*); que nos cerca na extensão de mais de 230 legoas; e que muitas vezes nos tem feito guerra, e póde novamente fazella. Esta succinta consideração, não obstante ter muitas vezes o valor supprido da nossa parte o numero dos combatentes, exige hum augmento de população muito além de 500ↀ almas. Exige-o ainda mais outra consideração, que mostra ao mesmo tempo como elle se póde manter.

Por ter muitas Colonias tão extensas como despovoadas.

§ 8. A Nação Portugueza não se lemita no pequeno territorio, que occupa na Europa; as possessões, que tem em Ilhas e no Continente das outras tres partes do Mundo, excedem talvez mais de cem vezes as do Continente Europeo; a sua população porém nas possessões ultramarinas está pouco mais ou menos na razão inversa da extensão do paiz que occupa, particularmente no Brasil, onde o viajante, encontrando a cada passo tão emmaranhadas e crescidas florestas, que são impermeaveis não só aos homens, mas até aos raios do Sol, conhece não só a extrema bondade do solo, que as produz, mas a falta de habitantes, que as deixa crescer e emmaranhar. A escacez porém da povoação deste vasto, rico, e fertilissimo Paiz conhece-se melhor pela comparação de duas das suas Capitanias com duas das nossas Provincias.

§ 9.

(*a*) *Statist. Gen. et Part. de la France et des Colon.* t. 1. p. 120.

(*b*) A Hespanha em 1797, tinha, só no Continente da Europa, 10.175ↀ531 habitantes. *Annuaire par le Boureau des Longitudes pour l'ann.* 1813 *p.* 155.

§ 9. A Capitania de Goyaz tem apenas 50ↀ365 habitantes (*a*), o que he pouco mais de metade da povoação do Algarve; e a Capitania de S. Paulo, que he talvez huma das mais povoadas, não tem mais de 200ↀ408 almas (*b*), que são pouco mais de $\frac{2}{5}$ da povoação do Alemtéjo, Provincia das menos povoadas de Portugal. Se reflectirmos além disto, que a Capitania de S. Paulo tem, com pouca differença (*c*), 640ↀ legoas quadradas, quando o Alemtéjo tem sómente 860; e que a Capitania de Goyaz tem 1.904ↀ400 legoas quadradas, quando o Algarve tem apenas 160: vê-se quão diminuta he a povoação daquellas duas Capitanias ou Provincias do Brasil, das quaes a primeira tem 1 habitante por quasi 38 legoas quadradas, e a segunda 1 por quasi cada $3\frac{1}{5}$ legoas quadradas.

Diminutissima população do Brasil.

§ 10. Esta excessiva falta de população he ainda mais attendivel, reflectindo-se que de 401ↀ469 habitantes, que fazem o total da povoação civilizada das Capitanias de São Paulo, Goyaz, Paraiba do Norte, Espirito Santo, e Ilha de S. Catharina, 97ↀ700, ou mais de $\frac{1}{4}$, são Escravos (*d*). Disto póde-se inferir com bastante probabilidade que na mesma proporção he o numero de Escravos de todo o Brasil. Ora esta sorte de habitantes, sendo menos prolifera por ser mais celibataria, he reparada da perda ordinaria das vidas, quasi só pelo Commercio, e importação da Escravatura Africana; e he tambem (por educação talvez, e por falta de liberdade) menos industriosa que a casta branca, e que os misticos, os quaes mostrão (de caminho o direi) quanto o crusamento das raças as melhora, porque em geral os mulatos excedem, em talento e sagacidade, as duas raças de que provém. A parte porém, como vinha de dizer, da população Brasiliana, que se compõe de Escravos, sendo pou-

Mais diminuta ainda por ser mais de $\frac{1}{4}$ de Escravos, e estes importados.

(*a*) *Patriota* N. 3 p. 96.
(*b*) Ibid. p. 105.
(*c*) *Mappa d'Arrowsby.*
(*d*) *Patriota.*

pouco prolifera, menos industriosa, e quasi toda de importação, não só não he equivalente a hum igual numero de habitantes brancos ou mestiços, mas ha de vir a ser nulla; como aconteceo em Portugal, porque he notorio que Sua Alteza quer abolir o Commercio da Escravatura (*a*), o qual permitte ainda nos seus vastos Dominios Ultramarinos, porque o estado da sua populáção e bem dos seus Vassallos assim o exigem.

Póde crescer muito a população de Portugal.

§ 11. He necessario por conseguinte olhar o Brasil não só como mui pouco povoado, mas como tendo huma povoação, em parte adventicia e precaria, a qual não he equivalente a igual numero de brancos, e que convem muito e póde mui bem ser supprida por hum augmento de população branca nos dominios Portuguezes ultra e cismarinos. Póde por conseguinte crescer muitissimo a populaçío de Portugal, Patria mãi dos Colonos Brasilienses, porque tem para onde regurgite o seu excesso de população, e donde tire a subsistencia dos restantes.

A vaccinação podia duplicar a população é 134 ann.

§ 12. He neste ponto de vista politico, e interessantissimo, isto he, como mui capaz de fazer augmentar a população, que a Vaccina deve tambem ser olhada, e tem sido por todos os Governos civilizados. Por meio della, segundo o calculo do Snr. Marino Miguel Franzini, póde Portugal augmentar cada anno em população até 9⌽500 individuos (*b*), e, segundo os principios de Mr. Dwilard (*c*), póde em 134 annos fazella chegar a 4.923⌽575, que se aproxima ao duplo da actual.

Apreço que diversas Nações tem feito da vaccinação.

§ 13. Ao peso destas ponderações acrescentarei o apreço, que os Governos civilizados tem feito da vaccinação.

§ 14. He notorio que o Parlamento Inglez premiou primei-

(*a*) Declaração no Congresso de Vienna; *Courier.*
(*b*) *Instr. Statist.* p. 32.
(*c*) *Edinb. Med. and Surg. Journal* N. 37 p. 91.

meira vez o seu Inventor com 90ↁ cruzados. Este acto porém de hum Governo, que premea sempre bem as invenções uteis, não mostra tanto o grande apreço que elle fez logo da descoberta do Dr. Jenner, como o que nessa occasião se passou no Parlamento. Querendo alguns Membros que se duplicasse o premio, o Chanceller do Thesouro disse: « A Camara póde votar para o Dr. Jenner a recompen-
» sa que bem lhe parecer; he porém hum facto, que elle
» já tem recebido a maior recompensa, a que qualquer pó-
» de aspirar, que he a approvação unanime da Camara dos
» Communs; approvação todavia bem justa, porque he o
» resultado da maior, ou de huma das mais importantes des-
» cobertas, que a Sociedade tem feito desde a creação do
» Mundo. Eu duvido que a Camara tenha tido em occasião
» alguma de votar sobre hum ponto mais importante, que
» o que occupa actualmente o *Comité* (*a*).... O mereci-
» mento da descoberta do Dr. Jenner excede toda e qual-
» quer recompensa » (*b*).

Inglaterra premea o Dr. Jenner primeira vez.

§ 15. Isto não foi hum enthusiasmo momentaneo; apezar da opposição dos Moseleys, Goldsons, e outros anti-vaccinistas, a que motivos pouco honestos dictárão escriptos despreziveis, o Parlamento Britannico, ouvindo posteriormente o parecer do Collegio dos Medicos de Londres, fez tanto caso da descoberta de Jenner, que novamente o premiou com duplicada somma, montando assim as duas remunerações a 270ↁ cruzados, premio extraordinario, que por isso não faz senão mais honra ás luzes e justiça do Augusto Tribunal, que lho conferio, por ser mui justo que huma descoberta, que ha de dar a vida a muitos milhares de milhões de pessoas, dê tambem ao seu Author com que possa bem commodamente passar a sua.

Premêão o Dr. Jenner segúda vez.

§ 16. A estes testemunhos de summo apreço da parte do Governo Britanico ajuntarei hum que mostra, que elle

(*a*) Em 2 de Junho de 1802.
(*b*) *Husson Recherch. sur la vac.* p. 351.

Estabelece-se em Londres huma Instituição Vaccinica.

não tem mudado de conceito. Creou em Londres hum Estabelecimento vaccinico, com que despende annualmente 3ↀ lib. sterl., ou 27ↀ cruzados, e isto só para a Vaccinação de Londres (*a*).

Expedição Vaccin. do Gov. Hesp.

§ 17. O Governo de Hespanha não dêo provas menos notaveis do apreço que fazia da Vaccina. Basta dizer que em 1803 fez sahir da Corunha huma Expedição destinada meramente a levar a Vaccinação ás suas possesões Ultramarinas, e que esta memoravel e não pouco despendiosa expedição durou tres annos (*b*).

Socied. para a extincção das Bexigas em França.

§ 18. A reputação da Vaccina em França, e particularmente o modo pelo qual ella ahi a adquirio, bastarião para persuadir da sua importancia, a quem por experiencia e lição ainda a não conhecesse. Não foi a prevenção que alli a introduzio e estabeleceo; hum sabio septicismo he que a acreditou. Sabendo-se em França da descoberta de Jenner, formou-se (em 1800) em París hum *Comité* de Medicos, o qual se propoz examinar esta descoberta, e começou por dirigir contra ella as suas experiencias, como para a refutar, tendo a intenção de a adoptar se ella se mostrasse inconcussa. O resultado desta filosofica investigação foi tal, que em 1804 tomou o Governo debaixo da sua immediata protecção a inoculação da Vaccina, não se limitando, como até então, a franquear o Correio para a correspondencia Vaccinica, e a manter em París o Hospicio em que se recebem, se observão, e se mantem os Vaccinados pobres, mas Convertendo o *Comité* em huma numerosa e esplendida Sociedade, composta dos principaes Medicos de París, de varios

(*a*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 37. p. 89.

(*b*) D. Francisco Xavier Balmis, Cirurgião extraordinario de S. M. Catholica, e Chefe daquella expedição, depois de levar a Vaccina ás Americas Hespanholas, ás Ilhas Filippinas, e a outras partes das Regiões Orientaes, por meio de crianças que levava a bordo, e que hia vaccinando successivamente na viagem, voltou á Europa em 1806.

rios outros Sabios, e de grandes Funccionarios publicos. Desta Sociedade he Presidente o mesmo Ministro dos Negocios do Reino; por cuja via os Prefeitos dos Departamentos, que estão incumbidos de promover a Vaccinação nos respectivos Departamentos, ou Provincias, se correspondem sobre este assumpto com a Sociedade, propondo o que lhes parece, e executando o que ella approva ou lhes indica. Esta Sociedade tem annualmente huma Sessão Publica, em que se dá conta dos progressos da Vaccinação, e dos trabalhos da Sociedade naquelle anno, e em que se conferem os premios aos mais distinctos Vaccinadores.

Nenhum objecto, escrevia o Ministro aos Prefeitos, quando se creou esta Sociedade, para lhes recomendar a Vaccinação, *chama mais fortemente pela vossa attenção*; *he hum dos maiores interesses do Estado*, *hum meio certo de augmentar a nossa população.* Promettia-lhes consequentemente auxiliallos com todo o poder do Governo (*a*).

Fundos dados pelo Governo Francez para premios vacc. e mais despezas.

Em 1810, ou depois de dez annos de experiencias em França, declarando o Governo que *nenhum facto em Medicina estava mais bem provado*, *ou era mais certo que o poder anti-varioloso da Vaccina*; pôz á disposição do Menistro do Interior huma somma annual para se despender no que fosse necessario para generalizar esta pratica por toda a Nação; estabeleceo *Comités* Vaccinicos nas vinte e quatro principaes Cidades da França, ficando Subalternos ao de París; decretou premios para os que vaccinassem maior numero de pessoas, para os que colligissem factos mais importantes, para os que vencessem maiores obstaculos, e para os que atalhassem os progressos de epedemias variolosas. Estes premios são, hum de 3ȸ francos, dois de 2ȸ, tres de 1ȸ, e 100 medalhas de Prata (*b*).

Vaccinárão-se Pessoas

§ 19. Na Prussia, na Alemanha, na Dinamarca, e na Succia, não só os respectivos Governos cúidárão em estabe-

le-

(*a*) *Med. and Phys. Journ.* vol. 13. p. 422.
(*b*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 25 p. 117 e 118.

Reaes na Pruss., Alemanha, Din. e Suecia.

lecer a Vaccinação naquelles Estados, mas vaccinárão-se os filhos do Imperador de Alemanha, os do Rei de Prussia, e huma filha do de Suecia (*a*).

Ordenança Vaccin. de Suecia.

§ 20. Neste ultimo Paiz ha hum Regulamento a respeito da Vaccina, bem notavel, e de que por isso darei aqui huma idéa summaria. Foi em 1803 que alli se estabeleceo por Lei a Vaccinação, incumbindo-se ao Real Collegio de Saude de Stokholmo promover por todos os meios possiveis a sua adopção, e destinando-se então 900 *dolars* para premios dos que mais se destinguissem na Vaccinação. Nesta Lei o que ha de mais notavel, e mui digno de imitar-se, he ordenar que *na Capital pague huma multa o que não denunciar a apparição de Bexigas, e que o contagiado seja conduzido* (o que se tem praticado) *a hum hospital de Bexigas.* Para haver sempre limfa vaccinica fresca manda vaccinar ao nono dia todos os recem-nascidos do Hospital Geral das paridas.

E como não bastassem estas providencias para haver vaccina sufficiente com que se abastecessem as Provincias, em 1802 ordenou ElRei de Suecia que houvesse tres Estações na Capital, e diversas nas Provincias, em que se vaccinasse successivamente; que houvesse hum Director Geral da Vaccinação d'entre os Membros do Collegio da Saude, o qual fosse incumbido da Correspondencia, regulasse o serviço &c.; que houvesse em fim Inspectores nas Estações vaccinicas das Provincias, aos quaes incumbia fazer vaccinar todas as crianças no primeiro anno de sua idade, lavrar os respectivos assentos &c. Os Parocos, por isso que todo o Corpo Ecclesiastico da Suecia mostrou zello pela vaccinação, são superintendentes deste ramo de serviço publico, nas suas respectivas Parochias; em cada huma das quaes, ou em seu destricto, ha hum Vaccinador obrigado a vaccinar, e a informar o Collegio do resultado da vaccinação. Para direcção dos Vaccinadores, e Inspectores mandá-

(*a*) *Raport du Comité Centr.* p. 50, 53 e 54.

dárão-se distribuir por todas as Parochias exemplares de hum Livro de Instrucções, no qual, além do que respeita á Vaccina, se ensina a conhecer todas as enfermidades cutaneas, que se observão na Suecia, e se parecem com as Bexigas.

Determinou em fim o Rei de Suecia que houvessem duas sortes de premios para os mais distinctos Vaccinadores; pecuniarios, e medalhas honorarias. Huns e outros são adjudicados pelo mesmo Rei (á vista da proposta do Collegio), e he em nome do Rei, e com huma publicidade apparatosa que se conferem estes premios vaccinicos (*a*).

Provas de facto da utilidade da vaccinação.

§ 21. Assás tinha talvez dito para mostrar a importancia da vaccinação. Aquella porém he tão grande, que me desculpa de accrescentar ainda algumas provas de facto, que levão á evidencia as vantagens preciosas desta descoberta.

Mappas nechrologicos de París.

§ 22. Pelos Mappas nechrologicos de París vio-se que em 1809 morrêrão de Bexigas naquella Cidade 213 pessoas. Por grande que seja este numero, *depois que a vaccina offerecia a estas 213 victimas hum meio certo de preservar-se*, he todavia extremamente pequeno em comparação do de alguns annos, em que Bexigas epidemicas levárão á sepultura na mesma Cidade mais de 20000 individuos (*b*).

Conta official do estado da França.

§ 23. Na Conta que Mr. de Montesquiou dêo a S. M. Luiz XVIII. do estado da França em 1815, acha-se que apezar das multiplicadas guerras com que ella depois da sua fatal Revolução affligio a Europa, e consumio até a sua mais tenra mocidade, não diminuio a sua população. Deste notavel facto reconheceo aquelle Ministro por huma das cau-

(*a*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N. 40 p. 505, 508.
(*b*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ.* N 25 p. 118.

causas a vaccinação (*a*); e não se dirá que o fez gratuitamente, quando se adverte que só em 1805 vaccinárão-se em França 400ↀ pessoas (*b*).

Diminuição da povoação do Faial por falta de vaccinação.

§ 24. Outras provas de facto, mas dolorosas, offerece o nosso Paiz. Apezar da população tender naturalmente a augmentar (*c*), diminuio a do Faial em 1812, em que morrêrão alli de Bexigas 418 pessoas (*d*). ¿Quanto não diminuiria a de Braga em 1814, havendo-lhe morrido de Bexigas nesse anno 1ↀ pessoas? Não nos demoremos porém nestas lugubres provas da utilidade, direi melhor, da necessidade da vaccinação, porque se não póde fallar nellas sem se arguir tacitamente alguem, ou de muita ignorancia, ou de muita negligencia. Hum dia de tanto jubilo para a Academia, hum dia em que esta festeja o NOME de hum PRINCIPE, que outr'ora honrou as suas Sessões Publicas com a sua Augusta Presença, não permitte que se falle de faltas, cujo conhecimento magoaria muito a humanidade e patriotismo desta Assembléa. He mais proprio do dia, e a mim só agrada referir serviços feitos ao nosso Paiz, louvar, e recommendar ao reconhecimento publico e do Governo os que os fizerão: não deixarei todavia de notar, pois o pede a natureza deste papel, quanto he escasso o fructo de não pequenas diligencias, e quanto precario o estado em que se acha a vaccinação em Portugal (*e*); isto mostrará a necessidade da medida que o Governo acaba de tomar, e de que logo fallarei.

Fim do exordio.

§ 25.

(*a*) Papeis publicos.
(*b*) *Bryce Pract. obs. on Inocul. of cowpox* Ap. N. 4. p. 20.
(*c*) *Malthus A Essay on the princip. of population* t. 2. p. 2.
(*d*) *Invest. Port.* N. 12 p. 632.
(*e*) Este longo exordio dirigia-se a apoiar a Proposta, que a Instituição tinha feito ao Governo para lhe conceder huma Loteria, e de que ainda nas antevesperas da Sessão Publica se ignorava a Resolução; appliquei-o depois para mostrar quanto he sabia a Resolução do Governo, e para instrucção dos que são adversos á propagação da Vaccina, por ignorarem o que a este respeito se tem passado nos Paizes Estrangeiros.

§ 25. Os progressos da Vaccinação em Portugal, no terceiro anno da Instituição Vaccinica, poderáõ ver-se circunstanciadamente expostos nas respectivas Contas dos Secretarios dos quatro trimestres d'aquelle anno, que forão os Senhores Justiniano de Mello Franco, José Maria Soares, José Feliciano de Castilho, e eu. O seguinte Mappa porém póde dar huma idéa resumida delles.

Progressos da vaccinaç. no 3.º anno.

MINHO.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Arcos e Sabadim -	Gabriel Antonio da Cunha - - Cir.	3	57	19
Gerez - - - -	José dos Santos Dias - - - - Med.	3	5	2
Guimarães - -	Manoel Luiz Pereira - - - - - -	1	9	---
Lanhezes - - -	Nicoláo de Sousa Galião - - - Cir.	8	198	20
Louredo - - -	Sebastião José de Carvalho - - Med.	1	15	55
Passo de Sousa -	José Antonio Moreira da Silva - - -	3	27	11
Pena-fiel - - -	Antonio d'Almeida - - - - - Med.	3	83	28
Ponte de Lima -	Antonio Joaquim de Carvalho - Med.	12	3585	55
Porto - - - -	Dona Maria Isabel Vanzeller - - - -	2	124	455
Porto - - - -	José Duarte Salustiano Arnaud - Med.	2	23	
Santo Tirso - -	José Antonio Barbosa da Silva - - -	1	17	6
S. Vicente de Penso	Manoel José Malheiro da Costa e Lima	2	643	27
Travanca - -	José Pinto da Cunha - - - - Cir.	1	15	1
Vianna - - -	José Luiz Pinto da Cunha - - Cir.	8	215	---
Villa do Conde -	Domingos Antonio da Costa Flores, Cir.	2	20	6
Villa Meã - -	Antonio Coelho de Magalhães Queirós, Cir.	1	7	---
Villar de Perdizes	Antonio Luiz - - - - - - - - -	1	8	---
			5051	685

TRAS OS MONTES.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Monte Alegre - -	José dos Santos Dias - - - - Med.	4	34	9

BEIRA.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Aveiro - - -	João José da Fonseca e Sá - - - Barb.	4	55	15
Guarda - - -	José Gomes Cabral - - - - - Cir.	2	611	27
Guarda - - -	Manoel Vicente - - - - - - Cir.			
Lamego - - -	João Antonio Rodrigues e Oliveira, Cir.	1	4	73
Mealhada - - -	Manoel José Mourão - - - - Med.	---	6	---
Ovar - - - -	Pedro Antonio Teixeira de Pinho, Cir.	---	20	11
Pinhel - - - -	Francisco Manoel d'Albuquerque, Med.	2	846	---
Viseu - - - -	Ignacio José dos Santos - - - Cir.	4	104	69
			1646	195

ES-

ESTREMADURA.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Abiul - - - -	Joaquim Nogueira do Amaral - - Cir.	2	42	---
Abrantes - - -	Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Med.	3	77	110
Cartaxo - - -	João Gervasio de Carvalho - - Med.	4	135	20
Collares - - -	Manoel Coelho do Nascimento - Cir.	1	33	5
Ericeira - - -	Antonio José d'Almeida - - - Med.	- - -	64	10
Gollegã - - -	Joaquim Antonio de Oliveira - - Cir.	6	132	9
Lisboa - - -	INSTITUIÇÃO.	1.º trim.	93	58
		2.º dito	59	21
		3.º dito	19	39
		4.º dito	191	161
Peniche - - -	Fernando Antonio Cardoso - - Cir.	- - -	101	7
Pombal - - -	Antonio Anastasio de Sousa - - Med.	6	68	62
Santarem - - -	Luiz Gonzaga de Carvalho - - - Med.	1	13	20
Sardoal - - -	Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Med.	4	89	79
Sardoal - - -	Antonio Lucas - - - - - - Cir.	- - -	45	107
Thomar - - -	Dona Angela Tamagnini - - - - -	- - -	---	657
			1161	1365

ALEMTÉJO.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Alter do Chão -	Joaquim Alves d'Araujo - - - Med.	1	---	17
Alvito - - -	José Maria Bustamante - - - - Med.	5	240	2
Alpalhão - - -	Caetano Xavier Franco - - - Cir.	2	53	20
Borba - - - -	Dito em Villa Viçosa - - - - - -	- - -	1	1
Crato - - - -	Antonio Pereira Xavier - - - Med.	4	30	5
Cuba - - - -	João Antonio de Carvalho Chaves, Med.	1	90	---
Elvas - - - -	José Fradesso Bello - - - - - Cir.	2	422	11
Estremoz - - -	José Ignacio da Silva - - - - Cir.	- - -	45	---
Monforte - - -	João Antonio Cordeiro dos Santos - -	2	30	2
Portel - - - -	José Ignacio Pereira - - - - Med.	4	9	322
Santa Eulalia - -	José Joaquim - - - - - - - -	4	110	3
Torrão - - -	Dito em Alvito - - - - - - - -	- - -	13	---
Vidigueira - -	Dito em a Cuba - - - - - - - -	- - -	42	4
Villa Viçosa - -	Francisco Ignacio de Mira - - - Cir.	2	68	14
V.ª Nova de Milfôtes	Luiz José Guerreiro da Silva - - - -	6	68	4
			1221	405

ALGARVE.

Povoações.	*Vaccinadores.*	*Mezes.*	*Vacc. verd.*	*Vacc. duv.*
Lagos - - - -	José Francisco de Carvalho - - Med.	8	133	22
Portimão - - -	José Nunes Chaves - - - - - Med.	3	60	7
Tavira - - -	Antonio José Giraldo - - - - Cir.	2	296	11
			489	40

§ 25.

A Vaccinação tem feito progressos.

§ 26. Collige-se deste Mappa que a vaccinação tem feito progressos desde o estabelecimento da Instituição. Por quanto no 1.° anno o numero sabido dos que tiverão vaccina verdadeira foi 2⌽866; e o dos que a tiverão com probabilidade 457 (*a*): no 2.° anno o numero total dos que a tiverão, ou certa ou provavel, foi 8⌽527: neste monta a 9⌽602 só o numero sabido dos que a tiverão verdadeira; e a 2⌽699 o dos que a tiverão com muita probabilidade, pelo que em metade destes a supponho verdadeira (*b*).

Effeito das Ordens do Governo.

§ 27. Estes progressos da Vaccinação em Portugal reflectem huma pouca de gloria para o seu actual Governo, porque são em parte o effeito das Ordens, e insinuações que, ha dois annos, mandou aos Corregedores e Prelados Diocesanos do Reino. Dellas proviérão os 846 vaccinados de Pinhel, e os 611 da Guarda.

Cooperação dos Ex. Bispos da Guarda e Pinhel.

§ 28. Se a gloria porém de hum facto interessante e premeditado, pertence particularmente a quem o ordenou, tambem não cabe huma pequena parte a quem da melhor vontade, e com sabedoria contribuio muito para a sua execução. Não merecem por isso pouco louvor os Ex.mos e Rev.mos Snrs. Bispos daquellas duas Cidades, os quaes, prestando a devida attenção ás insinuações do Governo, movérão os seus Diocesanos por meio de sabias Pastoraes a adoptar a Vaccinação. O da Guarda foi além disto tão benevolo, ou esposou tão cordialmente a benefica empreza da Instituição, que não se dedignou, como pedia hum objecto do bem publico, de participar directa, e mui obrigantemente

(*a*) Mem. de Math. e Phys. d'Acad. R. das Scienc. T. III. P. II. pag. LXXXV e seg.

(*b*) Ainda assim enganar-se-hia muito o que daqui colligisse que não passa de 10⌽951 o numero total dos que tiverão Vaccina verdadeira no terceiro anno. Aquelle numero não he senão dos que consta officialmente na Instituição; ha porém muitos de que esta não tem conhecimento bastante: taes são os vaccinados por Facultativos, que não são seus Correspondentes; e daquelles ha muitos particularmente em Lisboa, onde estes occasional e frequentemente se servem da Vaccina fluida, que tirão dos vaccinados na Instituição. Eis-aqui huma das causas por que o numero destes não he proporcional á grandeza desta Capital, onde se vaccina muito mais do que parece, pelo Mappa.

te á Instituição os seus salutares officios; como no primeiro anno havião feito os Ex.^mos e Rev.^mos Bispos de Aveiro, Leiria, e Algarve.

Cooperação do Ex. Bispo d'Elvas.

§ 29. Tocando porém na cooperação dos Bispos, he hum dever mencionar com particularidade o nosso Sabio Consocio o Snr. Bispo de Elvas, o qual com hum zelo proprio das suas grandes luzes, e do seu vivo interesse pelo bem da Nação, fez a favor da Vaccina huma Pastoral cheia de energia, em que até commina penas aos que contravierem ao espirito délla, e das insinuações do Governo.

§ 30. Deve tambem aqui ser mencionado o Ex.^mo e Rev.^mo Snr. Bispo do Funchal, o qual com o Corregedor daquella Cidade pedio, pela Secretaria do Ex.^mo Snr. D. Miguel Pereira Forjaz, Vaccina para alli se propagar.

§ 31. No numero dos cooperadores Ecclesiasticos do terceiro anno deve tambem mencionar-se com particularidade o mui zeloso Prior de Passo de Sousa, Fr. Simão de Jesus Maria; e o Professor de Filosofia de Guimarães, Manoel Luiz Pereira, que não só introduzio a Vaccinação em Guimarães, mas escreveo hum Tratado sobre as suas propriedades, e modo de a propagar.

Cooperação dos Ministros.

§ 32. Os progressos da Vaccinação no terceiro anno devem-se á cooperação de alguns Ministros. He hum destes o Desembargador Superintendente da Barra de Aveiro, o Snr. Fernando Affonso Giraldes, o qual vendo o pouco que naquella Cidade se vaccinava, fez com que o Barbeiro do Hospital Militar, João José da Fonseca e Sá, praticasse aquella facilima operação; e desta sorte fez com que prosperasse em Aveiro a Vaccinação tão notavelmente, como se vê no Mappa.

Do Desembargador Filippe Ferreira.

§ 33. Devo igualmente aqui mencionar o Snr. Desembargador Filippe Ferreira, o qual em Santarem fez diligencias por tornar participantes do bem da Vaccina os Expostos daquella Comarca. ¿ Mas o que não faria este philanthropo Magistrado a bem dos Expostos, depois de serem estes o objecto das suas meditações e especial Commissão? Não faria,

ria, e creio que não fez, aquillo sómente para que não tinha authoridade ou meios.

Do Corregedor de Pinhel.

§ 34. O Corregedor de Pinhel, o Sñr. Antonio Julio de Faria Pimentel, mostrou tambem o seu zello e pontualidade na observancia das Ordens de Sua Alteza, pela remessa que fez ao Governo, e que este mandou á Instituição, de hum Mappa de Vaccinados, e da excellente Pastoral do Bispo a respeito da Vaccina, e recommendando o Medico do Partido, Francisco Manoel de Albuquerque, pelos serviços, que a este respeito havia feito.

Do Corregedor de Tavira.

§ 35. O Desembargador Corregedor de Tavira, o Sñr. Manoel Christovão Mascarenhas de Figueiredo, mostrou igual desempenho na execução das Ordens de Sua Alteza, fazendo ver (he justo que o diga) que o seu zello no Real Serviço não he de pura formalidade, porque depois de fazer quanto cabia na sua alçada, conhecendo que sem remuneração não podem durar serviços de pessoas necessitadas; lembrou, e propoz hum meio de remunerar os serviços do Vaccinador daquella Cidade.

De outros Ministros.

§ 36. Os Corregedores de Lamego, de Villa Viçosa, e de Ourique; os Juizes de Fóra de Borba, de Portel, e de Alcacer do Sal, o Juiz Vereador de Elvas, e o Juiz Ordinario de Villa Nova de Mil-fontes merecem tambem huma menção honrosa entre os bons servidores de Sua Alteza no que respeita á Vaccina.

Cooperação particular d'alguns dos Socios d'Academia.

§ 37. Devo não omittir no numero dos fautores da Vaccinação no terceiro anno os Membros desta Academia, que por circunstancias, em que se achárão, podérão mostrar mais o empenho que toda ella tem nos progressos da Vaccina.

Guarda Mór

§ 38. O Sñr. Guarda Mór da Academia, Alexandre Antonio das Neves, mostrou, quando se soube da epidemia variolosa de Braga, de que logo fallarei, e em outras occasioes, o mesmo zello de que ha dois annos fiz aqui menção.

Joaquim José da Costa de Macedo.

§ 39. O nosso Socio, o Sñr. Joaquim José Costa de Macedo, querendo de todas as sortes concorrer para a gloria da Academia

demia, aproveitou a occasião, em que se achava na Gollegã, para alli estabelecer a Vaccinação, e grangear para a Instituição hum Correspondente, cujos serviços são assás conspicuos no Mappa.

José Feliciano de Castilho, e José Maria Soares

§ 40. Os Membros da Instituição, os Sñrs. José Feliciano de Castilho, e José Maria Soares, participárão, o primeiro de Coimbra, e o segundo de Cascaes, que hião restabelecer a Vaccinação naquellas duas povoações. He-me aprasivel esta occasião de dar hum testemunho publico á verdade, accrescentando ao que acabo de dizer, que este serviço ainda que só começado, manifesta em hum e outro hum zelo vivo, e mui louvavel na empreza anti-variolosa da Instituição.

Correspondẽtes, que se distinguírão este anno.

§ 41. Seria mui longo, se referisse individualmente todos os que coadjuvárão a Instituição no terceiro anno. Não farei por isso mais que mencionar os Correspondentes, que mais se distinguírão.

A Sr.ª Vanzeller.

§ 42. A Sñr.ª Vanzeller tem o primeiro lugar, no qual a constituem não só a respeitavel qualidade de Senhora, a regularidade de sua correspodencia, e o numero de seus vaccinados, mas os meios, com que tem vencido a indocilidade do Povo Portuense, e que são todos os de beneficencia conhecidos.

A Sr.ª Tamagnini.

§ 43. A Sñr.ª Tamagnini deve tambem occupar hum lugar distincto pelos distinctos serviços, que ha annos tem feito a Thomar, e a esta Capital por meio da Vaccina, e particularmente pela Relação dos seus vaccinados em 1814, com que brindou este anno a Instituição.

No Minho.

§ 44. Entre os outros Correspondentes da Instituição distinguírão-se, na Provincia do Minho, os de Penafiel, Vianna, S. Vicente de Penso, Lanhezes, Ponte de Lima, e o Sñr. José Salustiano Arnaud no Porto. O primeiro he excedido de muitos pelo numero de vaccinados: a Instituição porém sabe fazer-lhe justiça, porque não se esquece que esta inferioridade he devida aos serviços, que ja tinha feito nos precedentes annos; por isso, pela regularidade, e

Antonio de Almeida.

per-

permanencia do seu serviço, por introduzir a Vaccinação em Santa Eulalia, e por augmentar a nossa Litteratura Medica, com os seus *Annaes Vaccinicos de Portugal*, a Instituição julgou-o digno de hum dos premios do terceiro anno.

José Luiz.

§ 45. O segundo foi julgado tambem digno de hum premio, porque ao grande numero de vaccinados, que se vê no Mappa, ajunta hum empenho na propagação da Vaccina tão vivo, que por diversas vezes tem hido de Vianna aos Arcos, e á Barca, só a fim de estabelecer alli a Vaccinação.

Manoel José Malheiro.

§ 46. Ao terceiro conferio a Instituição outro premio, porque ao serviço de ter estabelecido em S. Vicente de Penso a Vaccinação por meio de huma associação de diversas pessoas, ajunta a preserverancia em coadjuvar a Instituição, e os notaveis serviços, que se vêm no Mappa.

Nicoláo de Sousa Galião.

§ 47. Igualmente julgou digno de premio o quarto, pelo grande numero de seus vaccinados; e por igual razão haveria premiado o quinto, se lhe não faltasse hum requisito mui attendido pela Instituição, que he a preserverancia no seu patriotico serviço, e na correspondencia directa, ou indirecta com ella. Quanto ao Snr. Arnaud, que, por ser diminuto o numero de seus vaccinados, e por não ter sufficientes premios, não pôde premiar, julgou dever publicar que he mui benemerito da Instituição pelas grandes, ainda que pouco fructiferas diligencias, que tem feito a favor da Vaccinação, tanto em Valença do Minho, como no Porto, onde actualmente se acha.

Na Beira.

§ 48. Na Beira distinguírão-se os Correspondentes de Aveiro e Viseu; são porém excedidos por outros, e como não ha premios sufficientes para todos os que merecêrão algum, a Instituição pezarosa por deixar o merecimento sem immediato premio, protesta não se esquecer dos serviços já feitos, quando para o anno tiver de julgar novos.

§ 49. Os Vaccinadores da Guarda, e de Pinhel erão, pelo numero de seus vaccinados, assás merecedores de premio; todavia não se lhes conferio por falta do requisito

men-

mencionado a respeito do Correspondente de Ponte de Lima.

§ 50. Na Estremadura distinguírão-se os Correspondentes do Cartaxo, Golegã, Peniche, Sardoal, Villa Nova de Mil-fontes, Pombal, e Ericeira. Entre estes sobresahe o do Cartaxo pelo numero de vaccinados, e particularmente pela difficuldade de vaccinar tantos, para vencer a qual era necessario sahir daquella pequena povoação, e hir por grandes distancias a casa dos vaccinados.

Na Estremadura.

§ 51. Immediatos a este se avantajão os da Golegã e Peniche; os outros porém, se menos se distinguem pelo numero de vaccinados que apresenta o Mappa, tem-se distinguido, o que he mui attendivel para a Instituição, pela perserverancia no serviço patriotico da Vaccinação, pelo zelo em a generalisar, e em attenção aos serviços precedentes.

§ 52. No Alemtéjo avantaja-se a todos o Cirurgião Mór de Elvas o Sñr. José Fradesso Bello, o qual he mais bello no serviço da Instituição, que todos os elogios que eu lhe possa fazer; foi por coneguinte premiado.

No Alemtéjo.

§ 53. A Instituição achou tambem bastante merecimento no Correspondente da Cuba, o qual além do que fez, e se vê no Mappa, generalizou a Vaccinação pelas Villas da Vidigueira, e de Villa de Frades; no de Alvito, que não só se avantaja no numero de vaccinados, mas propagou a Vaccina em Villa Nova, Villa de Ferreira, e Torrão, onde suspendeo huma epidemia variolosa; em fim no de Portel, porque não he senão com muito trabalho que podia vaccinar os que vaccinou, residindo em huma pequena povoação. Adjudicou por conseguinte a cada hum destes hum premio.

§ 54. No Algarve mostrão-se mui benemeritos da Instituição os Correspondentes de Lagos e Tavira; o primeiro porque tem continuado a fazer notaveis serviços, como indica o Mappa; e o segundo por ter sido hum dos maiores Vaccinadores do terceiro anno, e por ter feito excessos taes, que moveo o amor da justiça e do bem publico, do

No Algarve.

Corregedor daquella Comarca a propor ao Governo hum meio de remunerallo, ou indemnizallo das despesas que fez.

Observaç. feitas este anno sobre as propriedades da Vaccina.

§ 55. Rematarei a face agradavel do quadro Vaccinico do terceiro anno da Instituição, com as observações mais notaveis, que a Instituição tem colligido a respeito das propriedades da Vaccina.

Experiencia da virtude preservativa de Bexigas.

§ 56. O Snr. Doutor Antonio Joaquim de Carvalho, de Ponte de Lima, pôz em prova a virtude anti-variolosa da Vaccina, inoculando 57 vaccinados com materia variolosa, nenhum porém teve Bexigas (*a*).

Vaccinação por sarjas mais segura que por picada.

§ 57. O Snr. Francisco Elias confirmou por observações suas o que eu tinha provado por experiencias feitas na Instituição, e he que a Vaccinação por picada falha mais que por incisão (*b*) ou sarjas.

§ 58. Este facto mui interessante para a pratica da Vaccinação, tendo sido controvertido por elle o anno passado neste lugar, e sendo agora apoiado por elle mesmo, fazlhe muita honra; porque prova a sinceridade das suas opiniões, e huma candura, que só tem o Sabio, e o que he capaz de o ser.

Apparição serodia de Vaccina.

§ 59. O Correspondente de Alvito communicou á Instituição a observação de hum caso de Vaccina, em que esta se começou a manifestar passados vinte e dois dias: e o de Alter do Chão outra, em que ella se manifestou passados quasi quatro mezes (*c*).

Vaccina em diverso lugar falhando o enxerto.

§ 60. O Correspondente do Crato refere hum caso, em que falhando o enxerto Vaccinico, appareceo huma Bexiga Vaccinica $\frac{1}{2}$ polegada acima deste (*d*).

§ 61. Esta observação, semilhante á que referi na Recopilação Historica da Instituição no primeiro anno (*e*), confir-

(*a*) Conta do Snr. Doutor Castilho.
(*b*) Conta minha.
(*c*) Conta do Snr. Doutor Castilho.
(*d*) Ibid.
(*e*) Mem. de Mathem. e Phys. da Acad. R. das Scienc. T. III. P. II. pag. XLI.

firma a analogia, que me pareceo haver entre a Vaccina e as Bexigas.

Vaccinação por vesicatorio falha menos, porém dá mais vezes vaccina espuria.

§ 62. Segundo o Correspondente do Sardoal, a Vaccinação por meio de vesicatorio falha menos que por meio de instrumento, sahe porém mais vezes duvidosa (*a*).

O virus vaccinico não se mistura com o sarnoso.

§ 63. O Correspondente da Ericeira confirmou o que tinha observado o *Comité* de Vaccina de París, que o virus vaccinico não se mistura com o sarnoso, quando se inocula aquelle em inficionados deste (*b*).

Vaccina favoravel na tosse convulsa.

§ 64. O Correspondente de Ovar refere duas interessantes observações, em que se vê que a Vaccina foi favoravel á tosse convulsa (*c*).

Vaccina não aggrava o sarampão.

§ 65. O Correspondente de Lagos observou que a Vaccinação não aggrava o sarampão (*d*); e o de Pombal participou que o sarampão foi mais benigno nos vaccinados (*e*). Estas observações debellão a conclusão do Doutor Watt de Glasgow, o qual attribuia mui gratuitamente á influencia da Vaccina o augmento de obitos de sarampão, que houve naquella Cidade (*f*).

A Vacc. cura hũ estado de caquexia.

§ 66. O Correspondente de Villa Meã communicou á Instituição a notavel cura de caquexia, obrada meramente pela Vaccina (*g*).

Vaccina benefica em hũa ophtalmia.

§ 67. O Sñr. José Pinheiro de Freitas Soares communicou outra, não menos notavel, de huma ophthalmia recorrente todos os annos, a qual no decurso de quatorze mezes depois da Vaccinação não se havia manifestado (*h*).

(*a*) Conta minha.
(*b*) Conta do Sñr. Mello.
(*c*) Conta do Sñr. Soares.
(*d*) Conta do Sñr. Mello.
(*e*) Conta minha.
(*f*) *The Edinb. Med. and Surg. Journ. N.* 37 p. 92.
(*g*) Conta do Sñr. Mello.
(*h*) Conta minha.

Circunstancias desfavoraveis a que convem attender.

§ 68. Cumpre-me ultimamente apresentar o quadro vaccinico do terceiro anno, por outro lado, que he desagradavel, mas que por isso merece ainda mais a nossa attenção.

Muitas e grandes povoações em que não ha Vaccinadores.

§ 69. No Mappa Vaccinico que venho de apresentar, não apparecem senão 59 povoações, tendo Portugal de 3 a 4Φ. Isto indica que os progressos da Vaccinação tem sido mais intensos que extensos; e bem se vê que a sua generalidade he ainda tão pequena, que não apparecem no Mappa muitas das nossas maiores povoações, como Coimbra, Braga, Portalegre, Béja, Evora, Faro, &c.

Falta d'assiduidade nos Correspondentes.

§ 70. Vê-se tambem que mui poucos dos Correspondentes tem sido permanentes, ou regulares no serviço.

Causa desta falta.

§ 71. Esta observação não deve servir senão para reconhecer o muito que se deve aos poucos que tem sido regulares, e permanentes; porque para pessoas, occupadas na pratica da Medecina e da Cirurgia, perseverarem gratuitamente na propagação da Vaccina, em que se consome tempo, e que he opposta aos seus interesses clinicos, he necessario que tenhão muito e mui puro patriotismo.

Diminuta vaccinação na Instituição.

§ 72. Faz-se tambem reparavel, que apezar de se vaccinar muito em Lisboa fóra da Instituição, os vaccinados na Instituição sejão mui poucos, attenta a grande população de Lisboa; observa-se todavia que nos ultimos tres mezes houve huma maior affluencia; deve-se esta ás Bexigas, as quaes ceifando em huma familia da Rua de S. Francisco dois Meninos de tenra idade, e huma Menina de 18 annos, formosa, mui prendada, e de excellente indole, amedrentárão de tal sorte o Publico com o severo castigo, que derão ao incredulo e infeliz Pai daquelles tres irmãos, que despertárão muitos negligentes, e convertêrão alguns incredulos.

Resultado de se vacci-

§ 73. Ordinariamente porém vaccinão-se tão poucos, que muitas vezes não se póde colher vaccina sufficiente para

ra se mandar para as Provincias. Além disto por se não verem os vaccinados na Instituição senão duas vezes, e frequentemente huma só, mui poucas, e mui imperfeitas observações se podem fazer, e ignora-se o resultado da maior parte das Vaccinações (*a*).

§ 74. A' face melancolica do quadro vaccinico, que tenho

nar pouco na Instituiç.

(*a*) Estes defeitos podião remediar-se bem facilmente, porque ha em Portugal estabelecimentos com rendas, que quasi de nenhuma utilidade são para o Publico, e que se podião converter em hospicios Vaccinicos, como o de Paris de que fiz menção. Os estabelecimentos, de que fallo, são os Hospitaes de Lazaros, os quaes, instituidos por huma falsa theoria, para evitar a propagação da Morfêa, nem satisfazem, nem podem satisfazer ao seu fim. Julgava-se que esta hedionda enfermidade era contagiosa, por isso se procurava separar os lazaros dos sãos. A confusão, que d'antes havia nas enfermidades de pelle, o horror, que esta inspira, e a authoridade de varios Escritores, que ou mal a observárão, ou nunca a virão, e copiárão o que seus predecessores disserão, perpetuárão a opinião de ella ser contagiosa; os modernos porém, sobre cuja observação e authoridade se póde contar, como os Doutores Heberdem e Adams, são de opinião contraria (*Med. Transact. of the London Coll. Obs. on morbid poisons*), e esta he tambem a minha; porque tendo visto muitos lazaros, ou doentes de Morfêa (*Elephantiasis* de Batman) em Portugal, e no Brazil, onde não he rara esta enfermidade, nunca vi caso em que se podesse suspeitar ter havido contagio; e recordo-me de muitos, que provão não ser contagiosa. Vi na Bairrada, em casa do Comendador de Malta, o Senhor Luis de Castro, hum lazaro, cuja mãi era lazara, e cujo pai, que presente estava, nada tinha de Morfêa. Ha nesta Cidade em Arroios huma mulher sã e robusta, cujo marido morreo lazaro, e do qual teve dous filhos sãos antes de elle ter Morfêa, e dous depois, hum dos quaes morreo lazaro (era huma menina) o outro vive, e he são. O Carreiro da Fundição, que he lazaro, viveo, depois de ter Morfêa, cinco annos com sua mulher, da qual teve hum filho antes, e outro depois da molestia; este morreo de huma quéda, aquelle porém que tem treze annos, a pezar de ter dormido com o pai, assim como sua mãi, que morreo de huma febre, não tiverão Morfêa: podia referir outras observações semelhantes, mas então seria nimiamente grande esta nota, que já não he pequena. Pelas minhas observações a Morfêa he frequentemente hereditaria, algumas vezes adventicia, e nunca contagiosa. As Gafarias ou Hospitaes de lazaros por conseguinte são inuteis como meio de evitar a propagação da Morfêa, e tanto mais, quanto são mais os que vivem fóra que os que estão dentro dellas. Quando ainda assim se queirão conservar como Hospicios de Caridade, he necessario tornallos tão proveitosos como podem ser, obrigando os Facultativos, que os servem, a dar huma conta annual do estado dellas, das observações que tem feito sobre causas e progressos desta enfermidade, e do que praticão e tentárão para a curar.

Epidemia terrivel de Bexigas em Braga.

nho deliniado, pertence a memoravel mortandade de Braga em 1814. Mil pessoas forão victimas das Bexigas, por não ter a Vaccina achado o devido acolhimenento naquella Cidade. Constando á Instituição este luctuoso caso, julgou necessario participallo ao Governo sem demora.

§ 75. Fazendo sciente disto ao nosso Vice-Presidente o Sñr. Marquez de Borba, este com hum zelo acima de toda a expressão, sollicitou todas as providencias possiveis, e fez com que o Governo expedisse logo as Ordens necessarias, ao passo que a Instituição escrevia, e mandava Vaccina ao Ex.mo e Rev.mo Sñr. Arcebispo, e ao Corregedor de Braga. Quanto estas diligencias forão proveitosas não me he possivel dizer, porém he certo que pouco depois se extinguio aquella peste variolosa, e a Instituição foi informada que o Sñr. Arcebispo, o qual nessa occasião honrou a Instituição com huma Carta sua, fez muito a beneficio da propagação da Vaccina, e da extincção das Bexigas.

Negligencia a respeito de Orfãos, e Expostos.

§ 76. ¿Direi eu finalmente, ou calarei? Custa-me dizer, mas seria hum crime occultar, que os Orfãos, e Expostos, os quaes, segundo as Ordens do Governo, expedidas pela Secretaria do Senhor João Antonio Salter de Mendoça em 19 de Janeiro de 1813, devião ser vaccinados, mui poucos o tem sido. A estes poucos porém pertencem os Alumnos da Casa Pia, a respeito dos quaes o Sñr. Intendente Geral da Policia não se tem feito senão mais digno, do que d'elle tive a honra de dizer aqui ha dous annos.

Os referidos males hão de remediar-se por meio dos interesses de huma Loteria, que o Governo concedeo.

§ 77. Pertencem áquelles poucos os Alumnos de hum dos melhores Estabelecimentos que nós temos, o Collegio Militar da Luz. Por grandes que sejão todos os defeitos, que venho de notar no estado actual da nossa Vaccinação, não devem diminuir o prazer deste dia, porque posso annunciar que elles vão desapparecer. Dos males do Estado o Medico he o Governo; e quando este tem sabedoria, poder, e

e vontade, aquelles não subsistem senão em quanto este os ignora, ou não he chamado para os remediar. Guiada por este principio, e confiada no Governo, a Instituição recorreo a elle; por vêr que a Vaccinação, em quanto inteiramente precaria como tem sido, nem póde fazer grandes progressos, nem adquirir estabilidade. O Governo conhecendo esta verdade, e a utilidade da Vaccinação, vem de dar huma das mais positivas provas de sabedoria, e de zelo pelo bem publico, porque acaba de conceder á Instituição o interesse de huma Loteria de 50:000$000 de réis para generalizar, e manter em Portugal a Vaccinação (*a*). Este facto, que se deve ajuntar aos do restabelecimento da Casa Pia, do estabelecimento do Collegio Militar da Luz, da Creação de huma Junta de Saude, da edificação de hum Lazareto, do melhoramento da Navegação do Téjo, do augmento da reedificação e melhoramento desta Capital, da investigação sobre o estado dos Expostos, da reducção, e uniformidade dos pesos e medidas, e de outros, que attestão a Sabedoria e disvelo do Governo; este facto, digo, vai habilitar a Instituição para melhorar o seu serviço, de sorte que não tenhamos que invejar nesta parte nem á França, nem á Suecia. Graças á sabedoria do nosso Governo, Graças particularmente ao Augusto Chefe delle, o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR.

Factos notaveis, que fazem o elogio do Governo.

(*a*) *Copia.* = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. = Representando a Academia Real das Sciencias a necessidade de occorrer á falta de meios indispensaveis para a subsistencia do saudavel estabelecimento da Instituição Vaccinica (porque ella já não póde supprir as despesas, como tem supprido até o presente), a fim de continuarem os progressos, que tem feito neste Reino a bem da humanidade, e do Estado pelo zelo dos seus Membros, e actividade dos Empregados: O Principe Regente Nosso Senhor Ha por bem conceder licença á Academia Real das Sciencias para huma Loteria do capital de cincoenta contos de reis, que ella dirigirá, e administrará debaixo do Plano, que fizer; ficando com o beneficio de doze por cento, que applicará, deduzidas as despesas da mesma Loteria, para premios dos Empregados, que mais se tiverem distinguido, e forem distinguindo nos trabalhos da Vaccinação. O que V. Ex.ª fará presente na Academia Real das Sciencias para sua intelligencia, e execução. = Deos guarde a V. Ex.ª Palacio do Governo em 22 de Junho de 1815. = João Antonio Salter de Mendonça. = Snr. Marquez de Borba. =

PRO-

PROGRAMMA

D'A

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1815.

NÃo tendo concorrido neste anno Memoria alguma, que merecesse ser premiada; e podendo-se julgar alguns dos Progammas propostos de assás difficuldade, para serem bem desempenhados no termo prescripto: resolveo a Academia tornar outra vez a publicar para os dous annos seguintes os Programmas dos annos de 1815, e 1816; os quaes se podem ver a pag. XXV da Parte I. deste mesmo Tomo.

ELOGIO HISTORICO
DE
JOÃO GUILHERME CHRISTIANO MÜLLER,

POR

FRANCISCO MANOEL TRIGOZO D'ARAGÃO MORATO,

Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias.

Recitado na Assembléa Publica da mesma Academia, de 24 de Junho de 1815.

JOÃO Guilherme Christiano Müller nasceo em Gottinga a 12 de Maio de 1752. Foi o primeiro filho de João Miguel Müller, oriundo da antiga familia dos Müllers de Ausburgo, que havia sido Professor de Mathematica na Universidade de Guissen, e era então Engenheiro Mór dos Ducados de Grubenhagen, e de Calemberg, no serviço Eleitoral d'ElRei de Inglaterra; e de sua mulher Barbara Margarida Catharina Köhler, que procedia da nobilissima Casa deste appellido em Nuremberg.

Eu diria, se me fosse permittido assim fallar, que o Sr. Müller logo na sua infancia fôra bafejado pelas Sciencias, e que estas embalárão o seu berço; pois que durando ella, fazia seu Pai prelecções publicas em Gottinga de varios ramos das Mathematicas puras e applicadas; e ao mesmo tempo exercitava com grande reputação seu Avô materno João David Köhler o emprego de Professor ordinario de Filosofia e de Historia naquella Universidade; e dictava na mesma Cidade seu Tio tambem materno João Tobias Köhler lições publicas de Historia, merecendo ser creado pouco depois Mestre em Artes, e Professor extraordinario de Filosofia. União de profissões verdadeiramente ra-

ra: pois que não he a communicação dos talentos, nem hum certo equilibrio de sabedoria o que commummente se procura nas allianças das familias (*a*).

Isto só basta para se fazer idéa da educação, que receberião os dous moços, em cujas veias corria então unido o sangue de Müller, e de Köhler: porém seus progenitores julgando com razão que as Sciencias exactas, e as politicas e Litteratura, que separadamente professavão, erão de vastidão demasiada, para serem cultivadas com vantagem por hum mesmo individuo; quizerão com sabio conselho dividir por seus filhos esta nova especie de herança, da qual cada hum deveria tomar para si huma parte precipua: e conhecendo assás a capacidade e natural inclinação destes, destinárão ao mais moço para as Sciencias Mathematicas, e ao primogenito para o estudo da Litteratura em todas as suas diversas e multiplicadas ramificações; o qual constituia, para assim dizer, o amplissimo patrimonio de seu Avô Köhler.

A experiencia mostrou que os calculos daquelles sabios Allemães havião sido maduramente meditados: e com effeito Christiano Gottlieb Daniel Müller (*b*) e seu filho Guilherme Muller (*c*), aos quaes ambos esta Academia conta no numero dos seus Correspondentes, tem-se distinguido

(*a*) A'cerca da vida e escritos do Pai, Avô, e Tio do Sr. Müller, achão-se noticias muito extensas no « Ensaio de huma Historia Litteraria Academica da Universidade de Gottinga » escrita em Allemão por João Estevão Putter, *tom.* 1. §. 34. *pag.* 61 *e seg.* §. 101. *pag.* 195. §. 104. *pag.* 198: *tom.* 2. §. 45. *pag.* 47. §. 78. *pag.* 68. §. 75. *pag.* 64.

(*b*) Já era fallecido na occasião em que se recitou este Elogio. Havia sido Capitão ao serviço da Armada Real da Grã-Bretanha, e Commandante do Resisto Eleitoral de Brunswick-Luneburgo, sobre o Elba. Escreveo em Allemão « Resumo breve das Sciencias Maritimas » 1794. 4.°

(*c*) Foi Professor publico das Sciencias Militares na Universidade de Gottinga, e he presentemente Capitão do Corpo dos Reaes Engenheiros Allemães. Em 1813 offereceo á Academia R. das Sciencias de Lisboa os seus « Elementos da Sciencia da Guerra » escritos em Inglez, e impressos em 3 vol. 8.° « Elementos de Mathematica P. 1. que contém Arithmetica e Geometria. » « Desenvolvimento Analytico da Trigonometria, e das suas formulas differenciaes. »

do no serviço da Armada Real, e no da Engenharia da Grã-Bretanha, e rivalizão a gloria litteraria de seu Pai e Avô nas Obras que escrevêrão sobre algumas partes da Mathematica, e sobre a funesta Sciencia da guerra; e o Sr. João Guilherme Christiano Müller, entregando-se a outros estudos mais variados e amenos, conseguio occupar hum lugar assás distincto entre os Litteratos modernos.

Foi a Casa paternal a Escola, onde ainda em tenra idade aprendeo com Mestres habeis as Primeiras Lettras, os rudimentos do Latim, e as Linguas Franceza e Ingleza: e desde então não só mostrou hum gosto decidido para a leitura, mas adquirio o difficil habito de ler com sobriedade e de estudar o que lia: por isso sendo o *Progresso da Romagem do Peregrino* o primeiro livro que talvez cahio em suas mãos, foi tão profunda a impressão que esta leitura fez-no seu espirito, que nos ultimos annos da sua vida, quando escrevia alguns apontamentos assás curiosos sobre a vida e caracter de Bunyan, ainda se recordava com prazer dos passos mais notaveis da obra deste Author celebre, e do tempo em que, sendo criança, a recitava perante seus velhos Avós (*a*).

Eu não pertendo, como rigoroso Chronista, seguir passo a passo o mancebo Müller na longa carreira dos seus Estudos; somente direi que no anno de 1760 começou a frequentar na Escola publica de Gottinga hum Curso de Humanidades; e que em 1766 foi continuar este Estudo, unido ao da Filosofia, e de algumas Linguas Orientaes, no Archigymnasio Susatense, que então era o mais affamado da Westphalia; onde quatro annos depois defendeo as primeiras Conclusões publicas *De Studiis Veterum Grammaticis*, sob a presidencia do Doutor Lehmanno (*b*).

(*a*) Vej. a traducção do «Ensaio sobre a Litteratura Portugueza» de que adiante se falla.

(*b*) *Observationum didacticarum Specimen III. de studiis veterum Grammaticis memoranda sistens, quod Præside M. Jacobo Christiano Lehmanno, Archigymnasii Rectore, die VI. April. in auditorio maiori defendere tenta-*

O estudo das Linguas antigas e modernas não só faz a base da instrucção publica na Allemanha, mas a de todos os estabelecimentos de educação, que formárão os homens mais acreditados na Europa: e na verdade elle reune a dobrada vantagem de pôr ao mesmo tempo em movimento as diversas faculdades da nossa alma, e de estender os nossos conhecimentos além do estreito recinto do paiz que habitamos. Comtudo he certo que muitos moços, quasi deslumbrados entre o falso resplendor da nova Filosofia, e o das Traducções em vulgar das Obras dos antigos, sempre fracas, e muitas vezes infieis, começárão desde o meio do seculo passado a olhar com affectado desprezo aquelle estudo. A combater este vicio he que se dirige o pequeno Opusculo do Sr. Müller: nelle mostra a necessidade que ha de se unir em estreito vinculo a cultura das Linguas e a das Sciencias, tratando-se nas Escolas de maneira, que se faça conhecer a dependencia que tem humas das outras: e ao mesmo tempo insiste em que o estudo das Linguas tenha por fundamento o estudo da Grammatica, e por objecto a lição e meditação da doutrina da antiguidade. Deste modo pertende reunir aquellas irmãs violentamente separadas; e repondo o estudo da Grammatica na sua primitiva honra e esplendor, faz que ella transcenda os acanhados limites da parte Technica, em que o commum de seus cultores supersticiosos a encerravão, e restitue ao seu dominio a Exegetica, e a Critica.

Defendidas estas Conclusões em Soest, voltou logo o Sr. Müller ao seu paiz natal, para seguir hum Curso de Theologia na Universidade de Gottinga, o qual concluio no fim de dous annos: periodo que só poderá parecer demasiadamente limitado, a quem não reflectir na particular constituição do ensino publico nas Universidades da Allemanha, e na maior facilidade com que hum moço versa-

---

bit Respondens Joh. Guil. Christianus Müller Gœttingensis. Susati, stanno Ebersbachii Typographi CIƆIƆCCLXX. 4.° de 28 pag.

sado por espaço de dez annos no Estudo das Linguas, da Historia, e dos outros ramos da Filologia, ha de vencer a carreira das Sciencias maiores, do que os outros, que apenas saudárão aquelles necessarios preliminares: pelo menos he certo que seus Mestres, Theologos de grande reputação entre os Protestantes, quaes forão Walch, Less, Miller, e sobre todos o eruditissimo Michaelis, não duvidárão cada hum de per si, e todos juntos em Corpo de Faculdade, attestar publicamente o muito que seu Discipulo se distinguíra, e as grandes esperanças que de si dava, merecedoras da estima de seus Patronos e Mestres (*a*).

Apenas concluira os Estudos Theologicos, entrou logo o Sr. Müller no serviço da Ordem Teutonica (*b*): mas foi este serviço de mui pouca duração, pois que estando a ponto de habilitar-se para occupar huma Cadeira Academica na Universidade, hum acontecimento que elle não previra, e que facilmente despertava e fortificava n'hum moço de vinte annos a natural inclinação de ver terras estranhas, o moveo a abandonar a promoção esperada, trocando Hanover por Portugal, e Gottinga sua Patria pela Cidade de Lisboa.

O Enviado de Hollanda na nossa Corte tinha antigamente hum Pastor da Religião, que se denomina Reformada; porém tendo-se aqui diminuido consideravelmente o numero dos Negociantes desta Scita, esteve muito tempo vago aquelle lugar; e o mesmo Enviado para receber a Cea, valia-se da chegada de Navios Hollandezes, ou de outras Nações, que trazião Pastor da sua Confissão.

Augmentando-se porém o numero dos Negociantes addictos á Igreja Lutherana, á proporção que se diminuião os

(*a*) Estas Attestações forão passadas em Gottinga a 21 e 22 de Outubro de 1772.

(*b*) Não sei que qualidade de serviço prestou o Sr. Müller a esta Ordem; mas esta e outras noticias que vão espalhadas no corpo do Elogio, são tiradas da minuta original d'huma carta que elle escrevia pelos annos de 1803, a pessoa que o consultava sobre a sua Patria, Pais, e Estudos.

os da Reformada; pedírão os primeiros em 1768 ao Enviado d' Hollanda, que lhes fosse licito manter á sua custa delles hum Pastor Lutherano, com a condição de prégar, e exercer outros Officios Religiosos na Capella da mesma Legação.

Havido por tanto o consentimento do Ministro, e o dos Estados Geraes, veio o Pastor Schieving a Lisboa para exercer aquellas funcções: mas sendo chamado para Inglaterra em 1772, cuidou a Congregação Lutherana em alcançar outro Pastor, cuja designação commetteo por meio de seus representantes ao Dr. Miller, nesse tempo Reitor da Universidade de Gottinga, e successor do celébre Mosheimio. Julgou então aquelle Sabio que não havia pessoa mais capaz de acreditar a sua propria escolha, e de sustentar a reputação litteraria daquella Universidade, do que o seu Discipulo Müller: e assim o persuadio a que aceitasse hum encargo, que elle não pedia, e que muitos outros de balde sollicitavão.

Erão assás vantajosas ao moço Candidato as condições do contrato; principalmente na parte em que não era obrigado ao serviço daquella Congregação por mais de tres annos; findos os quaes, ficava em plena liberdade de continuar a viagem, que intentára fazer pelas Provincias da Europa, restituindo-se depois á sua Patria, na esperança de recolher hum honroso fruto de suas litterarias fadigas.

Apenas firmado o contrato, que lhe servia de titulo de vocação, em 25 de Outubro de 1772, partio o Sr. Müller de Gottinga para Bremen; e excitando nos Bremezes os testemunhos publicos de que vinha munido, huma prevenção favoravel de seus talentos para o pulpito, foi convidado para prégar na Cathedral daquella Cidade na Dominga XX. depois da Trindade; o que fez com tal graça e eloquencia, que mereceo ao Ministerio daquella Cathedral huma Attestação mui positiva da satisfação com que o ouvíra; e em virtude desta Attestação foi dispensado do costumado Sermão de prova, que devia preceder a sua Ordenação.

Foi

Foi esta Ordenação feita em Stade a 5 de Novembro, segundo o rito da Igreja Lutherana, depois d'hum Exame de Theologia perante o Consistorio Real e Eleitoral desta Cidade. Concluido isto, partio o novo Pastor immediatamente para Hamburgo; e desafferrando daquelle porto, se dirigio ao de Lisboa (*a*).

Creio que com justa razão nos podemos jactar, de que muitas cousas offerecia então esta Capital, que podessem interessar hum Estrangeiro, que havia empregado a sua mocidade na cultura das Lettras; e que era ávido de instrucção e de gloria. Em contraposição ao severo clima do Norte da Allemanha, á gothica construcção dos seus Edificios, e ao delgado vinculo da confederação, que unicamente unia as suas principaes Cidades, elle começava a habitar hum clima delicioso, via huma grande Capital, resurgindo mais formosa d'entre as suas proprias ruinas, e hum governo unido e providente, que em todos os ramos da publica administração sustentava gloriosamente a honra do nome Portuguez. Ainda mesmo em materia de estudos era esta a época em que se não podiamos hombrear com as Nações mais instruidas, figuravamos ao menos no meio dellas com assás de dignidade; pois que então se reformava a Universidade de Coimbra, e se publicavão os seus Estatutos; então se estabelecião em todo o Portugal e seus Dominios as Cadeiras Regias dos Estudos menores, que com admiravel munificencia fazião chegar a primeira instrucção litteraria até ás Classes mais indigentes; e as mesmas Congregações Religiosas, seguindo em parte, e em parte prevenindo o impulso, que manava do Throno, ousavão passar além dos limites de seus acanhados e contenciosos estudos, applicando-se incansavelmente ás Linguas Orientaes, e a outros ramos de huma solida erudição.

Assim não podia o Sr. Müller deixar de se applaudir

(*a*) Póde-se ver a relação circunstanciada de tudo o que fica dito, a respeito da vinda do Sr. Müller a Lisboa, no « Armazem de Hannover » Supplemento ao N. 9. Sexta feira 29 de Janeiro de 1773.

dir da resolução que havia tomado, de fixar por algum tempo a sua residencia em Lisboa. Despido de todo o genero de orgulho, e de certas impressões menos favoraveis, que podessem ser effeito da sua educação litteraria ou religiosa, procurava conseguir a benevolencia e a amizade dos Portuguezes; frequentava a Sociedade dos Homens sabios, e dos honestos cidadãos; e empregava o tempo que podia roubar ao seu penoso ministerio, no estudo da nossa Lingua, e dos importantes successos da nossa Historia.

A maior prova da sua affeição ao paiz que o recebera, he que no fim dos tres annos pelos quaes se tinha obrigado a servir de Pastor em Lisboa, soffreo de boamente, que se lhe prolongasse a convenção por outros tres annos; os quaes decorridos, assentou em renunciar por então ao seu primeiro projecto: e preferindo a vida pacifica, posto que obscura, que vivia entre nós, aos empregos talvez brilhantes que acharia em muitos paizes da Allemanha, casou-se em Lisboa (*a*), e aceitou a prorogação do anterior ajuste por tempo illimitado; continuando a servir do anno de 1781 em diante addicto á Enviatura Dinamarqueza, por Patente d' ElRei Christiano VII. (*b*) a cuja protecção a Feitoria Allemã sujeitára o Ministerio de Pastor da Congregação Lutherana.

Pouco depois desta época foi o Sr. Müller nomeado Socio supernumerario da Academia R. das Sciencias (*c*); e

(*a*) Foi casado com Anna Isabel Moller, de quem teve dous filhos e duas filhas: daquelles o mais velho, por nome Christiano Frederico Müller, foi primeiro Tenente da Armada R. donde passou para o serviço da Grã-Bretanha, em que foi Capitão d' Infantaria; e falleceo em Cadis. O filho segundo chamado Daniel Pedro Müller, foi Cadete d'Artilharia, e he presentemente Tenente Coronel d' Infantaria com o exercicio de Engenheiro em S. Paulo, onde servio tambem de Ajudante d'Ordens. Dona Dorothea Müller he o nome da filha mais velha, casada com Jorge Pedro Moller, consideravel Negociante desta Praça; e Dona Guilhermina Müller o da filha mais moça, casada com Adolfo Frederico Lindenberg, tambem Negociante desta Praça, e Consul geral *ad interim* das Cidades Anseaticas em Lisboa.

(*b*) Dada em Copenhague a 2 de Maio daquelle anno.

(*c*) Na Assembléa de 24 de Outubro de 1787.

e então começa com a sua vida Academica a parte dos trabalhos litterarios, cuja relação mais póde interessar a esta Sociedade. A direcção e classificação das Medalhas, que havia no nosso Museo, foi o primeiro destes trabalhos: ellas lhe forão incumbidas na Assembléa do 1.° de Setembro de 1788: e posto que no fim do anno seguinte se extinguissem as Commissões separadas dos differentes Estabelecimentos Academicos, para se reunirem n'huma Commissão unica e geral; he certo que o nosso Consocio continuou ainda muito tempo depois a applicar-se a este objecto; offerecendo generosamente á Sociedade em 1790 huma collecção importante de medalhas, que havia adquirido, e escrevendo huma Memoria sobre as Medalhas Portuguezas, que foi muito approvada pela Academia, e julgada digna de se ler na Assembléa publica do mesmo anno.

Foi o segundo daquelles trabalhos huma Memoria sobre origens Orientaes de palavras Portuguezas, lida na Assembléa de 12 de Novembro de 1788. Já nesse tempo o Sr. Fr. João de Sousa havia concluido e apresentado o *Lexicon Etymologico das palavras e nomes Portuguezes, que tem origem Arabiga*; mas o Sr. Müller não só estendeo a indagação das mesmas origens a outras Linguas Orientaes, que igualmente concorrerão para formar o nosso idioma; mas ousando confrontar os seus estudos na Lingua Arabiga com os daquelle sabio Asiatico, notou discretamente no exemplar do Lexicon, que conservava em seu poder, alguns passos desta Obra, que lhe parecerão dignos de illustração ou emenda.

Quasi por este tempo começava o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos a dirigir os seus Estudos á *Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes*, sobre a qual tem composto muitas e eruditas Memorias. Este assumpto não podia deixar de despertar a curiosidade de hum homem versado no conhecimento da Lingua Hebraica, e que para assim dizer, fora educado no centro da Litteratura da Allemanha: por isso escreveo o Sr. Müller, como addição aos trabalhos

daquelle benemerito Socio, as suas Notas e Memorias sobre o mesmo objecto, lidas em algumas Assembléas do anno de 1790 (*a*), e que são o terceiro na ordem dos seus trabalhos Academicos.

Finalmente o ultimo destes foi a composição de Extractos das differentes Obras desta Sociedade, os quaes houvessem de ser remettidos para a Allemanha, a fim de se publicarem nos Jornaes litterarios daquelle Paiz (*b*). Sabemos que o Sr. Müller se applicou por algum tempo a esta espinhosa tarefa; a qual se fosse sustentada com maior constancia, talvez que os Estrangeiros agasalhassem mais fraternalmente as producções dos engenhos Portuguezes, e que com este incitamento se deliberassem a estudar melhor a nossa Lingua, para entenderem aquellas Obras nos seus proprios originaes. Oxalá que a Academia tome a tomar em consideração este objecto, como elle merece ser tomado!

Duas Cartas, que o Sr. Müller escrevia á Academia no anno de 1790 (*c*), mostrão quanto elle era cordialmente affeiçoado a esta Sociedade, e quanto lastimava que as continuas obrigações de hum ministerio ingrato, e a que não duvidava dar o nome de escravidão, o estorvassem de cuidar mais de espaço na continuação dos seus trabalhos litterarios. Porém chegou hum tempo, em que diversas e oppostas considerações, ou ellas fossem de interesse pessoal, ou domesticas, ou finalmente de importancia muito superior, não só fazião a sua situação em extremo desagradavel, mas perturbavão grandemente a tranquilidade do seu espirito: quando, no momento em que já estava resolvido a largar o peso do Pastorado, posto que vacillante ainda no seu ulterior destino, aprouve a Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, mandar-lhe fazer pelo seu Minis-

(*a*) Nas Assembléas de 14 e 28 de Julho, e de 24 de Novembro.
(*b*) Deste trabalho foi incumbido por disposição da Assembléa de Concelho de 6 de Outubro de 1792.
(*c*) Em data de 12 de Outubro, e 17 de Novembro daquelle anno.

nistro o Ex.mo Sr. Marquez Mordomo Mór, a offerta de o admittir no Seu Serviço, sem que por isso se sujeitasse a qualquer condição, que elle podesse reputar equivoca ou desairosa. Com lagrimas de ternura, e de verdadeiro reconhecimento aceitou o illustre Estrangeiro hum offerecimento tão generoso; e cessando absolutamente a irresolução do seu espirito, não hesitou hum momento em vincular-se no serviço da Coroa de Portugal, aceitando a pensão vitalicia de oitocentos mil réis, que a Soberana lhe mandou assinar no Real Erario, por Decreto de 29 de Dezembro de 1790.

Huma só cousa lhe faltava para gozar plenamente dos direitos de Vassallo Portuguez, e era desemparar de todo aquella Religião que bebera com o leite, que aprendera com Mestres de grande reputação, e que elle mesmo ensinára pelo espaço de dezoito annos nas suas prégações e catequeses: mas ao espirito de duvida, que havia muito tempo o dominava, e que fora huma das causas da agitação da sua alma, devia-se naturalmente seguir o espirito de exame, livre e imparcial. O resultado deste exame, que ninguem prudentemente poderá taxar de dobre ou precipitado, foi a sua solemne profissão da Fé Catholica Romana, feita nas mãos do Ex.mo Sr. Bispo Inquisidor Geral a 23 de Novembro de 1791.

Desejando desempenhar a expectação da Soberana, e corresponder ao seu tão gracioso chamamento, não se poupou o nosso Consocio a trabalho algum para exercitar dignamente os honrosos Cargos, com que foi condecorado: e se pelo tempo adiante perdeo alguns delles, porque o interesse publico exigia a sua extincção, he certo que não podia isto influir no conceito, que justamente se formava á cerca do seu zelo e pericia, como de certo não influio (graças á Regia Liberalidade do nosso Soberano) para o perdimento de seus interesses e ordenados: assim mesmo este, a que chamarei infortunio, não deixou de amargurar muitas vezes as doçuras da sua vida.

A mercê de hum lugar ordinario, além do numero, de Deputado da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, foi a primeira que lhe conferio Sua Magestade, pelo honroso Decreto de 16 de Maio de 1792 (*a*). Todos sabem que a este Tribunal estavão sujeitos dous ramos muito importantes da Instrucção publica, quaes erão a censura dos Livros, e a inspecção sobre os Estudos menores: o Sr. Müller trabalhou incansavelmente sobre estes dous objectos; e por sua morte achárão-se muitos apontamentos importantes, que naquella occasião escrevia, sobre a reforma, que a relaxação dos tempos, e a progressiva marcha das Sciencias, fazião já então necessaria no estabelecimento dos nossos primeiros Estudos. Mas hum fado sinistro parecia que acompanhava aquelle Tribunal: ameaçado com a extincção quasi desde que fôra regenerado, absorvido na censura de huma alluvião de escritos, perigoso parto da recente revolução de França, e apenas espectador do precipicio em que se hião despenhando os Estudos, tinha já este Corpo perdido huma certa energia, que em vão animava ainda a muitos dos seus membros: assim por huma medida de justiça, mas que não deixou de ser dolorosa ás Lettras Portuguezas, foi Sua Magestade Servida abolir por Lei de 17 de Dezembro de 1794 a Mesa que novamente restauràra, e que fôra hum dos monumentos da sabedoria do Governo de seu Augusto Pai.

A pezar desta extincção, o Sr. Müller ficou continuando a perceber o ordenado inteiro de Deputado, a titulo da nomeação de Censor Regio pela Mesa do Desembargo do Paço (*b*); e se desde então perdeo toda a influencia que

(*a*) *Querendo fazer uteis os conhecidos talentos e distincta Litteratura de João Guilherme Christiano Müller, que o fazem merecedor de toda a honra e consideração: Hei por bem fazer-lhe mercê de hum lugar ordinario, além do numero e sem exemplo, de Deputado da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, para o exercitar segundo o Regimento, em quanto com o dito lugar não for Servida empregallo em outra Commissão &c.*

(*b*) Passou-se-lhe Provisão em 10 de Setembro de 1795.

que havia tido na direcção dos Estudos, servio sempre na repartição da Censura com grande trabalho e desvelo.

Já por Carta Patente de Sua Magestade, datada de 30 de Junho de 1795, fora elle nomeado Traductor de Linguas na Secretaria do Concelho do Almirantado, concedendo-se-lhe depois a graduação de Official maior, e o uso do uniforme de Capitão de Fragata (*a*). As occurrencias da guerra maritima, e a actividade dos nossos Guarda-costas e Esquadras, fazião necessaria a nomeação de hum sujeito versado no conhecimento das Linguas vivas da Europa, que não só servisse de interprete dos Estrangeiros, que se dirigião ao Almirantado, mas soubesse traduzir hum grande numero de documentos e processos volumosos, escritos naquelles differentes idiomas. Trabalho arduo e inglorioso, que elle sopportou, até que a diminuição da Marinha de Portugal, occasionada pela mudança da Sede do Governo, e a sabia economia que demandava huma guerra assoladora, fizerão necessaria a extincção daquelle emprego na ultima reforma do Concelho do Almirantado.

No entretanto era encarregado por Ordem especial da Corte de outra Commissão mais agradavel e honorifica, qual era a de assistir a Sua Alteza Serenissima o Principe Christiano de Waldeck, Marechal dos Exercitos Portuguezes, durando a sua residencia neste Paiz. Mas em pouco mais de hum anno veio a perder com a prematura morte deste Principe (*b*) as repetidas provas de confiança, que delle recebera; sendo o ultimo e doloroso serviço que lhe prestou, o de apresentar verbalmente ao nosso Soberano as suas ultimas representações, e o de arranjar e inventariar por

(*a*) Na mesma Carta Patente assinou-se-lhe o soldo de 450$ rs. por anno. Este emprego era então novo e pessoal, e só entrou na organização regular do Concelho pelo Alvará de Regimento de 26 de Outubro de 1796. A graduação, e o uso do uniforme foi-lhe concedido pelas Portarias do Concelho do Almirantado de 27 de Maio de 1797, e de 6 de Outubro de 1798.

(*b*) Succedida em Setembro de 1798.

por Ordem Regia todos os papeis de importancia que elle deixára.

Acostumado aos vaivens da fortuna, que ora se lhe mostrava severa, ora risonha, recebeo ainda o Sr. Müller em 1801 a mercê de hum lugar de Director do Estabelecimento da Impressão Regia, pelo mesmo Decreto, que havia creado a Junta encarregada da sua direcção e administração; até que abolida por Sua Alteza Real nove annos depois esta Junta (*a*), veio a perder aquelle emprego, sendo desde então hum dos encarregados de rever e mandar correr as Obras, que se houvessem de imprimir na mesma Officina (*b*).

No anno de 1802 foi addicto por consentimento da nossa Corte ao serviço de S. A. R. o Principe Frederico Augusto, Duque de Sussex, que residindo então em Lisboa, e tendo retirado do seu serviço a James Trail, desejava ter junto a si outra pessoa, que presidisse ao governo da sua Casa, e em cujo conselho e experiencia podesse confiar. Os homens que fazem profissão do estudo das Sciencias, são commummente pouco cortezãos; mas o Sr. Müller teve occasiões de mostrar no espaço de dous annos, a sua habilidade nesta arte delicada; e de tal maneira alcançou a benevolencia e estima daquelle Principe, que quando S. A. se retirou para Inglaterra, não pòde resistir ao desejo de o acompanhar, e de lhe dar esta ultima prova de seu animo agradecido (*c*).

Comtudo a estada em Londres, posto que podesse lisongear o seu amor de saber, e a sua mesma vaidade, não foi

(*a*) Foi creada por Decreto de 7 de Dezembro de 1801, e extincta por Decreto de 21 de Maio de 1810.

(*b*) Por Aviso dirigido ao Desembargo do Paço, em data de 20 de Agosto de 1810.

(*c*) O Sr. Müller entrou no serviço do Principe Augusto depois de 13 de Junho de 1802, que foi quando se retirou para Inglaterra James Trail, que viera na companhia de S. A. na qualidade de seu Mordomo e Conselheiro; e acompanhou o mesmo Principe na sua sahida de Lisboa em Agosto de 1804, depois de ter obtido para este fim a licença da nossa Corte.

foi nada avantajosa nem á sua saude, nem aos seus interesses; assim em breve se recolheo a Lisboa (*a*), bem resolvido a não interromper mais o serviço que prestava ao nosso Soberano, ao qual tinha unicamente vinculada a sua fortuna, e toda a sua gloria.

Nos deseseis annos que decorrerão desde que o nosso Consocio entrou no serviço da Coroa de Portugal, até que se recolheo da viagem de Inglaterra, pouco tenho que dizer á cerca de seus trabalhos Academicos. Apenas acho nas nossas Actas, que em 1796 lhe fora remettida a Relação da Viagem, que o Doutor Francisco José de Lacerda fizera de Mato grosso para a Capitania de Santos, a fim de a traduzir em Latim ou em Francez, segundo elle mesmo propozera; que no anno de 1800 fora hum dos quatro Socios escolhidos pela Academia, para conferirem na fórma das Ordens de Sua Alteza Real, e darem o seu parecer sobre o melhoramento da administração do Correio; e que na Assembléa de 2 de Julho desse mesmo anno lera humas Reflexões sobre o modo de contar o primeiro e ultimo anno de cada Seculo: assumpto bastantemente frivolo, mas que assim mesmo tem exercitado o ocio de alguns Escritores, e que não se póde chamar de todo inutil, segundo a indesculpavel negligencia de muitos que fallão ou escrevem.

Mas posto que tantas e tão honradas Commissões privassem por muito tempo a Academia da util cooperação deste Socio, muito tem ella que agradecer á piedade do Principe seu Protector, por se dignar de escolher no seu seio muitas pessoas habeis para o manejo das administrações publicas; e ella toma para si a porção de gloria que lhe compete, quando vê que os seus membros, não se limitando ás theorias Academicas, sabem felizmente applicar os conhecimentos que adquirírão nos Livros, e no commercio dos doutos, a objectos praticos tão importantes, como são os que fundamentão a felicidade do Imperio.

Ape-

(*a*) Onde já estava no anno de 1806.

Apenas recolhido de Inglaterra, foi ainda o nosso Socio escolhido para ter huma parte muito principal n' hum vasto projecto litterario, formado fóra da Academia. Era este projecto ideado e favorecido por hum Ministro d' Estado, verdadeiramente zeloso da gloria litteraria da Nação; e que sendo Socio Honorario desta Academia, não tem contribuido menos com a autoridade, do que com o estudo, ao seu esplendor e prosperidade. Para este fim se tinha estabelecido no Palacio do Correio Geral huma Imprensa mandada vir de Inglaterra, cuja direcção foi dada ao Sr. Müller: porém no principio destas pacificas e innocentes tarefas, hum horroroso catastrofe, que nos seculos futuros fará a mais luctuosa época da nossa Historia, não só baldou os uteis projectos que então mesmo se formavão, mas o fruto de muitos trabalhos já emprendidos; deixando apenas aos verdadeiros Portuguezes o animo desempedido para chorarem a ausencia do seu Principe, e o abismo de desgraças em que vião a Patria sepultada.

Mas não profanemos a solemnidade deste dia com a recordação de tempos tão sinistros para as Lettras, e para os seus cultores: assás sôa ainda nos nossos ouvidos a expressiva voz, com que o nosso Consocio os descreveo neste mesmo lugar, ha hoje hum lustro (*a*): assim fixemos antes a nossa consideração naquella feliz época, em que expulsada a tyrannia, recobrou o nosso Instituto a sua primeira actividade; e em que, querendo resarcir as antigas perdas, se empregou na sua organização domestica, e na escolha dos membros, que havião de dirigir a sua administração economica, e as suas relações litterarias.

Foi na Assembléa de 30 de Novembro de 1809 que se elegeo o Sr. Müller, já então Socio Effectivo, para occupar o importante lugar de Secretario da Academia. Ornado de huma instrucção muito variada, livre de outras occupações publicas, que não tivessem huma relação immedia-

(*a*) Vej. o primeiro Discurso, impresso no Tom. III. P. II. das Memorias de Mathematica e Physica da Academia.

diata com a cultura das Lettras, e versado em todos os idiomas da Europa illustrada, com razão foi achado o mais proprio, não só para dirigir, se me he licito dizello assim, a nossa Litteratura domestica, mas para atar o quebrado fio da correspondencia com os Sabios e Academias Estrangeiras, logo que aprouvesse á Providencia romper a forte barreira, que separava humas das outras todas as Nações Europeas.

E com effeito a experiencia mostrou o acerto desta eleição; mas ha ainda outro aspecto, debaixo do qual he preciso consideralla. Privada esta Sociedade quasi repentinamente, por diversas e bem conhecidas circunstancias, de hum grande numero dos seus antigos membros, e precisando substituir a estes outros novos, e ainda não formados no antigo espirito que a animava; era necessario que as suas conferencias fossem dirigidas por hum homem, que a todos fosse aceito, e que soubesse aproveitar-se desta util disposição dos seus Consocios, para suffocar não já os effeitos, mas a mesma idéa de huma distincção tão perniciosa entre os membros de hum mesmo Corpo. Tal era o Sr. Müller: elle conservou em toda a sua inteireza o primitivo espirito desta Sociedade, mostrando na discussão de todos os seus interesses hum animo imparcial, e ao mesmo tempo conciliador; e sem affectar superioridade em cousa alguma, sabia destruir com hum dito engraçado, ou com a sua mesma imperturbavel pacacidade qualquer semente de discordia, que podesse ainda levemente perturbar a nossa mutua harmonia.

Assim quando se aggravárão consideravelmente as suas enfermidades, impossibilitando-o de assistir por algum tempo ás nossas Assembléas, a nenhum de nós deixou de ser sensivel a sua falta; de modo que elle se vio obrigado a fazer hum generoso sacrificio ao amor que merecia á Sociedade, apparecendo outra vez no meio della, com o espirito ainda são, mas quebradas já as forças e o vigor do corpo, para exercitar o seu Cargo por todo o resto do triennio.

Duas vezes fallou o Sr. Müller em nome da Academia, como seu Secretario, a saber, nas Assembléas publicas de 24 de Junho de 1810, e de outro semelhante dia de 1812. Estes Discursos contém a historia da Sociedade desde o tempo da ultima Sessão publica, que ainda fora presidida pelo seu saudosissimo Fundador. Deste modo pertendia que para o futuro se tratasse aquella historia, dividida em épocas determinadas, e exposta ao publico d'hum modo solemne, e na presença de toda a Academia: exemplo por elle aberto, seguido illustremente pelo seu Successor; e que nos deve servir de hum perpetuo incentivo, para não interrompermos os nossos trabalhos, e para fazermos cousas que nos conciliem a benevolencia dos Sabios, e que pareção dignas de serem historiadas.

Além destes Discursos, que se achão impressos no Tom. III. das nossas Memorias, leo o Sr. Müller em varias Assembléas Litterarias outros dous Opusculos; o primeiro dos quaes foi a traducção de hum Ensaio sobre a Litteratura Portugueza, tirado do *Quarterley Review* do mez de Maio de 1809; á qual traducção ajuntára copiosas notas illustradoras do texto (*a*).

Este Ensaio, que entre muitas reflexões assisadas sobre o merecimento dos nossos Classicos, tanto Poetas como Prosadores, contém cousas muito pouco exactas, e algumas demasiadamente puerís, como he a preferencia que dá entre os Poemas Portuguezes ao do Vieira Lusitano, não merecia a honra de ser traduzido por hum sabio, que bem estava capacitado da imperfeição daquella Obra; mas elle considerou-a debaixo de outra relação, qual era ministrar aos Portuguezes a occasião de saberem o conceito, que então se formava em outros paizes cultos da Litteratura da sua Nação; e dar-lhes azo de corrigirem os juizos de hum Escritor estranho, que achou todavia nossas producções litterarias dignas de estudo. Por isso o Traductor querendo dei-

(*a*) Foi lida na Assembléa de 7 de Julho de 1810.

deixar este campo livre para nelle se exercitarem os nossos Nacionaes, só cuidou em combater ou em illustrar nas notas aquellas cousas, que ácerca da mesma Litteratura Estrangeira se havião escrito no Ensaio com demasiada parcialidade, ou precipitação: o que era hir desafiar o inimigo nos seus mesmos entrincheiramentos, e offerecer-lhe hum novo genero de combate, que elle estava bem longe de esperar.

O segundo Opusculo tem por titulo: *Observações sobre o Glossario das palavras e frases da Lingua Franceza, que por ignorancia ou descuido se tem introduzido na Locução Portugueza, offerecido á Academia pelo seu Socio o Sr. Fr. Francisco de S. Luis* (*a*). Nestas Observações ajuntou o Sr. Müller certas regras geraes, que determinão os casos, em que não viciosamente se póde usar na nossa Lingua dos vocabulos Francezes, e algumas notas particulares sobre taes ou taes palavras, cujo uso não lhe parecia com justiça reprovado pelo sabio Author do Glossario. He neste Escrito que verdadeiramente se póde descobrir o fundo do incansavel estudo, que sobre a Linguagem Portugueza, e os seus Escritores Classicos havia feito o nosso Consocio; estudo por certo muito superior ao que commummente he licito esperar de hum Estrangeiro, e que assás honra a sua memoria. Se a pureza do seu estilo nem sempre correspondia á da linguagem, se ás vezes tomava demasiada liberdade em dar a vocabulos peregrinos o foro Lusitano; he preciso confessar, que a primeira cousa era hum effeito necessario da mui differente indole das duas Linguas Allemã, e Portugueza, que nunca podem ser bem manejadas por hum mesmo Escritor; e que a segunda he o resultado pratico quasi inevitavel de hum argumento de analogia, deduzido da grande semelhança que entre si tem os dialectos Germanicos, que sendo filhos de huma mãi commum, cada dia se enriquecem mutuamente; o qual argumento não tem a mesma

(*a*) Forão lidas na Assembléa de 18 de Março de 1812.

applicação aos idiomas do meio dia da Europa; pois ainda dado que tivessem semelhantemente huma só origem, e que esta fosse a Latina, he indubitavel que receberão depois mui diversas modificações, e que hoje quasi que desconhecem a sua pertendida filiação e fraternidade.

Quando em 23 de Novembro de 1812 se renovárão as Eleições Academicas na fórma dos nossos Estatutos, conheceo-se com universal sentimento que o Sr. Müller, que pelo lastimoso estado da sua saude era de muito tempo conduzido em braços para a Sala das nossas Sessões, não podia já sopportar o peso do emprego que occupava: porém então mesmo a Academia lhe deo a ultima prova de quão aceitos lhe havião sido os seus trabalhos, elegendo-o em Director da Classe de Litteratura Portugueza; officio que elle aceitou com reconhecimento, posto que nunca mais podesse apparecer na Academia, nem ainda sahir de sua casa.

E na verdade nos ultimos dous annos de vida aggravárão-se lastimosamente seus males com fenomenos mui raros e atormentadores: acommettimentos epilepticos amiudados, ainda que de breve duração, ameaçavão-lhe cada dia a morte; o estomago arruinou-se, pela inappetencia de todos os alimentos, e pela imperfeita digestão do pouco que tomava; a mão direita primeiro, depois a esquerda, e pouco a pouco as extremidades inferiores forão-se mirrando notavelmente, e perdendo muito da sua sensibilidade; de tal maneira que se vio reduzido a precisar do auxilio alheio para todas as funcções da vida. Neste lamentavel estado, que nunca perturbou a serenidade do seu animo, não só se entretinha na continuada lição, e na consoladora companhia dos seus poucos amigos, com quem simpatisava pelo caracter, e dedicação ás Lettras; mas tambem em dictar, ou mesmo em escrever para a Academia; pois que o amor a este genero de trabalho lhe fizera engenhosamente inventar huma maquina, com que podesse segurar a penna entre os dedos. Então cuidava em reduzir a ordem, para offere-
cer

cer a esta Sociedade, os curiosos apontamentos que fizerá sobre a vida do nosso celebre Portuguez o Papa João XXI. Mas o dia 15 de Outubro de 1814 veio pôr termo a seus trabalhos litterarios, e a seus longos soffrimentos: depois de pedir e de receber os Sacramentos da Igreja, sem sombra de inquietação ou de remorso, exhalou a alma, rodeado da sua familia e dos seu amigos (*a*), que sempre delle se lembrarão com saudosa magoa.

Não he pelas Obras do Sr. Müller, que hoje se achão publicas, que a posteridade ha de fazer hum justo conceito de seu saber e erudição; estas são poucas, e escritas n' huma idade ou ainda pouco sasonada, ou já decadente: mas ella gostará provavelmente o fruto de muitos outros trabalhos, cujo conhecimento foi roubado á maior parte dos seus contemporaneos: pois que além dos Escritos de que já fiz menção, achou-se por sua morte hum grande numero de Apontamentos, huns mais extensos que outros, sobre muitos assumptos ou Litterarios, ou Politicos, ou Economicos, dos quaes a maior parte lhe servio de base á infinita quantidade de Censuras, e ás multiplicadas indagações e pareceres, que lhe erão pedidos por quasi todas as Repartições publicas.

Em quanto ás Obras escritas na Lingua Allemã, deixou huma ruma de Sermões doutrinaes sobre diversos assumptos, que prégou durando o seu Pastorado, tres dos quaes se imprimírão nesse tempo, sem intervir diligencia sua, fóra de Portugal (*b*); hum Commentario dos Lusiadas do

(*a*) A alguns destes devo as noticias que vão referidas neste Elogio: mas a nenhum devo mais neste particular, do que ao Sr. Thomé Barbosa de Figueiredo d'Almeida Cardoso, Official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra; o qual me communicou de huma maneira muito officiosa as copias dos longos artigos, que já citei, tanto da Historia Litteraria de Putter, como do Jornal denominado *Armazem d'Hannover*; e tambem as dos Diplomas relativos aos empregos que obteve o Sr. Müller.

(*b*) Os dous primeiros forão prégados em Lisboa, na Capella da Legação Dinamarqueza, hum Sexta feira Santa, e outro Domingo de Pascoa de 1785, annunciando ambos huma collecta que se hia a fazer pa-

do immortal Camões (*a*); e algumas traducções em verso de varias Odes de Anacreonte, de Horacio, e de outros Poetas antigos; as quaes tem sido justamente applaudidas, não só pela feliz escolha dos originaes, mas por serem feitas por hum Escritor que os seus Patricios reputavão classico, e compostas n' huma Lingua, que pela natureza da sua construcção Grammatical, e pela sua particular prosodia, se presta mais do que nenhuma outra das modernas a este genero de trabalho.

Mas se o Sr. Müller roubou á maior parte dos que lhe forão contemporaneos as producções do seu engenho e applicação, he certo que tambem para elles viveo, e que a sua sabedoria nem era avarenta, nem infructuosa; assim se mostrou sempre de accesso facil a todos, e a todos prestadio: ou fosse manifestando os thesouros da sua numerosa e escolhida Livraria (unico movel precioso que deixou por sua morte); ou communicando o seu saber aos outros de diversos modos, e sempre com mui boa graça, e ainda com agradecimento (*b*); ou finalmente executando com igual facilidade e presteza trabalhos ás vezes arduos, que lhe erão encarregados por ordem ou insinuação superior; sem que por elles pedisse ou obtivesse recompensa alguma extraordinaria.

Comtudo he certo que ao seu proprio merecimento, e á Regia liberalidade dos nossos Soberanos, deveo os meios por que podesse passar com honrada independencia: e sem du-

ra a construcção de huma Capella do Culto Evangelico em Brünn na Moravia. Imprimirão-se juntos em hum folheto *in* 12. 1787. O terceiro he hum curto, mas bem tecido e pathetico Elogio funebre á memoria do defunto João Thomaz Stattmiller, Consul Geral e Encarregado de Negocios da Prussia junto á Corte de Lisboa, por occasião de seu enterramento, feito a 17 de Agosto de 1787; o qual Elogio se imprimio naquelle mesmo anno em huma folha *in* 4.°

(*a*) Acha-se em poder do Sr. Adolfo Frederico Lindenberg.

(*b*) Algumas pessoas de qualidade de hum e outro sexo, cujos estudos forão dirigidos pelo Sr. Müller, e varios Socios da Academia a quem elle ensinou a lingua Allemã, testemunhão hoje isto mesmo de hum modo muito honroso á memoria de tão digno Mestre.

duvida estes serião superiores ás suas necessidades, e ao pequeno fasto do sabio, se não derramasse grande parte de seus bens, ás vezes com huma caridade muito engenhosa, no seio de familias infelices, algumas das quaes quasi que subsistião pelos seus piedosos soccorros.

Tanta e tão dilatada era a sua beneficencia! Mas a qualidade, que juntamente com o seu vasto saber, mais o recommenda a esta Academia, he o amor que sempre lhe consagrou: assim se mostra ella agradecida á sua memoria, espalhando hoje estas flores sobre a sua sepultura, e transmittindo o seu nome honrosamente á posteridade: n' huma só cousa mal advertida, para não dizer injusta; em soffrer que o elogio deste benemerito Socio perdesse muito do seu esplendor pelo estilo fraco e pouco exercitado do panegirista; e em esperar que na falta delle, eu mesmo podesse, supprindo as suas vezes, occupar dignamente o Lugar de Effectivo, que vagára por sua morte.

MEMORIAS

MEMORIAS
DOS
SOCIOS.

GLOSSARIO

Das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella.

POR FR. FRANCISCO DE S. LUIZ,

Monge de S. Bento.

Do que se antigamente mais prezáram
Todos os que escreveram, foy honrar
A propria lingua, e nisso trabalhåram.

Ferreir. Cart. III.

PREFAÇÃO.

TEntamos desempenhar nesta Memoria, se nossas forças o permittirem, o primeiro Assumpto proposto pela Academia Real das Sciencias no Programma de 1810, na Classe de Litteratura Portugueza, o qual consiste em hum *Glossario, ou Catalogo de palavras e frases, em que se mostre com toda a individuação as que são proprias da Lingua Franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na Locução Portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa Lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Para executarmos este proposito, lemos muitas Obras dos nossos modernos Escritores, assim traduzidas do Fran-

cez, como originaes, que correm impressas; e nos servimos das observações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua linguagem, bem como sobre os vocabulos ou frases mais usadas na conversação familiar, nos escritos não impressos, e nos Sermões, e outros Discursos das pessoas litteratas, e dadas á lição dos livros Francezes; comparando-as com a locução dos nossos Classicos, e examinando-as á vista dos Diccionarios da nossa lingua.

Não presumimos assim mesmo de havermos cumprido pontualmente com o que a Academia deseja, por serem sobremaneira numerosos os termos e expressões Francezas, com que se acha desfigurada a natural formosura da nossa linguagem: mas trabalhámos por ajuntar neste Catalogo tudo o que nos pareceo mais notavel e digno de reparo, e por dar ácerca de cada cousa o nosso particular juizo e opinião.

Como não he do nosso intento censurar Escritor algum nomeadamente, julgamos escuzado citar as Obras, donde forão extrahidos os vocabulos e frases, que vão neste Glossario: mas quem tiver tido a curiosidade e o trabalho de ler as Traducções, e ainda outros Escritos dos nossos Portuguezes modernos, facilmente conhecerá que lhes não impomos erros, ou descuidos, em que não tenhão cahido muitas vezes.

O juizo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa lingua, não o declaramos sem algum receio de errar; por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra « Que sendo o vocabulo ou expressão de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmonico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito »: porque estamos persuadidos, que convem a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para

que

que o douto e avisado Escritor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução, e estilo.

Quando a alguma palavra ou frase, que nos parece inadoptavel, substituimos duas ou mais de bom cunho, e de igual significação; não queremos indicar que estas sejão sempre exactamente synonimas, ou que indifferentemente se possão empregar sem escolha e discrição, em todas as circunstancias; mas sim e tão sómente, que cada huma dellas póde em diversos casos traspassar com propriedade e energia a palavra Franceza, e supprir o gallicismo refugado.

Em alguns artigos ajuntamos, quando nos pareceo conveniente, exemplos classicos, que auctorisem o nosso juizo, ou verifiquem os modos de fallar menos usuaes, e pouco conhecidos: o que não será desagradavel aos leitores amantes da nossa lingua, nem parecerá superfluo aos doutos, que a sabem com perfeição, e que não carecem deste soccorro.

Das palavras technicas das Sciencias e Artes, por acaso mettemos alguma neste Catalogo; porque seria obra mui longa fazer menção de todas as que se tem innovado, e cada dia estão innovando: e porque entendemos que em rigor nos não competia julgar do merecimento dellas, e da sua boa ou má derivação; mas sim aos Professores dessas Artes e Sciencias, visto que cada huma dellas tem particulares preceitos, pelos quaes se deve dirigir na formação de seus proprios vocabulos, e linguagem.

Como no Programma da Academia sómente se requer o Catalogo das palavras, e frases Francezas, que se tem introduzido na nossa linguagem *moderna*; hesitamos em fixar a época, donde havia de começar o nosso exame: e attendendo a que nos principios do Seculo XVIII., e com o Reinado do Senhor Rei D. João V. começou a restauração da nossa Litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros Francezes, que tem sido a principal cau-

sa daquella introducção; resolvemos contar desde aquelle ponto a *idade moderna* da nossa lingua: e por isso mettemos tambem neste Catalogo alguns vocabulos, que já no tempo de *Bluteau* se hião usando, e de que elle fez menção ou no seu *Vocabulario*, ou no *Supplemento* a elle.

No fim do Glossario pomos em artigos separados alguns modos de fallar, que modernamente se tem tomado do Francez, e que não podião entrar na ordem alfabetica; porque constando pela maior parte de palavras todas Portuguezas, sómente se constituem gallicismos pela viciosa syntaxe com que são construidos, ou pela repetição indevida de certos vocabulos, e particulas, ou em fim pela sua errada disposição e collocação.

Finalmente aproveitamos esta occasião para advertirmos aos nossos Leitores, que além dos particulares gallicismos, que vão apontados neste Catalogo, se nota em quasi todas as nossas Traducções, e ainda em muitas das Obras originaes modernamente escritas, hum certo *pensar Francez*, o qual ainda mais que os vocabulos ou frases individualmente consideradas, altera a fórma original do idioma, e lhe dá hum colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza.

Este *pensar Francez*, que melhor se entende do que se explica, não resulta de hum ou outro gallicismo, que indevidamente se haja introduzido, e que com facilidade se póde corrigir e evitar; mas consiste em tomarmos do Francez hum modo particular de tecer o discurso, e hum certo ar, geito, ou estilo de fallar e escrever, que he proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio, e caracter da lingua Portugueza.

Duas são as principaes causas deste grande e mui geral defeito. A primeira: a frequente lição dos livros Francezes, quando quem os lê não está sufficientemente premunido com o estudo e conhecimento da sua propria lingua, para evitar o perigo de contrahir na locução habitos, que lhe são contrarios. A segunda: a falta de hum bom Diccionario de ambas as linguas, aonde se veja com clareza

e

e precisão a mutua correspondencia de vocabulos e frases, e o differente caminho, que cada huma segue para explicar os seus conceitos.

Para se atalhar aos effeitos, já demasiadamente extensos, destas duas poderosas causas, hum só remedio propomos e recommendamos aos nossos Leitores, o qual consiste na assidua lição dos Classicos, que melhor possuírão a nossa lingua, e nella escrevêrão. Nelles acharáõ hum thesouro de vocabulos e frases, com que possão exprimir não só exactamente, mas até com desenfastiada e elegante variedade, as suas idéas e conceitos, sem mendigarem dos estranhos o que tem de superabundancia na sua propria patria. Nelles aprenderáõ a maneira verdadeiramente Portugueza de tecer o discurso, de ordenar e arranjar todas as partes delle, e de ornamentalo com aquellas graças, e modos graves e desaffectados, que são proprios do idioma, e que o fazem igual aos melhores da Europa, e superior a alguns dos mais copiosos e polidos. Por elles em fim chegaráõ a formar huma idéa adequada das relevantes qualidades da nossa lingua; a dar-lhe a estima e preferencia, que ella nos merece; e a restituir-lhe a sua natural belleza e formosura, desacompanhando-a dos ornamentos e modos estrangeiros, que tanto a tem desfigurado.

A.

A. Com esta particula exprimimos em Portuguez a connexão, e correlações, que o entendimento concebe entre os objectos significados pelos nomes, a que ella se ajunta. Os seus multiplicados, e mui varios usos sómente se podem conhecer pela assidua lição dos Classicos, reflectindo nas differentes circunstancias, em que elles a empregão. Notaremos com tudo aqui algumas frases, em que ella nos

pa-

parece usada á maneira dos Francezes, para que se faça reflexão nellas, e se possão corrigir parecendo necessario.

Este desprezo ás *formalidades legaes* &c. i. e. este desprezo *das* formalidades &c.

Ameaçado a toda a hora a *perder a vida* i. e. *de* perder.

Este Official foi encarregado a *fazer segunda tentativa* i. e. encarregado *de* fazer &c.

Equações a *dois termos* — a *duas incognitas* i. e. de *dois termos* — de *duas* &c.

Obra conduzida de maneira a *poder excitar sedições* i. e. de maneira *que* podesse excitar ou *que* podia &c.

Trabalhava-se a *formosear a Cidade* i. e. *em* aformosear, ou *por* aformosear, ou *de* aformosear a Cidade &c.

Nada mais resta a *dizer-vos* — *Tinha queixas* a *formar* — *Nada tinha* a *temer* — *O tempo que tenho* a *viver* — &c. i. e. nada mais resta *que* dizer-vos — tinha queixas *que* formar — nada tinha *que* temer — o tempo que tenho *para* viver &c.

ABANDONADO: (*abandonné*) tomado como substantivo por homem *devasso*, *solto nos vicios*, mulher *perdida*, *de costumes estragados* &c. he gallicismo escuzado.

ABANDONO: (*abandon*) Não tem auctoridade classica a seu favor; mas o uso o vai adoptando, e já o achamos no Alvará de 12 de Fevereiro de 1795, e na Cart. Reg. de 18 de Maio de 1801.

ABBADE: (*Abbé*) Todos sabem o uso legitimo deste vocabulo em Portuguez. Os Francezes o applicão como *prenome* a todos os Clerigos, e ainda aos que trajão como Clerigos, e dizem v. gr. *l'Abbé Condillac*, *l'Abbé Marie* &c., que os nossos Escritores traduzem *o Abbade Condillac*, *o Abbade Maria.* Não ousamos reprovar este uso tão geralmente adoptado, maiormente attendendo a que os nossos Classicos transportárão para o Portuguez, com semelhante razão, os prenomes estrangeiros *Monseor*, *Mossem*, *Misser* &c. &c. Mas em Portuguez corrente dizemos *o Padre Pereira*, *o Padre Vieira*, *o Padre Almeida*, &c., e só quando o sujei-

jeito tem realmente a dignidade de *Abbade* he que lhe damos em Portuguez esse como *prenome*, ou titulo, dizendo v. gr. *o Abbade Barbosa Machado* &c.

ABERTURA: (*ouverture*) significa em Portuguez a *acção de abrir*, e no fig. a acção de principiar algum acto, v. gr. *a abertura da porta*; *a abertura do Concilio*, *da Universidade* &c. Tambem se usa com a significação de *aberta*, *fenda*, *greta* &c.: mas dizer *aberturas* por *primeiras proposições*, ou *propostas preliminares*, que se fazem em qualquer negociação, parece gallicismo contrario ao uso da lingua, e desnecessario.

ABORDO: (*abord*) Temos visto empregado este vocabulo para significar o *acolhimento*, que huma pessoa faz a outra. Neste sentido se diz que *alguem he de facil*, ou *difficil abordo*, i. e. *accessivel*, *conversavel*, *communicavel*, ou *inaccessivel*, *intractavel*, *incommunicavel*, de *facil* ou *difficil accesso* &c.

ABRUTECIDO: (*abruti*) Parece innovação escuzada, visto termos o adjectivo *embrutecido*, que diz o mesmo. Com tudo ha em Portuguez alguns vocabulos, que sendo compostos com as duas particulas *a*, e *em*, conservão significação identica, como por ex. *apossar* e *empossar*; *acostar* e *encostar*; *aparamentar* e *emparamentar*; *asenhorear-se* e *ensenhorear-se* &c.

ABSURDIDADE: (*absurdité*) He escuzado em Portuguez, aonde temos *absurdo*, *desproposito*, *disparate*, e talvez *desvario*, *desatino* &c.

ABUSADO: (*abusé*) por *enganado*, *illudido*, parece gallicismo. Os nossos Diccionarios não trazem este adjectivo; mas vulgarmente se diz *homem abusado* o que crê em *abusões*, ou em *ridiculas opiniões populares*: e *Madureira* na sua *Orthografia* diz algumas vezes: *este vocabulo anda abusado*, i. e. *erradamente escrito*, ou *pronunciado*.

ACANTONAR: *Acantonado*: *Acantonamento*: (*cantoner* &c.) São vocabulos derivados modernamente do Francez *cantoner*, *cantoné* &c. Tinhamos em Portuguez *acantoar*, e *acantoado*, en-

encantoar, e *encantoado*, compostos e derivados do simples *canto*, com a significação de *pôr ao canto*; e figuradamente *viver em retiro*, *fóra da conversação da gente* &c. Mas *acantonar* e *acantonado* no sentido, que hoje se lhes dá, sómente podem ser derivados do Francez *canton*, i. e. *bairro*. Os nossos bons antigos dizião *alojar*, *aquartelar*, *alojamento*, *aquartelado*, &c. Com tudo o Diccionario da Academia já traz *acantonado*, e *acantonar* com nota de *termos militares usados*, e na Cart. Reg. de 5 de Janeiro de 1797 vem *acantonamento*.

ACTIVAR: He tomado modernissimamente do Francez tambem moderno *activer*, e significa *diligenciar*, *zelar*, *promover com zelo e actividade* &c. Não o julgamos necessario, ainda que tenha boa derivação.

ADEPTO: (*adépte*) Significa geralmente o que he *iniciado* nos principios ou dogmas de alguma seita. He termo scientifico, e originariamente latino, e por isso adoptavel.

ADRESSE: He vocabulo puramente Francez, que não tem lugar na nossa lingua. Significa *memoria*, *memorial*, *representação*, *petição*, ás vezes *epistola dedicatoria*, *sobrescrito*, ou *bilhetinho*, que ensina a dar com huma rua, ou com a morada de alguem &c.

AFFARES, ou *Affaires*: He tambem palavra puramente Franceza, da qual diz *Bluteau* que alguns, no seu tempo, a querião introduzir como necessaria, *quando se falla em negocios politicos*, mas que outros a julgavão superflua. O uso geral decidio a favor dos ultimos, e com justa razão, ao nosso parecer. Hoje apenas se acha em alguma pessima traducção. Na Provincia de *Entre Douro e Minho* (e não sabemos se tambem nas outras) he mui vulgar o vocabulo *afazeres* no sentido generico de *negocios*, *occupações* &c. v. gr. *gastei o tempo em varios afazeres*: *não posso com tantos afazeres*, &c. &c.

AFFECTADO: por *movido*, *commovido*, *tocado* de algum sentimento ou paixão, he gallicismo, que se deve evitar, por ser contra o uso da nossa lingua, e por causa da homo-

monymia. Algumas vezes se exprimirá bem por *abalado* como neste lugar da *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 19: *neste passo se sentio subitamente* abalado *de hum desejo de consolar e animar aquella santa innocencia*; e outras vezes por *impressionado* do verbo *impressionar* elegantemente usado por Vieira no Tom. 2. das Cartas, Cart. 95, onde diz: *não fazendo eu caso de nada disto, como tão costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir muito foi chegarem estas a S. Magestade, e se deixar* impressionar *tanto dellas, que disse a meu sobrinho* &c.

AFFIXAR: He hum vocabulo Portuguez, que significa *pregar em lugar público* v. gr. hum edital, hum cartel, hum aviso &c. mas *affixar a incredulidade, affixar o engenho* &c. he gallicismo intolleravel, em lugar do qual diremos *fazer alardo, fazer gala, fazer timbre da incredulidade*; *ostentar de engenho, pavonear-se de incredulo, basofiar de engenhoso* &c.

AFFIXE: por *cartel, edital, papel que se affixa em público, aviso*, e ás vezes *pasquim*, he puro Francez, mal derivado para a nossa lingua, e desnecessario.

AFFROSO: (*affreux*) por *horrendo, horrivel, espantoso, medonho* &c. he gallicismo grosseiro e intoleravel.

AGUERRIDO: *Aguerrir-se*: São vocabulos tomados immediatamente do Francez *aguerri, s'aguerrir*, e hoje mui frequentes entre nós. D'antes diziamos exercito *guerreiro*, soldados *guerreiros, acostumados ás armas, afeitos á guerra, usados ás armas, á guerra*; ou *usados na guerra*; *endurecidos, instructos, adestrados, experimentados, amestrados na guerra*: *acostumar-se, afazer-se á guerra, ás armas* &c.

ALAMBICAR: *Alambicado*: São tomadas do Francez *alambiquer* e *alambiqué*, que em Portuguez dizemos *estillar, estillado*, ou *destillar*, e *destillado*. Tem boa origem na palavra *alambique*, e *Bernardes* Nov. Flor. Tom. 1. pag. 223 o usou já no sentido figurado, dizendo: *affectão com as suas Cloris esta pureza de amor alambicado.* O Diccionario da Academia o traz, ainda que com a nota de *pouco usado*, citando o proprio lugar de *Bernardes*. Nós não o julgamos pro-

prio do estilo grave, e muito menos da eloquencia do Pulpito, aonde o temos visto empregar muitas vezes com ridicula affectação. Assim, em lugar de *razões alambicadas*, *estilo alambicado* &c. diriamos *razões sutís*, *sutilezas*, *agudezas*, *pensamentos exquisitos*, e *remontados*, *estilo requintado*, &c. &c.

ARARMA: *Alarmar*: *Alarmado*: (*alarme*, *alarmer*, *alarmé*) O primeiro destes vocabulos parece ser tomado por nós dos Hespanhoes, e já foi empregado por *João Franco Barreto* na *Eneid. Portug.* L. 9. Est. 111, e L. 11. Est. 102. Por este motivo não ousamos reprovallo, maiormente conservando-se no nosso idioma outros semelhantes vocabulos derivados da mesma lingua, como são *ElRei*, *alapar*, *alfim*, e tambem *a la moda* que he de Vieir. Tom. 1. dos Serm. pag. 459. Comtudo o uso mais geral tem quasi excluido da lingua Portugueza estes vocabulos de composição estrangeira, á excepção do nome *ElRei*; e nós prefeririamos sempre dizer *a par*, *em fim*, *á moda*, e tambem *á arma*, ou *ás armas*, como commummente se lê nos Classicos. O verbo *alarmar*, e o adjectivo *alarmado* parecem-nos compostos contra a analogia da nossa lingua, onde não temos observado vocabulo algum, que seja composto de *preposição* junta com o *artigo*, salvo nos derivados do Arabe. Por onde em lugar de *alarmar* diriamos antes *tocar arma*, ou *á arma*, ou *ás armas*, *dar rebate*, *repicar*, que he de *Barros*, &c. e no sentido figurado *atemorizar*, *assustar*, &c. O adjectivo parece que sómente tem uso neste ultimo sentido por *assustado*, *atemorizado*, *espantado*, e não o julgamos de modo algum adoptavel.

ALTERADO: (*alteré*) por *sequioso*, *ávido*, *sedento*, he gallicismo grosseiro, e má traducção da palavra Franceza *alteré*, que tem ás vezes aquelle significado.

AMBICIONAR: *Ambicionado*: parecem tomados immediatamente do Francez *ambitioner* e *ambitioné*: mas são necessarios para evitar circumloquio, tem boa origem, e são con-

conformes com a analogia. V. *Bluteau* no *Suppl. ao Vocabul.*, e o *Diccion. da Acad.*

AMOBILAR: *Amobilação.* Veja-se *Moblado.*

AMPARAR-SE: (*s'emparer*) por *senhorear-se*, *apossar-se*, *apoderar-se*, *asenhorear-se* &c. he gallicismo grosseiro, e intoleravel.

ANECDOTA: (*anecdote*) Este vocabulo, que parece haver sido tomado immediatamente do Francez, ainda que de origem grega, está hoje adoptado entre nós pelo uso geral das pessoas doutas. Vej. *Blut. Supplem.* palavr. *Anecdotos.*

ANIMOSIDADE: (*animosité*) *Em Francez significa rancor* (diz *Bluteau*) *e na media latinidade valor*: *em Portuguez se usava em lugar de insolencia. Pareceo que não devia admittir-se nas primeiras significações, e usar-se pouco na segunda.* Tal foi a decisão da Sociedade Litteraria, que com o nome de *Conferencias Eruditas* se ajuntava na Bibliotheca do *Conde da Ericeira*, na Sessão de 26 de Fevereiro de 1696, como se vê das *Prosas Academ.* de *Bluteau* P. 1. pag. 17. O mesmo Bluteau porém o traz no *Vocabul.* como adoptado na significação de *valor*, *ousadia*, e tambem *insolencia.* Vej. o *Diction. de Moraes.* Na significação de *rancor* parece ser empregado no Alvará de 13 de Novembro de 1756, aonde se diz: *prisões e pleitos*, *que não terião outros objectos*, *que não fossem a* animosidade *e vexação*, e neste mesmo sentido he usado no Foro. Por *ousadia*, ou *insolencia* he de *Jacintho Freir. Vid. de Castro* L. 4. §. 59. *o qual* (Governador) *logo que entendeo que o Governo Politico se queria adjudicar a direcção da guerra*, *reprendeo asperamente sua* animosidade &c.

ANNUIDADE: He palavra modernamente tomada do Francez *annuité* para significar em geral qualquer *renda*, ou *consignação annual*; e mais em particular *aquella que o devedor satisfaz annualmente*, *e por certo numero de annos ao credor*, *na qual se comprehende a renda do capital*, *e huma parte deste*, *de sorte que no fim do prazo fique o devedor livre*, *e a divida extincta* : ou tambem huma *renda annual e vi-*

vitalicia, sobre certo capital, o qual, por morte, fica ao que se obriga a pagalla. Acha-se este vocabulo nos Decretos de 29 de Outubro, e 7 de Novembro de 1796, e como tem huma significação determinada, e restricta, que se não exprime bem por outro algum vocabulo Portuguez, o julgamos adoptavel, e necessario.

APARTAMENTO: (*apartement*) por *quarto* de casas, *camara*, ou *Retrete*, parece gallicismo, que hoje soaria mal nos ouvidos cultos. Tem comtudo a seu favor a auctoridade de *Sa de Miranda*, *Moraes* no *Palmeir.*, *Vieira*, e outros. Vej. o *Diccion. da Academ.*

APATHIA: *Apathico*. Estes vocabulos, que por ventura forão tomados immediatamente do Francez *apathie*, e *apathique*, tem origem Grega, e são adoptados na linguagem scientifica, e no uso geral dos homens doutos. O primeiro exprime propriamente a *carencia de paixões*, a *incapacidade de sentir affecto algum*, a *estoica insensibilidade* de certas pessoas, que com nenhuma cousa se abalão &c. O segundo significa o homem que tem aquellas qualidades, que he *insensivel*, que *não tem affectos*, que he *incapaz de paixões* &c. e diz-se tambem analogamente do homem *deleixado*, *inerte*, *indolente*, *que de nada cura* &c.

APROVISIONAR: *Aprovisionado*: *Aprovisionamento*: São vocabulos trazidos do Francez, conformes com a analogia da nossa lingua, e hoje adoptados pelo uso geral. Dizem tanto como *prover*, *bastecer*, *fornecer*, *municionar* — *provido*, *bastecido*, *fornecido*, *municiado* — e *provisão* ou *provisões*, *provimento*, *fornecimento*, *munições*, *bastimentos* &c.

ARABESCO: diz *Bluteau* no *Suppl.* que he termo da Arte de Pintura tomado do Francez *Arabesque*. He necessario em Portuguez, visto que não temos outro, que exprima precisamente a mesma idéa.

ARMADA: (*armée*) na significação de *exercito de terra*, ainda que por acaso se ache em algum dos nossos Classicos, hoje todavia he contrario ao uso geral, e sôa a gallicismo.

AR-

ARMISTICIO: por *trégoas*, ou *suspensão de armas* parece ter-nos vindo immediatamente do Francez *armistice*. *Bluteau* no *Supplem.* diz que os militares o havião introduzido de pouco tempo. Hoje he adoptado, e auctorisado.

ARRANJAR: *Arranjo*: *Arranjamento*: &c. Parecem tomados do Francez *arranger*, *arrangement*, e significão *pôr em ordem*, *coordenar*, *arrumar* &c. Não o achamos nem no *Vocabul. de Bluteau*, nem no *Diccion. da Acad.*, salvo o verbo *arranjar* com a nota de *termo da Arte de Tanoeiro*: mas são por certo mui expressivos, e na Provincia do Minho tão vulgarmente usados da gente douta e indouta, que nunca os tivemos por de moderna introducção.

ARRIÇADO: *arrissado*: *erriçado*: *enriçado*: *beriçado*: *irriçado*: De todos estes modos achamos trasladado nas Traducções impressas o Francez *bérissé*. Não podemos concordar com os que tachão este vocabulo de gallicismo, visto que o achamos usado de muitos Escritores nossos da melhor nota: (Vejão-se os *Diccion.*) mas cumpre que se fixe a sua Orthografia, e que nos não esqueçamos dos outros modos de exprimir a mesma idéa, para com elles variarmos a frase, e evitarmos a fastidiosa repetição dos mesmos termos. Assim em lugar de *cabello*, ou *pello arriçado*, poderemos dizer *arripiado*, e talvez *estacado*: em lugar de não *arriçada de artilharia*, não *crespa* de artilharia &c. &c.

ASCENDENTE: (*ascendent*) por *influxo*, *influencia*, *superioridade*, *predominio*, *imperio* &c. que alguem tem sobre outrem, he gallicismo, que se deve evitar, por escusado, e por causa da homonymia. Em lugar delle diremos v. gr. o *poder*, o *predominio* da verdade — ter *imperio*, *influencia* sobre alguem &c. Comtudo *Bluteau* diz, que já no seu tempo se hia usando em Discursos Academicos.

ASSEMBLEA: (*Assemblée*) Acha-se adoptado pelo uso geral, tem a seu favor boas auctoridades modernas, e já foi usado por Vieira na Cart. 74. do Tom. 2. Vej. *Blut. Suppl.* e o *Diccion. da Academ.* He porém abuso intoleravel, e affectação ridicula chamar ao homem *assemblea maravilhosa de*

duas

duas naturezas differentes, como achamos escripto em huma Obra impressa.

ATACAR: *Atacado*: *Ataque*: (*ataquer* &c.) Ainda que todos estes vocabulos sejão mui proprios do idioma Portuguez, e se possão empregar sem violencia no sentido figurado, para significar por ex. os *ataques da inveja*, *da enfermidade*; *da fortuna*, *da adversidade*; *atacar o adversario na disputa*; *ser atacado de razões contrarias* &c. &c.; julgamos comtudo, que se faz delles uso immoderado, nascido da lição dos livros Francezes; e que se não devem desprezar, nem esquecer os vocabulos igualmente expressivos, e em certo modo mais Portuguezes, com que os nossos bons Escritores exprimem a mesma idéa. Assim diremos v. gr. *os insultos da inveja*; *os accommettimentos da molestia*; *os assaltos da adversidade*; *os accessos da febre*, *do furor*, *da colera*; *combater o adversario*; *ser salteado de tribulações* &c. &c.

ATTITUDE: que alguns erradamente escrevem *actitude*, e *aptitude*. (do Francez *attitude*, ou antes do Italiano *attitudine*) He termo das Artes de Pintura, Esculptura, e Dança, e parece adoptado pelo uso geral dos Artistas, e homens doutos. Os nossos Classicos dizião *postura*, *geito*, talvez *gesto*, *apostura*, &c. V. gr. Camões na bellissima descripção do gigante Adamastor Cant. 5. Est. 39.

> *O rosto carregado, a barba esqualida,*
> *Os olhos encovados, e a* postura
> *Medonha e má* . . . .

E nas *Rimas* Od. 10.

> *O gesto bem talhado,*
> *O airoso meneo, e a* postura.

Mousinh. Affons. African. Cant. 8.

> *Os olhos poz no campo, e divisava*
> *Hum Mouro na* apostura *e segurança.*

Souz. Vid. do Arceb. L. 6. Cap. 7.

> *Mostrava a pintura huma companhia de gente a huma estante, que nos gestos e trajo se divisava serem clerigos, e no* geito *cantarem.*

E

E no mesmo L. Cap. 8.

> *Os religiosos estavão com os olhos nelle, com hum* geito *de gente que pasmava do que via.*

Fr. Marc. de Lisb. Chron. P. 1. L. 1. C. 78.

> *Segundo o affecto da oração, assim tinha o* gesto *e continencia corporal.*

Usemos pois embora de *attitude*; mas não desprezemos os nossos bons, e igualmente expressivos vocabulos Portuguezes. *Aptidão* porém, em lugar de *attitude*, he hum erro grosseiro, que achamos em certa Traducção impressa, confundindo o Traductor, por ignorancia, ou descuido, a palavra *aptitude* com *attitude*, que tem diversa orthografia, e mui differente significação em Francez.

ATURDIDO: (*étourdi*) por *estouvado*, *desattentado*, talvez *aloucado*, he gallicismo desnecessario.

AUCTORIDADES CONSTITUIDAS: He expressão inteiramente Franceza, e hoje todavia muito da moda entre nós. Os nossos Classicos, quando querião abranger todas as pessoas, que tem jurisdicção, e auctoridade, chamavão-lhes *Ministros publicos*; *Officiaes da Republica*; *Ministros e Officiaes Civis*, *Militares*, *e Ecclesiasticos*; ou *Ministros*, *Juizes*, *e Officiaes de Justiça*, *Fazenda*, *e Guerra*, *e Ecclesiasticos* &c. Hoje querem que se diga *Auctoridades Civis*, *Militares*, e *Ecclesiasticas*, que na verdade he expressão mais simples; mas a palavra *constituidas* he absolutamente superflua, e deve rejeitar-se; porque entre nós quem diz *auctoridade*, já suppõe que he *constituida*, e não o sendo, he *illegitima*, *usurpada*, e *abusiva*.

AUDACIOSO: (*Audacieux*) Não temos achado este vocabulo nos nossos Auctores Classicos, e comtudo não o reprovamos, visto ter boa origem, e analogia, e ser harmonico, e bem soante. Significa tanto como *ousado*, *audaz*, *atrevido*, *denodado*, *desenvolto em commetter qualquer empreza* &c.

AVANÇAR: (*avancer*) Tem suas significações proprias no nosso idioma: mas parece-nos gallicismo dizer v. gr.

não ha absurdo algum, *que não tenha sido* avançado *por algum Filosofo*, i. e. *ousadamente affirmado*. — *Sem fundamento* avançais *que a terra* &c. i. e. Sem fundamento *vos abalançais a affirmar*; ou sem fundamento *ousais affirmar* &c. *Avançar dinheiros* por *dalos adiantados*, e *sommas avançadas* por *adiantadas* &c. tambem são expressões tomadas do Francez, mas já naturalisadas entre nós, e empregadas até nos Papeis Ministeriaes. *Avanço* he de *Vieira*, que na *Inform. ao Conselh. Ultramar. sobre as coisas do Maranhão* pag. 109 diz: *Sobre a introducção da moeda*, *que tambem se propoz na mesma Carta com o* avanço *de cento por cento*, *não me atrevo a dar juizo* &c. (Vej. a respeito deste ultimo vocab. o *Diccion. da Academ.*)

B.

BAIXO POVO: *Baixo Clero*: (*bas peuple*: *bas clergé*) Estas expressões usadas com frequencia pelos nossos Traductores modernos tem resabio de gallicismo; e a segunda he tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido. (Vej. a respeito da expressão *bas clergé* a judiciosa reflexão de *La Harpe* no Tratado *Du Fanatisme dans la langue Revolutionaire* §. II.) Em lugar de *baixo povo* diremos mais á Portugueza *plebe*, *gentalha*, *povo miudo*, *gente baixa* &c. E pelo que respeita á expressão *baixo Clero*, he de notar 1.° que a palavra *Clero*, na sua accepção mais generica, comprehende os *Bispos*, *Pastores*, *Sacerdotes*, e *Ministros* da Igreja Universal, ou de alguma Igreja particular, e neste sentido dizemos o *Clero da Igreja Catholica*, o *Clero da Igreja de Portugal*, o *Clero da Igreja de França* &c. 2.° que tomando a mesma palavra em huma accepção mais particular, distinguimos entre o *Clero* e o *Bispo*, e dizemos v. gr. o *Arcebispo de Braga*, *e o seu Clero*; *o Bispo do Porto*, *e o seu Clero* &c. Por onde quando quizermos fallar separadamente dos Bispos e do Clero, não diremos *o alto Clero*, e *o baixo Clero*, como introduzírão os Francezes, acaso por orgulho, e soberba do

seu

seu *alto Clero*: mas sim diremos com linguagem mais decente, e mais Theologica *os Bispos e o Clero*, ou *a Ordem Episcopal*, *e a Clerezia*, separando deste modo as Jerarchias. Fallando sómente dos Bispos e Pastores subalternos, he tambem da linguagem Theologica dizer *os Pastores de primeira ordem*, *os Pastores de segunda ordem*, ou como se explicava Gerson: *os Prelados maiores*, *e os Prelados menores* &c.

BANCA-ROTA: (*banque-route*) He vocabulo adoptado para significar *fallencia de bens*, *quebra de negociante*, que não tem com que pagar as suas dividas, ou letras. *Fazer banca rota*, ou como dizião os nossos antigos *banco roto*, quer dizer *fallir*, *quebrar de bens* &c. Vej. *Blut.* no *Vocab.* e *Supplem.* palavra *Banco.* He notavel o uso que faz deste vocabulo em sentido figur. *Fr. Heitor Pint. Dial. da Lembr. da morte* Cap. 2. aonde diz: *qualquer que se faz amigo do mundo*, faz banco-roto *com Deos*, i. e. *quebra com Deos*, *rompe com elle*, ou *faz-se seu inimigo.*

BANDIDO: (*bandi*, ou *bandit*) por *banido* he de *Paiva*, *Vieira*, e outros. Hoje se usa tambem com a significação Franceza de *salteador*, *assassino*, *ladrão*, *malfeitor* &c. e como a primeira significação he auctorisada, não ha motivo de reprovarmos a segunda, que tem analogia com ella. Veja-se adiante a palavra *Brigante.*

BARRICAR: tomado modernamente do Francez *barricader* diz tanto como *entrincheirar*, ou atalhar com *tranqueira*, e *entrincheiramento* o passo de algum lugar. He gallicismo desnecessario, e vocabulo pouco expressivo na nossa lingua. O mesmo dizemos do substantivo *barricada*, por *trincheira*, *entrincheiramento*, *tranqueira* &c.

BASTONADA: por *pancada dada com bastão* he vocabulo tom do do Francez *bâtonnee*; mas não desdiz da analogia da nossa lingua.

BELLO ESPIRITO: (*bell'esprit*) Entre os Francezes he expressão, com que se significa o homem *de bom juizo*, que tem *engenho vivo*, *boa fantasia*, que he *discreto*, *avisa-*

do &c. Em Portuguez sôa a gallicismo, e indica affectação.

BELLO SEXO: (*beau sexe*) Não reprovamos absolutamente esta expressão, empregada para significar o *sexo formoso*, o *sexo feminino*, ou *as mulheres*: mas somos de parecer, que se deve usar com moderação, a fim de evitar affectação, e resabio de gallicismo.

BEM AMADO : (*bien-aimé*) *Meu bem amado*, *meu filho bem amado*, *minha esposa bem amada* &c. parece linguagem Franceza, e affectada. Em Portuguez mais corrente dizemos: *meu querido*, *meu filho mui amado*, *mui querido*, *minha esposa dilecta*, meu *dilectissimo*, meu *muito caro amigo* &c. &c. Comtudo, alem de vir auctorisado em *Moraes* com o *Docum. das Prov. da Hist. Geneal.* Tom. 5. fl. 441, tem analogia nas palavras *bem-aventurado*, *bem-afortunado*, *bem-accondicionado*, *bem-ditoso* &c.; e na modernissima Traducção de *Horacio* por *Elpino Duriense*, cuja auctoridade he para nós de grande peso, achamos:

E mais Latona, do summo Jove
A bem querida. L. 1. Od. 19.

BEM MAIS: *Bem menos* (*bien plus*: *bien moins*) por *muito mais*, *muito menos*, sôa a gallicismo, e não se deve usar, ao menos com frequencia. E comtudo não negamos que o adv. *bem* se acha algumas vezes nos Classicos junto a outros adverbios, ou adjectivos, significando *quantidade*. V. gr. em *Paiv. Casam. Perf.* C. 6. « *bem mais quieto* » em *Bernard. Rim. Sagr.* « *bem melhor dia* »: em *Barreir. Trat. da Signif. das Plant.* pag. 335 « *bem d'antes lhe tinha prognosticado* »: em *Fern. Alv. Lusit. Transf.* L. 2. Pros. 9. « *bem junto de hum penedo* » &. &c. Porém a affectada frequencia póde fazer reprehensivel huma expressão que aliàs he boa, e classica.

BEM-SER: (*bien-être*) He gallicismo, e má traducção; porque o verbo *être*, nesta expressão, refere-se ao *estado*, e não á *essencia* ou *existencia*; e quando se julgasse necessario traspassallo tão litteralmente, devêra dizer-se *bem-estar* (como dizem hoje os Castelhanos) e não *bem-ser*. Em Por-

Portuguez corrente podemos traduzillo por *prosperidade*, *felicidade*, *boa fortuna*, talvez *commodidade* &c. &c. Temos comtudo analogamente *bem-fazer*, *bem-querer*, *bem-viver* &c.

BIZARRO: *Bizarramente*: (*bizarre*: *bizarrement*) com a significação de *extravagante*, *extravagantemente*, i. e. *que se aparta do uso e termo commum de proceder*, são puros gallicismos, de que não temos necessidade. *Bizarro*, *bizarria*, *bizarramente*, em bom Portuguez significão *loução*, *louçania*, *galhardo*, *galhardia*, *galhardamente*, e tambem *brioso*, *generoso*, *franco*, *liberal*, *primoroso* &c.

BOA-MANHÃ: (*de*) He má traducção do Francez *de bon matin*, que diz tanto como o Portuguez corrente *de madrugada*, *muito de madrugada*, *de manhã cedo*, *na primeira luz*, *ao romper do dia* &c. Com igual razão, ou semrazão, se traduziria a outra expressão *de grand matin* por *de grande manhã*, devendo dizer-se *alta madrugada*, *ao romper da aurora* &c.

BOAS-GRAÇAS: *Estar nas boas graças* do Soberano: *decahir das boas graças* &c. são outros tantos gallicismos inadmissiveis, em lugar dos quaes dizemos em Portuguez: *estar na graça do Soberano*, *lograr a sua benevolencia*, *decahir da graça*, *crescer na graça do Principe*, *arriscalla*, *merecella*, *subir a ella* &c. &c.

BOLETIM: (*bulletin*) Significa primeiramente *bilhete em que se dá recado para o Exercito*, donde tomamos a significação de *bilhete militar para apozentadoria dos soldados*, a que vulgarmente chamamos *boleto.* Hoje se diz tambem *boletim* por *diario*, *em que se participão ao exercito*, *ou ao publico*, *diariamente*, *as operações dos differentes corpos de Tropas*: e finalmente se tem ampliado a mesma significação á qualquer *diario*, em que se communicão ao publico quotidianamente algumas noticias. He vocabulo propriamente Francez, que se deve empregar com discrição. (Vej. o *Diccion. de Moraes.*)

BOM DEOS: Temos achado muitas vezes esta expressão *o bom Deos*, traduzida palavra por palavra do Francez *le bon*

bon Dieu; e o mesmo *Moraes* na Traducção das *Recreações do homem sensivel* diz, não me lembra em que lugar: *Esperemos no bom Deos, que elle se compadecerá de nós.* Porém a nossa lingua não admitte esta expressão *com o artigo*, e nem costuma commummente, no estilo familiar, ajuntar epitheto algum á palavra *Deos*, que he por si só a expressão de toda a bondade, e de todas as perfeições.

BOM TOM: Chamão hoje os afrancezados *homem de bom tom* o que *traja á moda*, que *se attribue o bom gosto das modas*, e *cujas maneiras* e *modos de pensar e obrar são da moda*. Parece-nos expressão affectada, de que podemos carecer.

BONOMIA: (*bonomie*) Usa-se tambem hoje muito nas conversações, e talvez em obras impressas. Os Francezes o derivárão modernamente, segundo parece, da expressão *bon-homme*. Nós poderemos traduzillo por *simpleza*, *sinceridade*, *ingenuidade*, *singeleza*, *bondade*, *simplicidade de animo* &c.

BRIGANTE: Os nossos Escritores modernos tem usado deste vocabulo, acaso por não acharem outro, com que exprimir a idéa completa do Francez *brigand*. Nos Diccionarios Francezes-Portuguezes *brigand* significa *ladrão*, *salteador*, *assassino*, *concussionario* &c. Poderemos tambem algumas vezes traspassallo em hum sentido mais generico por *malfeitor*, *malvado*, *facinoroso*, *desalmado* &c., e com muita propriedade por *bandido*.

BROCHADO: *Brochura*: (*broché*: *brochure*) São termos da Arte de *Encadernador de Livros*, que o uso geral, e a necessidade parece terem adoptado. D'antes diziamos por *brochado* livro *encadernado em papel*, e por *brochura*, *folheto*, ou *caderno*.

BRUSCAMENTE: (*brusquement*) He gallicismo escusado. Em lugar de *sahir bruscamente* diremos *precipitadamente*; *respondeo bruscamente* i. e. *asperamente*, *secamente*, *sacudidamente*: tratar alguem *bruscamente*, i. e. *desabridamente*, *com esquivança* &c. Temos com tudo em Portuguez o adjectivo

brus-

brusco i. e. *escuro*, *annuviado*, donde dizemos *dia brusco*, *tempo brusco*, *athmosfera brusca* &c. D'aqui derivamos para o sentido fig. *homem brusco*, *semblante brusco*, i. e. *triste*, *carregado*; e neste sentido, formando o adverbio *bruscamente*, diriamos v. gr. *respondeo bruscamente* i. e. *tristemente*, *carregadamente*, *com carregume* &c. Mas esta parece não ser a propria significação do adv. Francez *brusquement*.

C.

CABOTAGEM: *Cabotar*: São gallicismos, que hoje se vão introduzindo, e que, ao nosso parecer, se devem corrigir. Por *cabotar*, temos o Portuguez *costear*, que he classico, e significa *navegar costa a costa*: e por *cabotagem* dizemos *navegação de costa a costa*; mas se quizermos exprimillo por hum só vocabulo, ¿por que não diremos *costeagem*, ou *costeação*, assim como de *marear* dizemos *mareagem*, ou *mareação*?

CADASTRO: He tomado do Francez *cadastre*, que significa *Registro publico*, *Lista*, ou *Encabeçamento*, em que se contém o genero, e valor das terras de cada comarca, e o nome de quem as possue. Poderia exprimir-se muito melhor por *censo*, que não he desconhecido na nossa lingua neste mesmo sentido, e que vem do latim *census* i. e. *descripção e estado exacto dos nomes*, *bens*, *idade*, *e condição dos cabeças de familia*, *feita perante os Magistrados* &c. Tambem se poderia exprimir por *Alistamento geral*, ou *Recenseamento* &c. Comtudo *cadastro* já vem usado nos Papeis do Governo.

CALCULADO: Temos em Portuguez *calcular*, e *calculado*, com a sua primaria significação de *contar*, *contado*: mas no sentido figurado, quando se diz v. gr. *este papel foi* calculado *para produzir irritação*, *e não inclinação*: *deo huma resposta* bem calculada *para agradar* &c. parece novo em Portuguez o uso deste vocabulo, que todavia he expressivo e energico, e se não póde supprir por outro algum com

igual

igual força de significar, maiormente quando de proposito, queremos dizer, que tal discurso ou acção foi de tal maneira concebido, *ponderado*, e executado, que houvesse de produzir provavelmente o effeito que se pretendia.

CAMPANHA: (*campagne*) Este vocabulo he usado em sentido militar pelos nossos Classicos, que a cada passo dizem: *pelejar em campanha* aberta, *correr a campanha*, *acabar a campanha*, *campanha da primavera*, *peça de campanha* &c. Tambem dizem a *campanha de Roma*, entendendo *Territorio de Roma*. (Blut.) Mas tomado genericamente por *campo*, *campina*, pareceria hoje affectação de francezismo: comtudo acha-se em *Vieir. Serm.* Tom. 6. p. 390: *Morto está o Brasil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cubertas de suas cinzas essas campanhas.* Em *Jacint. Freir. Vid. de Castr.* L. 1. §. 62. « *tinhão ao norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome, que aqui servião ao deleite, como á fertilidade da* campanha. » E modernamente no *Feliz Independ.* Liv. 19. « *¿Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios*, as campanhas *inundadas de cadaveres, os incendios da guerra ateados*? » &c. E em hum Poeta de mui distincto merecimento, que não duvidou dizer:

> . . . . *e outras hervas*
> *A' luz colhidas da nascente lua*
> *Nas* campanhas *do Ponto e da Thessalia.*

E em outro lugar:

> *E á mal distincta luz da froxa lua*
> *Sobre a raza* campanha *Abracadabro*
> *Com huma curta vara quatro linhas*
> *De circulos pequenos logo traga.*

CARNAGEM: (*carnage*) Ha muito tempo se advertio, que o Portuguez *carnagem* não tem a mesma significação, que o Francez *carnage*. *Fazer carnagem* e *agoada*, dizem frequentemente *Barros* e *Castanheda* para significarem *fazer provimento de carnes e agoa.* O Francez *carnage* deve traduzir-se por *mortandade*, *matança*, *carniceria* &c.

CHE-

CHEFE D' OBRA: (*Chefe d'œuvre*) por *obra prima*, *obra perfeita*, *primor*, *perfeição* &c. he hoje mui usado, e *Moraes* no *Diccion.* cita em abono delle hum *Edital da Real Meza Censoria.* O mesmo *Moraes* o usa algumas vezes na Traducção das *Recreações do bom. sensiv.* Comtudo hum Philologo moderno de conhecido merecimento não duvidou reprovar este vocabulo, expressando-se da seguinte maneira a respeito delle: *Sempre se disse no nosso idioma* obra prima *por coisa bem acabada, ou excellentemente bem executada, a que os ignorantes da lingua chamão* chefe d'obra; *clausula absolutamente Franceza, que em nossa linguagem de nenhum modo póde ser admittida, por lhe não ser analoga, nem em sentença, nem em soido; por ser de rude e dissonante pronunciação; e porque no meio tem desagradavel cacafonia. Obr. Poet. de Franc. Dias Gomes*, Not. 7. á Od. V. Nós acrescentamos, que da mesma palavra *chefe* tomada só por só, se faz hoje hum uso immoderado, e digno de correcção. Pelo que em lugar de *chefe de familia*, *chefe do Estado*, *chefe do exercito* &c. &c. deveremos, ao menos algumas vezes, variar a expressão, dizendo com os nossos antigos *tronco*, *cabeça de familia*; *Cabeça do Estado*, *Cabo do exercito*, *da Armada*, *Cabeça da Provincia*, *da Comarca*, *Cabeças do povo* &c. &c.

CHICANA: (*chicane*) He palavra puramente Franceza, de que não temos necessidade alguma. Em Portuguez de bom cunho dizemos *trapaça*, *cavillação*, *enredo*, *tergiversação*, *dolo forense*, *rabulice* &c. *Sousa* na *Vid. do Arceb.* L. 4. C. 30 descreve os que usão da *trapaça forense*, dizendo: *Arampões erão huns avogados, que com* manhas e astucias *dilatavão as demandas, e entretinhão a justiça.*

CHOCAR: *Chocado*: *Choque*: (*choquer* &c.) Dizemos em Portuguez *chocar* por *dar huma bóla na outra* no jogo da *chóca*: d'aqui *chocarem os navios* por *encontrarem-se*, *embaterem huns nos outros*, *abalroarem*; e tambem *choque na guerra*, por *encontro de corpos inimigos*, briga entre elles &c. Porém no sentido figurado *chocar as opiniões*; *este procedimento chóca os bons costumes*; *as paixões se chocão entre si*; *o choque*

que dos interesses; *sofrer os choques da fortuna* &c. parecem gallicismos escusados, e que se devem evitar, maiormente no estilo culto, attendendo á idéa baixa e torpe, que talvez excita o verbo *chocar*. Diremos pois em melhor Portuguez: *combater*, *contrastar* as opiniões; este procedimento *offende*, *affronta* os bons costumes; as paixões *se combatem*, *se encontrão*, *contendem*, *pugnão* entre si, o *combate* dos interesses; *a pugna*, *e opposição* entre elles; sofrer os *encontros*, os *impetos*, os *contrastes*, os *revezes*, os *vaivens* da fortuna &c. &c.

COALIÇÃO: *Coalizado*: (*coalition* &c.) São vocabulos trazidos modernamente do Francez, e ao nosso parecer desnecessarios. Em bom Portuguez dizemos *liga*, *colligação*, *confederação*, *colligar-se*, *confederar-se*, e *colligado*, *confederado* &c.

COCAR: ou *Cocarda*: Bluteau o traz no *Suppl.*, e diz que significa *humas plumas levantadas no chapeo.* Modernamente se tem usado para significar o *tópe*, ou *divisa*, que tambem se traz no chapeo. He derivado do Francez *cocard*; e como temos com que o supprir em Portuguez, parece-nos que não he para se adoptar.

COMITE': Do Inglez *committee*, que significa *Junta de Deputados para examinar qualquer negocio*, tomárão os Francezes o seu *comité* com a mesma significação. Os nossos Portuguezes modernos o tem igualmente usado, conservando a propria pronunciação, e orthografia Franceza. Mas nós não o temos achado em proposição, ou discurso algum, em que se não podesse traduzir commodamente, e com propriedade, pela palavra *Junta*, ou *Commissão*, e por isso o julgamos escusado.

COMMANDAR: *Commandante*: *Commando*: São termos militares tomados do Francez *commander* &c., e hoje adoptados no nosso idioma. Em lugar delles diziamos d'antes *mandar* o exercito; *mandar* huma armada; *capitanear* a gente de guerra; *ter mando* della; *ter cargo* de huma batalha; pelejar debaixo do *mando* e *Capitania* de alguem &c. *Cabo* por

Com-

Commandante tambem he vulgar nos nossos Classicos *Commandamento* por *commando* parece-nos não ser approvado pelo uso, e muito menos na significação generica de *preceito*, *ordem*, *mandado* &c.

COMMISSIONADO: (*commissioné*) Parece, que não diz precisamente o mesmo que *Commissario*, e que estes dois vocabulos nem sempre se podem reciprocamente permutar. Por isso o julgamos conveniente, muito mais tendo boa derivação, e analogia. Significa *o que tem commissão para fazer alguma cousa*; *o que he encarregado de tratar algum negocio* &c.

COMPLACENTE: (*complaisant*) Temos lido em algumas Traducções *caracter complacente*, *homem complacente*, *marido complacente* &c. He gallicismo, em cujo lugar diriamos com melhor analogia *comprazenteiro*, e talvez com igual significação, *condescendente*, *indulgente*, *cortez*, *benevolo* &c. Comtudo não ousamos reprovallo, visto ter origem Latina, ser de algum modo necessario, e ter analogia com a palavra classica *complacencia*. No *Espelho de Perfeição* impresso em 1533 achamos já esta frase « *conhecer e cumprir a* placentissima *vontade de Deos*. »

COMPORTAR-SE: *Comportamento*: (*se comporter*: *comportement*) São hoje mui usados na significação de *proceder*, *procedimento* &c., mas não tem auctoridade classica, nem os julgamos necessarios no nosso idioma. Em lugar de *homem de bom* ou *máo comportamento*, diremos *de bom* ou *máo procedimento*, *de bons* ou *máos costumes*; *de boa* ou *má vida*; *bem* ou *mal morigerado* &c. *Comportar-se com moderação e juizo*, i. e. *portar-se*, *haver-se*, *proceder* &c. *Comportar-se* segundo as leis *da honra*, i. e. *dirigir-se*, *governar-se*, *regular-se por ellas* &c.

COMPRIMENTAR: por *fazer comprimentos*, diz *Blut.* no *Suppl.* que he tomado do Francez *complimentar*; e cita, para o auctorizar, huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1722. Hoje está adoptado, e he sem duvida muito melhor que o circumloquio.

COMPROMETTER : *Comprometter-se* (*compromettre*, *se compromettre*) Tem estes vocabulos significação Portugueza, com que são usados, e que póde ver-se em *Moraes* palavr. *comprometter* : mas quando se diz v. gr. *comprometter a authoridade*, *o credito*, *a dignidade*, *o nome*, *a palavra de alguem*, ou *comprometter-se em algum negocio* &c., commette-se gallicismo desnecessario e alheio da nossa lingua. As frases Portuguezas que lhe correspondem são *arriscar*, *aventurar*, *pôr a risco*, *expôr a algum desar o credito*, *a honra*, *o nome* &c. *aventurar-se em algum negocio* &c.

COMPTABILIDADE : (*comptabilité*) Tem significação mais restricta que *responsabilidade*, e diz tanto como *obrigação de dar contas*. Vai-se usando na linguagem mercantil, e já vem na Lei de 26 de Outubro de 1797 Tit. 5. Melhor se escreverá *Contabilidade*.

CONDUCTA : (*conduite*) He hoje mui vulgarmente usado entre nós com a significação de *procedimento*, á imitação dos Francezes, Inglezes, Italianos, e Castelhanos. *Moraes* já o metteo no *Diccion.*, aonde diz, que este vocabulo *abrange ao procedimento moral e prudencial*, e que *procedimento se refere mais ordinariamente ao moral*. O P. *Pereira* tambem o usou no *Compend. da Vid. Escrit. e Doutrina de Gerson*, impresso em 1769. E igualmente o achamos empregado nos *Estatut. Nov. da Universid.* L. 2. T. 1. C. 4., e no *Feliz Independ.* L. 23. &c. A pezar porém destas auctoridades, e uso frequente, a opinião mais geral dos homens doutos, e intelligentes da lingua Portugueza he contra este vocabulo, e por isso o reprovamos, e julgamos inadoptavel na referida significação. Os nossos Classicos dizião em lugar delle *procedimento*, *proceder*, *modo de proceder*, *genero de proceder*, *vida e costumes*, e em lugar de *conduzir-se* ; *governar-se*, *haver-se*, *proceder*, *portar-se*, &c. &c.

CONFINAR : *Confinado* : *Confinar-se* : (*confiner*, *confiné* &c.) Em bom Portuguez dizemos *confinar*, de hum lugar, ou povo, que *está nos confins* de outro, que *comarca*, ou *visinha* com elle, v. gr. Galliza *confina* com Leão &c. ; mas he galli-

licismo reprovado dizer v. gr. *confinou se no seu retiro*, *foi confinado em hum convento*, *os habitantes confinados a hum angulo do Reino* &c. em lugar de *encantoou-se* no seu retiro, foi *recluso* em hum convento, os habitantes *estreitados* n'hum canto do Reino &c. &c.

CONJUNCTURA: He vocabulo trazido do Francez para a nossa lingua, e significa o *estado dos negocios*, a boa ou má disposição delles, a *conjuncção*, *ensejo*, *sazão*, talvez *opportunidade* &c. Vej. *Blut.* no *Suppl.*, e *Moraes* no *Diccionar.* Hoje está naturalisado entre nós; e em *Mousinh. Affons. Afric.* C. V. já o achamos com a significação de *oportunidade* nestes versos:

> *Para que abrindo o tempo* conjunctura,
> *Se entenda na conquista aspera e dura.*

CONSCRIPÇÃO: (*conscription*) He palavra, com que nos prezenteou a Revolução Franceza, e que julgamos não se dever usar, senão só e precisamente, quando se trata do objecto, que motivou a sua introducção. Nem he decente, que com ella se exprima, (como já temos visto) principalmente em Papeis publicos, e authenticos, o methodo de *recrutamento* praticado entre nós, e tão alheio do rigor e barbaridade da *conscripção Franceza*.

CONSOLANTE: (*consolant*) Não temos achado este vocabulo nos nossos Classicos: e posto que reconhecemos a sua natural derivação do verbo *consolar*, e a frequencia com que o nosso idioma usa de semelhantes derivações; comtudo não o julgamos necessario, visto haver em Portuguez os adject. *consolador*, e *consolatorio*, que dizem tanto como o Francez *consolant*.

CONTAR: (*compter*) Abusa-se por varios modos deste verbo, traduzindo ao pé da letra (como dizem) algumas frases, em que os Francezes o empregão. Eis-aqui as mais usuaes, que agora nos occorrem, com as suas correspondentes em Portuguez.

Ne compter pour rien quelque chose: — *desprezar*, *não*

 ter

ter em conta, *estimar em nada* &c. (Latin. *aliquid pro nihilo ducere.*)

On ne peut compter sur l'amitié de ces gens-là: — nada se *póde confiar* na amizade destes homens, ou desta gente, ou desta casta de gente: (*in hominibus hujusmodi stabilis benevolentiae fiducia nulla esse potest.*)

Compter plus sur le général, que sur l'armée: — *Confiar* mais no general que no exercito. (*plus reponere in duce, quam in exercitu.*)

Compter sur quelqu'un: — *confiar* de alguem, *estar certo* delle, *ter toda a segurança* a seu respeito &c. (*ponere certum in aliquo.*)

Il ne compte que sur vous pour toutes choses: — Em vós sómente *confia*: — em vós põe toda a sua confiança: — de vós espera tudo &c. (*ejus spes opesque sunt in te uno omnes sitae.*)

On ne peut encore compter sur rien: — Ainda o caso está mui duvidoso: — ainda o negocio não está seguro: — ainda o negocio se não póde dar por feito: (*res tota etiam num fluctuat.*) &c.

CONTINENCIA: (*contenance*) por *aspecto*, *parecer*, *presença*, *semblante*, *gesto*, &c. foi taxado de gallicismo por hum Critico moderno. Mas nós o achamos usado pelos nossos Classicos a cada passo. V. gr. *Pina Chron. de D. Duarte* C. 10. « *e porem com graciosa* continencia *lhe disse* » e C. 31. « *como nas* continencias *de todos bem parecia* » e na *Chron. de D. Affonso V.* C. 2. « *o Infante volveo a* continencia *ao povo* » Barr. Dec. 1. L. 4. C. 9. « *mui attento esteve o Çamori a todas estas palavras de Vasco da Gama*, *olhando muito a* continencia *com que as dizia* » e na Dec. 2. L. 1. C. 1. « *Tristão da Cunha*, *ouvindo estas palavras*, *e a* continencia, *e efficacia*, *com que as este Mouro dizia* » *Sousa Vid. do Arceb.* L. 2. C. 7. « *levou após sy os olhos de quantos se achavão na festa a grave* continencia *e magestade*, *com que o Arcebispo fez o officio* » E no L. 6. C. 20. « *moveo do lugar com muito repouzo e grave* continencia » No *Masagão Defendido* Poem. ms. C. 2. E. 52.

Com

Com hum airoso e grave continente
Parece confundir todo outro brio.

E no C. 5. E. 15.

Estava o claro Souza acompanhado
Esperando-os com grave continencia.

CONTRACTAR : por *contrahir*, he hum erro em que tem cahido alguns Traductores, acaso por não advertirem que o verbo Francez *contracter* tem ambas as significações em differentes circunstancias. Em Portuguez corrente dizemos *contrahir dividas*, e não *contractallas*; *contrahir* amizades; *contrahir* hum gosto; *contrahir* huma doença; *contrahir* defeitos; *contrahir* matrimonio &c. &c. E pelo contrario dizemos *contractar* huma compra, huma venda, huma troca &c., e não *contrahir*. Na linguagem Diplomatica póde dizer-se indifferentemente *contrahir*, ou *contractar* alliança; mas fallando das Pessoas que figurão no Tratado, dizemos *partes contractantes*, e não *contrahentes*. A observação ensinará estes differentes usos, que o bom Escritor não deve alterar a seu arbitrio.

COQUETTE: *Coquetterie*: São vocabulos puramente Francezes, que mui vulgarmente se empregão na conversação familiar, e que algumas vezes temos lido em Traducções impressas; acaso por se julgar difficil traspassallas com propriedade para o Portuguez. Nós entendemos que *mulher coquette* se expressará bem no nosso idioma por *mulher garrida*, *namorada*; algumas vezes *lasciva*, *desenvolta*; outras vezes *leviana*, *presumida*, e *adamada*, dada *á galanteria* &c. Ao subst. *coquetterie* corresponde propriamente *garridice*, *galanice*, talvez *galanteio*, e tambem *damaria* &c.

CÔRTE: (*cour*) por *Conselho*, *Tribunal*, *Relação*, *Camara*, he gallicismo, que se não deve admittir em Portuguez. Em lugar de *Côrte de Justiça* diremos *Tribunal de Justiça*, ou *Conselho*, ou *Camara de Justiça*: Por *Côrte Marcial*, *Tribunal Marcial*, ou *de guerra*, *Conselho de guerra* &c. &c. Se em algum caso porém não podermos explicar a força da expressão Franceza por outra Portugueza bem corresponden-

te,

te, como succede algumas vezes, quando se trata de algum particular Tribunal Francez; em tal caso será melhor descrevello exactamente, ou usar do proprio nome Francez, explicando-o em nota: porque as palavras afrancezadas v. gr. *Côrte de Cassação* não se entendem melhor do que o puro Francez *Cour de Cassation.*

COSTUME: (*costume*) Em huma Traducção impressa lemos *costume ecclesiastico*, *costume leigo*, por *habito*, ou *traje ecclesiastico*, *habito* ou *traje laical*, ou *leigal*, tomando-se o vocabulo Francez *costume* pelo que materialmente sôa, e não o distinguindo de *coutume*, a que corresponde o Portuguez *costume*.

COSTUMES: (*mœurs*) Sempre dissemos em Portuguez homem de *bons costumes*, de *máos costumes*, de *costumes depravados*, de *costumes honestos* &c. &c. e tambem «os *bons costumes* são essenciaes ao estado ecclesiastico; não ha verdadeira nobreza *sem bons costumes*» &c. Hoje porém he mui frequente, para significar *bons costumes*, tomar á maneira dos Francezes o vocabulo *costumes* absolutamente, e desacompanhado do adjectivo que o qualifica, dizendo v. gr. o homem *sem costumes* he a peste da sociedade: *sem costumes* não póde prosperar o Estado &c. Este uso tem ar de francezia, e não he para se imitar em Portuguez sem reflexão, maiormente quando faz ambigua, e até absurda a frase, como succede por ex. nesta proposição que achamos impressa «*deve o Pai* conservar os costumes *do filho*» que no nosso idioma vale tanto como dizer, que os deve *conservar*, quer sejão *bons*, quer *máos*.

CRACHÁ: Dão hoje este nome ao *habito*, *divisa*, *insignia*, ou *venéra* de qualquer Ordem Militar, quando se traz *pregada*, ou *bordada sobre o vestido*. He vocabulo Francez escusado, e, ao que parece, de má origem. Na Lei de 19 de Junho de 1789, e no Alvará de 10 de Junho de 1796 se lhe dá o nome de *chapa*, ou *sobreposto bordado*, e he só permittido aos Gran-Cruzes, e Commendadores.

D.

D.

DADOS: (*données*.) Entre os Francezes he termo Mathematico, e significa propriamente as quantidades ou termos que nos são conhecidos, ou *dados*, e de que nos servimos para achar as *incognitas*, e resolver qualquer problema. Daqui o tomárão em sentido mais amplo para significar os *fundamentos*, *razões*, *circunstancias*, ou *noções* previamente conhecidas, ou suppostas, sobre as quaes podemos fundar o nosso juizo a respeito de qualquer questão, ou facto: e neste sentido dizem: *Não tenho dados para decidir*; *não tenho dados, sobre que possa fundar o meu juizo*; *não posso ajuizar desta acção por falta de dados* &c. &c. Os Portuguezes tem adoptado a mesma palavra com ambas as ditas significações: e se a primeira parece necessaria na linguagem Mathematica, não ha razão de reprovar a segunda, huma vez que se empregue sem affectação, e sem demasia.

DE: Tem esta particula em Portuguez tantos e tão varios usos, que só a lição assidua dos Classicos os póde bem ensinar. Segundo o nosso parecer, he gallicismo empregalla nas frases seguintes:

A primeira coisa que fiz, *foi* de vir *a Madrid*, i. e., *foi vir* &c.

O Congresso consistirá dos deputados *das Provincias*: i. e. *constará dos deputados*, ou formar-se-ha *dos deputados*, ou consistirá *nos* &c.

Rogou á sua Mestra de a deixar *contar*: i. e. *que a deixasse* contar, ou que *lhe deixasse* contar &c.

Estou tentado de dizer &c. i. e. *a dizer*.

Deve-se evitar com cuidado de inflammar *a imaginação das mulheres*: i. e. deve-se evitar *inflammar*, ou, *o inflammar*, ou deve-se *de evitar* inflammar &c.

Ver-se obrigado muitas vezes até de implorar *a desgraça*: i. e. *até a implorar*.

A barbaridade não lhes permitte de saber *fazer melhor uso dos braços*: i. e. não lhes *permitte saber* &c.

O

O menor abuso, que fazem da vida dos vencidos, he de reduzillos *á escravidão*: i. e. *he reduzillos* &c.

Exercito forte de vinte *mil homens*: i. e. *exercito de vinte mil homens.*

Muro alto de vinte *palmos*: i. e. muro *de altura de vinte palmos*: ou muro *de vinte palmos de alto*: ou *muro vinte palmos alto* &c.

Para que os nossos Leitores possão comparar os usos Francezes com os Portuguezes, apontaremos aqui algumas frases dos nossos Classicos, em que se emprega a particula *de* de hum modo não mui vulgar, e são as seguintes.

Espero de te ser este meu desejo aceito. *Ferreir.* Huma camilha, que não *se iguala de outra* alguma. *Barr. Dec.* 4. L. 9. C. 3.

Quão *grato* era *da mercê*, que tinha recebido. *Barros. Dec.* 1. L. 9. C. 5.

Depois que huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por *apta de ter* maridos. *id.* 1. 9. 3.

Que ElRei e seus successores fossem *obrigados de amparar*, e defender a elle Rei. *Barr.* 3. 2. 2.

Chamárão-lhe de herege Luterano. Vid. do Arceb. L. 4. C. 6.

O vulgo melhor *conhecido do muito*, que devia ao Arcebispo *ib.* L. 4. C. 13.

O qual (Jesu Chr.) só *por obediencia do Padre Eterno* aceitou em quanto homem o Pontificado. *ib.* L. 1. C. 8.

Levárão as santas reliquias para onde não havia esperança *de as tornarem a ver dos olhos.* Vid. do Arceb. L. 6. C. 20.

Levão os olhos para a terra da promissão tão *suspirada, e soluçada delles.* Heit. Pint. Dialog. da Trib. C. 2.

Coge Çofar, que como monstro da terra, em que nascêra, os pais e a patria *o negavão de filho.* Vid. de Castr. L. 2 §. 151.

Des-

Desconhece-se de homem o que não sabe perdoar. *Arraes. Dial.* 5. C. 1.

Nem *desconhece de parentes* seus primos. Id. *Dial.* 10. C. 67.

Cousa *antedenunciada de Isaias.* Id. *Dial.* 10. C. 68.

Achou os lugarinhos tão miudos, e tudo o mais tão pobre, *e de ultima miseria*, que &c. Vid. do Arceb. L. 5. C. 17.

Os nossos pelejavão abrazados, *soccorrendo-se*, por unico remedio, *das tinas* de agua para refrigerar-se. Vid. de Castr. L. 2. §. 148.

Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por *benevolencia do Governador* (i. e. *benevolencia para com o Governador*) servírão graciosamente o Estado. Ib. L. 4. §. 43.

Porem D. Manoel de Lima, ou por *complacencia do Governador*, (i. e. *ao* Governador, ou *para com* o Governador) ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça. ibid. L. 3. §. 34.

Mulher já de trinta annos .... e muito *inclinada de fazer* bem aos pobres. Fern. Mend. Pint. Cap. 124.

Não querendo ser *ingratos d'aquelle* beneficio. Palmeir. P. 1. C. 91.

O pé direito, com que *começava de entrar*. Fern. Alv. Lusit. Transf. L. 2. Pros. 2.

A quem elle *desejava de comprazer*. Barr. Dec. 1. L. 8. C. 10.

Ordenou de fazer a fortaleza de madeira. Id. Dec. 1. L. 10. C. 2.

Promettei a Christo *de jamais* o deixardes. *Arraes* Dial. 10. C. 83.

Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas. Cam. Cant. 6. E. 54.

Ordena de se tornar ao Rei. ib. C. 8. E. 91.

Determina de ter-lhe aparelhado lá no meio das agoas &c. ib. C. 9. E. 21. &c. &c. &c.

Devemos porém advertir, que o uso actual da nos-

sa lingua, e a regularidade de Syntaxe, que aconselhão os principios da Grammatica Filosofica, nos não permittirião hoje empregar indiscretamente a mesma particula em frases semelhantes a algumas das que deixamos referidas, só porque assim foi empregada por algum, ou alguns dos nossos Auctores Classicos; visto que estes, por falta do estudo filosofico da lingua, cahirão em muitos defeitos, no que respeita á organisação da frase e discurso, que hoje serião erros graves, e talvez indesculpaveis.

DEBOCHE: *Debochado*: (*debauche*: *debauché*) He puro gallicismo, trazido para o Portuguez sem necessidade alguma, e alem disso mal soante aos nossos ouvidos. Temos em lugar delles *devassidão*, *soltura*, *despejo*, *licenciosidade*, *dissolução*, e *demasias*, *estragamento de costumes* &c. *devasso*, *licencioso*, *dissoluto*, *despejado*, *estragado*, *perdido*, *solto nos vicios* &c.

DECREPIDEZ: Parece tomado do Francez *decrepitude*, que significa o estado de *velhice extrema*, *mui avançada*, *caduca*. Como não temos vocabulo algum com este significado, não reprovamos a sua introducção; mas prefeririamos *decrepitude*, que nos parece de melhor soido, e teriamos por melhor que ambos *caducidade* do adj. *caduco*, que diz o mesmo.

DEFERENCIA: (*déférence*) Não temos achado este substantivo em nenhum dos nossos Classicos, e nos parece trazido immediatamente do Francez com a significação de *respeito*, *attenção* para com alguem. Mas temos o verbo *deferir* no mesmo sentido, e derivado do Latim *deferre*, donde analogamente se póde formar *deferencia*, que aliàs he já auctorizado por hum uso mui geral.

DEGELAR: He tomado do Francez *dégeler*, que val o mesmo, que *desfazer-se o gelo*. *Bluteau* o traz no *Suppl.*, e cita a *Gazeta de Lisboa*. He necessario, expressivo, e conforme com a analogia.

DEGRADAR: *Degradar-se*: *Degradação* &c. (*degrader* &c.) Temos em Portuguez *degredo*, e *degradar*, ou *degredar* por *des-*

desterrar, do Latim *decretum* (do verbo *decerno*): e tambem *degradar*, (da particula Latina *de*, e do subst. *gradus*) i. e. *privar do grdo*, ou *graduação* civil, ou ecclesiastica, ou militar; e neste sentido dizemos *degradar da nobreza*, *das Ordens*, *da milicia* &c. Mas quando no sentido figurado dizemos v. gr. *as paixões sensuaes nos degradão*, i. e. *nos aviltão*, *nos envilecem*, *nos deshonrão*, *nos deslustrão*: — *a indifferença*, *e desprezo*, *que em Portugal se mostra ás Letras*, degrada *o caracter da Nação*, i. e. *deprime*, *abate*, *envilece*, *desauctoriza*, ou *desdoura* o caracter &c., parece ser frase Franceza, que todavia não ousamos reprovar, por quão conforme he com a segunda significação do verbo *degradar*. Entendemos porém que se deve empregar com moderação, e desaffectadamente, e sem nos esquecermos dos outros vocabulos do nosso idioma, que não são menos expressivos. Notem-se os seguintes lugares dos Classicos Portuguezes, e veja-se como elles exprimião com energia, e variedade o mesmo conceito. *Arraes Dial.* 1. Cap. 15: *Muitas casas*, *que forão nobres e illustres*, *agora estão* descahidas, e mascabadas *por causa da liga*, *e degeneração de seus descendentes*. Ibid. C. 20: *Em nenhuma cousa* se apouca *mais a natureza humana*, *que em se inclinar aos costumes da bestial*. *Vid. do Arceb.* L. 5. C. 14: *Homens comparaveis aos antigos Curios e Cincinnatos*, *que não* se abatião *a vilezas*. — Lobo Cort. na Ald. ediç. de 1649 pag. 133: *Se o amor faz cego o amante*, *todavia não o* faz vil. E logo ahi: *O cobiçoso he cego para não ver razão nem honra*, *e para* se abaixar *a todas as infamias*. Vieir. Carta 75 do Tom. 1.: *Amo muito a nossa patria*, *e não tenho paciencia para a ver* desluzida, *quando Deos*, *e os homens a tem illustrado tanto*. &c. &c.

DEPARTAMENTO: do Francez *département*. No principio da Revolução Franceza, deixada a antiga divisão por *Provincias*, foi a França dividida em *Departamentos*, que erão porções de territorio, a que se extendião certas auctoridades estabelecidas para governo da Republica, e que nós poderiamos sem erro chamar *Comarcas*, ou *Districtos*. Daqui fi-

ficámos adoptando este vocabulo, que sómente se deve empregar, quando se trata da referida divisão, ou partes della. Mas tomando-se em geral por *Repartição* v. gr. *Ministro do* Departamento *da Guerra — tem a seu cargo o* departamento *das munições* &c. — he gallicismo que se não sofre em bom Portuguez.

DEPOIS: Por este vocabulo traduzem alguns erradamente o Francez *d'après* nas seguintes frases: *A infiel imagem, que formamos* depois *das nossas conjecturas*, i. e. que formamos *segundo*, ou *conforme* as nossas conjecturas, ou que formamos *levados* de nossas &c. — *hum retrato* depois *de Rafael*, i. e. *copiado* de Rafael — *Grande deve ser a emulação dos lavradores* depois *de exemplos desta natureza*, i. e. *á vista de exemplos* taes — *Mas eu posso assegurar* depois *da minha experiencia*, i. e. *segundo* a minha experiencia, ou posso assegurar *pela minha propria* experiencia &c. &c.

DESCOBERTA: por *descobrimento* v. gr. de novas terras, ou *achado novo* nas Sciencias e Artes &c. parece-nos vocabulo alheio da nossa lingua, e tomado do Francez *découverte*. *Moraes* no *Diccion.* o auctoriza com as *Orden. do Rein.* na *Collecç. ao L.* 4. *T.* 43. *n.* 1. §. 4., no que ha erro typografico, devendo ser *Collecç.* 1. *ao L.* 2. *T.* 34. *n.* 1. §. 4. Porém este lugar não auctoriza de modo algum o substantivo *descoberta* no sentido que aqui reprovamos. As palavras da Lei são estas: *Hei por bem que o Provedor das Minas reparta as* descobertas, *e que se descobrirem* &c., aonde claramente se vê que *descobertas* he hum adjectivo referido a *minas*, e não o substantivo de que aqui tratamos, e pelo qual se disse sempre em bom Portuguez *de cobrimento.* Não occultaremos porém, que na Lei de 26 de Outubro de 1796 Tit. 6. já vem com a mesma significação *novas descobertas*. Por occasião deste artigo advertimos que a expressão adverbial *ao descoberto*, que parece gallicismo, vem comtudo algumas vezes em Fr. Heit. Pint. v. gr. no Dial. da Tranq. da Vid. C. 15. *esses vos tirão muitas vezes* ao descoberto: e no Dial. dos Verd. e falsos Bens, C. 16, *então lhes dá*

o mundo de rosto, *e lhe tira* ao descoberto, i. e. *sem dissimulação*, *e sem disfarce*. Igualmente he classico o subst. *encoberta* por *asilo*, *valhacouto*, *escondrijo*, *lugar em que alguem póde estar sem ser descoberto pelo inimigo* &c.

DESCONFIAR-SE: (*se méfier*) Pareceo-nos ao principio gallicismo usar do verbo *desconfiar* com significação reciproca, ou reflexa; mas depois notámos este uso em *D. Franc. Manoel Cart. de Guia* fol. 94 vers. *a mulher* se desconfia, *vendo o pouco que fião della*. Em *Vieira* Cart. 26 do Tom. 1.: *E certo que se não tivera tanta confiança nas promessas de Deos*, *não sei se* me desconfiárão *os nossos merecimentos*. E nos Serm. Tom. 6. pag. 451: *Os que se guardão para aquella hora*, *só tratão da saude do corpo*, *e quando esta* se desconfia *totalmente* &c. Na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 2.: *Da imbecillidade de sua natureza não* desconfiava, *porque conhecia suas forças*.... desconfiava-o, *e fazia-o temer huma profunda humildade*, *em que avaliava tudo quanto fazia* &c.

DESCOZIDO: (*décousu*) no sent. fig: v. gr. *estilo descozido*, *ditos descozidos* por estilo *desligado*, *solto*, *desatado*, ditos sem *nexo*, talvez *sem concerto* &c. parece-nos gallicismo escusado, ainda que a metafora seja igual. A expressão *palavras derramadas*, que achamos em alguns Classicos, parece-nos que diz propriamente *palavras diffusas*, *não concisas*, e ás vezes *palavras alheas do intento*, ou *proposito* sobre que se trata. V. gr. em *Barr.* Dec. 2. L. 6. C. 3.: *Vendo Affonso de Albuquerque palavras tão* derramadas, *e fóra do seu intento*, aonde se refere á pratica de Tuam Bandam, que vindo de mandado de ElRei de Malaca ver o grande Albuquerque, começou *a praticar com elle na disposição de sua pessoa*, *e se trouxera boa viagem*, *sem tocar na causa della*, *nem perguntar a que era sua vinda* &c. A este mesmo lugar de João de Barros allude, e no mesmo sentido se deve entender a frase que vem na *Malac. Conquist.* L. 6. Est. 50.

Albuquerque, *ás* palavras derramadas
Do cauteloso Mouro respondendo,
Assi disse . . . . &c.

E

E na *Lusit. Transf.* L. 3. Pros. 10. aonde se diz: *Hia por diante com os seus encarecimentos Urbano, por ser costume do amor fazer os amantes prodigos de* palavras derramadas, *em favor de quem amão* &c. he facil entender, que *palavras derramadas* significa aquelles *encarecimentos*, e expressões *largas* e *francas*, que são proprias de quem ama &c.

DESÉR: (*dessért*) Os nossos bons antigos dizião *sobremeza*, *póspasto*, e tambem *postres*, que he de *Sous.* na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 22. Hoje até ás palavras se estende o luxo, e francezia das mezas.

DESGOSTANTE: Com a significação de *nojoso*, *bediondo* &c. he puro gallicismo, e muito má traducção do Francez *dégouttant.* Dois vocabulos tem a lingua Franceza, que soão do mesmo modo, e significão mui diversas cousas, a saber: o verbo *dé-goûter*, cujas raizes são *de* e *goût* (*gosto*) e significa *desgostar*: e o verbo *dé-goutter* formado de *de* e *goutte* (*gôta*), que significa *gotejar*, *pingar*, *estilar gota a gota* &c. Deste ultimo derivárão os Francezes o adjectivo verbal *dégouttant*, com o qual se formão as expressões *dégouttant de sang*; *dégouttant de sueur* &c. i. e. *gotejando sangue*, *gotejando suor* &c.; e daqui finalmente passárão ao uso absoluto do mesmo adjectivo verbal *dégouttant* tomado em máo sentido, para significarem com elle hum objecto *nojento*, *asqueroso*, *esqualido*, *ascoso*, *bediondo*, e talvez *borrido*, *torpe* &c., quasi como nós dizemos em frase plebea de hum homem *immundo*, e *torpe*, que he hum *pingante*, que *está pingando immundicie* &c. &c.

DESHABILHADO: (*deshabillé*) Estar *deshabilbado*, ou *em deshabilbé* dizem hoje os nossos afrancezados de quem está *desataviado*, *desalinbado*, *sem adorno*, nem *alinbo*, nem *enfeite*, *mal composto*, *vestido a descuido*, *sem concerto* &c. He gallicismo reprovado, sem embargo de termos tido o vocabulo, hoje antiquado, *babilbar*, ou *abilbar*, i. e. *ataviar*, do qual fallla *Duart. Nun. Orig. da Ling. Portug. Cap.* 17.

DESINFECTÁR: Por *desinficionar* parece tomado do Francez;

cez; mas *Blut.* já o traz no *Suppl* citando huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. *Desinfectador* he hojẹ adoptado na linguagem Chimica, e necessario.

DESNATURAR: *Desnaturado*: (*dénaturé*) Temos ouvido tachar de gallicismos estes vocabulos, mas sem razão: *Duart. Nun.* nas *Chron.* usa frequentemente de hum e outro, tanto para significar o que hoje mais vulgarmente dizemos *desnaturalização*, i. e. *privação dos direitos de nacional*, como para exprimir o estado moral do homem, quando *despido dos affectos naturaes*, *e dos sentimentos de humanidade*. Outros Classicos os empregão no mesmo sentido. Vej. *Mor.* no *Diccion.* Mas *desnaturalizar factos* por *alterallos*, *transformallos* &c. he gallicismo escusado.

DESOLADO: (*désolé*) Em bom Portuguez dizemos v. gr. *cidade desolada*, *paiz desolado*, i. e., *posto por terra*, de *todo arrazado*, *arruinado* &c. e talvez no fig. *religião desolada*, por *arruinada*, *destruida* &c. Porém *Mãi desolada*, *esposa*, *amante desolada* por *angustiada*, *magoada*, *afflicta*, *amargurada* &c. he gallicismo, e metafora, ao nosso parecer, pouco expressiva, por faltar-lhe o fundamento da analogia, ou semelhança.

DESTACAR: *Destacamento* &c.: São termos militares trazidos do Francez *détacher*, *détachement* &c., e adoptados. Vej. *Blut. Pros. Acad.* P. 1. pag. 16.

DETALHAR: *Detalhe*: *Detalhado*: (*detail*, *detalher* &c.) São vocabulos hoje mui usados não só na locução vulgar, mas tambem nas correspondencias publicas, principalmente militares, e até nos Papeis do Governo. (Vej. o Alvar. de Regim. de 7 de Jan. de 1797.) Significão *particularizar* os factos e suas circunstancias, *relatar miudamente*, *referir com miudeza*, *expôr circunstanciadamente*: — *relação por menor*, *particularidade*, ou *individuação* no referir os factos &c. Não parecem alheios da analogia do nosso idioma, aonde temos *talhe*, *talho*, *retalhar*, *retalhado*, *entalhar*, *entalhado*, *entalho* &c. Comtudo o uso das pessoas doutas e judiciosas ainda repugna á introducção destas vozes, e nós prefeririamos di-

zer

zer v. gr. com *Vieira Cart.* 25 do Tom. 1. « *Não posso encarecer a Vossa Senhoria quanto estimei a relação* por menor *do exercito* » em lugar de *relação detalhada.* E na Carta 113, dando noticia de huma batalha entre Francezes, e Hollandezes: *Esperão-se as* particularidades *no Correio seguinte*, que hoje se diria *os detalhes.* E na Carta 32 do mesmo Tom. 1.: *Com as Cartas de Vossa Senhoria soubemos as* circunstancias, (*os detalhes*) *e auctoridade das Capitulações, que com alvoroço se esperavão* &c. Na Vid. de Castr. L. 4. §. 30. tambem se diz: *Referio os casos da batalha com tão* particulares accidentes, *como quem sabia o successo* &c. &c. Moraes na Traducção do *Compend. da Hist. Portug.* usa do verbo *miudear*, em lugar de *detalhar*, ou *referir pelo miudo.* Finalmente he erro grosseiro dizer: *Não podemos ainda dar o* detalhe circunstanciado *deste negocio*, que val tanto como *detatalhe detalhado*, ou *circunstancias circunstanciadas.*

DETHRONAR: (*dethroner*) Não o temos achado nos nossos Classicos, mas sim em lugar delle *desthronizar*, ou *desenthronizar.*

DIA: Lemos em Obra Portuguza original estas frases: *Appresentar as auctoridades em o* dia *mais favoravel á causa*; *appresentar em hum* dia *favoravel os feitos que devem ser discutidos* &c. São gallicismos, em lugar dos quaes devemos dizer: Expôr os factos *pela face* mais favoravel: appresentar as auctoridades *na melhor luz*, ou *á melhor luz* &c.

DIFFERENÇA: Com a significação de *desavença* entre duas ou mais pessoas, e *differente* por *desavindo*, diz *Bluteau* no *Supp.*, que são tomados do Francez; e como sómente cita a favor delles huma *Gazeta de Lisboa* de 1726, parece que os teve por modernos. Mas o primeiro he frequentissimo em *Barros* v. gr. na Dec. 2. L. 1. C. 2.: *Temendo esta visitação por parte de ElRei de Melinde, polas* differenças, *que entre elles havia.* Dec. 3. L. 1. C. 10: *As quaes* differenças, *não somente lhe custaram honra, fazenda, e muito trabalho* &c.; e na mesma Dec. L. 1. C. 6.: *Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios*, differenças de alguns mal avindos, *e outros desastres* &c.

DI-

DILIGENCIA: Com o nome *diligence* nomeão os Francezes certas *carruagens em que se viaja com muita brevidade.* He adoptado entre nós, e auctorizado pelos Papeis do Governo.

DISPONIVEL: Parece-nos que a significação do Francez *disponible* nem sempre se póde traspassar ao Portuguez com toda a sua propriedade sem circumloquio: nestes casos usaremos de *disponivel*, assim como *Vieira* já usou analogamente de *supponivel.* Em outros casos poderemos supprir este adjectivo por *prompto*, *prestes*, *cousa que está a ponto*, &c.

DOMESTICO: (*domestique*) Tomado como substantivo na significação restricta de *criado*, *servidor*, *moço*, parece não ser auctorisado pelo uso da nossa lingua, nem termos delle necessidade. Não he porém erro usalo com a significação mais generica, para significar *collectivamente* todas as pessoas, que compõe a familia, como *filhos*, *moços*, *criados*, *acostados*, *apaniguados* &c.

E.

ECLUSA: Por *dique*, ou *reparo*, he vocabulo Francez, que hoje está em uso, e que já *Bluteau* metteo no *Suppl. ao Vocab.* Acha-se repetido no *Regulam.* publicado com o Alv. de 20 de Fevereiro de 1795 Art. 31 e seg.

EDIFICANTE: (*édifiant*) He termo modernamente trazido do Francez para significar o mesmo que *edificativo*, *exemplar.* Tem boa derivação, e já vem nas *Prov.* da *Deducç. Chronol.* fol. 298.

EFFEITOS: (*effets*) Com a significação de *moveis*, *mercadorias*, *generos*, *fazendas* &c. he tomado do Francez, mas está mui adoptado na linguagem mercantil, e já foi usado por *Vieira* na *Cart.* 15 do Tom. 1., aonde diz: *Os empenhos das guerras presentes, a que os* effeitos *da Fazenda Real estão divertidos* &c. Tambem se acha na Proposição do Bisp. Capellão-mór ás Cortes de 1653, aonde fallando dos dois milhões e meio offerecidos para a guerra diz: *Consignastes*

estes na decima parte do rendimento que tivesseis, *e em outros* effeitos *differentes*. Invest. Portug. em Inglat. N. 12.

EFFERVESCENCIA: A respeito deste vocabulo tomado no sentido *moral figur.* diz *Francisco Dias Gomes Obr. Poet.* Not. 16 á Eleg. 10.: *Nunca vi exemplo deste vocabulo nos nossos classicos*; *mas sendo muito usado pelos Autores Francezes*, *cuja lingua he assaz conhecida na nossa terra*, *não deve causar estranheza fazer-se delle uso*: *alem de que esta palavra he de significado facil*, *e he sonora*; *e posto que não exista na lingua Latina*, *existem as suas origens*, *cujos significados são notorios*, *ainda aos que a não sabem.* No sentido proprio e fisico já o traz *Madureira*, e he adoptado na linguagem chymica.

EFFUSÃO: (*effusion*) Temos este vocabulo na significação formal por *derramamento.* Pelo que julgamos que sem inconveniente se póde adoptar no sentido figurado para significar a *effusão do coração*, a *effusão da ternura* &c.

EGOISMO: (*egoime*) Esta palavra, que hoje se acha adoptada pelo uso geral, parece accommodada, e até necessaria, para com ella exprimirmos aquella especie de *amor proprio vicioso*, com que o homem, attendendo sómente a si, dá huma absoluta, injusta, e mal entendida preferencia aos seus interesses, postergado o bem geral da Sociedade, e os interesses legitimos dos seus concidadãos, ou ainda de todos os outros homens. He verdade, que a expressão *amor proprio* se toma muito frequentemente pelo *amor excessivo e vicioso de nós mesmos*: mas nem esta he a natural significação dos termos, nem ainda nos parece, que esse *amor proprio excessivo* exprima tanto como o vocabulo *egoismo*, o qual se entende de hum *amor proprio* em tal maneira *vicioso*, *desordenado*, *e exclusivo*, que rompe todos os vinculos sociaes, e faz do *egoista* hum verdadeiro monstro tão abominavel, como perigoso.

ELANÇAR-SE: (*s'elancer*) He palavra puramente Franceza, e trazida sem razão para a nossa lingua. Temos em lugar della *arremeçar-se*, *abalançar-se*, *arrojar-se*, talvez *arre-*

remetter &c. Nesta frase v. gr. que achamos impressa: *Templos*, *cujas torres sobem*, *e se* elanção *para Deos*: devemos dizer em bom Portuguez: *Cujas torres sobem ás nuvens*, ou *tocão o Ceo*, ou *vão ás nuvens*, *e tocão o Ceo* &c.

ELECTRIZAR: E os seus derivados são modernos, mas indispensaveis na linguagem scientifica, e adoptados pelo uso geral dos doutos.

ELÉVE: (*élève*) Por *discipulo*, *alumno*, *escolar* he puro gallicismo, que erradamente tem alguns querido introduzir na nossa lingua.

EM: *No*: *Na*: (*en*) He notavel o abuso que se faz destas particulas, passando ao Portuguez muitas frases Francezas, em que ellas entrão, e empregando-as sem discrição contra o uso do idioma. Daremos alguns exemplos dos muitos que temos notado, para servirem de aviso aos menos doutos, ou menos advertidos.

Fallar em *Filosofo*, em *Historiador*, i. e. *como* Filosofo, *como* Historiador.

Ser mandado em *parlamentario*, i. e. ser mandado *como* parlamentar, ou ser mandado parlamentar &c.

Em *homem religioso*, *e mesmo* em *homem de letras estou persuadido* &c. i. e. *como* homem religioso, e ainda *como* homem de letras &c.

O texto, *e objecto* em *questão*, i. e. *de que se trata*, *sobre que versa a questão* &c. — Esta frase «*o objecto em questão*, *o negocio em questão*» &c. he mais concisa, e a ellypse facil de entender-se, e por isso a não reprovamos.

Pôr em *facto*, i. e. *como* facto, *suppôr*, *suppôr como certo*, *dar por certo* &c.

Eis-aqui pois, *disse eu* em *mim mesmo* &c. i. e. *disse eu comigo mesmo*.

Ser mandado em qualidade *de embaixador*; *obrar* em qualidade *de Pai* &c. Estas frases, que não temos achado nos Classicos Portuguezes, são hoje mui usadas, e tem a seu favor algumas auctoridades modernas, taes como a do

P. *Pereira* na *Pref. ao Livr. do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, fallando do *divino Legislador dos Hebreos* « *Em qualidade de Deos*, *em qualidade de Rei*, *em qualidade de Principe* » &c.; e a do *Feliz Independ.* L. 18 « *hum varão maduro e politico*, *que possa* em qualidade de Pai, *e Supremo Conselheiro assistir a seu lado* » &c A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. Nov. da Universid.*, por ex. no L. 3. P. 2. T. 2. C. I. n. 9. « *Os ouvintes obrigados a alguma parte do Curso Mathematico*, *poderão ouvir o resto* em qualidade *de voluntarios* » e logo no C IV. n. 1. « *nenhum Estudante poderá ser admittido á matricula de Mathematica* em qualidade *de ordinario* » &c. Sem embargo porém destas auctoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa, e mais analoga ao uso Latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, i. e. *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O *artigo* não só he escusado, mas altera, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por ex. neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos Hebreos aquillo mesmo*, *que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz* &c.

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, i. e. *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidamos que possão adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem falla ou escreve Se por ex. em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito*, *este crime parece o ioso* nos *actuaes costumes*, ficará o Leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes*, *e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão. &c. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que no *espirito da Legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, i. e. *segundo o espirito.*

He

He neste *projecto que elle nos prohibe*, i. e. *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe &c.

Na *mesma intenção obrigavão as Leis* &c. i. e. *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as Leis*, *quando obrigavão* &c.

Ultimamente para que o Leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, darlhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias que a cada passo encontramos nos Classicos Portuguezes, e que se devem estudar, e entender com a limitação, que já apontámos fallando da particula *DE*.

Todas as cousas de novo, *e* na primeira *vista contentão mais*. Lob. Cort. na Ald. Dial. 14.

Os idolos são as cousas, *a que* em despeito *de Deos nos afeiçoamos*. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz. C. 1.

Depois que sabimos em terra. Ib. C. 16.

Passou em *Africa*: em *Asia*: em *França* &c. *Lucen. Barros*, e os mais a cada passo.

O qual aportou na Cidade. — *Sabir* na Cidade. Barr. Dec. 1. L. 1. C. 9., e L. 8. C. 9. &c.

Enchia todolos lugares . . . . . *que estavão* em vista *da ribeira*. Barr. D. 2. L. 6. C. 2.

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa*. Chr. dos Menor. C. 2. do L. 1.

A passada de ElRei D. Sebastião em Africa. *Miscellan.* de Leitão pag. 188.

Mancebo bem posto, *com as abas* na cinta *á guiza de caminhante*. Arraez Dial. 10. C. 36.

Quem duvida nisso? Heit. Pint. Dial. da Lembrança da morte C. 5., e em outros lugares.

E porque o dito Rei o não quiz fazer, *nem conceder* nisso. Duart Nun. Chr. de D. Affonso V. C. 51.

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles*. Barr. Dec. 3. L. 7. C. 10.

Homem usado na guerra. Ib. L. 8. C. 9.

Se

P. *Pereira* na *Pref. ao Livr. do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, fallando do *divino Legislador dos Hebreos* « *Em qualidade de Deos, em qualidade de Rei, em qualidade de Principe* » &c.; e a do *Feliz Independ.* L. 18 « *hum varão maduro e politico, que possa* em qualidade de Pai, *e Supremo Conselheiro assistir a seu lado* » &c A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. Nov. da Universid.*, por ex. no L. 3. P. 2. T. 2. C. I. n. 9. « *Os ouvintes obrigados a alguma parte do Curso Mathematico, poderáõ ouvir o resto* em qualidade *de voluntarios* » e logo no C IV. n. 1. « *nenhum Estudante poderá ser admittido á matricula de Mathematica* em qualidade *de ordinario* » &c. Sem embargo porém destas auctoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa, e mais analoga ao uso Latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, i. e. *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O *artigo* não só he escusado, mas altera, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por ex. neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos Hebreos aquillo mesmo, que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz* &c.

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, i. e. *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidamos que possão adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem falla ou escreve Se por ex. em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito, este crime parece odioso* nos *actuaes costumes*, ficará o Leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes, e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão. &c. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que no *espirito da Legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, i. e. *segundo o espirito*

He

He neste *projecto que elle nos prohibe*, i. e. *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe &c.

Na *mesma intenção obrigavão as Leis* &c. i. e. *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as Leis, quando obrigavão* &c.

Ultimamente para que o Leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, dar-lhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias que a cada passo encontramos nos Classicos Portuguezes, e que se devem estudar, e entender com a limitação, que já apontámos fallando da particula *DE*.

Todas as cousas de novo, e na primeira *vista contentão mais*. Lob. Cort. na Ald. Dial. 14.

Os idolos são as cousas, a que em despeito *de Deos nos afeiçoamos*. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz. C. 1.

Depois que sahimos em terra. Ib. C. 16.

Passou em *Africa*: em *Asia*: em *França* &c. *Lucen. Barros*, e os mais a cada passo.

O qual aportou na Cidade. — *Sahir* na Cidade. Barr. Dec. 1. L. 1. C. 9., e L. 8. C. 9. &c.

Enchia todolos lugares ..... *que estavão* em vista *da ribeira*. Barr. D. 2. L. 6. C. 2.

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa*. Chr. dos Menor. C. 2. do L. 1.

A passada de ElRei D. Sebastião em Africa. *Miscellan*. de Leitão pag. 188.

Mancebo bem posto, com as abas na cinta *á guiza de caminhante*. Arraez Dial. 10. C. 36.

Quem duvida nisso? Heit. Pint. Dial. da Lembrança da morte C. 5., e em outros lugares.

E porque o dito Rei o não quiz fazer, nem conceder nisso. Duart Nun. Chr. de D. Affonso V. C. 51.

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles*. Barr. Dec. 3. L. 7. C. 10.

Homem usado na guerra. Ib. L. 8. C. 9.

Se

P. *Pereira* na *Pref. ao Livr. do Exodo*, aonde diz, mais de huma vez, fallando do *divino Legislador dos Hebreos* « *Em qualidade de Deos*, *em qualidade de Rei*, *em qualidade de Principe* » &c.; e a do *Feliz Independ.* L. 18 « *hum varão maduro e politico*, *que possa* em qualidade de Pai, *e Supremo Conselheiro assistir a seu lado* » &c A mesma expressão se acha tambem algumas vezes nos *Estat. Nov. da Universid.*, por ex. no L. 3. P. 2. T. 2. C. I. n. 9. « *Os ouvintes obrigados a alguma parte do Curso Mathematico*, *poderáõ ouvir o resto* em qualidade *de voluntarios* » e logo no C IV. n. 1. « *nenhum Estudante poderá ser admittido á matricula de Mathematica* em qualidade *de ordinario* » &c. Sem embargo porém destas auctoridades, e uso, julgamos que a mesma expressão se póde supprir bem no nosso idioma pela particula *como*, ficando a frase mais concisa, e mais analoga ao uso Latino.

Obrar na qualidade *de chefe de familia*, i. e. *como cabeça de familia*. Esta frase parece-nos mais reprehensivel que a antecedente. O *artigo* não só he escusado, mas altera, e talvez faz ambiguo o sentido do discurso, como se vê por ex. neste periodo: *Deos permitte e tolera* na qualidade *de Principe e de Rei dos Hebreos aquillo mesmo*, *que elle condemna* na qualidade *de Deos e de Juiz* &c.

Este direito parece odioso nos *actuaes costumes*, i. e. *segundo os actuaes costumes*. Esta e outras semelhantes expressões não duvidamos que possão adoptar-se em alguns casos; mas devem usar-se com discrição, e de maneira que não fação ambiguo o sentido de quem falla ou escreve Se por ex. em lugar de *direito* substituirmos outro vocabulo, e dissermos *este defeito*, *este crime parece o ioso* nos *actuaes costumes*, ficará o Leitor ignorando se *este crime existe nos actuaes costumes*, *e parece odioso*, ou se *existe* em geral, e *parece odioso*, porque os actuaes costumes o repugnão. &c. O mesmo se deve advertir respectivamente ácerca das expressões seguintes:

Parece que no *espirito da Legislação de Moisés não devião as artes ser exercitadas*, i. e. *segundo o espirito*.

He

He neste *projecto que elle nos probibe*, i. e. *com este projecto*, ou *intuito* he que elle nos prohibe &c.

Na *mesma intenção obrigavão as Leis* &c. i. e. *com a mesma intenção*, ou *a mesma intenção tinhão as Leis*, *quando obrigavão* &c.

Ultimamente para que o Leitor possa fazer mais seguramente o seu juizo, e avaliar o merecimento das differentes frases, em que se empregão estas particulas, darlhe-hemos aqui algumas das muitas e mui varias que a cada passo encontramos nos Classicos Portuguezes, e que se devem estudar, e entender com a limitação, que já apontámos fallando da particula *DE.*

Todas as cousas de novo, *e* na primeira *vista contentão mais.* Lob. Cort. na Ald. Dial. 14.

Os idolos são as cousas, *a que* em despeito *de Deos nos afeiçoamos.* Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz. C. 1.

Depois que sahimos em terra. Ib. C. 16.

Passou em *Africa*: em *Asia*: em *França* &c. *Lucen. Barros*, e os mais a cada passo.

O qual aportou na Cidade. — *Sahir* na Cidade. Barr. Dec. 1. L. 1. C. 9., e L. 8. C. 9. &c.

Enchia todolos lugares ..... *que estavão* em vista *da ribeira.* Barr. D. 2. L. 6. C. 2.

Eu que vim em o mundo, *vestido* em sua *pompa.* Chr. dos Menor. C. 2. do L. 1.

A passada de ElRei D. Sebastião em Africa. *Miscellan.* de Leitão pag. 188.

Mancebo bem posto, *com as abas* na cinta *á guiza de caminhante.* Arraez Dial. 10. C. 36.

Quem duvida nisso? Heit. Pint. Dial. da Lembrança da morte C. 5., e em outros lugares.

E porque o dito Rei o não quiz fazer, *nem conceder* nisso. Duart Nun. Chr. de D. Affonso V. C. 51.

Os mais dos nossos erão em parecer *que não convinha pelejar com elles.* Barr. Dec. 3. L. 7. C. 10.

Homem usado na guerra. Ib. L. 8. C. 9.

Se

activa do verbo *esquecer* he reprovada como gallicismo por hum Critico moderno, o qual suppõe que em bom Portuguez sómente se póde dizer *esqueci-me da lição*, ou *esqueceo-me a lição*, e não *esqueci a lição.* Mas o uso constante e frequentissimo dos Classicos mostra o contrario. *Ferreir. Castro* Act. IV.

Aquelles matas tu somente, ó morte,
Cujo nome se esquece . . . . .

Camões 1. P. das Rim. Sonet. 22.

Antes os esqueçaes, *que* vos esqueção.

E na Eglog. 3.

Que já de mim me esqueço *co' a lembrança*
Desta mudança, que esquecer não sei.

Fern. d'Alv. Lusit. Transf. L. 2. p. 89. Ediç. de 1607.

Os animaes nos montes,
Os passaros nos ramos, que florecem,
Os peixinhos nas fontes
Já pelo sono esquecem
O pasto, *e repousados adormecem.*

Gabr. Per. Ulyss. C. 3. E. 99.

Que ainda ha de esquecer *por Lusitania*
Os abrazados muros *de Dardania.*

Arraez Dial. 1. C. 14.

Outros lugares curiosos de Galeno, minha fraca memoria os tem esquecido.

Vid. do Arceb. L. 6. C. 1.

A gente de Vianna não podia esquecer as obrigações *em que estava ao Santo.*

Lobo Cort. na Ald. pag. 101 Ediç. de 1649.

Não tendes razão, quando vitupereis o seu Officio, esquecer a grandeza *das partes delle* . . . . &c. &c.

Por occasião deste artigo, não será inutil advertir aos nossos Leitores; que muitos verbos ha na lingua Portugueza, que sendo quasi sempre neutros, apparecem todavia com significação activa, e até reciproca, ou reflexa, nos bons Escritores Nacionaes: e ao contrario verbos, que sendo acti-

vos

vos, se encontrão tambem com significação neutra, e intransitiva. De huma e outra classe apontaremos aqui alguns exemplos.

Conversar. Diz-se *conversar com alguem*; e *conversar alguem.*

Entrar em algum lugar. — *Entrar huma Cidade.* — *A peste os tinha entrado.* — Os Portuguezes *lhe entrárão o navio* &c.

Acabar, i. e. *fazer fim.* — *Acabar alguma cousa*, i. e. *concluila*, *pôr-lhe termo* ou *remate.* — *Acabar alguma cousa com alguem*, i. e. fazer que *venha nisso*, que *a conceda* &c.

Forrar despezas. — *Forrar-se alguem de palavras.* — *Acertar o alvo.* — *Acertar o encontro.* — *Acertar no alvo.* — *Acertar com a verdade.* — *Acertar com a morada de alguem.* — *Acertar de se encontrar com alguem.* — *Acertar-se de pelejar* duas vezes no dia, i. e. *acontecer assim* &c.

Haver. Ha hum homem virtuoso. — *Ha dias* que succedeo o caso. — *Ha que merece tudo*, i. e. *julga*, *tem para si.* — *Houverão grande victoria* dos inimigos, i. e. *alcançárão-na.* — *Houve-se bem* na negocio, i. e. *portou-se.* — *Ha de havelo comigo.* — *Havia-o com homem executivo* &c.

Repugnar a alguma cousa. — *Repugnar o officio.*

Assistir a huma função publica — *Assistir o Estado*, i e. *auxilialo*, *patrocinalo.*

Desobedecer a Deos — e — *desobedecelo.*

Desmaiar, i. e. *desalentar.* — *Perder o animo.* — A Carta de V. S. *me desmaïou*, i. e. *me fez perder o animo.*

Duvidar. Os homens confessão o poder de Deos, e *duvidão-lhe da vontade . . . e* não falta *quem até o poder lhe duvidé. Vieir.*

Resistir a alguem — ou — *Resistilo* &c. &c. &c.

ESTAR AO FACTO: *Pôr-se ao facto*: (*être au fait*, ou *se mettre au fait*) São puros gallicismos, e querem dizer *estar no caso*, *estar sciente*, *entender*, *inteirar-se*, *informar-se*, *instruir-se* &c.

ESTAR SOBRE AS SUAS GUARDAS, ou *Andar sobre* &c.

Fra-

Frase Franceza contraria ao uso do nosso idioma. Quer dizer: *estar*, ou *andar de sobre aviso*; *com o olho sobre o hombro*; *á lerta*; *andar sobre si*; *attentar por si*; *olhar por si*, &c. &c.

ESTUDADO: Por *affectado*, *contrafeito*, v. gr. *modos estudados*, *aceio estudado*, *estilo estudado*, parece-nos trazido do Francez para a nossa lingua Comtudo a metafora he boa, e expressiva, e o termo tomado na sua significação natural he mui Portuguez e Classico. Temos de auctoridade mui respeitavel, que o adject. *estudado* se acha com a significação de *affectado* na *Doutrina ao Infante D. Luiz* por *Lourenço de Caceres*, aonde se lê neste sentido, *estudada diligencia*, e que da mesma sorte se encontra em varios Classicos. Nós não temos lição alguma daquella Obra: e nos mais Classicos sómente temos achado *estudado* por cousa *dita*, ou *feita com estudo*, *reflexão*, *com cuidado*, e tambem *discurso estudado*, i. e. *ornado* &c.

ETIQUETA: (*étiquete*) He vocabulo adoptado pelo uso geral. Vej. *Blut.* no *Vocab.*, *Moraes* &c.

EVAPORADO: Tomado figuradamente para significar *homem evaporado*, *mancebo evaporado*, i. e. *homem leve*, *leviano*, *vão*; mancebo *inconsiderado*, *desattentado*, *de juizo leve*, *e voluvel*, talvez *inconstante* &c. parece gallicismo escusado na nossa linguagem.

EXACTIDÃO: (do Francez *exactitude*) D'antes diziamos *exacção*, que he mais classico, e mais conforme com a analogia. Comtudo *exactidão* parece não desmerecer a preferencia, que hoje tem alcançado no uso vulgar, se quizermos evitar o encontro das differentes idéas, que offerece o vocabulo, *exacção*, com o qual exprimimos a *cobrança*, ou *arrecadação de tributos*, e talvez o rigor das *cobranças fiscaes*, assim como aos encarregados destas chamamos exactores.

EXECUÇÃO: He usual entre os Francezes dizerem v. gr. *ces ouvrages etoient d'or*, *et il y avois des pièces d'une* execution

tion *et d'un travail fort recherché*, aonde a palavra *execution* se não póde traduzir ao pé da letra, sem gallicismo. Em Portuguez corrente dizemos peças *de hum lavor primoroso, delicado, exquisito; de rico e primoroso artificio*; peças *excellentemente obradas; mui bem obradas; trabalhadas com admiravel artificio; fabricadas com grande e primorosa arte; peças de raro lavor; de polido lavor; de obra rara e exquisita* &c. No *Affons. Afric.* de *Mousinho* C. 12. p. 194 achamos exprimida assim a mesma idéa.

Vio pendurada huma lustrosa espada
Feitura, e obra de mão perfeita, e prima,
Segundo he rara aos olhos, e acabada.

E na *Malac. Conquist.* C. 10. E. 142.

Em fim nesse que vês fatal escudo,
Obra de extrema mão, *sabio Vulcano*,
Está pronosticando o lavor mudo &c.

Em estoutras frases Francezas v. gr. *homme de conseil et d'execution; homme de peu d'execution* &c., deve entender-se *homem de conselho e efficacia; de conselho e valor; homem pouco efficaz; pouco activo* &c.

EXIGIR: (*exiger*) Por *demandar, pedir como divida, pedir com auctoridade* &c.; diz *Moraes* no *Diccion.* que he termo moderno adoptado. Tem origem Latina no verbo *exigere.*

EXPORTAR: *Exportação* &c.: São vocabulos adoptados na linguagem mercantil; tem boa origem, e são expressivos.

EXTRACÇÃO: (*extraction*) Os que fallão á Franceza, dizem hoje mui frequentemente *homem de baixa extracção*, por homem *de baixa origem, de humilde nascimento* &c. He puro gallicismo, que se não deve tolerar. Os nossos Classicos disserão sempre homem *de baixo sangue, de baixa sorte, de humilde, de obscuro nascimento, de baixa condição, de humilde geração, de escura linhagem* &c.; e pelo contrario *homem bem nascido, de nobre sangue, de claro sangue, de clara estirpe, de boa linhagem, de bom nascimento, de muito sangue e qualidade* &c.

EX-

EXTRAVIAR : *Extraviado* : *Extravio* : (*extravier* &c.) São vocabulos modernamente tomados do Francez, mas tem boa origem, e analogia, e em alguns casos parecem necessarios.

F.

FACCIONARIO : *Faccioso* : (*factionaire* : *factieux*) Achamos muitas vezes em *Jacintho Freir. Vid. de João de Castr.* a palavra *facção* no sentido de *empreza militar*, *feito de armas notavel*; e huma unica vez a palavra *faccionario*, significando o mesmo que *parcial*, que he *de hum partido*, *de huma parcialidade*, *bandeado por alguem*, no Liv. 2, §. 19, aonde diz: « *Assi ficarão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos metter-se dentro da nossa Fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India . . . . e que ElRei de Tidore* seu faccionario *ficaria em nossa graça.* » Neste mesmo sentido traz *Moraes* a palavra *faccionario* auctorizada com o *Tacito Portuguez*. Porém não temos até agora achado em Classico algum o adjectivo *faccionario*, nem o outro *faccioso*, no sentido que hoje commummente se lhes dá de *turbulento*, *sedicioso*, *dado a facções civis*, ou a *parcialidades que perturbão o Estado* : e com esta significação os julgamos modernamente derivados do Francez, ou Inglez. Com tudo são de boa origem, e bem derivados, e, ao nosso parecer, adoptaveis.

FANATISMO : *Fanatico* : Parecem tomados immediatamente do Francez, mas tem origem Grega : são adoptados nas linguas sábias, e são expressivos, e necessarios.

FARPANTE : ou *Frapante* : (*frappant*) He gallicismo intoleravel, e todavia mui usado nas Traducções modernas, e na pratica familiar. *Hum facto*, *huma acção farpante*, quer dizer em bom Portuguez *hum facto*, *huma acção notavel*, *admiravel*, *insigne*, *illustre*, *conspicua*, *abalizada*, *estremada* &c. O adject. verbal *farpante* derivado não do Francez *frapper*, mas do Portuguez *farpar*, sómente o temos achado na *Art. de furtar*, Cap. 17, aonde tem mui diversa significação do Francez *frappant*.

FA-

FATIGANTE: (*fatigant*) He muito menos reprehensivel, que *farpante*, por haver em Portuguez o verbo *fatigar*, donde naturalmente se póde derivar *fatigante*. Comtudo os nossos bons Auctores nunca usárão deste adject. verbal, em lugar do qual dizem *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, ás vezes *importuno*, *fastidioso* &c. He tambem frequente entre elles significarem o mesmo conceito pelo adjectivo *cansado*, dizendo por ex. *cuidados cansados*, *lagrimas cansadas*, *jornada cansada*, em lugar de *cuidados fatigantes* &c., seguindo nisto a analogia, e uso elegante da nossa lingua, que frequentemente diz *enfermidades perseveradas*, *queixas sentidas*, *prantos magoados*, *entrada triunfada*, *homem lido*, *requerimentos longos*, *e trabalhados*. &c. &c.

FAZER: Tem este verbo huma significação mui ampla, e generica, que se determina e limita pelos nomes, que se lhe ajuntão: e d'aqui vem as muitas e diversas applicações que tem na nossa lingua, as quaes sómente pela lição dos Auctores Classicos, podem ser bem conhecidas. Entre as que não são muito vulgares, temos notado as seguintes:

Fazer amizades, i. e. *adquirilas*, *grangeálas*. *Feo Trat. das Fest.*, *e Vid. dos Sant.* 2. P. pag. 254.

Fazer amizades a alguem, i. e. *mercês*, *e favores*. *Arraez. Dial.* 4. C. 29.

Fazer abalo v. gr. hum edificio, i. e. ameaçar *ruina*, *estar para cahir*. *Heit. Pint. Dial. da Vid. Solit.* C. 3.

Fazer ausencia de algum lugar, i. e. *ausentar-se delle*. *Malac. Conq.* L. 3. Est. 85.

Fazer caminho, i. e. *andar*. *Bern. Prat. e Serm.* pag. 395.

Fazer o caminho, i. e. *concluilo*, *acabar a jornada*. *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 10.

Fazer o caminho por alguma parte, i. e. *dirigilo por ahi*, *passar por esse sitio*. *Vid. de Suso* C. 38.

Fazer hum caminho a alguma part., i. e. *hir a essa parte*, *a esse sitio*. Cort. na Ald. Dial. 16.

Fazer a causa de alguem, i. e. *advogala. Vid. do Arceb.* 1. 19.

Fazer cobardia, i. e. *obrar cobardemente. Arraez*, Dial. 10. C. 72.

Fazer desprezos a alguem, i. e. *vilipendialo, menoscabar essa pessoa. Vieir.* Cart. 84 do Tom. 1.

Fazer erros, i. e. *commettelos, cahir nelles. Arraez* 1. 13. *Vid. de Castro* L. 2. §. 5.

Fazer emenda, i. e. *resarcir o damno. Barros....*

Fazer espectaculo de alguma cousa a alguem, i. e. *darlhe esse espectaculo. Arraez* 6. 14.

Fazer invejas a alguem com alguma cousa, i. e. *excitar-lhas, causar-lhas. Vieir.* Cart. 11. do Tom. 3. *Cart. de Guia* pag. 111.

Fazer informações de alguem, ou *de alguma cousa*, i. e. *tomalas, informar-se* dessa cousa, ou pessoa. *Vid. do Arceb.* 1. 11.

Fazer justiça, i e. *administrala. Vid. de Castr.* L. 2. §. 5.

Fazer razão e justiça a todos igualmente, i. e. *governar bem.* Optima divisa de hum bom Principe! *Trancozo.*

Fazer lembrança de alguma cousa, i. e. *assentala em memoria. Vid. do Arceb.* 4. 21.

Fazer lembranças a alguem de alguma cousa, i. e. *excitar-lhas, recommendar-lhe* essa pessoa ou cousa. *Vid. do Arceb.* 1. 3., e 2. 23. *Vid. de Castr.* L. 4. §. 56.

Fazer jogo de alguma cousa, i. e. *fazer dessa cousa motivo de brinco, de zombaria. Vieir.* Cart. 78. do Tom. 3.

Fazer mantimentos, i. e. *preparalos, télos promptos. Vieir.* Cart. 11. do Tom. 1.

Fazer noite em alguma parte, i. e. *pernoitar ahi. Vid. do Arceb.* 2. 3.

Fazer obediencia a alguem, i. e. *render-lha, significar-lha. Barros.* Dec. 3. L. 6. C. 1.

Fazer as partes de alguem, i. e. *advogar por elle. Vieir. Serm.* Tom. 15. p. 211.

Fa-

Fazer satisfação por alguma cousa, i. e. *pagar a pena*, que por ella se devia. *Arraez* 8. 21.

Fazer saudades por alguem, i. e. *mostrálas*. *Vid. do Arceb.* 2. 1.

Fazer obra, ou *começar a fazer obra*, i. e. começar a *trabalhar*. *Vid. do Arceb.* 2. 9.

Fazer sentimento por alguem, i. e. *mostralo*. *Cort. Real.* 2. *Cerc. de Diu.*

Fazer serviço de alguma cousa a alguem, i. e. *offerecela de presente*. Arraez 4. 14.

Fazer significação de alguma cousa, i. e. *dar mostras della*. Arraez 1. 16.

Fazer provas de alguma virtude ou vicio, i. e. *mostrar que tem essa virtude ou vicio*, *dar provas disso*. Uliss. C. 8. E. 111.

Fazer rosto ao inimigo, i. e. *resistilo*. *Vid. de Castr.* L. 4. §. 18.

Fazer toque de alguem, i. e. *avaliar os quilates do seu merecimento*. Optima expressão de *Fr. Heit. Pint. no Dial. da Relig.* C. 5., aonde diz: *Se os Principes* fizessem toque *dos homem*, *e quantos quilates cada hum tivesse de merecimentos*, *tantos lhe dessem de galardão* . . . &c.

Fazer vingança, i. e. *tomala*. *Ferreir.* Egl. 10.

Fazer vituperios, *e torpezas contra alguem*, ou *contra alguma cousa*, i. e. *vituperala*, *tratala com vituperio*. Arraez 3. 3.

Usão tambem os nossos Classicos do verbo *fazer* em hum sentido absoluto, e não pouco elegante, e expressivo, que talvez pareceria gallicismo aos menos advertidos. V. gr. *Barros* Dec. 3. L. 5. C. 9. *aos quaes elle respondia*, *que* o deixassem fazer, *que elle o entendia mui bem*. *Vieir.* Cart. 13. do Tom. 3. *Torno a pedir a V. Exc. que* deixemos fazer a Deos; *por que importa muito para a satisfação do animo conhecer a sua vontade pelas suas disposições* &c. O mesmo podemos dizer do uso duplicado do verbo *fazer* nesta frase de *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verdad. Amiz.* C. 19.:

fogos, *que* fez fazer *na Cidade* &c. Não obstante porém ser o uso deste verbo tão vario, que se não póde sem grande circunspecção ajuizar da pureza das frases, ou expressões, em que elle entra, temos comtudo por gallicismos algumas dellas, que com muita frequencia se encontrão nos nossos Livros modernos, das quaes apontaremos para exemplo as que nos forem lembrando.

Fazer o importante, i. e. *fazer-se homem de importancia*, *de conta*, *de supposição*; *affectar de homem de porte*, *de valia*; *vender-se por homem de grande tomo* &c.

Fazer o impertinente. *Obrar*, *portar-se como tal*, *ser importuno* &c.

Este palacio fazia as minhas delicias, i. e. era *as minhas delicias*, *nelle punha todo o meu prazer*, *nelle me deliciava*.

Fazeis-me hum crime da minha prudencia, i. e. *attribuis a crime*, ou *culpais de criminosa*, ou *criminais a minha prudencia* &c.

Mancebos libertinos, *que se fazem huma honra de infringir as Leis*, i. e. que *se honrão de transgredilas*, que *se prezão disso*, que põem nisso *a sua honra* &c.

A Religião nos faz hum dever de amar a patria, i. e. *nos impõe o dever* — *nos obriga* — &c.

Os vicios são os que fazem a Lei neste seculo desgraçado, i. e. os *que dão a Lei*, os que *regem este seculo* &c.

Em verdade elle se tinha feito huma Lei de preferir &c., i. e. *se havia imposto a Lei* &c.

Tu te fazias hum dever, *hum prazer de obedecer a todos os teus caprichos*, i. e. tu *te impunhas o dever*, *te comprazias*, *punhas o teu prazer em obedecer* &c. *o teu prazer era obedecer* &c.

O toucador não fará a vossa principal obrigação, i. e. *não será . . . não fareis consistir nisso a vossa . . . . não o olhareis como vossa principal obrigação* &c.

Esta verdade faz a base do meu systema, i. e. *he a base*, *o fundamento*, ou *sobre esta verdade assenta o meu systema* &c.

Es-

Esta acção faz a vossa gloria, i. e. *vos dá grande gloria*, *vos he gloriosa*, *della depende a vossa gloria*, *nella consiste a vossa gloria.*

Isto fará o assumpto, *o objecto do meu discurso*, i. e. *este será o assumpto* &c.

Fazemo-nos hum dever de publicar, i. e. *julgamos do nosso dever*, *havemo-nos por obrigados* &c.

Fazer o personagem de hum pai &c., i. e. *fazer o papel de . . . representar de . . .* ou *como pai* &c. &c.

FAVORITO: (*favori*) Este vocabulo he hoje mui mimoso dos que se tem por polidos, e discretos, e visto que tem por si a auctoridade de *Jorge Ferreir.* na *Com. Ulisip.* (*Moraes* no *Diccion.*), não o notaremos de gallicismo innovado: mas não he bem que nos esqueçamos absolutamente dos nossos bons vocabulos *privado*, *valido*, *favorecido*, *mimoso*, *aceito* &c.

FELICITAR: *Felicitação*: O verbo *felicitar* com a significação de *dar parabens*, diz *Blut.* que he tomado do Francez *feliciter*, e que *começava de ser usado no seu tempo em Portugal*, e cita em abono delle huma *Gazeta de Lisboa* de 1722. O substant. *felicitações* começou a introduzir-se depois, em lugar de *parabens*, *emboras*, *congratulações* &c. Este segundo não o julgamos necessario, nem melhor que as palavras Portuguezas correspondentes, ainda que tenha derivação regular.

FEREZA: Por *ferocidade*, *crueza*, he muito usado dos nossos Classicos; mas por *altiveza*, e *orgulho* duvidamos que tenha igual auctoridade.

FILANTROPO: *Filantropia*: *Filantropico*: ou *Philantropo* &c. São vocabulos de origem Grega, que provavelmente nos vierão pela lição dos livros Francezes, e tem seu lugar na linguagem dos doutos. Significão *filantropo*, o *amigo dos homens*, ou *do genero humano*; *filantropia*, o *amor do genero humano*, ou *a qualidade* que nos faz *amigos do genero humano*; e *filantropico*, o que pertence a esta qualidade, ou della resulta; v. gr. *affectos filantropicos*, *acções filantropicas* &c. &c.

FI-

FILHA: (*fille*) Em lugar de *moça*, *rapariga*, *donzella* &c. he erro de traducção; porque a palavra *filha* não tem em Portuguez significação tão extensa como em Francez.

FINANÇAS: Diz-se hoje mui vulgarmente por *Fazenda Real*, *Rendas publicas*, *Rendas do Estado*, *Erario*, *Thesouro do Principe*, *Fisco* &c., e *Sciencia das Finanças* por *Sciencia Fiscal*, i. e. a que estabelece e ensina os principios deste ramo do Governo do Estado. Vej. *Blut.* no *Supplem. ao Vocab.*, aonde sómente julga licito usar deste vocabulo, quando se falla da *Fazenda Real de França.* Nós não o temos por necessario.

FORMALIZAR-SE: (*se formaliser*) Por *offender-se*, *escandalizar-se*, *picar-se*, *mostrar-se picado* de algum dito, ou facto, parece gallicismo desnecessario. Comtudo não duvidamos que seja conveniente o seu uso, quando quizermos determinadamente expressar a *demonstração externa da pessoa offendida*, que por escandalizada e picada, deixa as *fórmas familiares*, com que nos tratava, para tomar outras mais sérias, sisudas, e graves. Da mesma sorte será expressivo, e conveniente este vocabulo, quando fallarmos do *homem publico*, que nos actos do seu officio *toma as fórmas*, e o ar serio da sua auctoridade, deixado o tom, e modos familiares, que em outras circunstancias lhe não são estranhados.

FORMATO: (*format*) Não sabemos a razão por que tão vulgarmente se tem adoptado este vocabulo para significar a *fórma*, ou a *grandeza do papel*, em que está escrita, ou impressa qualquer Obra. Em Portuguez legitimo dizemos livro manuscripto, ou impresso *em folha*, *em quarto*, *em fórma de quarto*, *de oitavo.* &c. *Vieir. Cart.* 64 do Tom. 1.: *nem se póde fazer o preço*, *sem se saber a qualidade da letra*, *e o numero dos volumes*, *e se hão de ter margem*, *ou não*, *e se hão de ser em quarto*, *ou* n'outra fórma.

FORMIGAR: He tomado do Francez *fourmiller*, e nos parece desnecessario, maiormente por causa da *homonymia*, visto que *formigar* tem sua significação propria em Portuguez. Esta frase por ex. *dormitações*, *que* formigão *em Ho-*

me-

mero, póde corrigir-se dizendo *que abundão*, ou *em que Homero abunda*, ou melhor, *descuidos frequentissimos em Homero* &c.

FRAPANTE: Vej. *Farpante.*

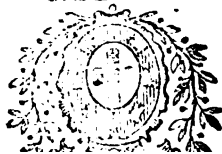
FRIVOLIDADE: (*frivolité*) Diz o mesmo que o termo plebeo *frioleira*, e em linguagem mais polida *futilidade*, *ninharia*, *ridicularia*, *cousa vã e frivola* &c. Alguns modernos dizem *frivoleza*, e por ventura com melhor derivação, e analogia: porque quando estes nomes abstractos não são derivados de outros Latinos, que tenhão o nominativo em *itas*, e o genitivo em *itatis*, como *castitas*, *humanitas* &c., parece que o Portuguez prefere terminalos antes em *eza*, do que em *ade*; e ainda muitos dos que tem aquella derivação Latina, tomão em Portuguez a terminação em *eza*.

Assim v. gr. derivamos

Do Latim	*austeritas*	*austeridade*, ou	*austereza.*
	simplicitas	*simplicidade*	*simpleza.*
	rusticitas	*rusticidade*	*rustiqueza.*
	raritas	*raridade*	*rareza.*
	nobilitas	*nobreza.*	
	firmitas	*firmeza.*	
	levitas	*leveza.* &c. &c.	

E nos abstractos, que não são trazidos do Latim, preferimos commummente a terminação em *eza*, dizendo v. gr.

De *curto*	*curteza.*	De	*rico*	*riqueza.*
altivo	*altiveza.*		*bruto*	*bruteza.*
barato	*barateza.*		*ligeiro*	*ligeireza.*
estranho	*estranheza.*		*escaço*	*escaceza.* &c.

FUGITIVO: Diz-se hoje á maneira dos Francezes *Poesias fugitivas*, *Obras fugitivas* &c. Na *Observação do Conde da Ericeira sobre o num. 64 da Biblioth. Souz.*, que vem na *Collecç. dos Docum. e Memor. da Acad. R. da Hist. Port.* do ann. de 1735 diz aquelle douto Fidalgo: *Com o titulo de Bibliotheca*

ca Volante procurou huma Collecção de Italia conservar as Obras miudas, *a que os Francezes chamão* fugitivas &c.

FUNCCIONARIO: He vocabulo modernamente tomado do Francez para significar em geral qualquer pessoa que tem *officio*, *emprego*, ou *ministerio publico*, a que os nossos chamão tambem em geral *Ministros*, *Officiaes da Republica* &c. Tem boa origem, e derivação, e não desdiz da analogia.

FUNDO: Em sentido figur. tomamos esta palavra pelo mais *difficil*, *obscuro*, ou *occulto* de alguma questão, ou negocio, e dizemos em bom Portuguez v. gr. *sondar* o fundo *da questão*, *achar* o fundo *a alguma materia*, *ver* o fundo *ds mentiras do mundo*, *entrar no fundo do negocio* &c. Mas parece-nos gallicismo dizer *esta proposição* no fundo *he verdadeira*, i. e. *na substancia*, *no essencial*, *no principal. Estes dois historiadores concordão* no fundo *da historia*, i. e. *no essencial*, *no substancial* &c. Estoutra frase Franceza, v. gr. *son mari dans le fond ne pouvoit ne persuader qu'elle lui fut infidelle*, quer dizer, seu marido não podia *em realidade* persuadir-se &c.

FUZIL: Por *espingarda*, e *fuzillar* por *espingardear* são tomados do Francez sem necessidade alguma. E como *fuzil*, e *fuzillar* tem na nossa linguagem suas significações proprias, parece que se deve evitar a *homonymia*, e o equivoco que della resulta.

G.

GALIMATIÁS: He palavra puramente Franceza, que sem razão querem alguns trazer á nossa lingua. Em Portuguez corresponde-lhe exactamente o vocabulo *palavrorio*, ou *palanfrorio*, que em Latim se exprime por *inanis verborum sonitus*; *canorae nugae*; *voces inopes rerum* &c. Tem differença do Francez *jargon*, que exprimimos por *algaravia*, *inglesia*, &c.

GARANTIR: *Garante*: *Garantido*: *Garantia*: (*garantir-garant* &c.) O verbo *garantir* vem auctorizado no *Diccion.*

de

de *Moraes* com o *Tratado* impresso em 1713, e tanto elle, como os seus derivados, parece estarem hoje adoptados na linguagem Diplomatica. Mas temos por abuso ampliar a sua applicação a outros quaesquer assumptos, e muito mais dizer, como achamos impresso, que *só esta Sciencia* (a Mathematica) *he capaz de* garantir-nos *de illusões, e escuridades.* Vej. *Blut.* no *Supplem.*

GENIO: Ha muito tempo que em bom Portuguez dizemos *ter bom, ou máo genio, ter genio manso, docil, ardente, impetuoso* &c., significando assim *o caracter moral* de alguem. Dizemos tambem *ter genio para a Poesia, para a Pintura, para a Eloquencia* &c., i. e. *ter aptidão, capacidade, talento, disposição natural, propensão* para essas Artes &c. E dizemos finalmente *genio* por *espirito*, ou *quasi deidade* (segundo a frase gentilica) *que influe nos homens, e lhes assiste*, e neste sentido disse *Ferreira* na *Castro* Act. 1.:

Ou quando minha estrella, e cruel genio
Te poder arrancar desta alma minha.

He porém novo no nosso idioma, e derivado dos modernos livros Francezes, tomar a palavra *genio* n'um sentido absoluto, e indeterminado, como quando dizemos: *he homem de genio*; *as obras deste grande genio*; *foi hum genio em Poesia*, &c. O eruditissimo *La Harpe* diz que as palavras *genio*, e *gosto* tomadas neste sentido absoluto são peculiares da lingua Franceza, e nella mesma *de uso moderno.* Entre nós se achão adoptadas na linguagem da Litteratura, e parecem de indispensavel necessidade: mas cumpre que se lhes dê huma significação fixa, e determinada, e tal que remova de huma vez todo o equivoco, e ponha termo ás questões que tem havido entre os doutos, por não conformarem na verdadeira noção deste vocabulo. Não julgamos da nossa competencia prevenir a este respeito o juizo dos Sabios; mas seguindo as judiciosas reflexões do mesmo *La Harpe*, (*Cours de Litterat. Introd.*) entendemos que *genio*, na accepção, de que aqui se trata, quer dizer *huma grande superioridade de talento* para qualquer Arte, ou Sciencia, ou

homem que gozou essa superioridade; e neste ultimo sentido se diz v. gr. *Newton foi hum genio em Mathematica*: *Camões foi hum genio em Poesia* &c

GENTES: Acha-se a cada passo nas Traducções modernas: *as gentes de bem*, *as gentes frivolas*, *as gentes honestas*, *as gentes sensatas*, *a gente de letras* &c. São outros tantos gallicismos, que em bom Portuguez valem o mesmo que *os homens honrados*, *os homens sensatos*, *os homens frivolos*, *os homens de letras* &c. Hum folheto, ha pouco impresso, dizia ainda mais ridiculamente: *nove milhões* de gentes *lhe sahirão ao encontro*: *nem vinte e sinco milhões* de gentes *se aniquilão* &c. Parece que o Auctor tinha receio de chamar *homens* aos homens! Não devemos porém occultar aqui que algumas raras vezes se acha nos nossos bons Escritores a palavra *gente*, e *gentes*, em sentido analogo ao de que aqui tratamos: v. gr. na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 1. « *Os mais companheiros erão hum Capellão*, *e* gente de serviço, *seculares sinco ou seis* » e no L. 2. C. 26. « *e ainda que se assombrava com se ver buscado e estimado* das gentes, *que ja lhe parecia genero de vaidade e tentação* &c. » Na *Cart. de Guia de Casad.* fol. 90 verso « *arrebatão sem alguma prudencia os animos singellos*, *e piedosos das Senhoras*, e gentes principaes &c. »

GOLPE DE VISTA: *Golpe de olho*: São as expressões, com que frequentemente achamos traduzido o Francez *coup d'œil*, e com que os desdenhosos da linguagem patria enfeitão seus discursos e composições. Mas errão contra o genio da nossa lingua, e contra o seu uso. Vejamos de que maneira se explicavão os nossos bons Portuguezes. Souz. *Vid. do Arceb.* L. 4. C. 30.:

> *As cousas do mundo não são dignas nem de hum* emprego de olhos, *quanto mais da affeição da alma.*

Bernard. Serm. e Prat. p. 178:

> *Servirá de espelho*, *que* de huma só vista *diga mudamente as faltas de todos.*

E a pag. 338:

dis-

diz Deos, que a alma santa o rendeo com huma vista de olhos . . . *com hum só* voltar de olhos.

Miscell. de Leit. p. 358.:

Vede como está minha vida no volver desses olhos.

Camões C. 3. E. 143:

Quem vio hum olhar *seguro, hum gesto brando.*

E nas Rim. 1. P. Son. 35:

Hum mover de olhos *brando e piedoso.*

E Eglog. 8.:

Huma só volta de olhos *descuidada.*

Mousinh. Affons. Afric. C. 6. pag. 99 verso:

Quem pode resistir a hum doce e brando
Quebrar de olhos, *que as almas vai roubando?*

E entre os modernos Filint. Elys. Tom. 2. de seus *Versos*:

Mas que he o ouro, e a vida,
A quem perde hum mimoso olhar *de Marcia?*

Bocag. Cant. 1. á Immacul. Conceiç. de N. S.:

Ah! de teus olhos hum volver piedoso
Desarme, ó Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina. &c.

Quando os Francezes dizem v. gr. *este lugar offerece ao observador o mais bello* (coup-d'œil) *golpe de vista*; deve traduzir-se *a mais bella perspectiva*, ou *o mais bello painel*, como se explica *Vieir. Relaç. da Missão de Ibiapaba* §. 8.; *mas depois que se chega ao alto das serras, pagão bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos hum dos mais* formosos paineis, *que por ventura juntou a natureza.* E quando finalmente no titulo de algumas Obras dizem, por ex., *Coup-d'œil sur l'etat actuel de l'Europe*, devemos traduzir *Vista do estado actual* &c., bem como traduzem os Inglezes: *A view of the state* &c., ou se quizermos mais á letra: *Lanço de vista*; ou tambem *Revista sobre o estado* &c. &c.

GOSTO: *O termo gosto* (diz *Dias Gomes, Obr. Poet.* Not. 20 á Eleg. 10.) *no mesmo significado, em que o tomão os Francezes, ja o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma, no senti-*

tido de bom gosto: *de modo que quer se diga* gosto, *quer* bom gosto *em Artes, tudo he o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que neste sentido não requerem modificação.* Vej. o que dissemos na palavra *Genio.*

GOVERNANTE: (*gouvernant*) Por *Aia*, *Ama*, ou *Mestra*, he francezismo escusado.

GRANDE CAMINHO: Assim traduzem alguns erradamente o Francez *grand chemin*, ou *grande route*, que quer dizer *estrada real*, ou *caminho real.*

GRANDE MUNDO: He hoje expressão da moda tomada do Francez *le grand monde*, para significar *a gente mais abalizada*, *a gente principal do Reino*, *a Corte*, e tambem *toda a sorte de gente*, ou *gente de todos os estados e caracteres.* V. gr. he *hum homem que tem conversado o grande mundo*, i. e. que *tem tratado com muita gente abalizada*, *com a gente principal*, com *gente de todas as classes*, *e condições* &c. &c.

GRIMAÇAS: He puro Francez, pelo qual dizemos *tregeitos*, *momos*, *gestos ridiculos e affectados*, e em frase da plebe *gatimanhos.*

GRUPO: (*groupe*) He vocabulo das Artes de *Pintura*, e *Esculptura*, e significa *numero de figuras juntas*, *e apinhoadas com arte.* Parece necessario, e he auctorizado pelo uso dos Artistas. Em outros casos dizemos *magote*, e talvez *turma.*

GUARDAR O LEITO: (*garder le lit*) He expressão Franceza, que em bom Portuguez quer dizer *estar de cama*, ou *em cama*, por molestia.

H.

Homenagem: A expressão *render homenagem* tem no idioma Portuguez seu proprio significado, e quer dizer: *fazer preito*, ou *dar juramento de fidelidade ao Soberano*, quando delle se recebe alguma Praça, Governo, Terras, ou Feudo. Os Francezes estendêrão esta significação primaria, dizendo figuradamente *rendre ses hommages à quel q'un*, i. e. *acatar*, *re-*

reverenciar, *respeitar*, *venerar alguem*, ou *render culto*, *obsequio*, *dar veneração*, *fazer acatamento* &c. D'aqui o tem tomado os nossos modernos Traductores com a mesma significação, que não reprovamos, com tanto que se empregue moderadamente, e sem affectação. *Garção* diz no mesmo sentido em huma de suas Odes:

> *Mil garridas*, *mil candidas Licoris*
> *Vencedor me jurárão*, *me* renderão
> *Do riso*, *do prazer no Capitolio*
> *Humilde* vassallagem.

E já *Fern. d'Alv.* na *Lusit. Transform.* L. 2. pag. 153 vers. da ed. de 1607 disse:

> *Troca nesta tristissima viagem*
> *Com morte a vida*, *que em tormentos passa*,
> *O triste que lhe* deo d'alma homenagem.

HORDA: (*horde*). Já vem em *Blut.* no *Supplem.*, aonde o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1726. Diz-se propriamente das *catervas*, ou *bandos de povos errantes*, *que não tem domicilio certo.*

HUM: Este vocabulo, além da significação que tem como *numeral*, póde em alguns casos haver-se como huma especie de *artigo*, ou *adjectivo articular*, que determina a significação dos nomes, a que se ajunta, restringindo a indefinida extensão das idéas, que elles exprimem. Assim quando dizemos, por ex. *Julio Cesar foi* hum *Principe tão insigne nas letras*, *como nas armas*, aquelle *hum* não he, nem póde ser *numeral*, mas sim *artigo* que limita a extensão da idéa significada pela palavra *Principe.* Os Francezes tem, como nós, este uso, e dizem tambem, v. gr. *Pierre est un homme de probité* &c. mas amplião-no muito mais, e empregão a mesma palavra com frequencia, e em certas circunstancias, em que a nossa linguagem a recusa. Devemos pois reflectir na pratica dos bons Classicos, e não nos desviarmos sem necessidade do caminho que elles seguírão. Observando esta regra geral, veremos que ha de algum modo gallicismo nas seguintes frases:

Pas-

Passa o Autor a fallar de huma outra *Profecia*, i. e. *de outra Profecia.*

Qualquer que seja a vossa natureza, vós deveis viver huma outra *vida, fallar* huma outra *linguagem, e ter outras ideas*; quer dizer *viver outra vida, fallar outra linguagem* &c.

Nem nos demove do nosso parecer o exemplo de *Rui de Pina* no *Prologo da Chronica de ElRei D. Duarte*, aonde diz: *nos-acharmos logo outros, e sentirmos em nós* hum outro *singular melhoramento*; e pouco depois: *ainda por* huma outra *especialidade de obrigatorios exemplos*; porque além de estarmos persuadidos, que nem tudo quanto vem nos Classicos he para se imitar, maiormente no que respeita á Syntaxe, e organisação da frase e discurso; he tambem certo que aquellas palavras *hum outro*, *huma outra* envolvem huma especie de redundancia, que o uso presente da lingua Portugueza tem rejeitado: por onde indicarião hoje affectação, e darião ao discurso aquelle ar Francez, que sobre tudo se deve evitar. Não menos julgamos reprehensivel a vicicsa, e tambem affectada repetição do vocabulo articular *hum* no seguinte periodo, e em outros semelhantes, que a cada passo se encontrão traduzidos muito á letra do Francez.

Póde qualquer chegar a ser hum *grande homem, sem ser dotado de* hum *espirito, e de* hum *genio superior, com tanto que tenha valor*, hum *juizo são, e* huma *cabeça bem organizada.*

Que em melhor Portuguez quer dizer:

Póde qualquer chegar a ser grande homem, sem ser dotado de hum *espirito e genio superior, com tanto que tenha valor, juizo são, e boa cabeça* &c.

Tambem nos parece que se deve evitar, quanto possivel for, o ajuntamento do articular *hum* com as palavras *muito, mais, maior*, &c. v. gr. *hum muito máo coração, hum maior abuso, huma mais certa esperança* &c, e isto por causa do máo soido, que fazem semelhantes expressões &c. Ultimamente advertimos que os nossos Classicos usárão não raras vezes do articular *hum* acompanhado do artigo simples

ples e definido: v. gr. *Fr. Heit. Pint. Dial. da Verd. Amiz.* C. 19. *claro está quam mais utiles e excellentes são* os huns *que* os outros. *Duart. de Rezende Dial. Lelio* ou *Amicitia* de M. T. *Ciceron.* ed. de 1531 *Haverá* o hum *do outro vergonha* &c. Mas este uso acha-se com mui justa razão antiquado, porque a propria natureza dos dois vocabulos o repugna.

HUMILIANTE, ou *HUMILHANTE*: (*humiliant*) Tem boa derivação, e analogia, e parece necessario ao nosso idioma.

HUMOR: Significa no sent. fig. *boa ou má disposição do animo causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar.* (*Blut.*) Entre nós he indifferente para significar *bom* ou *máo humor*, e sempre se lhe ajunta algum adjectivo, que determine a sua significação, v. gr. *bom*, *máo*, *alegre*, *festivo*, *jovial*, *aspero*, *sombrio* &c. Pelo que nos parece gallicismo reprehensivel empregalo em sentido absoluto, como nas seguintes frases: *obrar por capricho, e por humor*; *não são supposições dictadas pelo humor*; *Obra da singularidade, e do humor.* Muito menos se póde tolerar no sentido de *enfadamento*, *agastamento*, como v. gr. nesta frase *il temosgnoit beaucoup d'humeur de l'absence de son fils*, que em Portuguez corrente se deve traduzir: *elle se mostrava muito* enfadado, *ou* agastado, *ou mostrava grande* enfadamento *pela ausencia* &c.

I.

JALUZIA: (*jalousie*) Achamos este vocabulo em huma Obra Portugueza original, aonde o Auctor, fallando dos *affectos oratorios*, diz: *Os movimentos de amor, de odio, de medo*, de jaluzia, *e de raiva* &c., tomando *jaluzia* por *ciume*, ou *inveja*, que são os vocabulos Portuguezes, que correspondem ao Francez *jalousie*. Não ignoramos que *Vieira* usou mais de huma vez da palavra *gelozia* nas suas Cartas, entendendo-a no sentido do Italiano *gelozia* por *sollicitude*,

cui-

cuidado ancioso &c.; mas esta auctoridade, bem que respeitavel em tal materia, não a julgamos só por si bastante a fazer adoptavel aquelle vocabulo; já porque o uso anterior e posterior a *Vieira* recusou esta innovação, e já porque o estilo epistolar sofre algumas vezes semelhantes liberdades, sem que por isso nos auctorise para usarmos dellas em differentes circunstancias. E por certo que ninguem adoptará de *Vieira* a palavra *nombramento* usada por elle na Carta 96 do Tom. 1., nem a palavra *raconto* (*relação*) da Carta 99 do mesmo Tomo, nem finalmente a palavra *aquistar*, que vem no mesmo Tomo Carta 118.

JAMAIS: (*ja-mais*) *Este adverbio* (como advertio *Dias Gomes Obr. Poet.* Not. 4. á Eleg. 2.) *não se deve reputar por gallicismo*; *pois só a indiscreta frequencia o constitue tal*, *sendo*, *como he*, *usado dos nossos Autores*, *como Gomes Eannes*, *Camões*, *Gabriel Pereira de Castro*, *e Ferreira*. Nós, em graça dos Leitores menos versados nos Classicos Portuguezes, poremos aqui alguns dos varios modos, com que elles usão deste vocabulo, ou exprimem a sua significação.

Eneid. Port. L. 3. Est. 44:

> *Porem a quem* jamais *pelos sentidos*
> *Passára*, *que algum tempo inda os Troyanos*
> *A Hesperia havião de ir?*

2.° *Cerc. de Diu.* Cant. 2.:

> *Quando perdida verás a Fortaleza*
> *E a esperança de cobrala* jamais?

Arraez Dial. 10. C. 83:

> *Promettei a Christo de* jamais *o deixardes.*

Mousinh. Affons. Afric. C. 1.:

> *Lugar de penas e tormento esquivo*
> *Onde* jamais *se vio contentamento.*

Eneid. Portug. L. 2. E. 26:

> *Não descançou* jamais *da furia brava.*

Cam. Rim.:

> Jamais *vos não ouvirão*
> *Os tigres que se amansavão.*

Vieir.

Vieir. Carta 33 do Tom. 3.:

O Turco fica fazendo em Constantinopla e Candia os maiores apparatos de guerra, que nunca jamais *se virão.*

Fr. Greg. Bapt. 1. P. *das Dom.* f. 26 verso:

Ja nunca mais *este Senhor castigou sem piedade.*

Cam. Rim.:

Lembre-vos minha tristeza
Que jamais nunca *me deixa.*

Mousinh. Affons. Afr. C. 6.:

Esta fermosa e linda praderia
A quem jamais nenhuma *se igualava.*

Ferreir. Cast. Act. 4.:

Nem haverá ja nunca *no mundo olhos*
Que não chorem de magoa.

Mousinh. Affons. Afric. C. 3.:

Gemeram d' improviso c' hum estrondo
Nunca ja *visto as taboas abaladas.*

Camões Eclog. 2.:

O' immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem nunca *perdoas.*

Paiv. 1. P. de *Serm.* fol. 147 verso:

S. Gregorio conta em Moisés pelo maior serviço que fez nunca *a Deos* . . . . &c. &c.

A' vista do constante uso que fazem os nossos Classicos deste adverbio com a significação de *nunca*, não podemos deixar de notar aqui como gallicismo o emprego que delle fez o doutissimo P. *Pereira*, traduzindo aquellas palavras do *Genes.* IX. 12 *Hoc signum foederis, quod do inter me et vos, in generationes sempiternas*, deste modo, *eis-aqui o sinal do concerto que eu faço* para sempre jamais *entre mim e vós*, aonde parece haver tido presente o Francez *pour ja-mais*, que a cada passo se acha nas Traducções Francezas da S. Biblia, correspondendo ao Latim *in sempiternum, in omne aevum, in generationes sempiternas*, e que nós traduziriamos melhor *para todo o sempre.*

IMBECIL: *IMBECILLE*: *EMBECIL*: De todos estes mo-

modos temos achado trasladado o Francez *imbecille*, entendido como substantivo, ao qual em Portuguez corrente, e de bom cunho, correspondem as palavras Portuguezas *fatuo*, *nescio*, *sandeu*, *pêco*, *insensato*, *parvo*, *tonto*, *desasizado* &c. Devemos porém advertir, que achamos este adjectivo usado na sua natural significação derivado do Latim, em *Arraez* Dial. 10. C. 2.: *Por que me deixastes em minhas fracas forças humanas, que são* imbecilles, *e fracas?* E na Traducção do Livro *De Senectute de Cicero* por *Damião de Goes*, ms. fol. mihi 24: *Cyro, segundo escreve Xenophonte, dixe morrendo ja muim velho, que nunca sentira a velhice mais fraqua nem* imbecil *que a mocidade.*

IMBECILLIDADE: Temos em Portuguez *imbecillidade* por *falta de forças*, *fraqueza de corpo*, ou *animo*; mas em lugar de *tolices*, *sandices*, *parvoices* &c. parece-nos gallicismo desnecessario.

IMMEDIAÇÕES: He vocabulo novo em Portuguez, e derivado do Francez tambem novo *immediations*. Significa o mesmo que *visinhanças*, *arredores*, ou *orredores*, *contornos*, *circumvisinhanças* de algum lugar. Não vemos razão por que seja necessario adoptar-se.

IMMORAL, e *IMMORALIDADE*: Ainda que nos hajão vindo immediatamente do Francez *immoral*, e *immoralité*, comtudo são necessarios, não encontrão a analogia, e são derivados de *moral*, e *moralidade*, que sem duvida nos pertencem, e nos vierão do Latim.

IMPOTENTE: He vocabulo Portuguez, com que significamos o *que não póde gerar*, que *he incapaz para a geração.* Paixões *impotentes* por *desordenadas* he gallicismo, ou talvez Inglezismo, de que não necessitamos, e que não condiz com a primaria significação de *impotente*. *Esforços impotentes*, *meios impotentes* para alcançar qualquer fim, he bom, e póde adoptar-se, com tanto que se evite o perigo de excitar huma idéa accessoria torpe, e indecente.

IMPERISSIVEL: (*imperissable*) He gallicismo grosseiro, e inadoptavel. Em Portuguez dizemos cousa *não perece-*

cedeira, *immortal*, *perpetua*, *perduravel*, *interminavel*, *sempiterna*, *que sempre dura*, *indestructivel* &c.

IMPETUOSIDADE: He tomado do Francez *impetuosité*, e parece necessario para exprimir a *qualidade de impetuoso*, que se não exprime por *impeto*.

IMPÔR: (*imposer*) Este vocabulo tem na lingua Portugueza suas significações bem sabidas: mas no sentido de *enganar*, *illudir*, *seduzir* com impostura, parece gallicismo, de que não carecemos. As frases Francezas, em que elle figura, podem traspassar-se de differentes maneiras, conforme o pedirem as circunstancias: V. gr. *o aspecto deste homem* impõe, i. e. *engana*, *illude*. *Os exteriores apparatosos* impõe *á multidão*, i. e. *mettem respeito*, *infundem respeito á multidão*. *As tropas já não* impunhão *ao povo*, i. e. *já o não continhão*, já lhe *não mettião respeito*, ou *medo*. *Pretendeis com paralogismos* impôr *á multidão*, i. e. *seduzila*, *embaila*. *Soube* impor ao povo *com falsos milagres*, i. e. *embair o povo* &c. Parece-nos que o termo mais proprio correspondente ao Francez *imposer* neste sentido, he o verbo *embair*, cuja significação he *enganar com imposturas*, *embelecar*, *induzir em erro com boas apparencias* &c. *Arraez Dial.* 3. C. 34. *Os Judeos ousão dizer de Christo que foi blasfemo e* embaidor: e no *Dial.* 7. C. 20: *até chamarem ao Senhor Jesus* embaidor. *A palavra Grega* planos *não significa enganador de qualquer maneira*; *se não de hum certo genero*, *que professa enganar*, *e* embair &c.

IMPORTAÇÃO: *IMPORTADO*: São adoptados na linguagem mercantil, e tem bom fundamento na primaria significação do verbo *importar*, i. e. *trazer para dentro*.

IMPRATICAVEL: Hum Critico moderno reprova como Franceza a expressão *mar impraticavel*: mas *Blut.* traz no seu *Vocabul.* *caminhos impraticaveis*, e *Rui de Pina* já disse na *Chron. de D. João II.* Cap. 82: *Não houve Provincia de Christãos e infieis*, *amigos*, *e imigos de nós sabida e* praticada, *em que* &c. Tambem dizemos *mar intratavel*, *caminhos intrataveis*, *mar innavegavel* &c.

INABALAVEL : Parece-nos tomado pelos nossos modernos Escritores do Francez *inébranlable*, e somos de parecer, que he innovação escusada no nosso idioma, aonde temos *immovel*, *firme*, *estavel*, talvez *constante*, *immudavel*, *invariavel* &c. Camões usa de *immoto* no mesmo sentido nas *Rim.*:

Aquelle gesto immoto, *e repousado.*

E nos *Lusiad.* C. 2. Est. 28:

Mas por não darem no penedo immoto
Onde percão a vida doce e cara.

No sentido figurado podemos variar a expressão, dizendo com os Classicos: animo *inteiro e inflexivel*, constancia e fortaleza *invencivel*, Leis *immudaveis*, virtude *firme e inexpugnavel*, verdade *inconcussa*, constancia *incontrastavel* &c. Confessamos todavia que *Bluteau* já traz o adjectivo *inabalavel* no *Suppl.*, auctorizando-o com a *Gazeta de Lisboa de* 24 *de Janeiro de* 1726.

INACÇÃO: *He palavra* (diz *Blut.* no *Vocabul.*) *tomada do Francez inaction. Tenho ouvido alguns Portuguezes cultos usar della. Val o mesmo que cessação de obrar, e ás vezes ocio, negligencia.* Hoje he adoptada, e auctorizada.

INCALCULAVEL : He tomado do Francez; mas tem boa origem e derivação, e parece conveniente adoptar-se. Significa *cousa que se não póde reduzir a calculo*, que *se não póde contar, nem avaliar, innumeravel, sem conto* &c., e no fig. cousa *imponderavel*, *inestimavel* &c.

INCESSANTEMENTE: Significa o mesmo que *continuadamente*, *sem descontinuar*, *sem cessar*, *sem se interromper* &c. Mas quando se toma por *logo*, *sem demora*, *daqui a pouco*, *dentro de pouco tempo* &c., he gallicismo, e seria erro dizer *marcharei incessantemente a Lisboa*; *verei o meu amigo incessantemente* &c.

INCONCEBIVEL: (*inconcevable*) Temos visto muitas vezes empregado este vocabulo em papeis impressos, e por pessoas aliàs doutas. Em melhor Portuguez diremos *incomprehensivel*, *inintelligivel*, e ás vezes *imponderavel*. Mas se se jul-

julgar necessaria a innovação deste vocabulo, deverá então dizer-se *inconceptivel*, e não *inconcebivel*; porque este ultimo, além de ter má pronunciação, he derivado contra a analogia da lingua Portugueza, que fórma, á maneira da Latina, *imperceptivel*, *susceptivel*, *admissivel* &c., e não *impercebivel*, *suscepivel*, ou *suscebivel*, *admittivel* &c.

INCONTESTAVEL: *INCONTESTAVELMENTE*: *He tomado* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *do Francez incontestable, que val o mesmo que coisa indubitavel, sobre a qual he inutil contender*: e ahi mesmo auctorisa o adverb. *incontestavelmente* com o *Trat. de Paz* de 1713. Hum e outro tem boa origem e analogia.

INDEMNIZAR : *INDEMNIZAÇÃO* : *INDEMNIDADE*: Parecem trazidos immediatamente do Francez, e de novo introduzidos na nossa lingua, aonde temos os correspondentes *compensar*, *resarcir*, *reparar o damno* &c., mas tem origem no Latim, são adoptados pelo uso geral, e já forão usados nas Leis do Senhor D. José I.

INDOLENCIA: *Ateagora* (diz *Blut.* no *Suppl.*) *não achei esta palavra em Autor Portuguez.* Indolencia *porem*, *como derivada do Latim*, *parece necessaria para evitar circumloquio.* Os Francezes tambem dizem *indolence*, e tanto elles como nós á sua imitação, o usamos não só para significar a *insensibilidade á dôr*, (que he a força do termo Latino) mas tambem a *negligencia*, *incuria*, *deleixamento*, *descuido* &c.

INESGOTAVEL: He innovação, imitada por ventura do Francez *inépuisable*. Em lugar della temos *inexhausto*, *perenne*, *perennal*, *manancial* &c. Comtudo se parecer necessario, não he contra a analogia. Nós preferiremos sempre *inexhaurivel.*

INEXHAURIVEL: Os nossos Classicos disserão sempre *inexhausto*; mas *inexhaurivel* conforma com a analogia, he adoptado pelo uso geral, e já vem nos *Estat. nov. da Universid. de Coimbra* T. 3. Cap. 1. n. 1., aonde diz: *ainda que as Sciencias Mathematicas são tantas, e cada huma dellas de tão grande vastidão, e* inexhaurivel *fecundidade* &c.

IN-

INFECTADO: Por *inficionado*, *contaminado*, *infecto*, *tocado do contagio*, *corrompido*, *viciado*, parece-nos gallicismo, não o temos até agora achado em Auctor Classico, nem o julgamos necessario.

INFORTUNADO: (*infortuné*) Por *desafortunado*, *desaventurado*, *desgraçado*, tambem ao principio nos pareceo gallicismo. Mas vem mais de huma vez em *Corte Real*, *Naufrag. de Sepulv.* v. gr. no C. 7.:

. . . . *e a formosa*
Irmãa de Phebo passa detrimento,
Mostrando-se ali sempre infortunada.

E no C. 8.:

. . . . *o discurso*
Da peregrinação mortal, *e o triste*
Infortunado *fim de tanta gente.* &c.

INFRACTOR: *INFRACÇÃO*: (*infracteur* &c.) O primeiro já vem em *Blut.* no *Vocab.* no sentido de *quebrantador*, *violador*, *transgressor*, &c. O segundo tambem se usa mui vulgarmente, e *Madureira* o traz na sua *Orthografia.* Hum e outro tem origem Latina, e tem por si a pratica auctorizada.

INSCREVER: *INSCRIPTO*: Estes dois vocabulos, que achamos usados pelos nossos Escritores modernos, ainda que pareção tomados immediatamente do Francez *inscrire*, e *inscript*, tem comtudo boa origem no Latim *inscribere*, e *inscriptus*, e por isso não ousamos reprovalos, muito menos quando são termos technicos da *Geometria*: mas a sua significação póde algumas vezes exprimir-se em Portuguez por differente modo, e com igual propriedade, e energia: v. gr. *o seu nome está* inscripto *na Lista*, i. e. *escrito*, *assentado*, *registado*, *matriculado*, &c. Em lugar de *inscrever em bronze*, *em marmore*, &c. diremos muito melhor *esculpir*, ou *insculpir*, *entalhar*, *abrir*, *talhar*, *cortar*, e tambem *gravar*, que he classico (Vej. *Blut.* na palavra *Gravar*). Finalmente o adj. *inscripto* acha-se huma vez em *Ar-*

raez

raez no *Dialog.* 4. C. 10. aonde diz: *¿ Que se fez da Igedita Cidade Cathedral, que chamamos Idanha? ¿ Onde fica com seus marmores, e letreiros* inscriptos? (Vej. *Blut.* no *Suppl.* palavra *Inscripto.*)

INSIGNIFICANTE: (*insignifiant*) He vocabulo tomado do Francez; mas adoptado pelo uso geral. Quer dizer: *cousa que nada significa, de pouca monta, de nenhuma importancia, que pouco ou nada vale* &c.

INSINUANTE: Tambem he novo na nossa lingua, e trazido para ella do Francez; mas tem boa origem e derivação, e parece necessario. Já foi usado por *Elpino Duriense* na *Noticia sobre Almeno, e a sua Traducção da Metamorfose de Ovid.*, aonde diz: *a sua voz* insinuante *e vigorosa, como a dos Oradores mais eloquentes de Grecia e Roma*, &c.; e esta auctoridade, bem que moderna, he para nós de grande respeito em tal materia.

INSPECTAR: Do Francez *inspecter*, parece desnecessario, principalmente adoptando-se o outro verbo *inspeccionar*, que temos por melhor, e mais conforme com a analogia. Significa *fazer inspecção*, e talvez *superintender*, &c.

INSTALLAR: *INSTALLADO*: &c. (*installer* &c.) São vocabulos desnecessariamente tomados do Francez ou Inglez. Em boa linguagem Portugueza dizemos *constituir* alguem n'um cargo, ou dignidade, *instituir*, *investir*, *metter de posse*, talvez *estabelecer*, &c.

INSULTANTE: (*insultant*) Tem a seu favor hum uso assás geral: e com tudo temos por melhores os adjectivos *injurioso*, *afrontoso*, *vituperoso*, &c. *Jacintho Freire Vid. de Castr.* L. 2. §. 7. usa de *insultuoso*, e hum Poeta moderno, que se não póde citar sem louvor, diz, fallando da pessoa que insulta:

> *Mil graças, e risadas entre a bulha*
> *Do vulgo* insultador *soar se escutão.*

E em outro lugar:

> *Tu me vale em meus males: tu castiga*
> *D' um genio* insultador *a petulancia.*

IN-

INSURMONTAVEL: Por *insuperavel*, *invencivel*, he gallicismo grosseiro, e escusado.

INSURREIÇÃO: *INSURGENTE*: São vocabulos trazidos modernamente do Francez *insurrection*, *insurgent*, e dizem tanto como *sublevação*, *levantamento*, *sublevado*, *levantado*, &c. Tem boa origem e não desdizem da analogia.

INTERDICTO: (*interdit*) Por *atalhado*, *embargado*, *enleiado*, *suspenso*, *turbado*, *attonito*, he gallicismo desnecessario.

INTERPRENDER: *INTERPRENDIDO*: Usão alguns ignorantemente destas palavras no sentido de *emprender*, ou *tomar por empreza*, *determinar-se a fazer alguma acção difficil e laboriosa*, &c., enganando-se com o Francez *enterprendre*, que traduzem conforme o som material. Em bom Portuguez dizemos *interprender* por *accommetter de improviso*, v gr. *huma praça*, &c., e *interpreza* por *ataque improviso*. *Emprender* tem differente significação, e com elle he que dizemos *emprender huma conquista*, *huma jornada*, *huma guerra*, *huma obra*, &c. Vej. o *Diccion.* de *Moraes* nestas palavras.

INTRIGA: *INTRIGANTE*: &c. São tomados do Francez, mas adoptados pelo uso em geral. Dizem tanto como *enredo*, *enredar*, *enredador*, &c. As palavras *mexerico*, *mexericar*, e *mexeriqueiro*, que algumas vezes se podem usar em lugar de *intriga*, &c., parece-nos que tem huma significação mais restricta, como especie subordinada ao seu genero. *Mexericar* significa propriamente *descobrir*, *e referir cousas occultas*, *que outrem tem dito ou feito*, e isto *com o fim de metter dissensões*, *e semear zizanias*. *Enredar* porém, e *intrigar* he mais generico, e significa *manejar com astucia toda a casta de artificios*, *e maquinações occultas*, para conseguir algum intento, em frase popular *fazer maçadas*, ou *embrulhadas*, &c., que em Latim se exprime bem por *occulto artificio res miscere*; assim como *intrigante* por *dolis et artibus instructus*; *ad negotia implicanda et explicanda calli-*

li-

lidus; e *intriga* por *occultae artes*; *occultarum artium doli*; &c &c. Por onde, neste lugar v. gr. *do Feliz Independente* L. 18: *mais que tudo temo as intrigas dos Principes Latinos*, não poderiamos com toda a propriedade substituir *mexericos* a *intrigas*, e muito menos no outro lugar do L. 19: *e na presença de todos declarou toda* a intriga *do Conde, e de Neucasis.* &c. &c.

INUSITADO: (*inusité*) Pareceo-nos ao principio gallicismo pouco digno de adoptar-se, por não offerecer melhoria alguma a respeito do adj. *desusado*, que diz o mesmo. Todavia *Camões* o empregou, ainda que huma só vez, nos *Lusiad.* C. 2. E. 107.

Ouvindo o instrumento inusitado,

e póde conseguintemente ter lugar em algum caso para variar a linguagem Poetica.

JOGOS DE ESPIRITO: (*jeux d'esprit*) He gallicismo, a que em bom Portuguez corresponde *chistes*, *ditos engenhosos*, e *conceituosos*, *agudezas*, &c. Comtudo temos *jogar de vocabulo*, e *jogo de vocabulo* por *equivoco discreto* em *Vieir. Serm.* Tom. 6. pag. 472, aonde diz: *aqui* jogou de vocabulo *o Evangelista*, *e usou o equivoco*, *que eu dizia*, e logo na pag. 473: *aqui está o* jogo do vocabulo, *e o equivoco discretissimo*, &c. Tambem dizemos *fazer jogo* por *fazer zombaria.* Vieir. Cart. 78 do Tom. 3.: *Os que* fazem jogo *dos achaques alheios dizem que me veio este a bom tempo para não ver o que se vê*, *nem ouvir o que se ouve.* E *D. Franc. Manoel* na *Cart. de Guia* fol. 119 diz: *va mais por* jogo, *que por conselho*, usando de *jogo* por *galanteria*, *brinco*, &c. (Vej. em *Moraes* a palavra *Jogo.*)

JORNAL: Por *Diario* he palavra Franceza, que nos não era necessaria: e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas; não a julgamos adoptavel, maiormente attendendo á homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser hum sinal infallivel da pobreza da linguagem.

IRREPROVAVEL: Na significação do Francez *irrepro-*

 cha-

chable parece-nos gallicismo, e má traducção. Em lugar delle diremos *irreprehensivel*, *inteiro*, *incorrupto*, *de costumes sãos*, *e puros*, &c.

ISOLADO: (*isolé*) Que outros escrevem *insulado*, está hoje muito introduzido nos escritos e conversações: mas nem por isso o julgamos adoptavel. Os nossos bons Auctores por *homem isolado* dizem *homem solitario*; *só*; *só de amigos e parentes*; *desacompanhado*; *só de toda a companhia*; *só por só*, &c.; e por *lugar isolado* dizem *lugar ermo*, *solitario*, *despovoado*, *apartado*, *desamparado*, &c. *Ferreir.* L. 1. Od. 7.:

Sampaio, *tu lá* só de mim *estás*.

Cam. Rim. P. 1.:

Derribai-os, *fiquem* sós
De forças, *fracos*, *imbelles*.

Resend. Chron. de D. João II. C. ult.:

ElRey era só *de parentes*.

Cort. na Ald. ed. 1649 pag. 127:

me roubarão as joias e dinheiro, *que trazia*, *deixandome nestes desvios* desamparada.

Leit. Miscellan. fol. 14 verso:

Lugar muito ermo, só, e apartado.

Vid. de Suso C. 40:

Foi-se esconder n'um lugar apartado, *onde ninguem o podia ver*, *nem ouvir*, &c.

Em alguns casos se exprimirá bem por *estreme* v. gr. nesta proposição: *O opio dado ao enfermo* isoladamente &c., i. e. *estreme sem mistura*; *deve o Medico ser mui circumspecto em applicar o opio* isoladamente, i. e. *estreme*, *só por só*, &c.

JUSTEZA: (*justesse*) Temos no nosso idioma o adjectivo *justo* com a significação de *observador da justiça*, v. gr. *homem justo*, *Rei justo*, e d'aqui derivamos o abstracto *justiça*. E temos tambem o mesmo adj. *justo* com a significação de *exacto*, *adequado*, *pontual*, &c., v. gr. *preço justo*, *medida justa*, *porta justa*, &c., donde podemos sem erro derivar *justeza*, como de *limpo*, *limpeza*; de *claro*, *clareza*; de *agudo*, *agudeza*, &c. Julgamos pois, que este galli-

licismo não he para reprovar-se. No *Exam. de Artilh.* já vem: *a justeza da pontaria.* (Vej. *Moraes* no *Diccion.*) Comtudo por *escrever*, *fallar*, *pensar com justeza*, podemos bem dizer *escrever*, *fallar*, *pensar* com *exactidão*, com *regularidade*, com *precisão*, *adequadamente*, &c.

L.

LANGUIR: He hum verbo Francez, que até agora não temos achado em algum dos nossos Classicos. Significa em Portuguez *desfalecer*, ou *hir desfalecendo*, *estar lasso e quebrado de forças*, *hir-se extenuando*, *hir cahindo em fraqueza*, *hir-se consumindo*, *languir* &c., e estas expressões, bem que pareção menos concisas que o Francez *languir*, não deixão por isso de ser mui expressivas e energicas, por indicarem mais expressamente o *progressivo* desfalecimento, e descahimento de forças, que he a propria significação daquelle verbo. Comtudo na moderna Traducção da *Lyrica de Horac.* por *Elpin. Duriens.* L. 3. Od. 12, achamos

Nem langue *Baccho em Lestrigonia talha*

traspassando as palavras do Poeta Latino

Nec Lestrygonia Bacchus in amphora languescit *mihi*...

E já semelhantemente parece que quiz *D. Francisco Manoel* derivar o verbo *latir* do Latino *latere*, quando disse na *Cart. de Guia* fol. 106: *tomado d'aquelle adagio latino*, *que entre as hervas mimosas* latia *o aspid peçonhento*; bem como temos o verbo *delir* do Latino *delere*, e a voz *dile* de *delet*, que foi usada por *Arraez* no *Dial.* 1. C. 15.

LAXO: *LAXIDÃO*: *LAXAMENTE*: (*lache*) São vocabulos Portuguezes de bom cunho, cuja significação he bem sabida: mas quando se diz v. gr. *ceder* laxamente *aos movimentos da inveja*, he gallicismo, e deve-se emendar a frase, dizendo *ceder vilmente*, *indignamente*, *infamemente* &c. *Ser accusado de* laxidão *para com a patria*, i. e. *de cobardia*; *o amor da patria triunfará dos* laxos *conselhos de Venus*, i. e.

dos torpes, *baixos*, *indignos* conselhos &c. *O laxo*, *que perde a razão no perigo*, *he hum ser degradado e corrompido*, i. e. *o cobarde*, *o poltrão*, *o infame*, que perde o animo no meio dos perigos, he hum homem baixo, e corrompido &c.

LIBERTINO: *LIBERTINAGEM*: São vocabulos trazidos do Francez. O uso geral porém os tem adoptado, e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irreligião*: homem *devasso em costumes*, com *erradas opiniões religiosas*; a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em Portuguez, sem circumloquio.

LIMITROFE: Parece ter-nos vindo immediatamente do Francez *limitrofe* com a significação de *commarcão*, *confinante*, e diz-se dos povos, ou paizes, que *visinhão*, *commarcão*, ou *confinão* entre si. A sua origem he o vocabulo Latino *limitrophus*, que significa o *que está nas fronteiras*. Parece adoptado pelo uso.

M.

MAIS GRANDE: Temos lido em Traducções modernas estas clausulas: *São coisas que determinão* o mais grande *numero de homens* — *Scipião*, *hum* dos mais grandes *generaes da antiga Roma* — *Eis-aqui* a mais grande *impolitica* &c. — as quaes são mais Francezas, que Portuguezas, devendo dizer-se: o *maior numero*, *hum dos maiores generaes*, *a maior impolitica*, &c. He verdade que lemos tambem em *Arraez Dial.* 5. C. 11: *excellente filosofo he o Rei*, *que os insultos e atrevimentos dos delinquentes castiga com* o mais pouco *sangue que pode*: e em outros Classicos póde ser que se achem outros alguns semelhantes modos de fallar: a sua frequencia porém, na nossa actual linguagem, indicaria affectação de Francezismo, e daria ao discurso aquelle aspecto estrangeiro que a desfigura, e que se deve evitar.

MAL A PROPOSITO: Expressão adverbial Franceza (*mal-à-propòs*) impropriamente tomada para o Portuguez. Signifi-

fica *fóra de proposito*, *sem proposito*, *desapropositadamente*, *intempestivamente* &c.

MANCADO: (*manqué*) Em hum *Compendio de Rhetorica Portugueza*, querendo o Auctor tratar daquelle *vicio da Oração*, a que chamão *neologismo*, ou (como elle interpreta) *extravagancia de crear palavras novas*, diz assim: *este vicio, que pode ser reprehensivel pelo seu excesso, tem por fim enriquecer a lingua, e limitar o muito frequente uso das circumlocuções*: *he racionavel este fim*; *mas tem muitas vezes* mancado. Nas quaes palavras, deixada a incoherencia de hum *vicio*, que *tem por fim enriquecer a lingua*, notamos sómente a palavra *mancado*, que, segundo o nosso parecer, se não póde hoje usar no estilo culto sem censura. Comtudo *Fernão d'Alv.* do *Orient.* a empregou na *Lusit. Transform.* pag. 98 ed. de 1607: *por supprirmos com a diligencia da jornada a falta de tempo que* nos mancava: e *Moraes* cita no *Diccionario* outro lugar de *Alarte*, em abono da mesma palavra.

MANOBRA: (*manoeuvre*) O vocabulo Francez parece significar primariamente *todo o trabalho que se faz para dar movimento a hum navio*, que em bom Portuguez dizemos *mareação*. Daqui o empregárão para significar *os diversos movimentos e operações de hum exercito, ou corpo de tropas*; e ultimamente o ampliárão ao sentido moral e figurado, exprimindo por elle todos *os meios*, *recursos*, *e maneios*, que se empregão para obter e concluir qualquer negocio ou empreza. Os Portuguezes modernos o tem usado, á imitação dos Francezes, em todos estes sentidos, que não reprovamos, tanto pela propriedade da expressão, como por ser já de uso frequente, e auctorizado. No primeiro significado de *mareação*, já vem nos *Estat. nov. da Universidade* L. 3. P. 2. n. 5. *Pelas Mathematicas se regulão* as manobras *e derrotas da Pilotagem*, &c.

MANUFACTUREIRO: Parece ser tomado por nós do Francez *manufacturier*, e pelos Francezes do Inglez *manufacturer*, e significa *fabricante*, *Official que trabalha em manufacturas*, talvez *obreiro*. Não o julgamos bem derivado, e se

se carecessemos delle, deveriamos antes dizer *manufacturador.*

MASSACRO: *MASSACRAR*: *MASSACRADO*: (*massacre* &c.) Andão estes vocabulos tanto em moda, que até já se ouvem com frequencia da boca de pessoas indoutas, e ignorantes do Francez: mas são puros gallicismos, que de nenhum modo podem ter lugar no nosso idioma. Em Portuguez legitimo, e intelligivel dizemos *assassinio*, *matança*, *assassinado*, *assassinar*, *matar cruelmente* &c., e no sentido fig. v. gr. *este homem tem-me* massacrado *com as suas impertinencias*, quer dizer: *tem-me mortificado*, *importunado*, *tem-me matado*, e em linguagem familiar, *tem-me causticado com as suas impertinencias* &c.

MESMO: Este vocabulo he, fallando propriamente, hum adjectivo que exprime a *identidade* das cousas ou pessoas, e he opposto em significação aos adj. *outro*, ou *diverso*. Assim quando dizemos *o mesmo homem*, *ao mesmo tempo*, *no mesmo lugar*, *os mesmos factos*, &c., queremos significar que esse *homem*, *tempo*, *lugar*, e *factos* são identicos a si mesmos considerados em outras circunstancias, de que já temos fallado. Além desta primeira significação, e por virtude della, usamos tambem o adject. *mesmo* junto ao nome, para expressarmos *com enfase* o proprio sujeito que o nome designa, e para fazermos que o leitor, ou ouvinte fixe nelle a sua attenção. Neste sentido dizemos: *Os* mesmos *Reis não são felices*, *se não são virtuosos*: *a virtude he recompensa de* si mesma: *O* mesmo *Deos se humilhou para nos ensinar a ser humildes*, &c.; aonde o adj. *mesmo*, não podendo em rigor significar a *relação de identidade*, que sempre suppõe comparação; serve tão sómente para exprimir com enfase a pessoa ou cousa de que se falla, imitando a particula Latina *met*, que tambem se emprega do mesmo modo, v. gr. *ego* met *vidi*: *hisce* met *oculis vidi*, &c. Estes são os significados, com que entre nós se usa o adjectivo *mesmo*, e quem ler com attenção os Classicos, verá que regularmente o costumão antepôr ao nome, salvo quando he

al-

algum dos pronomes *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, em qualquer das suas differentes fórmas. Achão-se comtudo exemplos em que o adj. *mesmo* vem posposto ao sujeito a que se ajunta: v. gr. em *Duart. Nun.* Chron. de D. Affons. III., ed. de 1677 pag. 83: *O Mestre no dia* mesmo *seguinte. João Franco Eneid. Portug.* L. 6. E. 175:

E como seu pai mesmo *a si o iguala.*

Leitão Miscell. pag. 500: *E no lugar* mesmo, *onde o encontrou. Bernard. Serm. e Prat.* P. 1. pag. 306: *Maior prodigio parece que a luz* mesma *se não conheça a si. Mousinh. Affons. Afric.* C. 8:

O monte mesmo *teme o pezo forte,*
Fica o visinho bosque estremecido. &c. &c.

A lição porém dos livros Francezes parece haver introduzido outro uso deste adjectivo, que he pouco conhecido, ou pelo menos mui pouco frequente no idioma Portuguez, do qual daremos alguns exemplos nas seguintes frases:

Ellas são mesmo *preciosas*, i. e. ellas *até são* preciosas.

Poderia mesmo *presumir-se*, i. e. *até poderia presumir-se.*

Dirvos-hei mesmo &c. i. e. *dirvos-hei tambem*, *ainda mais vos direi*, ou *até vos direi.*

Mas estes exemplos são raros mesmo *em França*, i. e. *até em França*, *ou ainda em França.* &c. &c.

Não occultaremos porém aqui, que deste mesmo uso se achão exemplos, posto que raros, nos nossos Escritores, como v. gr. em *Camões* 1. P. das Rim. Sonet. 93:

Que se contra mim estaes alevantados,
Eu vos ajudarei mesmo *a matar-me.*

E em *D. Franc. Manoel*, *Cart. de Guia* fol. 153 verso: *Digo eu*, *que o cazado por alegrar sua mulher*, *e familia*, mesmo *de seu movimento*, *mande fazer em sua caza duas e tres comedias cada anno* &c.

METTER: Tambem deste verbo se usa muitas vezes, empregando-o em frases, em que o não sofre a nossa lingua-

guagem. Daremos alguns exemplos dos muitos, que temos observado:

Sentimentos elevados, que vos mettão *em estado de conhecer o preço das coisas*, i. e. que *vos ponhão* em estado, &c.

Hum Sermão em o qual se não mettesse em obra *nem a Escritura, nem a Tradição*, i. e. em o qual *se não empregasse, se não allegasse, se não fizesse uso*, &c.

Metteo á contribuição *os fructos das arvores*, i. e. *fez contribuir*, &c.

Terras tão dilatadas para cuja acquisição se tinha mettido *tanto interesse*, i. e. em cuja acquisição *se havião empregado* tantos cuidados, ou cuja acquisição *se tinha procurado* com tanta diligencia, &c.

Tudo metteo em obra *para conseguir* &c., i. e. *tudo tentou, tudo moveo, tudo empregou* para conseguir, &c.

MINISTROS DO CULTO: He frase trazida do Francez com reprehensivel affectação, e já póde ser que com menos religioso intento. No nosso bom e antigo Portuguez dizemos *Ministros do Altar, da Igreja, da Religião, Ministros Ecclesiasticos, Clero, Clerezia*, &c.

MOBLADO: *MOBILADO*: *MOBILIADO*: *MOBILHADO*: *MOBELADO*: *AMOBILAR*: *AMOBILAÇÃO*: (*mobillé &c.*) De qualquer modo que se escrevão, são gallicismos escusados. Em Portuguez dizemos *adereçado, ornado, adornado, alfaiado*, e *adereçar, alfaiar, adornar, aparamentar*, &c.

MOÇÃO: (*motion*) Significa primariamente *movimento, toque, impulso* no corpo, e figur. *no animo.* Os Francezes o usárão modernamente para significar, como em Inglez, huma *proposta*, ou *proposição* de algum assumpto, que ha de tratar-se e discutir-se em ajuntamento publico ou particular. Neste sentido he escusado em Portuguez.

MONTAR EM COLERA: He gallicismo grosseiro, que achamos em huma Traducção, impressa na seguinte frase:

a

a leitura deste papel o fez montar em colera, i. e. *o pôz em grande colera, o encolerizou muito*, &c.

MORDER A TERRA: (*mordre la poussiere*) Pareceo-nos ao principio expressão Franceza, e impropria da nossa lingua; mas achamo-lo depois em Auctores de boa idade, taes como *Arraez* Dial. 4. C. 14: *He natural generoso, mui proprio dos Lusitanos, pugnar pela liberdade, até* morder a terra *com sua boca, e a regar com seu sangue. Naufrag. de Sepulv.* Cant. 9.:

Com bramido espantoso se debruça
O gentio na terra, onde co' a raiva
Mortal as ervas morde, *que do sangue*
Da ferida cruel ja estavão tintas.

E no *Mazagão Defend.* Poem. ms. C. 6.:

. . . . *o furioso*
Pelouro dá n'um Turco, que estirado
A terra *com a dor mortal* mordia.

Imitação de Virgil. Aeneid. L. XI.:

Procubuit moriens, et humum semel ore momordit.

N.

NEGLIGÉ: He vocabulo puramente Francez, e mui usado das pessoas mimosas e adamadas, quando dizem, v. gr. que alguem *está vestido ao negligé*, i. e. *ao desdem, a descuido, em* ou *com desalinho, desalinhadamente* &c. *Arraez Dial.* 10. C. 47 diz no mesmo sentido: *apertar os cabellos . . . com desordem e descomposição. Sousa Vid. do Arceb.* L. 6. C. 11: *o cabello ondado e louro pelos hombros* sem arte *estendido*; e logo: *o cabello tomado em tranças sobre a cabeça* com mostras de pouco cuidado. *Mousinho, Affons. Afric.* Cant. 12:

As donzellas ao vento derramados
Os cabellos sem ordem, sem concerto. &c. &c.

NUANÇAS: He vocabulo puramente Francez, e hum daquelles que mais difficultosamente se póde traspassar ao

Portuguez sem circumloquio. Parece que significa principalmente *os varios toques de huma mesma côr*; as *differenças insensiveis*, *que se vão dando a huma côr*, *quando se quer passar a outra suavemente*, *e com harmonia*; *a mistura e união de cores diversas com tão suave proporção*, *que não offende*, *antes agrada á vista.* Aos Artistas pertence achar, ou inventar o proprio vocabulo, que deve corresponder ao Francez *nuances*; mas póde ser que tenhão aqui algum lugar *sombras*, *assombrar*, &c. Tambem se usa em Francez para significar em geral *as pequenas differenças*, que tem entre si objectos do mesmo genero, ou as *modificações insensiveis*, que os fazem na realidade differentes, sendo aliàs identicos nas suas qualidades substanciaes, &c.

NULLO: *NULLIDADE*: Tem significação Portugueza, que todos sabem: mas não costumamos dizer *homem nullo*, por *homem inepto*, *de pouca conta*, *que de nada vale*, *que para nada presta*, &c., nem tambem *nullidade* por *ineptidão*, *incapacidade*, &c.

O.

OBRIGANTE: (*obligant*) Por *obsequioso*, *officioso*, *cortez*, *civil*, *urbano*, &c. parece-nos innovação escusada. Em outro sentido usamos do adj. *obrigatorio.* Vej. *Moraes* no *Diccionario.*

OSTENSIVEL: *OSTENSIVELMENTE*: Começão a usar-se em papeis impressos, á maneira dos Francezes, *ostensible*, e *ostensiblement.* Nós dizemos em Portuguez, v. gr. *Carta ostensiva*, i. e. que *se póde mostrar*, que he *para se mostrar*, e podemos daqui derivar analogamente o adverbio *ostensivamente*, quando quizermos dizer que huma cousa se faz *por mostra*, *em apparencia*, *apparentemente*, *só para se vêr*, &c. &c. como por exemplo na seguinte frase Franceza: *cet'homme faisait ostensiblemente les fonctions de Sécrétaire*, &c. i. e. este homem fazia *ostensivamente*, *na apparencia*, *quanto ao que se via*, &c., as funcções de Secretario, &c.

P.

P.

PAMPHLETO: Não comprehendemos a razão por que se pretende trazer á nossa lingua este vocabulo tomado do Francez *pamflet*, ou do Inglez *pamphlet*. Em melhor linguagem diremos *livrinho*, *folheto*, *papeleta*, *livrete*, &c.

PARA: Vej. adiante *Por*.

PARALYZAR: *PARALYZADO*: São vocabulos de origem Grega, e tomados por nós immediatamente, ao que parece, do Francez *paralysér*, e *paralysé* no sentido moral, e figurado, v. gr. *paralyzar a auctoridade*, i. e. *tirar-lhe a sua força, e energia, suspender ou enfraquecer a sua acção*. Os nossos Escritores havião prevenido a falta desta expressão, usando de *paraliticar*, e *paraliticado*, ou *aparaliticado*, como lemos em *Paiva* Serm. P. 1. fol. 259 verso, onde diz: *a alma* aparaliticada, *que não sente esta repunhancia interior da fé*: e pag. 262 verso *a alma assi chega a se empedernecer, e* paraliticar, *que* &c. Comtudo não reprovamos o uso moderno, visto ser já mui commum, e não encontrar a analogia.

PARQUE: (do Francez *parc*, ou do Inglez *Parck*) Por *tapada*, *coutada*, *bosque cercado* para caça, he de *Barros*, *Lucena*, e outros Classicos. No sentido militar *parque de artilharia* parece ser moderno, e trazido do Francez, mas adoptado. Vej. *Blut. Supplem.*

PATRIOTA: *PATRIOTISMO*: Significando *amante da patria*, são vocabulos modernos em Portuguez, e derivados dos Francezes *patriote*, e *patriotisme*, que tambem parecem trazidos do Inglez *patriot*, e *patriotism*. O uso geral os tem adoptado, e não se podem supprir por outro modo sem circumloquio.

PEÇA DE ELOQUENCIA: *PEÇA DE POESIA*: &c. Assim nomeão os Francezes *piéces de eloquence*, *piéces de poesie*, alguns *Discursos Oratorios*, *Poemas* não extensos, &c. Não reprovamos a expressão, visto que a palavra *peça* tambem

se usa em Portuguez, ainda que a diversos respeitos, fallando não de *parte* ou *pedaço* de alguma obra, mas de obras inteiras. V. gr. em *Barros Dec.* 2. L. 2. C. 2. *promettendo de lhe dar livremente a Ilha Baharem, e a Villa Catifa a ella fronteira, por serem* peças *mui visinhas a Lasah.* E em *Sous. Vid. do Arceb.* L 2. C. 31: *por ordem do Senado d'aquella Republica, lhe foi mostrado o prato, em que Christo Senhor nosso comeo o Cordeiro Pascoal na ultima Cea. He* peça *de preço inestimavel*, &c.

PENIVEL: *PENIVELMENTE*: São gallicismos desnecessarios, em lugar dos quaes diremos *penoso*, *molesto*, *incommodo*, *trabalhoso*, *afanoso*, *que causa pena* &c. e *penosamente*, *trabalhosamente*, &c. &c.

PENSAR: Por *cuidar*, *julgar*, *entender*, *ser de parecer*, *ter para si*, &c., foi sempre usado em Portuguez: mas no sentido mais generico, comprehendendo em sua significação *todas as operações do nosso entendimento*, he palavra moderna, tomada, segundo parece, do Francez *penser*, e com justa razão adoptada: pelo que dizemos hoje em boa linguagem: *homem que pensa bem*, i. e. *que tem idéas exactas*; *que as combina com acerto*; *que discorre com regularidade*, &c.

PENSAR AS FERIDAS: (do Francez *panser*) Por *curar*, *tratar as feridas*, parece expressão nova em Portuguez: mas temos as frases *pensar a criança*, i. e. *alimpala*, *enfaixala*, *amamentala*, *e ter cuidado della*: *pensar o cavallo*, i. e. *dar-lhe de comer*, *tratar delle*, &c., nas quaes o verbo *pensar* se usa com a mesma significação.

PEQUENO: Ainda que este vocabulo seja perfeitamente igual em significação ao Francez *petit*; nem sempre nos he permittido traduzir hum pelo outro; mas cumpre que examinemos o uso de ambas as linguas para não cahirmos indiscretamente em torpes gallicismos. Os Francezes, por ex., se servem com frequencia do adject. *petit* para formarem os seus diminutivos, o que nos não convem imitar em todos os casos, maiormente sendo o nosso idioma tão rico e variado nestas fórmas dos adjectivos. Asim, v. gr. em lu-

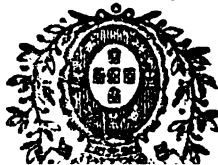
lugar desta frase: *Adéla se diverte com hum lindo* pequeno *navio*, diremos muito melhor: *com hum lindo naviczinho*. Em lugar de *abraçai por mim a agradavel* pequena *Adéla*, deve dizer-se *abraçai por mim a linda Adelinha*; *a minha amavel* pequena *Constança*, i. e. *a minha amavel Constancinha*, &c. Outras expresssões ha, em que convem traduzir o Francez *petit* de differente maneira, v. gr. nesta frase: *o papel de desdenhosa he o de hum* pequeno *genio*, deve dizer-se *he de hum animo cativo*, *apoucado*, *acanhado*, *baixo*, &c. *a altivez he o defeito dos* pequenos *genios*, i. e. *das almas baixas*, *apoucadas*, *vís*, &c. E se nestas, ou outras semelhantes frases se julgar alguma vez expressivo o adj. *pequeno*, deverá em tal caso pospôr-se ao substantivo, v. gr. *a altivez he o defeito de huma alma* pequena; porque não he indifferente, em muitas frases Portuguezas e Francezas, o lugar do adjectivo. Finalmente he erro mui grosseiro traduzir *petit-fils* por *pequeno filho*, em lugar de *neto*, como temos encontrado, não poucas vezes, em Traducções impressas.

PERDER A CABEÇA: (*perdre la tête*) Por *enlouquecer*, *tresvariar*, *desatinar*, *ficar alienado*, ou tambem *perder os sentidos*, *desmaiar*, *desfalecer*, &c. he gallicismo escusado.

PERICIVEL: (*périssable*) He erro grosseiro: deve dizer-se, v. gr. *bens perecedeiros*, ou *perecedouros*, *caducos*, *transitorios*, &c. Vej. *Imperissivel*.

PERSONALIDADE : *PERSONALIZAR* : (*personnalité* &c.) Tem já a seu favor hum uso mui geral, e auctorizado, e são derivados com boa analogia. Tambem se podia dizer *pessoalidade* e *pessoalizar*, e este ultimo já o achamos empregado em huma Traducção moderna.

PETIT-METRE: ou *PETIMETRE*: He a palavra franceza *petit maitre*, que temos visto usada até em Traducções, e papeis impressos. Podemos exprimila por *peralta*, *peralvilho*, *casquilho*, *mancebo presumido*, *garrido*, *rapaz adamado*, que affecta mil modos e geitos no fallar e trajar, talvez *pedante*, &c. O celebre *Abbade de Jazente* já o empregou em hum dos seus *Sonetos* que andão impressos, dizendo:

Bas-

Basta-me só que ás vezes nas visitas
As vejão petimetres *namorados*,
As oução sem desprezo as Senhoritas.

E em outro:

Se a moda o quer assim, calle a censura,
Em quanto o petimetre *e a dama bella*
Dança com gala, e canta com doçura.

PICANTE: Dizemos em Portuguez *palavras picantes*, *sabor picante*, *remorsos picantes*, *cuidados picantes*, i. e. *pungentes*, *penetrantes*, &c. mas *contraste picante* por *notavel*, *estremado*, *assignalado*, &c., parece gallicismo escusado, bem como *maximas escritas com huma precisão picante*, i. e. *fina*, *delicada*, *viva*, *aguda*, *estremada*, &c.

PICAR A CURIOSIDADE: Por *movela*, *excitala*, tambem parece gallicismo; mas não o julgamos improprio, visto que tambem dizemos *estimulado da curiosidade*, e *estimular a curiosidade*, que he metafora igual.

PICAR-SE de honra, *de nobreza*, *de sabedoria*, &c. (*se piquer*, &c.) He gallicismo, que havemos por inadoptavel no nosso idioma.: nem nos demove deste sentimento a auctoridade de *Bluteau*, que traz estas expressões no seu *Vocabul.*, sem todavia as auctorizar. A nossa linguagem tem muitos modos de exprimir a mesma idéa, com não menos energia, v. gr. *presumir de honrado*, *vangloriar-se de nobre*, *ostentar de sabio*, *jactar-se de erudito*, *gabar-se*, *gloriar-se de bom engenho*, *blasonar de valente*, *caprichar de polido*, *inculcar-se por fidalgo*, *vender-se por esperto*, *abonar-se de judicioso*, &c. He digno de notar-se aqui o uso que faz *Vieira* deste verbo no Tom. 15. dos Serm. pag. 204, aonde diz: *Taes extremos*, *como todos estes*, *faz o Senhor dos exercitos*, *quando* se pica de ciumes *da sua gloria*, &c.

PLACARD: (*placard*) Não sabemos com que fundamento metteo *Moraes* este vocabulo no *Diccionario da Lingua Portugueza*, sendo puro Francez, e tendo nós *edital*, e *cartel* que dizem o mesmo. Hoje se usa tambem *placard* para significar a *insignia*, ou *divisa* das Ordens Militares, prega-
da,

da, ou bordada sobre o vestido: mas ainda que o fundamento do sentido figurado não seja aqui tão vil, e torpe, como em *crachá*, comtudo não achamos bem clara e expressiva a analogia que ha entre o *edital*, que se préga na parede, e o *habito* ou *divisa* que se borda sobre o vestido. E todos sabem que esta analogia deve ser a base do sentido figurado. Vej. *Crachá*.

PONTO DE VISTA: (*point de vûe*) He termo da *Arte de Pintura*, e significa o ponto que o Artista escolhe para pôr os objectos em perspectiva. Tambem se diz do lugar, donde se póde bem ver o objecto, ou do lugar, onde o objecto se deve collocar para melhor ser visto. He adoptado na linguagem das Artes, e parece necessario. *Bernard. Serm. e Prat.* pag. 125 diz: *huma imagem primorosa, para ver se tem defeito por alguma parte, a viramos de muitos modos, e a contemplamos* a varias luzes, i. e. *em varios pontos de vista*. Em outro sentido dizemos ver hum objecto *debaixo de diversos aspectos*, ou por *mais de huma face*, &c.

POPULAÇA: (*populace*) He palavra Franceza innovada sem necessidade, e diz tanto como o Portuguez *gentalha*, *infima plebe*, ou ainda mais propriamente *a escuma do povo*, *as fezes do povo*, *a escoria do povo*, *a gente da infima relé*, *o mais vil do povo*, &c.

POPULAÇÃO: (*population*) Os nossos bons Escritores dizião com melhor analogia *povoação*; comtudo não reprovamos *população*, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas auctoridades modernas.

POR: *PER*: *PELO*: *PARA*: &c. São preposições Portuguezas, cujos varios usos e differenças se devem aprender pela assidua lição dos Classicos. Parece-nos porém gallicismo reprehensivel empregalas nas seguintes frases, que trazemos para exemplo de muitas outras que os nossos modernos Escritores tem tomado indevidamente do Francez:

Todo o ente subordinado a outro, e que não tem por elle o respeito que deve ter, &c., i. e. que *lhe não tem* o respeito.

O

O gosto que hum tem pelo *outro*: i. e. que hum tem *do outro*, que hum *faz do outro*, &c.

Inspirar desgosto pela leitura, i. e. *da leitura*, ou *para a leitura.*

Inspirava-lhe hum profundo desprezo por *toda a pessoa que não tivesse valor*; i. e. *de toda* a pessoa, ou *para toda a pessoa.*

Juramento de fidelidade e amor pelo *Principe*, i. e. *ao Principe.*

Eis-aqui os grandes fructos da vossa protecção para *Ulysses*, i. e. *a favor de Ulysses*, *da protecção que dais a Ulysses.*

Tudo vos assusta por *vosso filho*, i. e. *ácerca delle*, *a respeito delle.*

Felizmente para *nós*, i. e. *por felicidade nossa.*

A paixão de Zopiro para *Zenobia*: dir-se-ha melhor *por Zenobia.*

Ter inclinação pelas *letras*, i. e. *ás letras*, ou *para as letras*. *Sous. Vid. do Arceb.* L. 1. C. 2. tambem diz: *parecia que a natureza o cridra izento da inclinação* delles (Scil. *dos passatempos pueris.*)

Havia tudo que recear para elle *e sua Mãi*, i. e. *ácerça delle*, *a respeito delle e de sua Mãi.*

Mortaes, *prezareis tão pouco a virtude* para *suppordes austero hum semelhante assumpto?* i. e. prezareis tão pouco a virtude, que *vos pareça austero* — *que tenhais por austero* — *que supponhais austero*, &c. &c.

PÔR ALGUEM AO FACTO de alguma cousa: He gallicismo que diz tanto como *instruir a alguem dessa cousa*, *fazer-lha saber*, *inteiralo della*, *informalo*, &c.

PORTA-ESPADA: (*porte-épée*) He innovação escusada, visto termos *talim*, *talabarte*, *boldrié*, que dizem o mesmo.

PORTA-MANTÓ: (*porte-manteau*) He outro gallicismo desnecessario, em lugar do qual dizemos *mala*, ou *maleta*. Mas se se quizer hum vocabulo proprio, e de significação mais

mais restricta, por que não diremos antes *porta-capa*, ou *porta-capote*, assim como os Italianos dizem *porta-cappe*, *porta-mantello*, e os Hespanhoes *porta-capa*, e nós mesmos *porta-bandeira*, e não *porta-insignia* do Francez *porte-enseigne*?

PRATICADO: e *PRATICAVEL*. Vej. *Impraticavel*.

PRÉ: ou *PRÊT*; e no plural *Prêts*: São palavras trazidas do Francez *prêt*, empregadas nas *Condições* adjuntas ao Decreto de 27 de Junho de 1762, no Alvará de 9 de Julho de 1763, na Carta de Lei da mesma data §. 6, 9, 13, e no Alv. de 14 de Abril de 1764, e hoje mui geralmente usadas na linguagem, e Leis Militares. A origem e propria significação deste vocabulo militar acha-se na Obra intitulada *E'tat actuel de la Législation sur l'Administration des Troupes*, impressa em 1808 nos seguintes termos: *La solde se payait par mois sur revues, come il se pratique encore aujourd'hui pour les Officiers, et se nommait montre. Le mauvais usage, qu'en faisaient les soldats, qui dissipaient en peu de jours tout ce qui leur revenait pour le mois, força a leur faire une* avance *tous les dix jours par forme de* prêt, *terme en usage, et dans le même sens, dès Charles VII.* &c.

PREJUIZO: Sempre este vocabulo significou em Portuguez *damno*, *defraudamento*, *detrimento*, *perda*, &c.; hoje he mui vulgar dizer-se *prejuizo* em lugar de *preoccupação*, *prevenção*, *opinião antecipada*, &c., do Francez *préjugé*. Não o approvamos, por não ser necessario, e por causa da homonymia: e comtudo não ignoramos que o Latim *praejudicium* tambem significa *juizo antecipado*, e que daqui se poderia deduzir a segunda significação da palavra *prejuizo*.

PREMATURO: Parece ser trazido á nossa lingua do Francez *prématuré*. He já muito geralmente usado, tem boa origem, e não desdiz da analogia. Significa *maduro antes de tempo*, e no sentido figurado corresponde a *antecipado*, *feito antes de tempo* &c.; mas nem sempre estas duas palavras se podem empregar arbitrariamente huma pela outra, por quanto v. gr. *providencias antecipadas* póde dizer-

se, e entender-se *em bom sentido*, das que se dão ou tomão *muito a tempo* a respeito de qualquer negocio: mas *providencias prematuras* parece entender-se sómente *em máo sentido* das que forão *inuteis*, ou ainda *nocivas* por *immaturas*, tomadas *fóra de tempo*, e antes que o negocio tivesse chegado ao ponto em que ellas poderião ser proveitosas &c.

PRESSANTE: (*préssant*) He gallicismo escusado, e vocabulo improprio da nossa lingua. Em bom Portuguez dizemos negocio *urgente*, *forçoso*; circunstancias *apertadas*; razões *forçosas*, *apertadas*, *urgentes*; ordens *apertadas*; motivos *urgentes*, perigo *imminente*, *instante* &c.

PREVALECER-SE: *de alguma cousa*: He frase Franceza. Em Portuguez temos *prevalecer*, i. e. *poder mais*, *levar ventagem*, *levar a melhor* &c.; mas *se prévaloir de quelque chose* quer dizer *valer-se de alguma cousa*, *lançar mão della*, *servir-se*, *ajudar-se della* &c.

PRIMEIRO NASCIDO : (*premier-né*) Por *primogenito*, *filho maior*, *filho mais velho*, he abuso intoleravel, que mais de huma vez temos notado em Traducções impressas.

PRODIGAR: (*prodiguer*) Por *prodigalizar*, *despender prodigamente*, *desperdiçar*, he francezismo escusado.

PROGREDIR: He vocabulo trazido de novo á nossa lingua, á imitação dos Francezes, que tambem o tomárão do Latim *progredi*. Significa *continuar*, *hir por diante*, *fazer progressos*, *hir avante* &c. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na *Carta Regia* de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredindo*.

PROJECTO, e *PROJECTAR*: Do Francez *projet*, e *projetter* são adoptados. Vej. *Blut.* no *Vocabul.*, e seu *Supplem.*

PROPRIEDADE: He erro grosseiro traduzir por este vocabulo a palavra Franceza *propreté* (*limpeza*: *aceio*), como temos observado em algumas Traducções, confundindo-o com *proprieté*, *propriedade*.

Q.

Q.

QUE: He hum vocabulo, que se usa de varias maneiras no idioma Portuguez, e tambem no Francez: mas he erro e abuso traspassalo para a nossa lingua nos seguintes casos:

1.° No principio das proposições *optativas*, *imprecativas* &c. v. gr. Que *saiba todo o mundo os nossos amores*! — Que *eu morra, se isto assim não he*! — Que *elle sirva de pasto aos monstros*! &c. — Neste genero de frases, costumamos dizer em Portuguez: *Permita o Ceo* que *todo o mundo saiba*.... &c., ou *oxalá* que...., ou *praza a Deos* que.... &c., e se quizermos fazer a frase mais ellyptica, e mais concisa, diremos: *Saiba todo o mundo os nossos amores. — Morra eu se isto assim não he. — Sirva elle de pasto aos monstros*, &c. &c. —

2.° Nas frases compostas de dois ou mais membros, ou incisos, em cada hum dos quaes costumão os Francezes repetir o *que*, como succede nas que começão pelas formulas *tandis-que*, *lors-que*, *après-que* &c. v. gr. *quando elles se arrastarem pelo lodo do peccado*, *e* que *o castigo vier* &c. — *Quando a força circula*, *e* que *a alegria parece pular nas veias*. — *Depois de ter restituida Helena a Menelau*, *e* que *Neoptolemo fez sacrificar* &c. — *Em quanto o ardente calor murchava o esmalte dos lirios*, *e* que *as Driades procuravão as claras fontes*. — *Não tereis mais que hum semblante*, *e* que *huma palavra*, &c. &c. Nas quaes palavras o segundo *que* he hum pleonasmo vicioso em Portuguez, por ser empregado contra o uso, e boa syntaxe da lingua.

3.° Nas frases, onde o *que* Francez tem a força da particula restrictiva *senão*: v. gr. *como esta prova não póde fazer impressão* que *sobre hum ouvido attento* — *Os lugares oratorios exteriores são aquelles, que sem serem absolutamente estranhos á materia, não tem* que *huma relação indirecta com ella* — &c. As quaes frases em Portuguez corrente querem dizer: *como esta prova* sómente *póde fazer impres-*

são; ou *como esta prova não póde fazer impressão* senão *sobre* &c. &c.

Muito mais se deve evitar esta especie de gallicismo, quando da traducção litteral se segue escuridade, ou má intelligencia da frase, como por exemplo neste lugar tirado de huma Traducção impressa: *Se os lavradores não alcanção pelo trabalho mais rude e mais constante*, que *huma existencia desgraçada*, *não entrarião já na classe dos associados*, *mas dos escravos*: aonde o *que* separado do verbo *alcanção* pelas expressões intermedias, faz escuro, e quasi inintelligivel o sentido do Auctor, devendo dizer-se: *Se os lavradores*, *por meio do mais rude e constante trabalho*, *não alcançassem* mais que *huma existencia desgraçada*, ou *sómente alcançassem*, ou *nada mais alcançassem que* huma existencia &c. *não deverião ser contados na classe dos Cidadãos*, *mas sim na dos escravos* &c.

Cumpre porém notar aqui 1.° que achamos hum exemplo deste gallicismo em *Lobo Cort. na Ald.* ed. de 1649, pag. 135, onde diz: *não se ama a cousa* que *pelo que he*; 2.° que igualmente nos parece reprehensivel o *que* em lugar de *como*, ou *quanto*, usado nos Versos de *Filinto Elysio* na seguinte frase:

> . . . . *e até das Damas*,
> *Que a natureza fez tão engenhosas*,
> *Tam validas das Musas*, que *de Venus.*

3.° Que muito Portuguezmente usamos do *que* em lugar de *senão*, quando no primeiro membro da frase vem o adjectivo *outro*, *outra cousa* &c. v. gr. em *Arraez Dial.* 5. C. 21: *não sendo a virtude outra cousa*, que *huma medianeira* &c. no *Espelh. de Relig.* pag. 79: *nenhuma outra cousa lhe havião lançado* que *sal e agoa* &c. &c.

QUEIMAR A CABEÇA: (*bruler la tête*) He expressão Franceza, que val tanto como em Portuguez *matar*, ou mais á letra *matar a tiro dado na cabeça.*

R.

R.

RANGO: He tomado indevidamente pelos nossos Traductores modernos do Francez *rang*, por ignorarem que temos em Portuguez o mesmissimo vocabulo, posto que já com outra orthografia e pronunciação. *Duart. Nun.* na *Orthogr. da Ling. Portug.* Cap. 11 diz, que dos *Francezes Limosiis* tomárão os Portuguezes o vocabulo *Rench* por *têa para justa* (fileira de taboas, com que se fechava o campo), e que daqui dizemos *as cousas postas em ordem ou ala* estarem em *rench. Damião de Goes* escreve: *duas renques de homens armados*, i. e. *duas fileiras.* Hoje finalmente se diz com frequencia *pôr em renque*, ou *em renga — huma renga de arvores* &c.; — e nesta Provincia do Minho se tecem certos panos de linho mui raros, a que chamão *rengues*, ou *rengos*, aos quaes, póde ser, alludia D. Francisco Manoel nas suas *Obras Metric.* Tom. 2. pag. 60 col. 1. quando dizia:

> *Não me cazo co' avoengo,*
> *De Pay de May Deos nos livre,*
> *Sogra astuta Sogro sengo*
> *Pede ora a capa, ora* o rengo
> *Se he cativa, eu não sou livre.*

Vej. Blut. nas palavras *Rengue*, e *Rengo*, e o *Diccionario de Moraes* nas mesmas palavras.

RECLAMAR: Tem este verbo suas significações proprias em Portuguez, que se achão nos Diccionarios, e devem ser sabidas: mas com a significação de *invocar*, *implorar*, e tambem *demandar*, *exigir* &c. parece-nos gallicismo reprehensivel. Assim em lugar de *reclamar a auctoridade das Leis — reclamar a justiça do Principe — reclamar os direitos da razão — reclamar o testemunho de alguem em nosso favor* &c. — devemos dizer: *invocar a auctoridade* das Leis — *implorar a justiça* do Principe — *invocar os direitos* da razão — *chamar*, *invocar em seu favor o testemunho* de alguem &c. — E em es-

estoutras frases: *as ordens do Soberano reclamão a nossa obediencia — a necessidade de nos salvarmos reclama a nossa união* — diremos: as ordens do Principe *exigem* a nossa obediencia — a necessieade de nos salvarmos *demanda*, *exige* a nossa união &c. &c.

RECRUTA: *RECRUTAR*: &c. *Nestas palavras* (diz *Madureira* na *Orthogr.*) *verterão alguns nossos Portuguezes militares a palavra Franceza* Recrue, *que significa a leva que se faz dos soldados para encher as companhias* &c. Vej. *Blut. Pros. Academ.* P. 1. p. 16. Hoje são palavras adoptadas, e auctorizadas.

REDACTOR: (*redacteur*) Quer dizer *compilador*, *recopilador* &c. Usa-se hoje, principalmente para significar os *compiladores de noticias publicas*; os *Diaristas* tanto *politicos*, como *Litterarios* &c.

REGRESSAR: Dizem alguns, seguindo o Francez moderno *regresser*, em lugar de *retroceder*, *voltar sobre os proprios passos*: mas este vocabulo parece não ser derivado conforme a analogia da lingua, e poder-se escusar em Portuguez.

REINSTALLAR. Vej. *Installar*.

REMARCAVEL: (*remarquable*) He puro gallicismo, e todavia muito da moda. Em Portuguez corrente dizemos *notavel*, *digno de reflexão*, *de reparo*, *insigne*, *conspicuo*, *estremado*, *assignalado*, *abalisado*, *que he para ver-se*, *que he muito de ver* &c.

RENDEZ-VOUS: He Francez estreme, que nós traduziriamos por *parada*, *paragem*, *estancia* &c., v. gr. *sa maison étoit le* rendez-vous *des personnes de la plus grande qualité*; a sua casa era a *estancia*, *a parada* dos homens da mais distincta qualidade, i. e. o *lugar de ajuntamento*, o *ponto*, ou *lugar de união* &c.

RENOMADO: Por *afamado*, *celebre*, *famoso* &c., he gallicismo intoleravel, e escusado.

REPRIMENDA: (*réprimande*) He outro gallicismo de que não temos necessidade alguma, e que significa o mesmo que *reprehensão*, e *correcção*.

RE-

REPROCHAR: (*réprocher*) Quer dizer *exprobar*, *improperar*, *lançar em rosto* algum vicio, ou defeito. He usado por *Gomes Eannes*, *Chron. do Cond. D. Pedro* C. 15; e já o traz *Duarte Nun.* (Orig. da Ling. Port. C. 11) entre os vocabulos, que tomamos dos Francezes, posto que *Bluteau* o suppõe derivado da lingua Castelhana. Pelo que não o podemos tachar de gallicismo moderno, como alguns pretendem.

RESSORTE: (*ressort*) He vocabulo puramente Francez, que significa propriamente o *elasterio* ou *mola* do relogio, ou de outra maquina, e no sentido figurado qualquer *meio*, *agente*, *impulso*, ou *expediente activo*, que se emprega para a execução de alguma empreza. Podemos expressalo em bom Portuguez por *móla*, usando da mesma metafora, que os Francezes adoptárão; ou traduzilo por *agente*, *causa activa*, *movel*, *motor principal*, &c. &c., ou em fim usar de outras expressões de igual força, e apropriadas ás circunstancias. V. gr. nesta frase *ce-là est du ressort de la Grammaire*, diremos *isto pertence á Grammatica*, *he da sua competencia*. *Estas cousas não são* do ressorte *dos systemas filosoficos*, i. e. não são *da sua alçada*; não estão *no alcance* da Filosofia; não *o alcanção* os systemas filosoficos; *excede as balizas* da Filosofia, &c. &c.

RESSURÇAS: (*ressource*) He puro gallicismo, que tão inadvertidamente usão até pessoas doutas, e discretas. Em lugar delle temos *recursos*, *expedientes*, *arbitrios*, *meios*, *traças*, *ardís*, *modos*, *artes*, *invenções*, *manhas*, *industrias* &c.

RESTO: Não reprovamos este vocabulo, que he muito Portuguez; mas o uso immoderado, que delle se faz, dá ás vezes ao discurso hum resabio de francezismo, que se deve evitar variando a expressão. Assim poderemos traduzir v. gr. *o resto dos homens*, i. e. *os de mais homens*; *todo o resto se queimou*, i. e. *tudo o mais*; *o resto do dinheiro*, i. e. *o restante*, *o remanecente*; *os restos da meza*, i. e. *os sobejos*, *os residuos*; *o portador vos dirá o resto*, i. e. vos dirá *o mais*; e assim nas outras frazes, que a cada passo se offerecem.

Quan-

Quando se notão v. gr. os defeitos de alguma pessoa, e se conclue com esta clausula *du reste excellent homme*, seria má traducção dizermos, como hoje mui vulgarmente se diz: *de resto he hum excellente homem*. Em frase Portugueza diremos: *no mais he hum homem excellente*, ou *aliàs he hum homem excellente*, ou *homem aliàs excellente*. &c. Quanto porém á expressão conjunctiva *au reste*, que hoje se traduz *de resto*, e a cada passo se repete na conversação familiar, confessamos não ter achado huma palavra Portugueza, que exactamente lhe corresponda, devendo por isso supprir-se pelas clausulais *no mais*; *em quanto ao mais*; *no que toca ao mais* (em Latim *ceterum*, ou *quoad cetera*), e algumas vezes, *de mais do que*; *sobre isto*; *com tudo isso*; *porém*, *e de mais*; *todavia* &c. &c.

RETRETA: *Tocar á retreta*, parece que dizem hoje os nossos militares, tomando o vocabulo ou do Hespanhol *retreta*, ou do Francez *retraite*. Segundo o nosso parecer he escusada esta novidade. *Sonner la retraite* quer dizer em Portuguez limpo *tocar a recolher*; *battre en retraite*, *tocar a retirada*; *faire une honorable retraite*, *fazer huma honrosa retirada* &c. &c.

RETROGRADAR: He tomado do Francez *retrograder*, ainda que a sua origem he Latina. Significa o mesmo que *retroceder*, *voltar para traz*. Já vem em *Bluteau* no *Supplem.* com a significação de *retroceder*, *cessar*, *desistir de alguma cousa*, e no *Thesour. de Prud.* achamos *retrogradando por ordem do aureo numero*.

REVANCHE: He puro gallicismo intoleravel. Em Portuguez corresponde-lhe *desforra*, *despique*, *satisfação*, e tambem genericamente *compensação*, ou seja em *recompensa* de acção boa, ou em *vingança* de acção má.

REVERIA: (*reverie*) He outro gallicismo igualmente grosseiro e intoleravel. Este vocabulo significa em bom Portuguez ora *fantasias*, ora *pensamentos*, ora *imaginações loucas*, *delirios*, e talvez *meditações*. Refere-se mui particularmente ao estado de huma pessoa, que inteiramente se acha

oc-

occupada de hum pensamento qualquer, de sorte que a nada mais attende; e neste sentido se lhe póde substituir em Portuguez *meditação profunda*, e talvez *alienação.*

REVOLTAR: *REVOLTANTE*: São palavras, que os afrancezados hoje usão com muita frequencia: *isto revolta a razão*; *esta acção revolta a humanidade*; *revolta o bom senso* &c. &c. Mas são puros gallicismos. Os nossos bons Portuguezes dirião: *isto escandaliza a razão*; *indigna a humanidade*; esta acção *faz exasperar*, *provoca*, *irrita*, *incita*, *causa raiva* &c. &c.

RIDICULO: Em Portuguez he hum adjectivo, que significa *cousa digna de riso*, *que move a riso.* Mas não o tomamos como substantivo para dizer, v. gr., *conheço os ridiculos do mundo*, i. e. *o que o mundo tem de ridiculo*, ou conheço *quão ridiculo he o mundo* &c. *Este homem se cobrio de ridiculos*, i. e. *se fez ridiculo*, *se ridiculisou*, ou *se portou ridiculamente* &c.

RIVAL: *RIVALIDADE*: *Até agora* (diz *Bluteau*) *não a achei em Autores Portuguezes*; *mas pela mesma razão que os Italianos*, *Castelhanos*, *e Francezes*, *a podemos admittir*; *porque não temos outra com significado equivalente*: *os Latinos a usárão em competencias amorosas* &c. Porém antes de *Bluteau* já esta voz havia sido empregada por *João Franco Barreto*, *Eneid. Port.* L. 4. E. 122, aonde a desditosa Dido exclama:

> *Que farei? por ventura hei de tornar-me*
> *Aos primeiros* rivaes *escarnecida?*

E antes de *João Franco Barreto*, a usára *Mousinho* no *Affons. Afric.* C. 5.:

> *Mas elles*, *qual o touro impaciente*,
> *Terror da Sylva*, *dos* rivaes *espanto.*

Vej. tambem *Moraes* no *Diccion.* na palavra *Dislate*, aonde traz *rival* auctorizado com o *Viriato Trag.* Depois se tem usado com muita frequencia, de maneira que hoje se deve reputar não só naturalizado, mas classico. Comtudo não devemos esquecer-nos dos vocabulos Portuguezes *competidor*,

e *competencia*, e *emulo*, e *emulação*, *pretensor* &c., que assim como *rival* e *rivalidade* significão não só *competencias amorosas*, mas quaesquer outras, e além disso em alguma occasião serão de melhor effeito na harmonia da locução.

ROLAR: He entre nós verbo neutro, que não admitte significação activa, e (como dizem os Grammaticos) *transeunte*. Pelo que os nossos modernos Traductores commettem solecismo, quando dizem, segundo o uso Francez, *pequenos grãos de ouro correm com a arêa, que* rola este rio *em seu magestoso curso*, devendo dizer: *com a arêa, que* este rio volve *em seu magestoso curso* &c. Assim *Camões* nos *Lusiad.* Cant. 7. Est. 11:

> *Não vedes que Pactólo e Hermo rios*
> *Ambos* volvem *auriferas arêas*?

E a moderna Traducção das *Metamorph. de Ovid.* por *Almeno* Liv. 2.:

> . . . . *donde corria murmurando*
> *Hum rio, que* as arêas *quebra e* volve.

ROMANCE: Sempre significou entre nós a *Lingua vulgar*, ou propria de cada Nação. *Camões* Cant. 10. E. 96:

> *O Rapto rio nota, que* o romance
> Da terra *chama Obi* . . . .

Daqui vem *romance*, e *romancear*, i. e. *traducção*, e *traduzir em vulgar*: v. gr. em *Bern. Prat. e Serm.* P. 1. p. 416: *este he* o romance *das seguintes palavras de Santo Agostinho*: e em *Fr. Greg. Bapt.* 1. P. das *Doming.* n. 241: *não* romanceio *as palavras, por que são expressamente tudo o que tenho dito* &c.; e tambem *Romances* por certa composição poetica, que semelha muito a prosa. (Vej. *Madur. Orthogr.*) Mas *Romance* por *Novella* he novo e trazido do Francez: hoje porém está adoptado pelo uso geral.

RUTINA, ou *ROTINA*: (*routine*) He gallicismo desnecessario, e porém mui vulgarmente usado. Significa *trilha*, *usança*, *caminho trilhado*, *cousa usual*, *trivial*, *vulgar*, *sabida de todos* &c. Assim em lugar de *seguir a rutina*, dire-

remos *seguir a trilha*, ou *o trilho*, *á usança* &c. *Politica de rutina*, i. e. *trivial*, *usual*, *vulgar* &c. &c.

S.

SALTAR AOS OLHOS: He expressão Franceza, que não convem ao nosso idioma. A frase *cela saute aux yeux*, deve traduzir-se *isto he mais claro que a luz*, ou *que a luz do meio dia*, ou *isto he tão claro como o Sol* (Lat. *hoc patet meridiana luce clarius*: ou *id nemo non videt.*) ou tambem *isto está-se metendo pelos olhos.* — *Ne voir pasce qui saute aux yeux*, i. e. *fechar os olhos á luz* (Lat. *caligare in sole*) &c. &c.

SABRE: He tomado do Francez, ou do Inglez *sabre*, e presentemente mui usado dos militares: mas parece desnecessario, visto exprimir o mesmo que o Portuguez *terçado*, *alfange*, e *cimitarra*, ou *semitarra.*

SALVA-GUARDA: (*salve-garde*) He tambem novo em Portuguez, e escusado. Diz o mesmo que *salvo-conducto*, *seguro*, *resalva*, e algumas vezes *sagrado*, *asilo*, *amparo*, *protecção*, *patrocinio* &c.

SANCCIONAR: (*sanctionner*) Por dar *sancção*, *confirmar*, *ratificar* &c., tem origem Latina, he derivado conforme a analogia, e parece necessario para evitar circumloquio, visto ter significação mais restricta que os verbos *confirmar*, e *ratificar.*

SAPADOR: (*sapeur*) Significa em geral o *cavador de enxada*, e no sentido militar o que em Portuguez chamamos *gastador*, i. e. aquelle que no exercito, e nos assedios *trabalha com enxada em alhanar caminhos*, *abrir trincheiras*, *fazer fossos* &c. (Vej. *Blut. Vocabul.* palavra *Sapa*) *Moraes* no *Diccion.* palavr. *Sapa*, e *Sapador* diz que *Sapador* he o soldado, que trabalha com *sapa*, e que pertence á companhia dos *Mineiros.* Parece vocabulo de origem Italiana.

SATELLITE: Tomado do Latim *satelles*, i. e. *guarda que acompanha sempre o Principe*, he usado entre nós no sentido astronomico, por *planeta menor*, que gira em torno de ou-

outro maior, como a Lua em roda da Terra. Hoje se diz tambem, como em Francez, por *esbirro*, *beleguim*, *official inferior de Justiça*, e ainda por *qualquer homem asalariado*, que acompanha quasi sempre a outrem para feitos máos, e acções criminosas &c. He metafora expressiva, e em muitos casos aceitavel.

SECUNDAR: *SECUNDADO*: He gallicismo desnecessario, pelo qual dizemos em bom Portuguez *coadjuvar*, *auxiliar*, *apoiar*, *ajudar*, *assistir*, *apadrinhar*, *patrocinar*, &c.

SENSATO: Em lugar de *avisado*, *sisudo*, *prudente*, *considerado*, talvez *judicioso*, *discreto* &c., parece innovação, que nos não era necessaria: mas tem boa origem no Latim, acha-se auctorizado pelo uso geral, e não desdiz da analogia.

SENSO: He vocabulo novo em Portuguez, e derivado immediatamente do Francez *sens*, ainda que de origem Latina, e trazido com sufficiente razão á nossa lingua. Deve todavia usar-se sem affectada frequencia, e sem nos esquecermos das expressões propriamente nossas, com que declaramos os seus diversos sentidos. Assim poderemos variar da maneira seguinte as frazes, em que elle póde ter lugar:

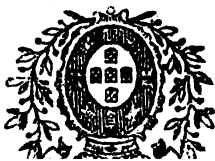
Homem de senso, i. e. homem *de juizo*, homem *prudente*, *de razão*, *de capacidade*, *de tino* &c.

Homem de grande senso, i. e. *de grande juizo*, *de bom juizo*, *de bom entendimento*, *de muita intelligencia*, *mui avisado*, &c.

Homem que não tem senso, i. e. *mentecapto*, *insensato*, *louco*, *desarrazoado*, &c.

Perder o senso, i. e. *enlouquecer*, *perder o juizo*, *desatinar*.

Obrar como homem de senso, i. e. *como homem de juizo*, *de conselho*, *como homem prudente*, *obrar com cordura*, *com sisudeza*, *avisadamente*, &c.

Não

Não ter o senso commum, i. e. *não ter discrição*, *não ter sizo*, &c.

SENTIMENTAL: He palavra innovada em Francez, e do Francez trazida para a nossa lingua; mas havemos que he conveniente adoptar-se, visto ter boa origem e derivação, e não poder-se suprir em todos os casos por outra de igual expressão e valor: porque a palavra *sensitivo*, que parece corresponder-lhe, nem he de significação tão determinada, nem o póde traspassar bem em todas as circunstancias.

SENTIMENTO: Significa em Portuguez a *sensação de prazer*, *pena* &c.; a *dôr*, *pena*, ou *paixão* que se toma por alguma cousa; a *opinião* ou *parecer*, que se tem nesta ou naquella materia &c. (Vej. *Blut.* e *Moraes*) Hoje o usamos tambem á imitação dos Francezes, para significarmos com ella o mesmo que com a palavra Portugueza *affecto* no seu sentido generico, e dizemos, v. gr. *ter sentimentos* de humanidade, de compaixão, de benevolencia &c. para com alguem, i. e. *ter affectos* de humanidade &c., *ter bons*, *ou máos sentimentos* para com alguem, i. e. *ser-lhe affecto*, *affeiçoado*, ou *desaffecto*, *desaffeiçoado*, ter *bons* ou *máos sentimentos*, i. e. *bom* ou *máo coração*; ter *sentimentos nobres*, *baixos* &c., i. e. ter *coração nobre*, ter *alma vil* &c.; homem *que não tem sentimentos*, i. e. *impudente*, *desfaçado*, *desavergonhado* &c. He vocabulo justamente adoptado, e muito expressivo.

SERPENTEAR, ou *SERPENTAR*: São tomados do Francez *serpenter*, tem boa derivação do subst. *serpente*, e são formados conforme a analogia. Mas temos exemplo classico de *serpejar* com a mesma significação no *Viriat. Trag.*, imitado na moderna Traducção das *Metamorph. de Ovidio* L. 4.:

> *E em corpo unido, até entrar nas grutas*
> Serpejárão *da proxima floresta.*

Tambem se póde dizer *serpear* com boa analogia, bem como dizemos *gotejar* e *gotear*, *rastejar* e *rastear*, *carrejar* e *car-*

carrear &c., e desta fórma o vemos empregado a miude nos *Versos de Filinto Elysio*, por exemplo no Tom. 2.:

Qual serpeia *o regato*
Em socegada veia.

E em outro lugar:

Em seu fluido estilo vai Bernardes
Serpeando *manso e manso* . . . &c.

SEXO: No idioma Portuguez he vocabulo indifferente para significar o *sexo masculino*, ou *feminino*: pelo que parece abuso empregalo absolutamente, e sem modificação, como fazem os Francezes, para significar, quasi por excellencia, *as mulheres*, ou o *sexo feminino*. V. gr. nestas proposições: *no que respeita particularmente ao sexo*, deve dizer-se *ao sexo feminino*, ou *ás mulheres*; *taes mulheres não devem ser contadas entre o sexo*, i. e. taes mulheres *não merecem este nome*; ou *não devem ser contadas entre as pessoas do seu sexo*; *os caprichos do sexo*, i. e. *das mulheres* &c.

SIM: *Esta particula* (diz *Dias Gomes Obras Poet.* not. 13 á Od. 5.) *he mui Portugueza*; *mas o uso immoderado*, *que neste tempo tem feito della Poetas e Oradores*, *quando servilmente imitão os Auctores Francezes*, *e principalmente em clausulas tão proprias da lingua Franceza*, *como estranhas da nossa*, *a constituirão gallicismo*. Parece que este Critico Philologo allude particularmente a certas transições affectadas, que se notão com frequencia nos nossos modernos Oradores Sagrados, e algumas vezes nos Poetas, quando intempestivamente, e fóra de preposito usão das clausulas *sim*; *sim*, *Senhores*; *sim*, *meus Ouvintes*, &c.; as quaes em melhor Portuguez se traspassarião por estas: *na verdade*; *em realidade*; e *por certo que* &c. &c.

SOBRE: He preposição Portugueza, cuja significação e usos devem ser conhecidos. A lição porém dos livros Francezes tem introduzido varios modos de fallar, em que ella se emprega contra o bom uso Portuguez, e com huma frequencia tal, que faz o discurso affectado. Daremos alguns exemplos com as suas correcções.

No-

Nomes inscriptos *sobre a lista*, i. e. assentados *na lista*. (Vej. *Inscrever*)

Concordamos *sobre o fundo* da questão, i. e. *no substancial*, *no essencial*. (Vej. *Fundo.*)

Usurpação *sobre o Clero*, i. e. *feita ao Clero.*

O throno, que hum perfido usurpou *sobre mim*, i. e. que hum perfido *me usurpou.*

Ajuntou-se o Concilio *sobre a petição* do Clero, e povo, i. e. *a pedido*, *a requerimento* do Clero &c.

Tribunal fundado *sobre o modelo* dos tribunaes do Egypto, i. e. estabelecido, ou fundado *conforme o modelo*, *segundo a forma*, ou *á maneira* dos do Egypto, ou *amoldado aos do Egypto* &c.

Domou os paizes, que achou *sobre a sua passagem*, i. e. que encontrou *em sua passagem* &c.

Ganhar terreno *sobre o inimigo*, i. e. *ao inimigo.*

Conquistar a Palestina *sobre os Arabes*, *e Turcos*, i. e. *aos Arabes* &c.

O objecto dessas disposições era fazer temer ao inimigo *sobre o centro* da sua linha, i. e. inspirar-lhe temor *á cerca*, ou *a respeito do centro* &c.

Acreditar alguem *sobre a sua palavra.* Duvidamos que seja expressão classica; mas já vem no Alvará de 14 de Abril de 1764.

Dirigir as suas acções *sobre o plano* combinado da sua futura elevação, i. e. *conforme*, ou *segundo o plano* &c.

Contar *sobre alguem*, ou *sobre alguma cousa.* Vej. *Contar.*

SOBRE O CAMPO: (*sur-le-champ*) Expressão adverbial, que com summa ignorancia tomárão do Francez alguns Traductores nossos. Em lugar della diremos *logo*; *em continente*; *sem demora*; *no mesmo ponto*; *logo no mesmo ponto*; *logo logo*; *sem detença*; *immediatamente*; *promptamente*; *de repente*; *no mesmo instante* &c. &c.

SORTIDA: (*sortie*) Por *invectiva*, *reprehensão aspera*, *vehemente* &c. he puro gallicismo, e abuso intoleravel. Tambem

bem nos parece erro tomalo por qualquer *escaramuça*, ou *correria militar* contra o inimigo: mas no sentido mais restricto de *tentativa que fazem os sitiados contra os sitiadores de huma praça*, he adoptado. Vej. *Moraes* na palavra *Sortida.*

SUBIR: (*subir*) Por *sofrer*, *soportar*, v. gr. *subir a pena*, *subir o jugo* &c., sem embargo de ter fundamento no Latim, he abuso contrario á significação que tem em Portuguez a palavra *subir.*

SUBSISTENCIA: Significando *o necessario para a vida*, *o alimento*, ou *os meios precisos para subsistir*, diz *Bluteau* no *Supplem.*, que he tomado do Francez *subsistence.* Hoje he adoptado.

SUCCESSO: Significa em Portuguez qualquer *acontecimento*, o *exito de qualquer empreza*, ou negocio &c., e he indifferente para exprimir o successo *bom* ou *máo*, *feliz* ou *infeliz*, *prospero* ou *adverso* &c., em tal maneira que só o adjectivo o tira da sua indeterminação, restringindo-lhe a extensão do significado. Pelo que he gallicismo tomalo *absolutamente*, dizendo v. gr. *prégou com successo*, i. e. *com bom successo*; *para cultivar com successo he necessario conhecer o terreno*, i. e. para cultivar com *feliz successo* &c.

SUCCUMBIR: (*succomber*) Parece-nos derivado immediatamente do Francez para o Portuguez. Em lugar delle diziamos v. gr. *succumbir á dor*, *á corrupção*, *ao pezo*, i. e. *render-se á dor* &c. Comtudo *succumbir* tem origem no Latim, he conforme com a analogia, he expressivo, e tem significação mais restricta, e por isso menos equivoca que o verbo *render-se.*

SUPERCHERIA: Traz *Blut.* esta palavra no seu Vocabulario, sem a auctorizar, e diz que significa *engano*, *fraude*, *dolo*, e que alguns a querem derivar de *super*, e *tricherie*, que em Francez val o mesmo, que *engano no jogo.* Nós não a temos até o presente achado em Auctor algum nosso de boa nota, nem a julgamos necessaria, nem digna de adoptar-se: e entendemos que a sua significação se ex-

pri-

primirá bem por *velhacaria*, *trapaça*, *astucia fraudulenta* &c.

SUPPLANTAR: (*Supplanter*) Significa propriamente *armar cambapé*, ou *dar traça, com que alguem caia, e se arruine, para lhe precedermos*; *usar de sancadilhas*, *lançalas a alguem para derribalo*; *furtar-lhe o arrimo*, *e fazelo cahir para passarmos adiante*; *fazer perder a alguem o credito*, *favor*, *ou auctoridade*; *arruinalo para nos pormos em seu lugar* &c. Tem origem no Latim *supplantare*; não encontra a analogia; he mui expressivo e energico; e não póde supprir-se em Portuguez se não por circumloquio.

SUPPORTAR, ou *SOPORTAR*: Do Latim *supportare*, quer dizer, *levar algum pezo sobre si*, *poder com elle*, *sustentalo estando debaixo* &c.; e com esta mesma significação o usamos no sentido fig., quando dizemos em bom Portuguez: *Soportou o primeiro choque*, *e a primeira furia da peleja*; *soportar a violencia da artilharia*; *soportar o impeto do inimigo*, &c. (Vej. *Blut.* no *Vocab.* palavr. *Soportar*) Daqui vem a outra significação tambem figurada de *sofrer*, *tolerar*, *sobrelevar* algum mal, ou dor, i. e. levala com paciencia. Mas nunca em Portuguez se disse, como dizem os Francezes modernos, *soportar a artilharia com a infantaria*; *soportar o Governo com subsidios*; *soportar a esquerda com alguns batalhões* &c., em lugar de *apoiar*, *auxiliar*, *sustentar*, *assistir*, *ajudar* &c.

SURMONTAR: (*surmonter*) He gallicismo, que diz tanto como o Portuguez *superar*, *vencer* &c., e se for necessario no seu primario e formal sentido, diremos com boa analogia *sobremontar*.

SURPREZA: *SURPRENDER*: &c. Os nossos Classicos dizião *soprezar* por *tomar improvisamente*, v. gr. *soprezar huma praça*, *fortaleza*, *castello* &c., e *soprezado* por *tomado de improviso*, v. gr. *navio soprezado* &c. Hoje se diz tambem *surprender*, e *surpresa* do Francez *surprendre*, e *surprise*, por *tomar alguem desapercebido*, *de subito*, *de improviso*, *achalo inesperadamente no facto* &c. Vej. *Moraes* no *Dicion.*

cion. palavr. *Surprender*, aonde diz que he *termo moderno adoptado.* Nós somos de parecer, que se deve corrigir a orthografia, visto que não he regular compôr hum verbo ou nome com huma palavra Portugueza, e outra estrangeira. A analogia pediria, no nosso caso, *sobre-prender*, ao qual preferiremos sempre as boas expressões Portuguezas *sobresaltear*, ou *sobresaltar*, e *sobresalto*, i. e. *accommeter*, ou *tomar de improviso* com alguma novidade, ou cousa inesperada; e *accommettimento imprevisto*, ou o *susto*, e *enleio*, que elle causa. Quando os Francezes dizem, v. gr. *Surprendeo a minha credulidade*, *a minha boa fé*, entende-se *enganou*, *induzio em erro*, *abusou* da minha credulidade &c. &c.

T.

TAPEÇAR: *TAPIZAR*: *TAPEÇADO*: *TAPIZADO*: e *TAPESSAR*: São tomados do Francez *tapisé*, ou *tapissé*, e *tapisser*; mas não são modernos, como ao principio nos parecêrão. Em *Vieira*, *Serm.* Tom. 1. pag. 307 achamos: *paredes ricamente entapizadas.* Nos *Estat. antigos da Universidade* pag. 7: *entapiçar a Capella. Mousinho Affons. Afric.* Cant. IV.:

Era de verde esmalte entapisada
A bella margem . . . . &c.

E no Cant. VI.:

Logo saltamos dentro, *e no regaço*
Da floresta de verde tapizada.

E finalmente o mesmo *Vieira*, *Serm.* Tom. 15. pag. 266: *o aposento de Sua Alteza . . . pelo inverno tinha de mais* os tapizes, &c. Conservemos pois os vocabulos, e sejamos conformes na Orthografia.

TARDIVO: e *TARDIVA*: São vocabulos que lemos em huma Traducção impressa, e que tomariamos por erros typograficos, se os não vissemos repetidos mais de huma vez em ambos os generos, á maneira do Francez *tardif*, e *tardive*, v. gr. *a experiencia filha* tardiva *do tempo*; *o outo-*

no

no tardivo *da idade*; *a marcha* tardiva *do homem* &c. O Portuguez *tardio*, e *tardia* não he nem menos expressivo, nem menos harmonico, e por isso tal innovação he destituida de todo o fundamento rasoavel.

TARTUFO: He vocabulo novo, que parece ter sido introduzido na nossa linguagem pelo Capitão *Manoel de Souza*, na Traducção do *Tartufe* de *Moliere*. Significa o mesmo que o Portuguez *hypocrita*, ou *beato falso*; e seria para desejar, que nem huma só palavra nos fosse necessaria para exprimir semelhante casta de maldade e depravação.

TAXA: Este vocabulo tomado na significação de *imposto*, *tributo*, *direito*, foi modernamente censurado de gallicismo, ou Inglezismo, como derivado do Francez *taxe*, ou do Inglez *tax*. Nós o achamos no Diccionario de *Moraes* auctorizado, no mesmo sentido, com *Goes*, *Chron. de D. Man.* P. 1. Cap. 18; mas não tivemos occasião de verificar este lugar.

TEMIVEL: He palavra já hoje mui vulgarmente usada, e que tem a seu favor algumas boas auctoridades modernas, razão por que o não reprovamos, maiormente não encontrando elle a analogia do idioma. Os nossos bons Portuguezes dizião em lugar delle cousa *temerosa*, *temida*, *para temer*, e tambem elegantemente *cousa para temida*.

TIRADA: He vocabulo tomado do Francez *tirade*, ou do Italiano *tirata*, que significa *passagem hum pouco extensa de alguma obra*, ou *lugares seguidos sem interpolação sobre o mesmo assumpto*. Não o julgamos adoptavel, e em lugar delle usariamos de *rasgo*, ou *lanço*, que respondem aos termos Latinos *tractus*, *jactus*, assim como estes ao Francez *tirade*, e ao Italiano *tirata*; e em Portuguez corrente dizemos *rasgo de eloquencia*, i. e. *passagem eloquente seguida*, *e não mui extensa*, e tambem *lanço de casas*, *de cubiculos* &c. para significar huma *serie* delles *seguidos huns a outros* &c.

TOCANTE: (*touchant*) Por *affectuoso*, *terno*, *mavioso*, *pathetico*, *amoroso*, *amavioso*, *meigo*, *carinhoso* &c., *parece ser gallicismo*, diz *Moraes* no *Diccionario*. Comtudo o mesmo

Moraes o usou na Traducção das *Recreações do homem sensivel*, e o P. Pereira na *Dedicat. ao Principe N. S.* impressa á frente da sua Traducção da *Sagr. Bibl.* em 4.° diz que a Senhora D. Maria I. *costumava recitar todos os dias as Horas Canonicas, e nellas a parte mais devota, e* tocante *da Sagrada Escritura, quaes são os Salmos*, &c. A' vista destas auctoridades, não ousamos reprovar de todo o vocabulo *tocante*; mas preferiremos sempre algum dos muitos, que em Portuguez lhe correspondem, até porque sendo elle derivado do verbo *tocar*, cuja significação he mui generica, nos parece pouco expressivo.

TODO: *TUDO*: São palavras bem conhecidas em Portuguez; mas he erro empregalas em certas frases, em que os Francezes tomão o seu vocabulo *tout*, com a significação de *inteiramente*, *absolutamente* &c. Assim nesta frase: *esta descoberta vos pertence* toda inteira, diremos em bom Portuguez: *este descobrimento vos pertence inteiramente*, ou *he inteiramente vosso. Usais de adornos de hum gosto* todo novo, i. e. *totalmente novo. Fazeis* tudo *o contrario do que se devê fazer*, i. e. *fazeis totalmente*, ou *absolutamente*, ou *inteiramente* o contrario &c. &c.

TOMAR A PALAVRA: Assim dizem hoje alguns, traduzindo á letra o Francez *prendre la parole*, para significarem o que *se adianta a fallar primeiro que os outros* em algum ajuntamento, e sobre algum negocio, que ahi se trata. Em melhor Portuguez dizemos *tomar a mão.* V. gr. na *Vid. do Arceb.* L. 1. C. 22: *aqui* tomou a mão *o Provincial, e foi proseguindo no mesmo argumento*; e no Liv. 2. C. 10: tomou *o Arcebispo* a mão, *vendo consumida a tarde* &c. Pelo contrario *tomar a palavra* he expressão que nos nossos Classicos significa *receber de alguem a promessa, fazelo prometter*: como v. gr. em *Fern. Alv., Lusit. Transf.* Liv. 2. Pros. 10: *mas quero, primeiro que peça esta mercê*, tomarvos a palavra, *que não haveis em nenhum caso de negar-ma* &c.

TRATAMENTO: (*traitement*) Tem no Portuguez sua propria

pria significação: mas tomado por *salario*, *ordenado*, *estipendio*, v. gr. *o tratamento dos Ministros*, *dos Officiaes* &c., he gallicismo escusado.

TRATAR DE RESTO: *TRATAR DE BAGATELLA* &c. São modos de fallar á Franceza. Em Portuguez dizemos *ter em pouco*, *tratar com desprezo*, *desprezar*, *menoscabar*, *vilipendiar*, *ter em pouca conta*, *ter em menos cabo* &c. &c.

TRAVEZES: Lemos em Traducções impressas as seguintes frases: *todos estes* travezes *não são naturaes ao sexo*; *tod's* os travezes, *que reinão no mundo*, *não tem tanta força para corromper huma rapariga*, *como huma Mãi dissipada*; *os homens se achão confundidos com as mulheres debaixo dos mesmos* travezes, &c. São outros tantos gallicismos. *Travéz*, e *travezes* tem em Portuguez sua significação propria, e são termos de Fortificação: mas ao Francez *travers* corresponde em Portuguez *irregularidades*, *desregramentos*, *extravagancias*, *desconcertos*, *desmanchos*, *desordens*, *erros*, *avessos* &c.

TREM DE VIDA: Por *modo de vida*, *genero de vida*, *modo de proceder* &c. he frase Franceza, alheia do nosso idioma, e escusada.

TRENÓ: (*traineau*) Significa, segundo *Moraes* no *Diccion.*, *Carro de rojo*, *sem rodas*, *em que se viaja sobre as neves do Norte*. *Bluteau* o traz no *Supplem.*, e o auctoriza com huma *Gazeta de Lisboa* do anno de 1723. Poderia talvez exprimir-se por *trilho*, especie de *carro sem rodas*, puxado por bois, e sobre elle huma pessoa em pé, ou assentada, o qual serve para debulhar o trigo. Tambem se traspassaria sem erro pela palavra *zorra*, isto he, carrinho com rodas, para levar e arrastar pedras grossas e outros pezos. Vej. o mesmo *Blut.* nas palavras *Trilho*, e *Zorra*. O elegantissimo *Souza* na *Vid. do Arceb.* L. 2. C. 4. descreve o *traineau* do seguinte modo: *O meio* (diz elle) *que achou o engenho humano para vadiar este passo* (falla da descida dos mais altos picos dos Alpes para o Piemonte) *foi inventar huma maneira de andores*, *ou carretes sem rodas*, *que vão des-*
cen-

cendo, ou caindo pelas serras abaixo, arrastado cada hum por dois homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavallos; porque tudo he preciso que sejão nesta perigosa distancia, e tudo são &c.

TURBA: (*tourbe*) Achamos este vocabulo nos *Versos de Filinto Elysio*, onde diz:

Mal haja a turba, *e enxofre negro, e duro,*
Que os engenhos lhe tolda . . . . . .

Parece derivado do Francez, e significa certa *terra bituminosa* de que os Hollandezes usão em lugar de lenha e carvão, e que se acha em grande quantidade junto a *Setubal* na *Comporta*. Vej. as *Memor. Econom.* da Academia Real das Sciencias de Lisboa Tom. 1. pag. 182 e 232, aonde se lhe dá o nome de *turba*, ou *turfa*.

U.

ULTERIOR: Era entre nós termo *geografico*, e significava o contrario de *citerior*, v. gr. *Hespanha ulterior*, *Hespanha citerior* &c. Hoje dizemos tambem, como os Francezes, *consequencias ulteriores*, *pretenções ulteriores*, *successos ulteriores* &c.; mas esta significação não desdiz da primeira, tem fundamento no Latim, he expressiva, e em alguns casos parece necessaria.

ULTRAJANTE: (*outrageant*) Os vocabulos *ultrage*, e *ultrajar* ainda não erão muito usados no tempo de *Bluteau*, que todavia os metteo no seu *Vocabulario*. Depois tem-se introduzido tambem o adj. verbal *ultrajante*, que não desdiz da analogia, e significa o mesmo que *injurioso*, *afrontoso*, *contumelioso*. Alguns Escritores modernos preferem *ultrajoso* a *ultrajante*.

UNIDO: (*uni*) Na significação de *igual*, *lizo*, *plano* &c. parece gallicismo. Em Portuguez dizemos *mar igual*, *bonançoso*, *terreno plano*, *estilo igual*, *corrente*, *ligado*, &c. e não *mar unido*, *terreno unido*, *estilo unido* &c.

V.

V.

VIAJANTE : *VIAJEIRO*: *VIAJOR*: *VIAJADOR*. Com todas estas fórmas exprimem os Portuguezes modernos a mesma idéa. Os antigos tinhão o termo *viagem*, que parece significava mais commummente *navegação*, ou *jornada por mar*; e exprimião as *jornadas por terra* pelo vocabulo *jornada*, ou *caminho*, e sendo longas, e em paiz estrangeiro, pela palavra *peregrinação*. Hoje he geralmente adoptado o vocabulo *viagem* para significar humas e outras jornadas, e delle derivamos com boa analogia o verbo *viajar*, pelo qual diziamos d'antes *peregrinar*, *ver mundo*, *andar por terras estranhas*, ou *fazer jornada*, *fazer caminho* &c. De *viajar* se fórma naturalmente o adj. *viajante*, que diz tanto como os antigos *viandante*, e *caminhante*. Porém *viajor* do Francez *voyageur*, e *viajador* do Italiano *viaggiatore* são escusados, como tambem *viagente*, que *Madureira* pretende derivar do Latim *Viam agens*. *Viajeiro*, que achamos usado pelo P. *Pereira*, e por outros Escritores, tambem não he necessario; mas tem melhor analogia, e póde bem derivar-se de *viajem*, assim como de *portagem*, *portageiro*, de *mensagem*, *mensageiro* &c.

VIRULENTO: He termo *Medico*, ou *Cirurgico*, e significa cousa que tem *virus*. No sentido fig. parece ser novo no nosso idioma, e derivado do Francez *virulent*, cousa *maligna*, v. gr. *satyra virulenta*: mas não ha razão de o reprovar.

VISTAS: He notavel o abuso que se tem feito deste vocabulo, depois que nos familiarizamos com os livros Francezes. Indicaremos aqui algumas das frases, em que os nossos modernos Escritores o empregão indevidamente, e lhes substituiremos as convenientes correcções.

Taes têm sido *as vossas vistas*, i. e. *os vossos intentos*.

Obravão com *differentes vistas*, i. e. com differentes *intenções*, ou *intuitos*.

Os

Os designios e *vistas* do Legislador, i. e. os *designios* e *intuitos*.

Lancemos *as nossas vistas*, i. e. *os nossos olhos*. *As vistas* da Europa estão fixadas sobre vós, i. e. a Europa tem *os olhos postos* em vós, ou *fitos* em vós &c.

Fazer alguma cousa *com vistas* de alcançar recompensa, i. e. com *intuito*, com *desenho de alcançar* &c., ou com *o fito*, com *a mira* na recompensa.

Lancei *as minhas ultimas vistas* sobre o Paraizo, i. e. *lancei a ultima vez os olhos* &c.

Este he o assumpto que vou pôr *nas vossas vistas*, i. e. *aos vossos olhos*, que vou propôr *á vossa consideração*, *á vossa reflexão* &c.

A sabedoria das suas *vistas* politicas, i. e. dos seus *desenhos*, ou *designios*, e ás vezes dos seus *pensamentos* politicos &c.

Obra admiravel pela profundeza *de vistas moraes e politicas*, i. e. pela profundeza de *conceitos*, de *idéas*, de *reflexões* &c.

Conforme *ás vistas* de Deos, i. e. aos *conselhos* de Deos, aos seus *designios*.

Lançou sobre nós *vistas* de piedade, i. e. *olhos de piedade*, olhos *compassivos* &c.

Os nossos Classicos tambem usavão do vocabulo *presupposto* com a significação de *designio*, *intuito*, *conselho*, *intento* &c. V. gr. *Fern. Alv.*, *Lusit. Transf.* L. 1. pag. 58 verso ediç. de 1607 Pros. 9.: *tiramos do encerrado vale os nossos rebanhos, a pacer ao prado, encaminhando-os pela estrada ao conhecido pasto*, com presupposto *de tornarmos logo áquelle* lugar *sombrio* &c., e no L. 3. Pros. 4.: *Com este* presupposto *se auzentou Lizarte* &c.

VOLTEJAR: (*voltiger*) He gallicismo desnecessario no nosso idioma, onde temos *voltear*, e ás vezcs *revoar*, que dizem o mesmo. Em Relações de acontecimentos militares tambem se diz hoje *voltejadores*, devendo ser com melhor analogia *volteadores*. São Soldados de certas Companhias dos

Regimentos Francezes de Infantaria ligeira, ou de Linha, os quaes se escolhem entre os homens mais vigorosos, ageis, e lestos, mas de pequeno talhe, e são destinados a serem rapidamente levados de hum para outro lugar, pelas tropas a cavallo; pelo que se exercitão particularmente em montar ligeiramente, e de hum salto á garupa do cavalleiro, em descer com promptidão, em se formar rapidamente, e em seguir a pé hum cavalleiro, que marcha a passo, ou de trote &c.

VOLUPTUOSIDADE: Desejava *Bluteau*, que se adoptasse em Portuguez o vocabulo *voluptade*, como necessario para significar com toda a propriedade o que os Latinos exprimem por *voluptas*. (*Pros. Acad.* P. 1. pag. 25, e *Supplem. ao Vocab.*) O uso recusou aquelle novo vocabulo, e preferio *voluptuosidade*, do Francez *voluptuosité*, o qual, segundo o nosso parecer, seria conveniente adoptar-se, ainda que tivessemos *voluptade*, por ser diversa a significação de hum e outro. *Voluptade* significaria então o *deleite*; *voluptuoso* o homem *dado a deleites*; e *voluptuosidade* a *qualidade habitual*, que o constitue voluptuoso.

ARTIGOS, QUE NÃO PODÉRÃO ENTRAR COMMODAMENTE NA ORDEM ALFABETICA.

I.

Abuso dos Pronomes.

ABusa-se dos pronomes *eu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles*, *isto*, *aquelle*, &c. quando se empregão no discurso contra o uso da lingua, e com mais frequencia do que ella tolera, transportando para o Portuguez hum defeito mui notavel, que os Auctores Francezes quererião poder evitar no seu pro-

prio

proprio idioma. Não nos permitte o nosso assumpto entrar a este respeito em discussões grammaticaes. Mas daremos aqui alguns exemplos deste abuso, para que os nossos Leitores reflectindo nelles, e observando a diversa indole de ambas as linguas, possão evitar semelhantes gallicismos, e explicar-se com a devida correcção.

1.° Exemplo. *Se* eu *conseguir o que* eu *desejo*, eu *ficarei contente*. Nesta frase não podem os Francezes deixar de repetir tres vezes o pronome *je*, e he este hum dos grandes defeitos do seu idioma. Em Portuguez porém he viciosa essa mesma repetição, por ser contra o uso e genio da lingua, e porque faz o discurso embaraçado, e froxo, sem necessidade alguma. Deveremos pois dizer: *Se eu conseguir o que desejo, morrerei contente*; ou tambem omittindo o primeiro *eu*, se pelo teor antecedente da frase ficar removida toda a ambiguidade, como se se dissesse v. gr.: *Trabalho por levar ao fim a minha pretenção; e se conseguir o que desejo, morrerei contente*, aonde nem huma só vez entra o pronome *eu*, que segundo o genio, e uso da lingua Franceza se empregaria não menos que quatro vezes.

2.° Exemplo. *Então* nós *sentimos pela primeira vez a frescura da noite . . . da mesma sorte que* nós *tinhamos sentido* &c. . . . nós *nos embrulhámos nas pelles, antes que* nós *sahissemos do Paraizo . . . .* nós *nos deitámos na gruta* &c. Eis-aqui em poucas linhas repetido sinco vezes o pronome *nós*, que em Portuguez corrente, e em estilo desempeçado se poderia totalmente omittir, traduzindo assim: *Então* sentimos *pela primeira vez a frescura da noite, bem como já* haviamos sentido &c. . . . *antes que* sahissemos *do Paraizo*, nos envolvemos *nas pelles . . .* deitámo-nos *na gruta* &c.

3.° Exemplo. *Para suffocar até os remorsos da consciencia*, elles *tem inventado mil absurdos. A palavra liberdade tem sido* aquella *de que* elles *tem feito hum maior abuso, para impôr á multidão, e enganar todos* aquelles, *dos quaes* elles *se querem servir para os seus fins*. Parece, na verdade, incrivel que hum ouvido Portuguez se accommode com este modo de

de fallar; mas tal he o poder do habito, que á força de lermos, e imitarmos os livros estrangeiros, quasi nos familiarizamos com as suas maneiras, e talvez as reputamos melhores que as nossas! Este periodo, que he tirado de huma Obra Portugueza original, está cheio de gallicismos: aqui porém sómente nos pertence notar a viciosa repetição dos pronomes *elles*, *aquelles*, que fazem a oração por extremo embaraçada, e desagradavel. Poderia dizer-se mais correntemente: *Para suffocarem até os remorsos da consciencia, inventárão mil absurdos. A palavra liberdade foi a de que mais abusárão para embair o vulgo, e para enganar a todos aquelles, de quem se querião servir para os seus fins.*

4.° Exemplo. Elles *pedírão a dilação de huma hora*: ella *lhes foi concedida.* Nesta frase diremos melhor: *Elles pedírão a dilação de huma hora, que lhes foi concedida*, ou *a qual lhes foi concedida*, ou: *pedírão a dilação . . . que . . .* &c. ou querendo conservar toda a concisão do original: *pedírão a dilação de huma hora*: *foi-lhes concedida*, ou *pedírão* &c. *concedeo-se-lhes.* Semelhantemente nesta frase: *a sua Corte tinhalhe preparado hum festejo*: *não se dignou* elle *de assistir a elle.* Traduziremos muito melhor dizendo: *a sua Corte lhe havia preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir*, ou: *havia-lhe a sua Corte preparado hum festejo, a que elle se não dignou de assistir.* &c.

5.° Exemplo. *A nossa maior perda não he* aquella *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande; mas aquella dos inimigos foi muito maior.* — Nesta e outras semelhantes frases parece que o pronome *aquella* he gallicismo, e redunda na oração Portugueza, devendo dizer-se: *a nossa maior perda não he* a *das riquezas terrestres — a nossa perda foi grande*; *mas* a *dos inimigos foi muito maior* &c. Não devemos dissimular com tudo, que nos nossos bons Escritores se achão algumas vezes frases semelhantes ás que aqui reprovamos. V. gr. em *Diogo do Couto* Dec. 4. L. 5. C. 2.: *Parece que forão mortos pelos da terra, porque* aquelles *do Sertão são barbarissimos.* Em *Barros* Dec. 3. L. 6. C. 1.: *Final-*

nalmente com a differença destas cartas, e más informações das segundas, foi assentado entre aquelles *do Conselho de ElRei, que aquella embaixada era falsa.* Na *Carta de Guia de Cazad.* fol. 181 verso: *Falta-me aqui por advertir alguma coiza a humas certas mãys, e não sei se a alguns pays, que dão seus geitos ás filhas, para que se cazem, particularmente* áquellas *de bom frontespicio* &c. Porém, sem embargo destes exemplos, julgamos que se deve evitar semelhante modo de fallar, todas as vezes que o pronome *aquelle* se não refere a algum objecto já commemorado no discurso, ou não envolve alguma particular emfase, como parece em *Vieira* Tom. 1. de *Serm.* pag. 451, aonde diz: *O mais desventurado homem, de que Christo nos quiz dar hum temeroso exemplo, foi* aquelle *da parabola das Vodas* &c.

6.° Exemplo. Isto *he blasfemia o dizer, que a natureza accende em nós o mais ardente dos nossos desejos para nos enganar.* A palavra *isto* redunda no discurso Portuguez, e he hum gallicismo nascido de se traduzir muito ao pé da letra o Francez *c'est un blasféme; c'est un erreur* &c. Em bom Portuguez dizemos *he blasfemia*, ou *he huma blasfemia, he hum erro* &c.

7.° Exemplo. Eu *tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com* aquellas, *que* elles *já conhecem.* Neste exemplo os pronomes *eu, aquelles, elles*, podem supprimir-se, fallando todavia Portuguez corrente. V. gr: *Tenho visto muitos meninos, que se divertem a comparar as cousas novas, que os admirão, com as que já conhecem*: ou *com as outras que já conhecem*: ou tambem *com aquellas que já conhecem* &c.

Ultimamente não será inutil advertir aqui, que quando reprovamos o abuso dos pronomes, não pretendemos excluilos totalmente do discurso: por quanto além de poderem empregar-se muitas vezes sem erro, nem resabio de gallicismo, ha tambem occasiões, em que he absolutamente indispensavel o seu uso claro e expresso, como, por exemplo, 1.° quando ha opposição entre dois ou mais membros

bros do periodo, e dizemos, v. gr. *eu como*, *e tu dormes*; *eu estudo*, *e tu te divertes*; *nós trabalhamos*, *e elles passeião*, &c. 2.° Quando o pede a emfase, ou o ornato do discurso, como v. gr. nesta frase: *Deos he digno do nosso amor*; elle *manda que o amemos*, elle *o pede*; elle *até o sollicíta* &c. 3.° Quando sem a expressa declaração do pronome, ficaria escura ou ambigua a frase, ou ainda suspensa por algum tempo a sua verdadeira intelligencia, como succede, por ex., na traducção de huma excellente Obra, cujo primeiro paragrafo diz assim: *Ainda que* tivesse *toda a subtileza de espirito*, *que se póde desejar nas mais agradaveis sociedades*; *bem que* tivesse *composto Obras*, *em que brilhasse todo o fogo da imaginação e do engenho*; *quando* tivesse *inventado systemas capazes de emmudecer e admirar o Universo*; *ainda que* tivesse *formado projectos dignos de sustentar*, *ou realçar os Imperios . . . Se não* tenho *por objecto a religião*, *a minha alma perde os seus trabalhos* &c. Aonde o verbo *tivesse* repetido quatro vezes nos quatro membros do periodo, devia ser determinado desde o principio pelo pronome *eu*, sem o que fica por muito tempo suspenso o verdadeiro sentido do discurso, e o Leitor ignorando a que pessoa se refere aquelle verbo. &c.

II.

Abuso de alguns Relativos.

1. O relativo Francez *dont* tem, regularmente fallando, a significação dos relativos Portuguezes *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, *do qual*, *dos quaes*, *da qual*, *das quaes* &c. São pois mal traduzidas as seguintes frases:

Entre os contos das fadas não ha hum só, de que o objecto *seja verdadeiramente moral*, i. e. *cujo objecto*, ou tambem *do qual o objecto* &c.

Outro meio, *que vos parecerá talvez frivolo*, *mas* de que *o effeito he certo*, i. e. mas *cujo effeito* &c.

To-

Todos os objectos de quem *as dimensões* são *extraordinarias*, i. e. *cujas dimensões*, ou *as dimensões dos quaes* &c. O Portuguez *quem*, e *de quem*, quasi sempre se refere ás *pessoas*, e não ás *cousas* &c.

Notaremos neste lugar que o vulgo faz muitas vezes errado uso dos relativos *cujo*, *cuja* &c. dizendo, v. gr. *hum homem*, o cujo *he meu amigo*; *huma casa*, cuja *eu edifiquei* &c. devendo ser *hum homem*, *o qual*; *huma casa*, *a qual* &c. E deste erro não forão totalmente izentos os nossos melhores Classicos, entre os quaes o mesmo *Barros* no *Prologo* da Dec. 1. diz (se não ha nestas suas palavras erro typografico): *appresentam estes delineamentos de sua imaginação ao Senhor*, de cujo *ha de ser o edificio*, i. e. ao Senhor, *cujo ha de ser*, ou *de quem ha de ser* &c. E *Duarte Nunes* na *Descripç. de Portug.* C. 75: *Sant-Iago Interciso* de cuja *nação fosse*, *não nos consta*, i. e. *de que nação fosse.*

2.° Tem a lingua Franceza os relativos *qui*, e *que*, dos quaes o primeiro serve de agente ou sujeito do verbo seguinte, e o segundo he regido delle, v. gr. nestas frases: *voi-là* qui *vous en dira de nouvelles*; eis-aqui *quem* vos dirá novidades. — *celui*, que *vous avez vu*; aquelle *que* vistes, ou *a quem* vistes; o primeiro *qui* rege como agente o verbo *dirá*; e o segundo *que* he regido do verbo *vistes*, como objecto, em que se emprega a sua acção. Por não haver em Portuguez a mesma differença nas fórmas destes relativos, e explicarmos huma e outra relação pela unica fórma *que*, acontece não poucas vezes traduzir-se o Francez com ambiguidade, e ficar a frase pouco intelligivel, como nesta, por exemplo:

Feliz o homem que *visita as sepulchraes abobadas*, que *alumia a tocha da morte*; aonde parece á primeira vista, que ambos os *que* se referem a *homem*, quando em Francez o primeiro delles he *qui*, que por si mesmo mostra ser o agente do verbo *visita*, e o segundo he *que*, o qual logo tambem indica ser regido do verbo *alumia.* Convem por tanto, que estas e outras semelhantes frases se traduzão

com

com reflexão, a fim de se evitar, quanto possivel for, a ambiguidade. Assim diremos, v. gr. *feliz o homem*, que *visita as sepulchraes abobadas*, alumiadas *pela tocha da morte*, ou *as quaes alumia* &c.

III.

Abuso dos verbos tomados impessoalmente.

Abusa-se dos verbos tomados impessoalmente:

1.° Quando se põe huns apôz outros no mesmo periodo, fazendo a frase embaraçada, ás vezes escura, e quasi sempre de máo soido. V. gr. neste exemplo: Deixa-se *de ser homem de boas intenções, todas as vezes que* se esconde *com expressões equivocas*: *não* se he *obrigado a dizer toda a verdade*; *mas sempre* se está obrigado *a fallar verdade*: que em bom Portuguez poderia traduzir-se assim: *Deixa hum homem de ter boas intenções, todas as vezes que occulta os seus sentimentos debaixo de expressões equivocas. Ninguem he obrigado a dizer a verdade toda*; *mas todos temos obrigação de fallar verdade* &c.

E tambem neste:

Quando se he *educado no seio da grandeza*, tem-se *toda a difficuldade em* persuadir-se *que* se he *semelhante ao resto dos homens*, *e que o esplendor*, de que *se está cercado*, *se dissipa como hum vapor*; quer dizer: Quando *alguem*, ou quando *hum homem*, ou quando *huma pessoa* he educada no seio da grandeza, *tem* toda a difficuldade em persuadir-se, que *he semelhante* ao resto dos homens, e que o esplendor, de que *está cercada* &c.

2.° Quando se ajunta o verbo tomado impessoalmente no numero singular com nomes do plural, como nas seguintes expressões, e outras, que a cada passo encontramos nas Traducções Francezas:

Nomeou-se novos Commissarios.
Fez-se duas proposições.

Fa-

Fabricou-se palacios e jardins.
Desejou-se, e abraçou-se religiões commodas.
Via-se grupos numerosos. &c. &c.
Nas quaes se conhece claramente o cunho do Francez: *on nomma des nouveaux commissaires — on voyoit des groupes nombreux — on fit deux motions — on fabrica* &c. &c. — devendo dizer-se segundo o genio da lingua Portugueza: *nomedrão-se novos Commissarios — vião-se magotes numerosos — fizerão-se duas proposições — fabricárão-se palacios* &c.

Por onde parece defeituosa na Syntaxe esta frase de *Barros* Dec. 3. L. 2. C. 1.: *E como nas terras novamente descobertas primeiro* se nota *pelos marcantes, que as descobrem*, os perigos *do mar*, devendo dizer: *primeiro se notão os perigos.* O mesmo defeito achamos em *João Franco, Eneid. Port.* L. 5. Est. 15, aonde diz:

Ver-se-ha *primeiro* as náos *mais excellentes*
Correr nas salsas ondas á porfia.

em lugar de « *ver-se-hão as náos* ». &c.

3.° Nesta e outras semelhantes frases: *Deve-se confessalo: este facto não he provavel*, aonde os nossos Traductores enganados pela expressão Franceza: *on le doit confesser*, commettem gallicismo, que a nossa linguagem reprova. Em bom Portuguez diriamos: *Deve-se confessar, que este facto não he provavel*, ou *devemos confessar que este facto* &c. Da mesma sorte no seguinte periodo: « *Esta historia he allegorica*: *não* se deve tomala *ao pé da letra*; *mas vós affirmais que* se deve entendela *em todo o rigor litteral* » pede a Syntaxe, e o modo de fallar Portuguez, que se diga: *esta historia he allegorica, e não se deve tomar ao pé da letra*, (ou *não devemos tomala*, ou *não convem tomala*, ou *não deve ser tomada*) *mas vós affirmais, que ella se deve entender* (ou *deve ser entendida* &c.) *em todo o rigor litteral* &c.

Ultimamente para darmos huma idéa geral dos varios modos de traspassar estas frases impessoaes, a qual sirva de norma aos menos advertidos; convem notar, que a particula Franceza *on*, que nellas commummente se emprega, he hu-

huma contracção, ou corrupção do antigo *hom* (*homem*) que serve de sujeito da proposição; e que as frases *on dit* — *on voyoit* — *on fit* &c. equivalem, palavra por palavra, ao Portuguez *homem diz* — *homem via* — *homem fez* &c. (*a*)

Pelo que parece necessario que este sujeito, ou outro seu equivalente, appareça claro, ou subentendido na traducção Portugueza de semelhantes frases, ou que estas se possão reduzir ao mesmo sentido por meio de sua analyse grammatical. Eis-aqui os differentes modos, com que em bom Portuguez podemos satisfazer a este fundamental preceito.

1.° Os nossos Classicos imitárão frequentemente á letra o uso Francez dizendo, v. gr. na *Ord. do Snr. D. Duarte*: « *cá sem razom seria ao afflicto accrescentar* hom *afflicção* » Na Traducção do Livro *de Senectute de Cicero* por *Damião de Goez* ms. fol. *mihi* 21: *tambem isto reputo ser muim misero na velhice, cuidar* homem, *que naquella idade he odioso, e fastioso a toda pessoa.* Nos Serm. de *Paiva*, P. 1. fol. 254 verso: *por que á verdade, de ninguem* homem *corre tanto risco, como de si.* Em *Souza*, *Vid. do Arceb.* L. 3. C. 3.: *grão trabalho, e custosa cousa he fazer* homem *o que deve* &c. &c.

2.° Ainda hoje nos exprimimos a cada passo do mesmo modo, principalmente no estilo familiar, accrescentando a *homem* o adjectivo articular *hum*. V. gr. *não póde* hum homem *ser justo, sem se expôr á perseguição dos máos* — *não sabe* hum homem *quando lhe vem as infelicidades pela porta* — *convem que o amigo seja muito experimentado para que* hum homem *lhe confie seguramente os seus maiores segredos.* E deste modo se podem traduzir algumas frases Francezas, v. gr. *On peut être solitaire dans sa maison*; *póde* hum homem *viver solitario no meio da sua familia* — *Ce qu'on fait contre son gré*, ré-

(*a*) Vej. *Condillac. Gramm.* P. 2. C. 7., e *Grammaire Génér. & raison.* P. 2. C. 19., e se conhecerá melhor, quão errada idéa tinha deste vocabulo hum Diccionario nosso, aonde vem definido assim: « *On he hum pronome, que faz os verbos passivos.* »

reussit toujours mal; *sempre* hum homem *se sabe mal no que faz contra sua vontade* &c. &c.

3.° Tambem substituimos ao termo generico, e indefinido *homem* o outro igualmente indefinido e generico *pessoa* com o mesmo adjectivo articular *huma*, e commummente só no estilo familiar. V. gr. nestas frases: *Le monde ne merite point* qu'on *s'en occupe*; o mundo não merece que *huma pessoa* empregue nelle os seus cuidados — On ne *peut encore compter sur rien*; ainda *huma pessoa* não póde dar o negocio por seguro &c.

4.° No estilo culto será talvez melhor usar do mesmo nome generico *homem* porém com o artigo simples *o*: v. gr. *il faut* qu'on *forme son caractère dans la solitude*; convem que *o homem* forme na solidão o seu caracter — *dans la solitude* on *soulage son coeur*; na solidão alivia *o homem* o seu coração — On *croit volontiers ce qu'*on *souhaite*; facilmente crê *o homem* o que deseja &c.

5.° Tambem se usa do articular *hum*, supprimindo o substantivo *homem*, que facilmente se subentende. V. gr.: *Plus* on *s'eloigne de soi-même*, *plus on s'ecarte du bonheur*; *quanto mais* hum *foge de si mesmo*, tanto mais se aparta da felicidade — *dans la solitude* on *peut tout ce qu'*on *veut*; na solidão póde *hum* tudo o que quer — *Là* on *jouit de mille plaisirs innocents*; alli goza *hum* (ou *hum homem*, ou *huma pessoa*, ou *o homem* &c.) de mil prazeres innocentes &c.

6.° Algumas vezes, principalmente no estilo familiar, empregamos, em lugar do substantivo *homem*, o outro substantivo igualmente generico *gente* com o artigo. V. gr.: *ce que* l'on *prodigue*, on l'*ôte à son héritier*: *ce que* l'on *epargne sordidement*, on *se l'ôte à soi-même*. O que *a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros: o que poupa sordidamente, tira-o a si mesmo — L'on *ne sauroit s'empêcher de voir dans certaines familles ce* qu'on *appelle les caprices du hasard*, *ou les jeux de la fortune*; não póde *a gente* deixar de notar em certas familias o que chamão caprichos do acaso, ou jogos de fortune — &c.

7.°

7.° Outras vezes usamos dos adjectivos articulares *alguem*, *cada hum*, *quemquer*, *qualquer*, sem substantivo expresso, ou ajuntando a *qualquer* o substantivo *pessoa*. V. gr.: *Si l'on m'oppose que c'est la pratique de tout l'Occident*; se *alguem* me oppozer, que esta he a pratica &c. — On *en croira tout ce* qu'on *voudra*; *mais je pense* &c; *cada hum* fará a este respeito o juizo que quizer; mas eu penso &c.; ou: creia *cada hum* o que quizer; mas eu &c. — *Quoi* qu'on *en dise*: *il est une sympathie secrete, qui unit les coeurs*; diga *cada hum* o que quizer: ha huma sympathia occulta, que une os corações — *A' son air marcial*, on *le reconnoit aisément*; ao seu gesto guerreiro *quem quer* (ou *qualquer pessoa*) o reconhecia facilmente &c.

8.° Outras vezes, em lugar do substantivo *homem*, usamos do adjectivo collectivo *todos*, (sc. *todos os homens*), e sendo a proposição negativa, do adjectivo *ninguem* (sc. *nenhum homem*). V. gr. nestas frases: *il l'a dit, et on s'en souvient*; elle o disse, e *todos* se lembrão disso — *il voudrait briller, et* on *se moque de lui*; elle quer brilhar, e *todos* zombão delle. — On *ne sera jamais grand, que par sa grandeur personelle*; *ninguem* jámais será grande, se não pela sua grandeza pessoal — L'on *n'ecrit, que pour être entendu*; *ninguem* escreve, se não para ser entendido. &c.

9.° Tambem se usa, em muitos casos, pôr o verbo absolutamente no plural, e na terceira pessoa, concordando com o substantivo occulto *homens* tomado em geral, ou em particular com aquelles *homens*, ou *pessoas*, de quem se falla; ou finalmente na primeira pessoa, referindo-se a *nós os homens*, ou a nós que *fallamos*, ou *escrevemos*, ou *lemos*, ou *ouvimos*. V. gr. nestas frases: On *dit que*; *dizem* que, &c. — On *dira que*; *dirão* que &c. — *Je ne crois, que cêtte étude soit aussi illusoire, aussi dangereuse qu'*on *le dit*; não creio que este estudo seja tão illusorio, tão perigoso, *como dizem* — On *ne s'en tent pas là*: on *m'interdit toute societe*; não se *limitdrão* a isto; ou, não se *contentdrão* com isto; ou, não *parárão* aqui (sc. *as pessoas*, que me perseguião,

e de que já se tem fallado, ou que se entendem pelo contexto): *prohibírão-me* toda a sociedade &c. — *La fête des tabernacles étoit, comme* on *a déjá vu, une memoire* &c.; a festa dos tabernaculos era, *como já vimos*, (sc. nós, o que escreve ou falla, e os que ouvem, ou lêm) *huma memoria* &c. — On *a raconté quelle fut la funeste suite de son entreprise*; *temos referido* qual foi a funesta consequencia da sua empreza; ou *já deixamos dito* (sc. *nós o escriptor*) &c. &c.

10.° A's vezes apassiva-se o verbo, ou usando dos auxiliares *ser*, e *estar*, com os participios passivos; ou ajuntando o caso *se* aos sujeitos da terceira pessoa, que não podem empregar a acção em si mesmos. V. gr.: On le *confirma trois fois de suite dans cêtte dignité*; tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade — On *assembla les E'tats*; *forão celebradas*, ou *celebrárão-se* as Cortes — On connait *les suites deplorables*; *são conhecidas*, ou *são bem sabidas as consequencias* &c. — *Tout prospére dans une monarchie, où* l'on confond *les interets de l'Etat avec eux du Prince*; tudo prospéra n'huma Monarquia, em que os interesses do Estado *se confundem* com os do Principe &c.

11.° Finalmente outras vezes se dá differente construcção á frase; mas tal, que analysada vem a coincidir no mesmo sentido: v. gr. *Il nagea si loin*, qu'on eut *de la peine à le sauver*; nadou tanto ao largo, que *custou muito* (sc. *á gente*) a salvalo — On *touchoit à l'époche de cette solemnité*: on en *profita*; *era chegada* a epocha desta solemnidade: *aproveitárão-se* della — *Les uns prêterent le serment exigé*; *les autres le refusèrent*: on devoit *s'attendre a cette division*; huns derão o juramento que se exigia; outros o recusárão: esta divisão *era de esperar*; ou *devia esperar-se* esta divisão — On sent *que nous voulous parler ici de* &c.; *já se vê*, que queremos fallar aqui de.... &c.; ou *já o Leitor conhece*, que he nossa intenção fallar aqui de.... &c.

IV.

IV.

Abuso dos Verbos auxiliares.

Tem os Francezes, bem como nós os Portuguezes, verbos auxiliares, com cujo soccorro formão algumas vozes dos verbos activos, e todas as dos passivos, v. gr.: *J'ai aimé*, *je suis aimé*, *être aimé*; *eu tenho amado*, *eu sou amado*, *ser amado* &c., as quaes são formadas do adjectivo *amado*, *aimé*, e dos auxiliares *être*, *avoir*; *ser*, *ter* &c. Porém como o *systema dos tempos dos verbos* he differente em huma e outra lingua, tambem a correspondencia dos auxiliares não he exactamente igual em ambas; e daqui resultão muitos gallicismos, que se tem introduzido em Portuguez, os quaes sómente se pódem evitar (em quanto não temos huma boa Grammatica Portugueza) lendo assiduamente, e com muita reflexão os Auctores Classicos, e observando nelles os usos dos auxiliares, e as circunstancias em que os costumão empregar. Destes gallicismos daremos alguns exemplos para servirem de advertencia aos menos doutos.

Nesta frase: *eu lhe* tenho pedido *a sua palavra de ficar aqui até o fim de Maio*, *o que ella me* tem promettido; as vozes *tenho pedido*, e *tem promettido*, constituem gallicismo, o qual se corrigiria se dissessemos: *pedi-lhe* a sua palavra de ficar aqui .... &c. o que ella me *prometteo*, ou *pedi-lhe* que me désse palavra ... e ella mo prometteo. Por quanto se reflectirmos attentamente no uso Portuguez, veremos que as vozes formadas pelo preterito *tem*, e pelo *supino* dos verbos, v. gr.: *eu tenho amado*, *eu tenho visto*, &c. não são em Portuguez hum simples preterito, mas sim hum *preterito com successão de tempo*, *e de actos muitas vezes repetidos*. Pelo que de huma pessoa, v. gr. que não está em casa, não dizemos *tem sabido*, mas simplesmente *sabio*. Da mesma sorte a esta pergunta: *a que hora ceaste hontem*? respondemos: *ceei ás dez horas*, e não: *tenho ceado*. Pelo

con-

contrario a estoutra pergunta: *quantas terras tens andado?* respondemos com acerto: *tenho andado muitas*, e em todas *tenho visto* cousas novas &c.

Outro exemplo: *Eu vos certifico, minha querida amiga, que em oito mezes, que* tenho deixado *París*, *não* se tem passado *hum só dia*, *sem felicitar-me do partido que* tenho tomado. Quer dizer em bom Portuguez: *Certifico-vos, minha querida amiga, que ha oito mezes, que* deixei *París*, *não se* tem passàdo *hum só dia, em que me não dê o parabem da resolução que* tomei. &c.

Devemos advertir neste lugar, que quando acabamos de fazer huma acção, v. gr. de *ler hum livro*, *de cear*, *de ver hum espectaculo* &c., e dizemos *tenho lido*, *tenho ceado*, *tenho visto* &c., estas expressões não são formadas do verbo *ter*, como *auxiliar*, e dos *supinos*, para supprir tempos compostos dos verbos *lêr*, *cear*, *ver* &c., mas sim do verbo *ter*, tomado na sua ordinaria significação, e dos adjectivos *lido*, *ceado*, *visto* &c., da mesma sorte que diriamos em Latim, v. gr. a esta pergunta: *Leste o livro, que hontem vos dei? — Lectum habeo — tenho lido. Averiguaste o negocio, que vos recommendei? — exploratum habeo — tenho averiguado* &c. &c.

A' vista do que deixamos dito, não podemos julgar corrente este lugar de *Vieira* no Tom. 3. das *Cartas*, Cart. 56: *aqui não ha novidade mais que a do Governo, em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia* se tem embarcado *mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, que muitos de seus antecessores*, aonde parece que deveria dizer: *que no mesmo dia se embarcou.* &c.

Tambem se erra, ao nosso parecer, quando se diz, v. gr. *hum dos mais vastos designios, que* teve *homem algum jamais* concebido. *Logo que elle* teve percebido, &c.; porque em bom Portuguez não usamos de semelhantes fórmas auxiliares, e dizemos: *hum dos mais vastos designios que homem algum jámais concebeo*, ou *tem concebido.* Logo que elle

per-

percebeo, &c. Salvo quando o verbo *ter* não he meramente *auxiliar*, e se toma na sua natural significação, como já acima dissemos, e parece entender-se no lugar de *Barros*, Dec. 1. L. 10. Cap. 2., aonde diz: *Pero da Nbaya, sem saber o que entre elles passava, como* teve elegido *o lugar para a fortaleza* &c. &c.

Ha tambem em Francez alguns verbos, que podemos chamar *auxiliares*, os quaes não são usados como taes no idioma Portuguez, e por isso se devem traduzir por outros de significação equivalente. V. gr. nestas frases: *A virtude* não saberia *ser timida ao pé do throno dos Reis — este sacrificio* não saberia *ser custoso aos corações, que amão a paz*; o verbo *saberia* constitue hum verdadeiro gallicismo, por ser contra o uso da nossa lingua. Diremos pois em Portuguez corrente: a virtude *não deve* ser timida, ou *não póde* ser timida &c.; este sacrificio *não deve* ser custoso &c.

Da mesma sorte nestas frases: *Nous aimons à croire — nous sommes heureux de pouvoir annoncer* &c. — não se devem traduzir litteralmente os verbos *amamos*, *somos felices*, &c.; mas diremos em estilo Portuguez: *folgamos*, *comprazemo-nos*, *fazemos gosto*, ou *temos prazer em persuadir-nos*, &c. — *temos a dita*, *temos o gosto*, *a satisfação de poder annunciar*, ou *estimamos muito*, ou *folgamos de poder annunciar* &c.

Ha finalmente em Portuguez huma particular elegancia, que muitas vezes se despreza na traducção, e que não parece alheia deste lugar; e consiste em exprimirmos por huma voz auxiliar o *estado actual*, ou o *effeito progressivo e contínuo* da acção significada pelo verbo, v. gr. *eu estava lendo*; *estou escrevendo*; *andei passeando*; *hia-se definhando*; *vai escurecendo*; *vai-se arruinando* &c. &c. A qual elegancia não só dá graça á frase, mas tambem as mais das vezes exprime o pensamento com particular força e energia. Por onde deveremos empregala nas seguintes frases, e outras semelhantes:

Dans tout pays, qui se dépeuple, *l'Etat tend à sa ruine*;

ne; em todo o paiz, que *se vai despovoando*, tende o Estado á sua ruina.

Les batiments tomboient *en ruine*; os edificios *bião-se arruinando*.

Elle vit paroitre un homme, *qui* se promenoit *autour de la maison*; ella vio apparecer hum homem, que *andava passeando* á roda da casa.

Il languisoit *dans la misére*; elle *bia-se definhando*; *bia desfalecendo* na miseria; *bia-se extenuando* de miseria.

La conversation languit; *vai esfriando* a conversação, &c. &c.

V.

Abuso de outras frases, e modos de fallar.

1. He mui frequente em Francez exprimir-se por huma proposição positiva a consequencia negativa, que se quer deduzir, como effeito de alguma causa. O Portuguez não póde *regularmente* imitar esta syntaxe, sem commetter gallicismo, e sem fazer muitas vezes ambiguo o sentido, e até contrario ao que se quer enunciar. Convem pois não traduzir semelhantes frases ao pé da letra; mas exprimir o pensamento em Portuguez corrente e intelligivel. V. gr. nestas frases:

O poder e a sabedoria de Deos brilhão de huma maneira mui evidente para poderem *ser desconhecidos*; deve traduzir-se: *brilhão com tanta evidencia*, *que não podem ser desconhecidos*.

As nossas leis são bem conhecidas, para que *se faça necessario entrar em novas explicações*, i. e. *são tão conhecidas*, *que não he necessario entrar* &c.: ou *são tão conhecidas*, *que não precisão de novas explicações*: ou *são tão conhecidas*, *que não julgamos necessario*. &c.

O seu crime parece-lhe demasiadamente grande para merecer *perdão*, i. e. *parece-lhe tamanho*, ou *tão excessivamente grande*, *que não merece perdão*. &c.

2.

2.° Ha na lingua Franceza certas proposições, que tem apparencia de *universaes negativas*; mas que em realidade sómente significão, que o attributo não convem a todos os individuos da classe, ainda que convenha, ou possa convir a alguns delles. Estas proposições exprimem-se de differente modo em Francez e em Portuguez, e cumpre que se tenha presente a sua particular construcção em ambas as linguas, para não cahirmos em erros grosseiros, nem darmos á frase hum sentido falso, ou obscuro. Assim, v. gr. traduziremos as seguintes frases:

Tous les étrangers ne sont pas barbares: et tous nos compatriotes ne sont pas civilisés — *Nem todos os estrangeiros* são barbaros; *nem todos os nossos compatriotas* são civilisados.

Toute terre ne porte pas toutes choses — *Nem todas as terras* dão tudo, ou são para tudo. (Em Latim: *non omnis fert omnia tellus.*)

Il est vrai que tous ne donnoient point dans ces excès affreux — He verdade que *nem todos* cahião nestes horriveis excessos.

Les annales d'aucun peuple ne présentent l'exemple d'une telle suite de prodiges. — Não ha povo algum, cujos annaes appresentem huma tal serie de prodigios. &c. &c.

3.° He tambem frequente em Francez usar-se da particula *plus* com a significação de *quanto mais*, no principio de certas frases, que constão de dois membros, e exprimem a proporção de dois objectos entre si. Por se não attender a esta significação, he errada a construcção das seguintes frases:

Mais *eu examinava*, mais *minha admiração crescia*.

Mais *o orgulho cuida avisinhar-se ao seu fim*; mais *elle com effeito se afasta*.

Mais *Vossa Alteza se acostumará a seguir as grandes cousas*, mais *admiração lhe causarão estes conselhos da Providencia*.
As quaes se devião traduzir assim:

Quanto mais eu examinava, *tanto mais* crescia a minha admiração.

Quanto mais cuida o orgulho avisinhar-se ao seu fim, *tanto mais* se afasta delle.

Quanto mais Vossa Alteza se acostumar a seguir as cousas grandes, *tanto maior admiração* lhe causaráõ estes conselhos da Providencia &c. &c.

4.° Ha tambem em Francez certas proposições, que podemos chamar *exclusivas*, nas quaes se affirma que huma cousa existiria, se se verificasse a exclusão de outra. Esta exclusão exprime-se em Francez pela preposição *sans*, que nesses casos vale tanto como o Portuguez *se não fosse*, *menos que*, ou *a menos que* &c. V. gr. « *J'aurois gagné mon procés* sans vous; *se vós não fosseis*, teria eu ganhado o meu processo, ou teria eu vencido a minha demanda. » He pois necessario que em Portuguez se dê a estas frases o conveniente sentido, para se evitar o gallicismo, que notamos nas seguintes:

Sem o auxilio de Minerva, Ulysses perecia, i. e. *se não fosse* o auxilio de Minerva, *pereceria* Ulysses; ou, Ulysses pereceria, *menos que* Minerva o não soccorresse: ou, *se Minerva não soccorresse* a Ulysses; por certo que elle pereceria. &c.

Sem vós eu andaria exposto á inconstancia deste monstro, i. e. *se vós não fosseis*, andaria eu exposto &c.

5.° As expressões Francezas, em que entra o verbo *falloir*, v. gr. *il faut*, *il fallait*, *il fallut*, *il faudra*, *il ne faut*, *il ne faut que*, &c., nem sempre se devem traspassar da mesma maneira, e a ignorancia dos differentes significados, que lhe correspondem em Portuguez, he origem de frequentes erros. Daremos alguns exemplos do modo, com que em differentes circunstancias se devem traduzir, para servirem de advertencia aos menos doutos.

Dans tout état il faut *une religion*: *il en* faut *une a tout homme*; Em todo o estado *he necessaria* huma religião: cada homem *deve tambem ter* a sua.

C'est aujourd'hui qu'il faut *signaler notre valeur*; hoje *cumpre* ostentarmos o nosso valor — hoje he que *devemos* distinguir-nos pelo nosso valor.

Nous

Nous sacrifierons pour eux notre repos, *notre liberté*, *notre sang même et notre vie*, s'il le faut; por elles sacrificaremos o nosso repouso, a nossa liberdade, e até, *se necessario for*, o nosso sangue e a nossa vida.

Les mysteres, s'il en faut *croire les anciens*, *etoient* &c. Os mysterios, *se havemos* de dar credito aos antigos, erão. &c.

Néanmoins il n'en faut *douter*, *il y aura toujours une intime union* &c. Comtudo, *não o duvidemos*, haverá sempre huma intima união. &c.

C'etoit plus qu'il en falloit *pour flatter l'orgueil du pere*, *et de la mere d'Emilie*; era *mais que bastante* para lisongear &c.

Il ne faut *juger des hommes comme d'un tableau*; não *se deve* julgar dos homens, como de hum painel; *cumpre* não ajuizar dos homens &c.

Il ne falloit *pour cela qu'aider les progrès des connoissances*; *bastava* para isto auxiliar o progresso &c. Para isto nada mais *se requeria*, ou nada mais *era necessario*, se não auxiliar &c.

Il ne faut *point supposer les hommes gratuitement criminels*; não *se devem* suppôr os homens gratuitamente criminosos — *Cumpre*, que não supponhamos os homens. &c.

6.° Repetem-se na Oração Franceza alguns vocabulos, cuja repetição em Portuguez seria hum erro. Taes são, por ex: 1.° as *terminações dos adverbios*. V. gr. Obra em tudo *prudentemente*, *e honradamente*, que em melhor Portuguez diremos: obra em tudo *prudente*, *e honradamente*: 2.° em alguns casos os *artigos*, ou os *adjectivos articulares*: v. gr. *o homem levado pelo interesse e a curiosidade*, i. e. *pelo interesse e curiosidade* — *Por seus discursos e* suas *acções*, *se concebião delle mui altas esperanças*, i. e. *por seus discursos e acções*; ou *por seus discursos*, *e por suas acções*. A este respeito não será inutil advertir, que achamos nos Classicos Portuguezes algumas frases, que nos parecem incorrectas, v. g. na *Vid. do Arceb.* Liv. 4. C. 1.: *Esta alçada foi occasião de muito desgosto ao Arcebispo*, e muita despeza; aon-

de parece que se deveria dizer: *foi occasião de muito desgosto, e despeza ao Arcebispo*; ou, *foi occasião de muito desgosto, e de muita despeza.* Em Jacinth. Freir. *Vida de Castro* L. 2. §. 6.: *Começou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria*, i. e. *ou por sua fortuna, ou por sua industria*, &c. &c. 3.° o *que* depois de *mais*: v. gr. *não tereis mais que hum semblante, e que huma palavra*; i. e. *mais que hum semblante, e huma palavra* &c.

7.° Finalmente ha em Francez muitos outros modos de fallar, em cuja traducção se commettem frequentes erros por ignorancia, ou inadvertencia. Como não escrevemos a Arte de traduzir o Francez, apontaremos sómente alguns exemplos, que sirvão de pôr em cautella os menos doutos.

Je crois bien; *je crois assez* — *Creio de boa mente*; *facilmente creio*; ou, como ás vezes diz Vieira, *eu bem creio que* &c.

Fasse le Ciel que — *Permitta o Ceo que*; *Deos permitta que* &c.

Quelle est la disposition du moment *des esprits* — Qual he *ao presente* a disposição dos espiritos; qual he *a actual* disposição; qual he a disposição *em que ao presente se achão* os espiritos &c.

J'eus beau prendre à temoin celui-là même . . . . il fut surd &c.; — *Em vão o tomei por testemunha* a elle mesmo: elle se fez surdo; ou, *por mais que o tomei a elle mesmo por testemunha, fez-se surdo ás minhas vozes* &c.

As frases Francezas em que entrão os vocabulos *trait*, e *coup*, admittem differentes modos de traducção, que se devem ter presentes; v. gr.

Le sceau de sa reconciliation fut un trait *de liberalité* — O sello da sua reconciliação foi hum *lanço* de liberalidade; ou *huma acção* de liberalidade.

Des volumes nombreux suffiroient à peine pour narrer ce qui a trait *a cette partie de notre histoire* — Apenas bastarião numerosos volumes para narrar *o que diz respeito* a esta parte da nossa historia.

Toutes les découvertes, qu'elle fit . . . furent des nouveaux

veaux traits, *qui décident son goût* &c. — Todos os descobrimentos que ella fez . . . forão *novos motivos*, que determinárão o seu gosto &c. &c.

Faire un trait *d'ami* — fazer *huma acção* de amigo.

Faire un beau coup; *un grand coup*; *un coup d'eclat* — fazer *huma acção insigne*; *hum insigne feito*; *huma acção estremada* &c.

Tenir coup à l'etude — perseverar no estudo &c. &c.

VI.

Abuso na collocação dos vocabulos.

Seria necessario hum longo discurso para mostrarmos todas as differenças, que ha entre as duas linguas Portugueza e Franceza, na collocação, e ordem dos vocabulos, e frases entre si: mas este assumpto, que aliàs mereceria ser tratado com alguma extensão, não cabe nos limites de hum simples *Glossario*. Bastará reflectirmos aqui em summa, que sem embargo de seguirem ambas estas linguas a ordem directa, e analytica das idéas; tem comtudo a Portugueza muito maior liberdade para usar de transposições, sem fazer o discurso embaraçado, ou obscuro. Assim, v. gr. (como já notou hum Critico illustrado) o que Jacintho Freire escreve com elegancia: *não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas*; verte o Francez com muito menos graça: *ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes.* E o que os Francezes exprimem por esta frase: *ceux qui etoient convaincus d'avoir employé d'indignes voies pour parvenir au commandement*, *en etoient exclus pour toujours*; póde em muito bom Portuguez traduzir-se por differentes modos, v. gr.: *Os que erão convencidos de haverem empregado meios indignos para alcançar o commando*, *ficavão excluidos delle para sempre*; ou talvez melhor: *ficavão para sempre excluidos do commando*; ou, *ficavão para sempre reputados inhabeis para o commando*

os

os que erão convencidos de o haverem pretendido por meios indignos. Semelhantemente este verso:

Je chante les combats, et cet'homme pieux,

que he a traducção do primeiro hemistichio da Eneida de Virgilio, e que em Francez não admitte outra ordem de vocabulos, póde traspassar-se ao Portuguez dizendo:

Eu canto as armas, e o Varão piedoso;

ou transpondo, como fez João Franco Barreto na Eneida Portugueza:

As armas e o Varão canto piedoso.

Por onde se vê que o Escritor Portuguez, tendo mais liberdade, que o Francez, para inverter a ordem dos vocabulos, póde muitas vezes escolher a seu arbitrio o lugar, que cada hum delles deve occupar no discurso, a fim de que a expressão fique mais harmonica, e a imagem mais viva e animada.

Segundo este principio, que he verdadeiro, e generico, cumpre que os Traductores Portuguezes, adoptando a prudente liberdade que lhes offerece a sua lingua, procurem evitar a fastidiosa monotonia, que resultaria de huma traducção demasiadamente litteral, e o ar e geito afrancezado de que aliàs se reveste o discurso.

Estas expressões, por exemplo, que a cada passo encontramos nas nossas modernas Traducções: *eu me lembro*; *eu vos certifico*; *eu lhe tenho pedido muitas vezes* &c.; podem, e muitas vezes devem inverter-se, dizendo, segundo o genio da lingua Portugueza: *Lembro-me*; *certifico-vos*; *muitas vezes lhe tenho pedido*; ou, *tenho-lhe pedido muitas vezes*; ou, *tenho-lhe muitas vezes pedido*; ou, *pedido lhe tenho muitas vezes* &c.

Ha outras frases, em que não só he permittida, mas até (segundo o nosso parecer) muitas vezes necessaria a inversão. V. gr. nesta: « *Filippe, tendo mandado pedir aos Lacedemonios huma cousa injusta, lhe respondêrão*: *não.* » aonde o nome *Filippe* posto no principio da frase, como que requer hum verbo, que em realidade não apparece, ficando o sen-

sentido quasi suspenso, e o espirito do leitor embaraçado. Este defeito porém se desvanecerá, se dissermos ao modo Portuguez: *Tendo Filippe mandado pedir* &c. Da mesma sorte acontece em estoutra frase: *Os armazens das tormentas abrindo-se sahirãõ delles como em ondas os coriscos e raios*, que em melhor Portuguez pede esta construcção: *abrindo-se os armazens . . . sahirãõ delles* &c.

Os nossos melhores Classicos não evitárão de todo este defeito. *Barros* na Dec. 4. L. 10. C. 7. principia assim: *As cousas de Diu estando no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira suspeitando a vinda dos Rumes... mandou huma fusta* &c., devendo, ao nosso parecer, usar de transposição deste modo: *Estando as cousas de Diu no estado que contamos, o Capitão Antonio da Silveira, como suspeitasse a vinda dos Rumes, mandou* &c.

Na Dec. 2. L. 1. C. 5. diz tambem:
Havida esta victoria, e os Mouros postos debaixo do palmar, em modo de cerco, assombrava-se Lourenço de Brito ainda tanto com elles &c., que melhor se diria deste modo: *havida esta victoria, e postos os Mouros debaixo do palmar* &c.

Lobo, Cort. na Ald. Dial. 11., traz tambem este periodo: *Outro estudante do meu tempo, passando parte de huma noite de inverno em casa de hum amigo... choveo tanta agoa, e cresceo com tanta furia o Mondego* &c.; aonde o leitor, esperando pelo verbo do sujeito *outro estudante*, acha-se por fim embaraçado na intelligencia da frase, e com esta especie de equivocação, quasi que se desgosta da leitura.

Nem se nos atribua a temeridade, ou presumpção tacharmos assim de defeituosos os nossos bons Auctores. A ignorancia geral que então havia dos principios filosoficos da linguagem, os fazia cahir em muitos erros contrarios á *boa ligação das ideas*, que he a base fundamental de todos os preceitos relativos ao arranjamento dos vocabulos, e á organização interna do discurso: concorrendo tambem para isto a demasiada, e ás vezes servil, imitação da construcção Latina, procedida da errada opinião, naquelle tempo, e

e ainda hoje mui vulgar, de que a nossa lingua he filha della, e tem, como tal, o mesmo genio e indole.

Mas voltando ao nosso objecto: tem tambem as linguas seus particulares caprichos (por assim nos explicarmos) que o Escritor polido e exacto deve respeitar: e por isso, ainda que da diversa posição dos vocabulos não resulte ambiguidade, nem má intelligencia da frase, convem todavia não alterar a fórma, que constantemente se tem adoptado para a exprimir. Por exemplo nas seguintes frases:

He desta sorte que o sabio se vinga.
He por isso que eu me resolvi.
He neste projecto que dais á luz a vossa obra.
Foi neste intuito, que o Legislador ordenou &c.

não se encontra ambiguidade ou escuridade alguma; e comtudo o estilo Portuguez demanda differente collocação de vocabulos, e exprime-se desta maneira:

Desta sorte he que o sabio se vinga; ou: *assim he que se vinga o sabio*; ou ainda mais simplesmente: *desta sorte se vinga o sabio.*
Por isso he que me resolvi.
Com este projecto he que dais á luz &c. &c.

Da mesma sorte nesta frase: « *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes* &c., *e cem embarcações se carregão todos os annos deste porto para Marselha* » ainda que não haja ambiguidade, seria comtudo muito melhor traduzir assim: *Os principaes artigos do seu commercio são trigo, legumes* &c., *e todos os annos se carregão cem embarcações* &c.

E em estoutra: « *Carteis afixados em todas as ruas erão dirigidos contra esta auctoridade* » dir-se-hia em melhor Portuguez « *em todas as ruas se vião pasquins dirigidos contra* » &c.

Mais necessaria he ainda a inversão nesta frase: « *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes do que carregar os povos de novos impostos, vendeo os moveis do palacio imperial* » cujo sentido he: « *Marco Aurelio, em huma necessidade urgente, antes quiz vender os moveis do palacio, do que* *car-*

carregar os povos » &c.; ou « *mais quiz vender* » ou « *preferio vender* » &c.

Outras vezes, ainda que a collocação Franceza não seja contraria ao estilo Portuguez, podemos todavia variala na traducção aproveitando-nos da liberdade da nossa lingua para fazermos o discurso ou mais corrente, ou mais elegante. Este periodo, v. gr.:

« *Todos aquelles bens, que se não adquirem senão por caminhos obliquos, são raramente de longa duração: o Ceo para punir, sem dúvida, os que os possuem, os faz desapparecer como hum fumo* » se traduziria muito melhor dizendo:

« *Raras vezes tem longa duração* . . . . ou, *raras vezes se logrão por muito tempo* . . . . ou, *he raro serem de longa duração* . . . ou, *raramente são duraveis os bens, que se adquirem por tortuosos caminhos: o Ceo os faz desapparecer como fumo, sem dúvida para punir os que o possuem* » ou:

« *Raras vezes tem longa duração os bens, que sómente se adquirem por caminhos tortuosos: o Ceo* » &c. &c.

Com mais razão se deve variar a collocação dos vocabulos, quando do contrario se segue alguma ambiguidade, obscuridade, ou embaraço na frase, como succede por exemplo, no seguinte periodo, que achamos traduzido do Francez: « *Se vós fosseis lavrador, que esperarieis da bondade do Principe? — Que elle me segurasse o fructo do meu trabalho, e que me deixasse gozalo, dando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher* » aonde a frase *pagando-lhe eu o seu tributo, com meus filhos e minha mulher*, faz hum sentido não só ambiguo, senão tambem falso e absurdo, o que se evitaria, arranjando assim o periodo « *Que elle me assegurasse o fructo do meu trabalho, e mo deixasse gozar com meus filhos e mulher, pagando lhe eu o seu tributo* » ou assim « *e que mo deixasse gozar a mim, a meus filhos, e a minha mulher, pagando-lhe eu* » &c. &c.

Não adiantaremos mais as nossas reflexões a este respeito; porque sería impossivel estabelecer regras fixas e invariaveis sobre hum assumpto, que depende quasi intei-

ramente das particulares circunstancias do discurso; e porque o pouco, que temos dito, basta para despertar a advertencia e reflexão dos Traductores, e para os mover a corrigir os multiplicados gallicismos, de que estão cheias as nossas Traducções modernas. Huma só cousa porém tornamos a repetir; e não cessaremos de inculcar, e he que só a assidua lição dos Classicos Nacionaes, e o aturado estudo das suas Obras, junto com o conhecimento dos principios filosoficos da Grammatica Universal, podem vir a libertar a lingua Portugueza das fórmas estrangeiras, que nella se tem introduzido, e restituila á sua nativa pureza e elegancia. Seja pois este o principal cuidado dos eruditos Portuguezes, que amão a sua linguagem, e não se dirá mais por ella o que já com galanteria disse hum Escritor douto: « *Que pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada, que capa de pedinte.* » *Lobo Cort. na Ald.* Dial. 1.º

ME-

MEMORIA

Sobre hum Documento inedito do principio do Seculo XII. em que se mostra, que — O Senhor Conde D. Henrique, achando-se auzente na Palestina, ainda não tinha voltado a Portugal em Maio da Era 1141. (*Anno* 1103.) —

POR FRANCISCO RIBEIRO DOSGUIMARÃES.

1. Os nossos Escritores discordão com pasmosa variedade acerca do facto historico da jornada do Senhor Conde D. Henrique á Palestina. Os mesmos, que sustentão a affirmativa, não se ajustão no anno, nem nas circunstancias; isto he, se foi antes, se depois de casado com a Senhora Rainha Dona Tereza; se foi na qualidade de Guerreiro, e capitaneando as Tropas, que dizem seu Sogro D. Affonso VI. mandára em auxilio daquella primeira Cruzada, e conquista de Jerusalem, em 1099; ou se na segunda expedição em soccorro dos Christãos da Palestina na companhia dos Principes do Norte; ou finalmente se na qualidade de particular, e como Romeiro, instigado por estimulos de piedade, e Religião a emprehender esta remota peregrinação, para que tanto propendia a devoção dos Fieis por aquelles tempos: e até o infatigavel Author da *Nova Malta Portugueza* Part. I. §. 7. e seguintes se lembrou conjecturar, que elle fôra depois do anno 1112, ou pela segunda vez, a Jerusalem, para assim commodamente lhe poder attribuir mais nove annos de vida; porém melhor advertido chegou a retractar-se, posto que indirectamente, no Indice da mesma Obra Part. III. pag. 382.

2. Todos estes Escritores, que vivêrão quatro, e mais Seculos depois do falecimento do Senhor Conde D. Henrique, recontando aquelle acontecimento, apoiados na Tra-

dição, o revestírão de circunstancias arbitrarias, ou apparentes conjecturas, que julgárão sufficientes para conciliar a credulidade dos seus leitores, e realçar ainda mais o esplendor, e gloria nacional; mas que o não serão para destruir totalmente os fundamentos da opinião contraria, em quanto se não produzirem testemunhos coevos, que abonem a verdade do facto.

3. Duarte Galvão na *Chronica do Senhor D. Affonso Henriques* Cap. 4. fol. 8 vers. col. 1.ª do Manuscr. do R. Archivo, e pag. 5 col. 2.ª da Ediç. de 1727, escreveo o seguinte: « E neste tempo andando a Era de Nosso Senhor » em mil cento e tres annos, foy este Conde Dom Han» rique a Ultramar aa Casa Sancta de Jherusallem, con» quistada havia quatro annos de Christaõs. . . . E quan» do de lá veo, trouxe muitas relliquias de Sanctos: antre » as quaes foy huum braço de Sam Lucas Evangelista. . . » . . . . E a rogo de Sam Giraldo, que entom era Bis» po de Braga, deu parte delle aa See da dicta Cidade. »

4. Com este Chronista se conformou Manoel de Faria e Sousa no *Epitome das Historias Portuguezas* Part. III. Cap. 1., vacilando com tudo quanto ao anno desta empreza, e deixando a outros o conciliar mais de espaço o tempo, e seguir o mais provavel. (*a*) Porém já o Senador Duarte Nunez do Lião na sua *Chronica do Senhor Conde D. Henrique*, a pag. 43 da Ediç. de 1784 se tinha proposto a confutar nesta parte ao Chronista Duarte Galvão, acumulando conjecturas de bastante pezo, com que parecia ficava desvanecida a verdade, e até a possibilidade daquella empreza militar, ou devota peregrinação.

5. Fr. Antonio Brandão, Escritor sisudo, e assás judicio-

(*a*) Este mesmo Historiador na sua *Europ. Portug.* Tom. II. P. I. Cap. 2. n. 19. pag. 25 se explica com variedade pela maneira seguinte: *Pero supuesto que por algunos años (desde 1103 asta 1109) no se hallan noticias del acá, como tambien sucediò en los de la primera, creible es que se halló en ambas ocasiones de conquista, y de socorro. Ni hallo yo otra suerte de conciliar esta variedad de pareceres.*

cioso, na Part. III. da *Monarch. Lusitan.* Liv. 8. Cap. 22. pag. 60 da Ediç. de 1690, rejeitando a opinião de Duarte Nunez, cujos principaes fundamentos ahi substanceou, lhe preferio a pag. 61 col. 1.ª a de Galvão, e dos mais Authores, que affirmão a ida do Senhor Conde D. Henrique a Jerusalem no anno de 1103, parecendo-lhe esta opinião mais provavel — *porque neste anno* (são palavras suas) *forão alguns Portuguezes á Terra Santa* — e para isso produz o testemunho do *Livro dos Testamentos de Santa Cruz de Coimbra*, no principio do qual se acha escrito, que o Arcediago de Coimbra, D. Tello, fôra a Jerusalem na companhia do Bispo da mesma Cidade, D. Mauricio, e *totius Curiæ*; que interpreta por Corte do mesmo Senhor D. Henrique, posto que elle se não ache ahi expressamente nomeado. E acrescenta, que esta opinião tambem se confirma com algumas Memorias antigas, especialmente huma do Mosteiro de Cette no Bispado do Porto, em que se attribue a viagem do Senhor Conde á Terra Santa ao anno de 1103. João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal* Tom. I. pag. 285, tem por segura esta opinião.

6. Seria com tudo aos olhos de huma sã critica reputado Brandão mais afortunado, e cabalmente vencedor na refutação, que emprehendeo neste lugar fazer, da opinião de Duarte Nunez, se tivesse achado, e podesse produzir algum testemunho coevo, terminante, e não suspeito, com que ficassem totalmente desvanecidas as conjecturas, e os fundamentos de seu adversario. Tal he, o de que passo a dar nesta Memoria noticia resumida.

7. A fol. 38 do Livro *Preto* da Sé de Coimbra, Codice respeitavel, e do principio do Seculo XIII., se encontra lançada a Carta *Credulitatis*, isto he, Carta de Convenção entre Eusebio, Prior do Mosteiro de Lorvão, e Mido, Governador do Castello de Bésteiros, ácerca da povoação, e cultura da terra de Santa Comba Dão no territorio de Viseu, que tinha sido doada ao mesmo Mosteiro por Monio Gonçalvez, e Oveco Garcia: Documento do princi-

cipio do Seculo XII.; inedito, e do qual até ao presente Escritor nenhum, que eu saiba, fez menção.

8. Principia: « In Era M. C. XXXX. I. Sic cepi ego » Eusebius, Prior Laurbonensis Cenobii, reedificare atque » populando restaurare consensu Rectorum patrie, sive » Dominorum Henrricii Comitis, atque Monionis Consulis » Castrum, vocabulo Sancta Columba, territorio Visense, » subtus Castello Balestarios, discurrente rivulo Huone, » quod firmitatis scripture testatum a Dei famulis nominatis inveni, Monio Gunsalviz, et Oveco Garciani. »

9. Continúa dizendo, que mandando aquelle Governador occupar violentamente parte da mesma Terra, se moveo pleito perante Suciro Mendez, e a Senhora Dona Tereza na ausencia de seu marido, o Senhor D. Henrique, a esse tempo na jornada de Jerusalem: e depois em segunda instancia na presença do Imperador D. Affonso VI., que então estava na Villa de *Lili*, aonde tambem se achou presente sua filha a Senhora Dona Tereza, com outros Magnates. São notaveis as seguintes palavras deste Documento: « Contra hanc itaque populandi ceptionem erectus qui- » dem miles adversans, nomine Midus, Dux supranomi- » nati Castelli Balestarios, sciens jam loca per terminos » testamentis inventos me esse signata, ante mittens ho- » mines suos precepit virtute sue potestatis sibi prodendas, » quia hereditans laborare: de quo facto pervenimus dis- » cordanter contrariantes coram Consulibus terre Suario Me- » nendiz, atque uxore Comitis Henrrici Tharasia, plolis Ade- » fonsi Imperatoris, ad quibus convenienter consilium ac- » cepimus, ut quantum suos homines rumperant, habuisset » *usque ad venitam Comitis de Jerusalem, ubi erat; et quan-* » *do venisset*, quod ipse mandasset, fecissemus: et concor- » dant in vita ipsi Midi sibi, et Monasterio supradicto Laur- » bano prodendum dijudicare *usque presentiam Henrrici Co-* » *mitis, qui et gener Imperatoris.* Hoc acceptum judicium, » et missis utrique fidejussoribus in centum, centum soli- » dos, penitencie ipse supradictus miles ductus, sprevit

» hoc;

» hoc; et accepto itenere perrexit in Castella ad quere-
» landum se Imperatori. Quod ut ego veraciter agnovi,
» cicius post eum pergens, &c. »

10. Depois da Noticia da decisão final deste pleito segue-se huma Convenção entre o Prior Eusebio, e o Governador Mido, celebrada na presença de 14 Testemunhas, incluido o Notario, *Menendus Prebiter*, cuja data he a seguinte: « Facta Carta credulitatis *anno quadragesimo primo*
» *post millesima centesima*, *mense Maio*, obtinente Impera-
» tore Adefonso Regnum Spanie Christianorum : Genere
» ejus Henrritio Portugalie, et Colimbria: sub quibus et
» Munio Veilaz Viseo, atque vicinias; coram quo ego
» Midus, qui Kartam facere construxi, et testibus robora-
» vi. &c. »

11. A' vista do extracto deste Documento coevo, tão auctorizado, e sem suspeita alguma de falsidade, que acabo de referir, perdem toda a sua força as conjecturas de Duarte Nunez do Lião. Não he esta a occasião opportuna de entrar no exame individuado de cada huma dellas; porém não devo omittir, que de todas ellas parece ser o mais solido fundamento da opinião de Duarte Nunez o dizer elle, que desde o anno de 1096, em que os Principes Christãos passárão á Terra Santa até ao anno de 1112, em que o Senhor Conde D. Henrique falleceo, se achão Doações firmadas por elle por todos esses annos; ou ao menos interpoladas de maneira que não era possivel no tempo ter ido á Conquista, ou ainda sómente á Romagem: pois para tudo necessariamente devia intervir demora mais ou menos prolongada. Ao que já respondeo Brandão, que no referido anno de 1103, (ou Era de 1141) não ha Escrituras, que convenção a sua assistencia em Portugal, ainda que se encontre em algumas o seu nome, mencionado como Senhor da terra: e poderia affoutamente acrescentar, que não só neste anno de 1103, ou Era de 1141, mas tambem na antecedente, e seguinte de 1140, e 1142 se verifica o mesmo, como se mostra pela Serie Chronologica do Extracto de

de Documentos, Monumentos, e Codices, que fórma o Appendice IX. da Dissertação VI. no Tom. III. Part. I. das *Dissert. Chronol. e Critic.*, laborando os dous Documentos dos N.os 116 e 120 deste Appendice nos defeitos, ou notas de suspeição, que ahi se ponderão.

12. Por tanto fica sendo muito possivel a jornada do Senhor Conde D. Henrique á Palestina no decurso daquelles tres annos: e já agora não póde padecer a menor duvida á face de prova tão positiva, qual o referido Documento do Livro *Preto*, de que Brandão não chegou a ter noticia; aproveitando-se aliàs a cada passo de Extractos, e Integras de Escrituras deste Codice, que citou ou produzio em abono dos seus Escritos.

13. Seja-me ainda permittido reflectir, que este mesmo facto historico, o qual até ao presente se reputava ser tão duvidoso, como era debatido n'um interminavel conflicto de conjecturas, no meado do Seculo passado foi julgado digno assumpto para hum Programma Academico, e distribuido a dous benemeritos Socios. Sobre elle se dissertou eruditamente; (*a*) porém a questão proposta ficou indeci-

(*a*) No Tomo V. da *Collecção da Academia Liturgica* a pag. 430 e seg. se acha a Tabella da distribuição feita em 30 de Junho de 1762 dos Pontos para o anno seguinte, entre os quaes para o dia 16 de Abril de 1763 nesta fórma: — Se dissertará na Historia Ecclesiastica: Se o Conde D. Henrique da Lusitania foi á Palestina á guerra sagrada: *Utrum Henricus Lusitaniæ Comes causa belli sacri Palæstinam ierit*. Dissertarão neste Ponto: O Snr. Fr. Antonio Caldeira, Monge de S. Bernardo: O Snr. D. Antonio da Madre de Deos, Conego Regular, em Latim. — Com effeito no Tom. VI da mesma *Collecção* Congresso VII., desde pag. 403 até 430 se imprimio a Dissertação Latina de D. Antonio da Madre de Deos. E como todos os Socios podião fazer Dissertação em qualquer dos pontos, ainda sem lhe ser distribuida, dissertou tambem em Latim sobre o mesmo ponto Fr. Bernardino de Santa Roza, Dominico: e a sua Dissertação se imprimio no cit. Tom. VI. desde pag. 431 até 449.

Não vi ainda impressa, ou manuscrita a Dissertação do Chronista Fr. Antonio Caldeira, em Portuguez: parece com tudo, que não seria desconhecida ao Traductor, e Annotador da *Histor. de Portugal* por Mr. de La Clede, pelo que deixou escrito no Tom. III. pag. 36 e 37 not. 21. — A jornada para Jerusalem se assentou a requerimento de Pedro no Concilio de Clermont em 1095. Partio o exercito em 1096, e Jerusa-

cisa, como d'antes era, por falta dos competentes subsidios. Para desentranhar estes do pó dos Cartorios do Reino, aonde jazião, e ainda jazem sepultados, se tem afadigado com zello, e actividade os nossos Litteratos ha quasi hum Seculo. Muito se tem conseguido descubrir; mas o que acabo de expôr ajuda a convencer-nos do muito, que ainda resta a fazer.

14. A Academia Real das Sciencias desde o seu glorioso estabelecimento, persuadida constantemente desta verdade, não tem cessado de promover por todos os meios, que estão ao seu alcance, os progressos neste ramo de Litteratura Nacional; nomeando ultimamente huma Commissão de Historia, e Antiguidades; a qual, além de alguns outros trabalhos, que fazem parte desta sua tarefa litteraria, se propôz desde logo a arranjar, e dispor a publicação da vastissima Collecção de Documentos ineditos para a Historia, e Legislação Portugueza, ha tanto tempo promettida; mas até agora demorada por obstaculos insuperaveis.

---

lem foi tomada em 1099. Nesta occasião não foi o Conde D. Henrique a Jerusalem: *e Fr. Antonio Caldeira mostra que nunca lá foi pelas Escrituras, que achou.* —

TABOAS
DO
NONAGESIMO
PARA A LATITUDE DE LISBOA,

REDUZIDA AO CENTRO DA TERRA

38° 27″ 22″,

SUPPONDO A OBLIQUIDADE DA ECLIPTICA

23° 28′ 0″,

POR

FRANCISCO ANTONIO CIERA.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
0 Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	0ˢ17° 32′ 59″	12′ 30″	5 12° 27′ 1″	55° 12′ 59″	5′ 42″	60
1	0 17 45 30	12 30	5 12 14 32	55 18 41	5 42	59
2	0 17 57 59	12 29	5 12 2 2	55 24 23	5 41	58
3	0 18 10 28	12 29	5 11 49 33	55 30 4	5 40	57
4	0 18 22 56	12 28	5 11 37 4	55 35 44	5 40	56
5	0 18 35 24	12 27	5 11 24 36	55 41 24	5 40	55
6	0 18 47 51	12 27	5 11 12 9	55 47 4	5 39	54
7	0 19 0 18	12 27	5 10 59 42	55 52 43	5 39	53
8	0 19 12 45	12 26	5 10 47 16	55 58 22	5 38	52
9	0 19 25 10	12 25	5 10 34 50	56 4 0	5 37	51
10	0 19 37 36	12 25	5 10 22 25	56 9 37	5 37	50
11	0 19 50 1	12 24	5 10 10 0	56 15 14	5 37	49
12	0 20 2 25	12 24	5 9 57 35	56 20 51	5 37	48
13	0 20 14 49	12 24	5 9 45 11	56 26 28	5 36	47
14	0 20 27 13	12 23	5 9 32 47	56 32 4	5 35	46
15	0 20 39 36	12 23	5 9 20 24	56 37 39	5 35	45
16	0 20 51 59	12 23	5 9 8 1	56 43 14	5 35	44
17	0 21 4 22	12 22	5 8 55 38	56 48 49	5 34	43
18	0 21 16 43	12 21	5 8 43 16	56 54 23	5 34	42
19	0 21 28 55	12 21	5 8 31 5	56 59 57	5 33	41
20	0 21 41 16	12 20	5 8 18 45	57 5 30	5 32	40
21	0 21 53 36	12 20	5 8 6 24	57 11 2	5 32	39
22	0 22 5 56	12 19	5 7 54 4	57 16 34	5 32	38
23	0 22 18 15	12 19	5 7 41 45	57 22 6	5 31	37
24	0 22 30 34	12 18	5 7 29 26	57 27 37	5 31	36
25	0 22 42 52	12 18	5 7 17 8	57 33 8	5 30	35
26	0 22 55 10	12 17	5 7 4 50	57 38 38	5 29	34
27	0 23 7 27	12 17	5 6 52 33	57 44 7	5 29	33
28	0 23 19 44	12 16	5 6 40 16	57 49 36	5 29	32
29	0 23 32 0	12 15	5 6 28 0	57 55 5	5 28	31
30	0 23 44 15		5 6 15 45	58 0 33		30

XI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

0 Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	0s 23° 44' 15''	12' 15''	5s 6° 15' 45''	58° 0' 33''	5' 28''	30
31	0 23 56 30	12 15	5 6 3 30	58 6 2	5 27	29
32	0 24 8 45	12 14	5 5 51 15	58 11 29	5 26	28
33	0 24 20 59	12 14	5 5 39 1	58 16 55	5 26	27
34	0 24 33 14	12 13	5 5 26 46	58 22 21	5 25	26
35	0 24 45 27	12 13	5 5 14 33	58 27 46	5 25	25
36	0 24 57 40	12 13	5 5 2 19	58 33 11	5 25	24
37	0 25 9 53	12 12	5 4 50 6	58 38 36	5 24	23
38	0 25 22 5	12 12	5 4 37 54	58 44 0	5 24	22
39	0 25 34 17	12 11	5 4 25 42	58 49 24	5 24	21
40	0 25 46 30	12 10	5 4 13 30	58 54 48	5 22	20
41	0 25 58 40	12 11	5 4 1 20	59 0 10	5 23	19
42	0 26 10 51	12 11	5 3 49 9	59 5 33	5 21	18
43	0 26 23 2	12 10	5 3 36 58	59 10 54	5 21	17
44	0 26 35 12	12 10	5 3 24 48	59 16 15	5 21	16
45	0 26 47 22	12 9	5 3 12 38	59 21 36	5 20	15
46	0 26 59 32	12 9	5 3 0 28	59 26 56	5 19	14
47	0 27 11 41	12 9	5 2 48 19	59 32 15	5 19	13
48	0 27 23 50	12 9	5 2 36 10	59 37 34	5 18	12
49	0 27 35 59	12 9	5 2 24 1	59 42 52	5 16	11
50	0 27 48 8	12 9	5 2 11 52	59 48 8	5 17	10
51	0 28 0 17	12 8	5 1 59 43	59 53 25	5 16	9
52	0 28 12 25	12 8	5 1 47 35	59 58 41	5 15	8
53	0 28 24 33	12 7	5 1 35 27	60 3 56	5 15	7
54	0 28 36 40	12 7	5 1 23 20	60 9 11	5 14	6
55	0 28 48 47	12 7	5 1 11 13	60 14 25	5 13	5
56	0 29 0 54	12 7	5 0 59 6	60 19 38	5 13	4
57	0 29 13 1	12 6	5 0 46 59	60 24 51	5 13	3
58	0 29 25 7	12 6	5 0 34 53	60 30 4	5 12	2
59	0 29 37 13	12 5	5 0 22 47	60 35 16	5 11	1
60	0 29 49 18		5 0 10 42	60 40 27		0

XI Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
I Hora.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
0	0ˢ 29° 49' 18'	12' 5''	5ˢ 0° 10' 43''	60° 40' 27''	5' 11''	60
1	1 0 1 23	12 5	4 29 58 38	60 45 38	5 11	59
2	1 0 13 28	12 5	4 29 46 33	60 50 49	5 9	58
3	1 0 25 33	12 4	4 29 34 28	60 55 58	5 9	57
4	1 0 37 37	12 4	4 29 22 24	61 1 7	5 9	56
5	1 0 49 41	12 4	4 29 10 20	61 6 16	5 7	55
6	1 1 1 45	12 4	4 28 58 16	61 11 23	5 7	54
7	1 1 13 49	12 4	4 28 46 12	61 16 30	5 6	53
8	1 1 25 53	12 3	4 28 34 8	61 21 36	5 5	52
9	1 1 37 56	12 3	4 28 22 5	61 26 41	5 5	51
10	1 1 49 59	12 3	4 28 10 2	61 31 46	5 4	50
11	1 2 2 2	12 3	4 27 57 59	61 36 50	5 3	49
12	1 2 14 5	12 3	4 27 45 56	61 41 53	5 3	48
13	1 2 26 8	12 2	4 27 33 53	61 46 56	5 3	47
14	1 2 38 10	12 2	4 27 21 51	61 51 59	5 2	46
15	1 2 50 12	12 2	4 27 9 49	61 57 1	5 1	45
16	1 3 2 14	12 2	4 26 57 47	62 2 2	5 1	44
17	1 3 14 16	12 1	4 26 45 45	62 7 3	5 0	43
18	1 3 26 17	12 2	4 26 33 44	62 12 3	4 59	42
19	1 3 38 19	12 1	4 26 21 41	62 17 2	4 58	41
20	1 3 50 20	12 1	4 26 9 40	62 22 0	4 58	40
21	1 4 2 21	12 0	4 25 57 38	62 26 58	4 57	39
22	1 4 14 21	12 1	4 25 45 38	62 31 55	4 56	38
23	1 4 26 22	12 0	4 25 33 37	62 36 51	4 55	37
24	1 4 38 22	12 1	4 25 21 37	62 41 46	4 54	36
25	1 4 50 23	12 0	4 25 9 37	62 46 40	4 53	35
26	1 5 2 23	12 0	4 24 57 37	62 51 33	4 52	34
27	1 5 14 23	12 0	4 24 45 37	62 56 25	4 52	33
28	1 5 26 23	12 0	4 24 33 37	63 1 17	4 51	32
29	1 5 38 23	11 59	4 24 21 37	63 6 8	4 50	31
30	1 5 50 22		4 24 9 38	63 10 58		30

X Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
I Hora.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ˢ 5° 50′ 22′	11′ 59″	4ˢ 24° 9′ 38″	63° 10′ 58″	4′ 50″	30
31	1 6 2 20	11 59	4 23 57 40	63 15 48	4 49	29
32	1 6 14 19	11 59	4 23 45 41	63 20 37	4 48	28
33	1 6 26 18	11 59	4 23 33 42	63 25 25	4 47	27
34	1 6 38 17	11 59	4 23 21 43	63 30 12	4 46	26
35	1 6 50 16	11 59	4 23 9 44	63 34 58	4 46	25
36	1 7 2 15	11 59	4 22 57 45	63 39 44	4 46	24
37	1 7 14 14	11 59	4 22 45 46	63 44 30	4 45	23
38	1 7 26 13	11 58	4 22 33 47	63 49 15	4 44	22
39	1 7 38 11	11 58	4 22 21 49	63 53 59	4 44	21
40	1 7 50 9	11 58	4 22 9 51	63 58 43	4 43	20
41	1 8 2 8	11 58	4 21 57 52	64 3 26	4 42	19
42	1 8 14 6	11 58	4 21 45 54	64 8 8	4 42	18
43	1 8 26 4	11 58	4 21 33 56	64 12 50	4 40	17
44	1 8 38 2	11 57	4 21 21 58	64 17 30	4 41	16
45	1 8 50 0	11 57	4 21 10 0	64 22 11	4 38	15
46	1 9 1 58	11 57	4 20 58 2	64 26 49	4 38	14
47	1 9 13 55	11 58	4 20 46 5	64 31 28	4 37	13
48	1 9 25 53	11 58	4 20 34 7	64 36 5	4 36	12
49	1 9 37 51	11 58	4 20 22 9	64 40 41	4 36	11
50	1 9 49 49	11 57	4 20 10 11	64 45 17	4 35	10
51	1 10 1 46	11 57	4 19 58 14	64 49 52	4 34	9
52	1 10 13 43	11 58	4 19 46 17	64 54 26	4 33	8
53	1 10 25 41	11 57	4 19 34 19	64 58 59	4 32	7
54	1 10 37 38	11 57	4 19 22 22	65 3 31	4 32	6
55	1 10 49 35	11 57	4 19 10 25	65 8 3	4 31	5
56	1 11 1 32	11 57	4 18 58 28	65 12 34	4 30	4
57	1 11 13 29	11 57	4 18 46 31	65 17 4	4 29	3
58	1 11 25 26	11 56	4 18 34 34	65 21 33	4 29	2
59	1 11 37 22	11 57	4 18 22 38	65 26 2	4 28	1
60	1 11 49 19		4 18 10 41	65 30 30		0

X Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.

II Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	1ˢ 11° 49′ 19″	11′ 56″	4ˢ 18° 10′ 41″	65° 30′ 30″	4′ 27″	60
1	1 12 1 15	11 57	4 17 58 45	65 34 57	4 26	59
2	1 12 13 12	11 56	4 17 46 48	65 39 22	4 25	58
3	1 12 25 8	11 56	4 17 34 52	65 43 47	4 24	57
4	1 12 37 4	11 57	4 17 22 56	65 48 11	4 23	56
5	1 12 49 1	11 56	4 17 10 59	65 52 34	4 22	55
6	1 13 0 57	11 56	4 16 59 3	65 56 56	4 21	54
7	1 13 12 53	11 56	4 16 47 7	66 1 17	4 20	53
8	1 13 24 49	11 57	4 16 35 11	66 5 37	4 20	52
9	1 13 36 46	11 56	4 16 23 14	66 9 57	4 19	51
10	1 13 48 42	11 56	4 16 11 18	66 14 16	4 17	50
11	1 14 0 38	11 57	4 15 59 22	66 18 33	4 17	49
12	1 14 12 35	11 56	4 15 47 25	66 22 50	4 17	48
13	1 14 24 31	11 57	4 15 35 29	66 27 7	4 16	47
14	1 14 36 28	11 56	4 15 23 32	66 31 23	4 15	46
15	1 14 48 24	11 56	4 15 11 36	66 35 38	4 14	45
16	1 15 0 20	11 57	4 14 59 40	66 39 52	4 14	44
17	1 15 12 17	11 56	4 14 47 43	66 44 6	4 12	43
18	1 15 24 13	11 56	4 14 35 47	66 48 18	4 12	42
19	1 15 36 9	11 56	4 14 23 51	66 52 30	4 10	41
20	1 15 48 5	11 57	4 14 11 55	66 56 40	4 10	40
21	1 16 0 2	11 56	4 13 59 58	67 0 50	4 9	39
22	1 16 11 58	11 56	4 13 48 2	67 4 59	4 8	38
23	1 16 23 54	11 57	4 13 36 6	67 9 7	4 7	37
24	1 16 35 51	11 56	4 13 24 9	67 13 14	4 6	36
25	1 16 47 47	11 56	4 13 12 13	67 17 20	4 4	35
26	1 16 59 43	11 57	4 13 0 17	67 21 24	4 4	34
27	1 17 11 40	11 56	4 12 48 20	67 25 28	4 2	33
28	1 17 23 36	11 56	4 12 36 24	67 29 30	4 2	32
29	1 17 35 32	11 56	4 12 24 28	67 33 32	4 1	31
30	1 17 47 28		4 12 12 32	67 37 33		30

IX Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
II Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ˢ 17° 47′ 28″	11′ 57″	4ˢ 12° 12′ 32″	67° 37′ 33″	4′ 1″	30
31	1 17 59 25	11 56	4 12 0 35	67 41 34	3 59	29
32	1 18 11 21	11 56	4 11 48 39	67 45 33	3 58	28
33	1 18 23 17	11 56	4 11 36 43	67 49 31	3 57	27
34	1 18 35 14	11 56	4 11 24 46	67 53 28	3 57	26
35	1 18 47 10	11 55	4 11 12 50	67 57 25	3 55	25
36	1 18 59 5	11 57	4 11 0 55	68 1 20	3 55	24
37	1 19 11 2	11 56	4 10 48 58	68 5 15	3 54	23
38	1 19 22 58	11 57	4 10 37 2	68 9 9	3 54	22
39	1 19 34 55	11 57	4 10 25 5	68 13 3	3 52	21
40	1 19 46 52	11 57	4 10 13 8	68 16 55	3 51	20
41	1 19 58 49	11 56	4 10 1 11	68 20 46	3 51	19
42	1 20 10 45	11 57	4 9 49 15	68 24 37	3 50	18
43	1 20 22 42	11 57	4 9 37 18	68 28 27	3 49	17
44	1 20 34 39	11 56	4 9 25 21	68 32 15	3 48	16
45	1 20 46 35	11 57	4 9 13 25	68 36 3	3 46	15
46	1 20 58 32	11 57	4 9 1 28	68 39 49	3 46	14
47	1 21 10 29	11 56	4 8 49 31	68 43 35	3 45	13
48	1 21 22 25	11 57	4 8 37 35	68 47 20	3 43	12
49	1 21 34 22	11 57	4 8 25 38	68 51 3	3 42	11
50	1 21 46 19	11 57	4 8 13 41	68 54 45	3 41	10
51	1 21 58 16	11 57	4 8 1 44	68 58 26	3 41	9
52	1 22 10 13	11 58	4 7 49 47	69 2 7	3 39	8
53	1 22 22 11	11 57	4 7 37 49	69 5 46	3 38	7
54	1 22 34 8	11 57	4 7 25 52	69 9 24	3 38	6
55	1 22 46 5	11 57	4 7 13 55	69 13 2	3 37	5
56	1 22 58 2	11 57	4 7 1 58	69 16 39	3 35	4
57	1 23 9 59	11 57	4 6 50 1	69 20 14	3 35	3
58	1 23 21 56	11 57	4 6 38 4	69 23 49	3 33	2
59	1 23 33 53	11 58	4 6 26 7	69 27 22	3 33	1
60	1 23 45 51		4 6 14 9	69 30 55		0

IX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.

III Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	1ˢ 23° 45' 51"	11' 57"	4ˢ 6° 14' 9"	69° 30' 55"	3' 31"	60
1	1 23 57 48	11 58	4 6 2 12	69 34 26	3 30	59
2	1 24 9 46	11 57	4 5 50 14	69 37 56	3 29	58
3	1 24 21 43	11 58	4 5 38 17	69 41 25	3 28	57
4	1 24 33 41	11 57	4 5 26 19	69 44 53	3 26	56
5	1 24 45 38	11 58	4 5 14 22	69 48 19	3 26	55
6	1 24 57 36	11 58	4 5 2 24	69 51 45	3 24	54
7	1 25 9 34	11 58	4 4 50 26	69 55 9	3 24	53
8	1 25 21 32	11 58	4 4 38 28	69 58 33	3 22	52
9	1 25 33 30	11 58	4 4 26 30	70 1 55	3 22	51
10	1 25 45 28	11 59	4 4 14 32	70 5 17	3 20	50
11	1 25 57 27	11 58	4 4 2 33	70 8 37	3 19	49
12	1 26 9 25	11 58	4 3 50 35	70 11 56	3 19	48
13	1 26 21 23	11 59	4 3 38 37	70 15 15	3 18	47
14	1 26 33 22	11 58	4 3 26 38	70 18 33	3 18	46
15	1 26 45 20	11 59	4 3 14 40	70 21 51	3 15	45
16	1 26 57 19	11 59	4 3 2 41	70 25 6	3 15	44
17	1 27 9 18	11 59	4 2 50 42	70 28 21	3 14	43
18	1 27 21 17	11 59	4 2 38 43	70 31 35	3 12	42
19	1 27 33 16	11 59	4 2 26 44	70 34 47	3 12	41
20	1 27 45 15	12 0	4 2 14 45	70 37 59	3 11	40
21	1 27 57 15	11 59	4 2 2 45	70 41 10	3 9	39
22	1 28 9 14	11 59	4 1 50 46	70 44 19	3 9	38
23	1 28 21 13	12 0	4 1 38 47	70 47 28	3 7	37
24	1 28 33 13	12 0	4 1 26 47	70 50 35	3 7	36
25	1 28 45 13	12 0	4 1 14 47	70 53 42	3 5	35
26	1 28 57 13	11 59	4 1 2 47	70 56 47	3 5	34
27	1 29 9 12	12 0	4 0 50 48	70 59 51	3 3	33
28	1 29 21 12	12 1	4 0 38 48	71 2 55	3 2	32
29	1 29 33 13	12 0	4 0 26 47	71 5 57	3 2	31
30	1 29 45 13		4 0 14 47	71 8 59		30

VIII Horas.

Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
III Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	1ˢ 29° 45' 13"	11' 56"	4ˢ 0° 14' 47'	71° 8' 59"	3' 1"	30
31	1 29 57 9	12 0	4 0 2 51	71 12 0	2 59	29
32	2 0 9 9	12 0	3 29 50 51	71 14 59	2 58	28
33	2 0 21 9	12 1	3 29 38 51	71 17 57	2 56	27
34	2 0 33 10	12 1	3 29 26 50	71 20 53	2 55	26
35	2 0 45 11	12 1	3 29 14 49	71 23 48	2 55	25
36	2 0 57 12	12 0	3 29 2 48	71 26 43	2 56	24
37	2 1 9 12	12 0	3 28 50 48	71 29 39	2 54	23
38	2 1 21 13	12 1	3 28 38 47	71 32 33	2 54	22
39	2 1 33 13	12 0	3 28 26 47	71 35 27	2 52	21
40	2 1 45 13	12 0	3 28 14 47	71 38 19	2 51	20
41	2 1 57 13	12 0	3 28 2 47	71 41 10	2 49	19
42	2 2 9 13	12 1	3 27 50 47	71 43 59	2 49	18
43	2 2 21 14	12 3	3 27 38 46	71 46 48	2 47	17
44	2 2 33 17	12 3	3 27 26 43	71 49 35	2 46	16
45	2 2 45 20	12 1	3 27 14 40	71 52 21	2 45	15
46	2 2 57 21	12 1	3 27 2 39	71 55 6	2 44	14
47	2 3 9 22	12 1	3 26 50 38	71 57 50	2 43	13
48	2 3 21 23	12 2	3 26 38 37	72 0 33	2 39	12
49	2 3 33 25	12 1	3 26 26 35	72 3 12	2 37	11
50	2 3 45 26	12 1	3 26 14 34	72 5 49	2 36	10
51	2 3 57 27	12 3	3 26 2 33	72 8 25	2 35	9
52	2 4 9 30	12 2	3 25 50 30	72 11 0	2 34	8
53	2 4 21 32	12 2	3 25 38 28	72 13 34	2 33	7
54	2 4 33 34	12 0	3 25 26 26	72 16 7	2 31	6
55	2 4 45 34	12 1	3 25 14 26	72 18 38	2 31	5
56	2 4 57 35	12 2	3 25 2 25	72 21 9	2 29	4
57	2 5 9 37	12 5	3 24 50 23	72 23 38	2 28	3
58	2 5 21 42	12 2	3 24 38 18	72 26 6	2 26	2
59	2 5 33 44	12 3	3 24 26 16	72 28 32	2 26	1
60	2 5 45 47		3 24 14 13	72 30 58		0

VIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
IV Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
0	2ˢ 5° 45′ 47″	12′ 3″	3ˢ 24° 14′ 13″	72° 30′ 58″	2′ 28″	60
1	2 5 57 50	12 3	3 24 2 10	72 33 26	2 28	59
2	2 6 9 53	12 3	3 23 50 7	72 35 54	2 25	58
3	2 6 21 56	12 3	3 23 38 4	72 38 19	2 25	57
4	2 6 33 59	12 2	3 23 26 1	72 40 44	2 23	56
5	2 6 46 2	12 3	3 23 13 58	72 43 7	2 22	55
6	2 6 58 5	12 3	3 23 1 55	72 45 29	2 20	54
7	2 7 10 8	12 4	3 22 49 52	72 47 49	2 19	53
8	2 7 22 12	12 3	3 22 37 48	72 50 8	2 17	52
9	2 7 34 15	12 4	3 22 25 45	72 52 25	2 17	51
10	2 7 46 19	12 3	3 22 13 41	72 54 42	2 14	50
11	2 7 58 22	12 4	3 22 1 38	72 56 56	2 14	49
12	2 8 10 26	12 4	3 21 49 34	72 59 10	2 15	48
13	2 8 22 30	12 4	3 21 37 30	73 1 25	2 14	47
14	2 8 34 34	12 4	3 21 25 26	73 3 39	2 12	46
15	2 8 46 38	12 5	3 21 13 22	73 5 51	2 11	45
16	2 8 58 43	12 4	3 21 1 17	73 8 2	2 9	44
17	2 9 10 47	12 4	3 20 49 13	73 10 11	2 9	43
18	2 9 22 51	12 5	3 20 37 9	73 12 20	2 6	42
19	2 9 34 56	12 4	3 20 25 4	73 14 26	2 6	41
20	2 9 47 0	12 5	3 20 13 0	73 16 32	2 4	40
21	2 9 59 5	12 5	3 20 0 55	73 18 36	2 3	39
22	2 10 11 10	12 4	3 19 48 50	73 20 39	2 1	38
23	2 10 23 14	12 5	3 19 36 46	73 22 40	2 0	37
24	2 10 35 19	12 5	3 19 24 41	73 24 40	1 56	36
25	2 10 47 24	12 5	3 19 12 36	73 26 36	1 55	35
26	2 10 59 29	12 5	3 19 0 31	73 28 31	1 54	34
27	2 11 11 34	12 5	3 18 48 26	73 30 25	1 52	33
28	2 11 23 39	12 5	3 18 36 21	73 32 17	1 50	32
29	2 11 35 44	12 5	3 18 24 16	73 34 7	1 50	31
30	2 11 47 49		3 18 12 11	73 35 57		30

VII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
IV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Diff.	M.
30	2^s 11° 47' 49"	12' 7'	3^s 18° 12' 11"	73° 35' 57"	1' 46"	30
31	2 11 59 56	12 5	3 18 0 4	73 37 43	1 46	29
32	2 12 12 1	12 5	3 17 47 59	73 39 29	1 46	28
33	2 12 24 6	12 5	3 17 35 54	73 41 15	1 44	27
34	2 12 36 11	12 5	3 17 23 49	73 42 59	1 44	26
35	2 12 48 16	12 5	3 17 11 44	73 44 43	1 42	25
36	2 13 0 21	12 6	3 16 59 39	73 46 25	1 44	24
37	2 13 12 27	12 5	3 16 47 33	73 48 9	1 43	23
38	2 13 24 32	12 6	3 16 35 28	73 49 52	1 42	22
39	2 13 36 38	12 6	3 16 23 22	73 51 34	1 41	21
40	2 13 48 44	12 6	3 16 11 16	73 53 15	1 40	20
41	2 14 0 50	12 6	3 15 59 10	73 54 55	1 38	19
42	2 14 12 56	12 6	3 15 47 4	73 56 33	1 38	18
43	2 14 25 2	12 7	3 15 34 58	73 58 11	1 36	17
44	2 14 37 9	12 6	3 15 22 51	73 59 47	1 35	16
45	2 14 49 15	12 7	3 15 10 45	74 1 22	1 33	15
46	2 15 1 22	12 7	3 14 58 38	74 2 55	1 33	14
47	2 15 13 29	12 7	3 14 46 31	74 4 28	1 31	13
48	2 15 25 36	12 7	3 14 34 24	74 5 59	1 27	12
49	2 15 37 43	12 8	3 14 22 17	74 7 26	1 26	11
50	2 15 49 51	12 7	3 14 10 9	74 8 52	1 25	10
51	2 16 1 58	12 8	3 13 58 2	74 10 17	1 24	9
52	2 16 14 6	12 8	3 13 45 54	74 11 41	1 23	8
53	2 16 26 14	12 9	3 13 33 46	74 13 4	1 20	7
54	2 16 38 23	12 7	3 13 21 37	74 14 24	1 19	6
55	2 16 50 30	12 8	3 13 9 30	74 15 43	1 19	5
56	2 17 2 38	12 8	3 12 57 22	74 17 2	1 18	4
57	2 17 14 46	12 9	3 12 45 14	74 18 20	1 16	3
58	2 17 26 55	12 8	3 12 33 5	74 19 36	1 16	2
59	2 17 39 3	12 9	3 12 20 57	74 20 52	1 14	1
60	2 17 51 12		3 12 8 48	74 22 6		0

VII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
V Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	2ˢ 17° 51′ 12″	12′ 7″	3ˢ 12° 8′ 48″	74° 22′ 6″	1′ 17″	60
1	2 18 3 19	12 6	3 11 56 41	74 23 23	1 16	59
2	2 18 15 25	12 8	3 11 44 35	74 24 39	1 15	58
3	2 18 27 33	12 6	3 11 32 27	74 25 54	1 13	57
4	2 18 39 39	12 7	3 11 20 21	74 27 7	1 12	56
5	2 18 51 46	12 8	3 11 8 14	74 28 19	1 10	55
6	2 19 3 54	12 7	3 10 56 6	74 29 29	1 10	54
7	2 19 16 1	12 8	3 10 43 59	74 30 39	1 10	53
8	2 19 28 8	12 7	3 10 31 52	74 31 49	1 4	52
9	2 19 40 15	12 9	3 10 19 45	74 32 53	1 5	51
10	2 19 52 24	12 8	3 10 7 36	74 33 58	1 4	50
11	2 20 4 32	12 8	3 9 55 28	74 35 2	1 3	49
12	2 20 16 40	12 8	3 9 43 20	74 36 5	1 0	48
13	2 20 28 48	12 8	3 9 31 12	74 37 5	0 59	47
14	2 20 40 56	12 8	3 9 19 4	74 38 4	0 58	46
15	2 20 53 4	12 9	3 9 6 56	74 39 2	0 56	45
16	2 21 5 13	12 8	3 8 54 47	74 39 58	0 55	44
17	2 21 17 21	12 9	3 8 42 39	74 40 53	0 55	43
18	2 21 29 30	12 8	3 8 30 30	74 41 46	0 53	42
19	2 21 41 38	12 9	3 8 18 22	74 42 39	0 51	41
20	2 21 53 47	12 9	3 8 6 13	74 43 30	0 49	40
21	2 22 5 56	12 9	3 7 54 4	74 44 19	0 48	39
22	2 22 18 5	12 10	3 7 41 55	74 55 7	0 47	38
23	2 22 30 15	12 9	3 7 29 45	74 45 54	0 46	37
24	2 22 42 24	12 8	3 7 17 36	74 46 40	0 46	36
25	2 22 54 32	12 10	3 7 5 28	74 47 26	0 44	35
26	2 23 6 42	12 10	3 6 53 18	74 48 10	0 44	34
27	2 23 18 52	12 10	3 6 41 8	74 48 54	0 42	33
28	2 23 31 2	12 8	3 6 28 58	74 49 36	0 40	32
29	2 23 43 10	12 7	3 6 16 50	74 50 16	0 39	31
30	2 23 55 17		3 6 4 43	74 50 55		30

VI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
V Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	2ˢ 23° 55′ 17″	12′ 7″	3ˢ 6° 4′ 43″	74° 50′ 55′	0′ 38″	30
31	2 24 7 24	12 7	3 5 52 36	74 51 33	0 37	29
32	2 24 19 31	12 9	3 5 40 29	74 52 10	0 35	28
33	2 24 31 40	12 10	3 5 28 20	74 52 45	0 34	27
34	2 24 43 50	12 10	3 5 16 10	74 53 19	0 33	26
35	2 24 56 0	12 10	3 5 4 0	74 53 52	0 31	25
36	2 25 8 10	12 10	3 4 51 50	74 54 23	0 30	24
37	2 25 20 20	12 9	3 4 39 40	74 54 53	0 29	23
38	2 25 32 29	12 11	3 4 27 31	74 55 22	0 28	22
39	2 25 44 40	12 9	3 4 15 20	74 55 50	0 27	21
40	2 25 56 49	12 10	3 4 3 11	74 56 17	0 25	20
41	2 26 8 59	12 10	3 3 51 1	74 56 42	0 23	19
42	2 26 21 9	12 7	3 3 38 51	74 57 5	0 23	18
43	2 26 33 16	12 10	3 3 26 41	74 57 28	0 21	17
44	2 26 45 26	12 9	3 3 14 32	74 57 49	0 20	16
45	2 26 57 35	12 10	3 3 2 23	74 58 9	0 18	15
46	2 27 9 45	12 9	3 2 50 14	74 58 27	0 15	14
47	2 27 21 54	12 9	3 2 38 5	74 58 42	0 18	13
48	2 27 34 3	12 9	3 2 25 56	74 59 0	0 15	12
49	2 27 46 12	12 10	3 2 13 47	74 59 15	0 14	11
50	2 27 58 22	12 9	3 2 1 37	74 59 29	0 13	10
51	2 28 10 31	12 10	3 1 49 27	74 59 42	0 11	9
52	2 28 22 41	12 10	3 1 37 18	74 59 53	0 10	8
53	2 28 34 50	12 9	3 1 25 8	75 0 3	0 9	7
54	2 28 47 0	12 12	3 1 12 59	75 0 12	0 8	6
55	2 28 59 12	12 10	3 1 0 49	75 0 19	0 6	5
56	2 29 11 22	12 10	3 0 48 39	75 0 28	0 4	4
57	2 29 23 32	12 9	3 0 36 29	75 0 32	0 3	3
58	2 29 35 41	12 9	3 0 24 19	75 0 35	0 2	2
59	2 29 47 50	12 10	3 0 12 10	75 0 37	0 1	1
60	3 0 0 0		3 0 0 0	75 0 38		0

VI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude* de *Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	5ˢ 12° 27' 1"	12' 29"	0ˢ 17° 32' 59"	55° 12' 59"	5' 46"	60
1	5 12 39 30	12 31	0 17 20 30	55 7 13	5 46	59
2	5 12 52 1	12 32	0 17 7 59	55 1 27	5 46	58
3	5 13 4 33	12 32	0 16 55 27	54 55 41	5 45	57
4	5 13 17 5	12 33	0 16 42 55	54 49 56	5 46	56
5	5 13 29 38	12 34	0 16 30 22	54 44 10	5 45	55
6	5 13 42 12	12 35	0 16 17 48	54 38 25	5 45	54
7	5 13 54 47	12 35	0 16 5 13	54 32 40	5 44	53
8	5 14 7 22	12 36	0 15 52 38	54 26 56	5 44	52
9	5 14 19 58	12 37	0 15 40 2	54 21 12	5 44	51
10	5 14 32 35	12 37	0 15 27 25	54 15 28	5 44	50
11	5 14 45 12	12 38	0 15 14 48	54 9 44	5 43	49
12	5 14 57 51	12 38	0 15 2 9	54 4 1	5 49	48
13	5 15 10 29	12 39	0 14 49 31	53 58 12	5 49	47
14	5 15 23 8	12 40	0 14 36 52	53 52 23	5 48	46
15	5 15 35 48	12 40	0 14 24 12	53 46 35	5 48	45
16	5 15 48 28	12 42	0 14 11 32	53 40 47	5 50	44
17	5 16 1 10	12 42	0 13 58 50	53 34 59	5 45	43
18	5 16 13 52	12 43	0 13 46 8	53 29 12	5 48	42
19	5 16 26 35	12 43	0 13 33 25	53 23 24	5 47	41
20	5 16 39 18	12 44	0 13 20 42	53 17 37	5 47	40
21	5 16 52 2	12 46	0 13 7 58	53 11 50	5 46	39
22	5 17 4 48	12 45	0 12 55 12	53 6 4	5 46	38
23	5 17 17 33	12 47	0 12 42 27	53 0 18	5 46	37
24	5 17 30 20	12 47	0 12 29 40	52 54 32	5 50	36
25	5 17 43 7	12 49	0 12 16 53	52 48 42	5 50	35
26	5 17 55 56	12 49	0 12 4 4	52 42 52	5 50	34
27	5 18 8 45	12 50	0 11 51 15	52 37 2	5 51	33
28	5 18 21 35	12 51	0 11 38 25	52 31 11	5 51	32
29	5 18 34 26	12 51	0 11 25 34	52 25 20	5 51	31
30	5 18 47 17		0 11 12 43	52 19 29		30

XXIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	5' 18° 47' 17"	12' 53"	0' 11° 12' 43"	52° 19' 29"	5' 52"	30
31	5 19 0 10	12 57	0 10 59 50	52 13 37	5 51	29
32	5 19 13 7	12 49	0 10 46 53	52 7 46	5 52	28
33	5 19 25 56	12 55	0 10 34 4	52 1 54	5 53	27
34	5 19 38 51	12 55	0 10 21 9	51 56 1	5 52	26
35	5 19 51 46	12 56	0 10 8 14	51 50 9	5 53	25
36	5 20 4 42	12 57	0 9 55 18	51 44 16	5 54	24
37	5 20 17 39	12 58	0 9 42 21	51 38 22	5 56	23
38	5 20 30 37	12 58	0 9 29 23	51 32 26	5 55	22
39	5 20 43 35	13 0	0 9 16 25	51 26 31	5 54	21
40	5 20 56 35	13 1	0 9 3 25	51 20 37	5 55	20
41	5 21 9 36	13 2	0 8 50 24	51 14 42	5 54	19
42	5 21 22 38	13 3	0 8 37 22	51 8 48	5 55	18
43	5 21 35 41	13 4	0 8 24 19	51 2 53	5 54	17
44	5 21 48 45	13 5	0 8 11 15	50 56 59	5 54	16
45	5 22 1 50	13 7	0 7 58 10	50 51 5	5 54	15
46	5 22 14 57	13 7	0 7 45 3	50 45 11	5 53	14
47	5 22 28 4	13 8	0 7 31 56	50 39 18	5 54	13
48	5 22 41 12	13 8	0 7 18 48	50 33 24	5 57	12
49	5 22 54 20	13 10	0 7 5 40	50 27 27	5 57	11
50	5 23 7 30	13 9	0 6 52 30	50 21 30	5 56	10
51	5 23 20 39	13 12	0 6 39 21	50 15 34	5 57	9
52	5 23 33 51	13 13	0 6 26 9	50 9 37	5 56	8
53	5 23 47 4	13 13	0 6 12 56	50 3 41	5 56	7
54	5 24 0 17	13 15	0 5 59 43	49 57 45	5 56	6
55	5 24 13 32	13 15	0 5 46 28	49 51 49	5 56	5
56	5 24 26 47	13 17	0 5 33 13	49 45 53	5 56	4
57	5 24 40 4	13 18	0 5 19 56	49 39 57	5 56	3
58	5 24 53 22	13 18	0 5 6 38	49 34 1	5 56	2
59	5 25 6 40	13 20	0 4 53 20	49 28 6	5 56	1
60	5 25 20 0		0 4 40 0	49 22 10		0

XXIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
XIII. Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	5ˢ 25° 20′ 0″	13′ 22″	0ˢ 4° 40′ 0″	49° 22′ 10″	5′ 59	60
1	5 25 33 22	13 23	0 4 26 38	49 16 11	5 58	59
2	5 25 46 45	13 23	0 4 13 15	49 10 13	5 59	58
3	5 26 0 8	13 25	0 3 59 52	49 4 14	5 58	57
4	5 26 13 33	13 26	0 3 46 27	48 58 16	5 57	56
5	5 26 26 59	13 26	0 3 33 1	48 52 19	5 59	55
6	5 26 40 25	13 29	0 3 19 35	48 46 20	5 58	54
7	5 26 53 54	13 29	0 3 6 6	48 40 22	5 57	53
8	5 27 7 23	13 30	0 2 52 37	48 34 25	5 58	52
9	5 27 20 53	13 32	0 2 39 7	48 28 27	5 58	51
10	5 27 34 25	13 32	0 2 25 35	48 22 29	5 57	50
11	5 27 47 57	13 33	0 2 12 3	48 16 32	5 57	49
12	5 28 1 30	13 35	0 1 58 30	48 10 35	6 0	48
13	5 28 15 5	13 36	0 1 44 55	48 4 35	5 58	47
14	5 28 28 41	13 38	0 1 31 19	47 58 37	5 59	46
15	5 28 42 19	13 39	0 1 17 41	47 52 38	5 59	45
16	5 28 55 58	13 40	0 1 4 2	47 46 39	5 58	44
17	5 29 9 38	13 42	0 0 50 22	47 40 41	6 0	43
18	5 29 23 20	13 44	0 0 36 40	47 34 41	5 58	42
19	5 29 37 4	13 44	0 0 22 56	47 28 43	5 58	41
20	5 29 50 48	13 45	0 0 9 12	47 22 45	5 59	40
21	6 0 4 33	13 46	11 29 55 27	47 16 46	5 57	39
22	6 0 18 19	13 48	11 29 41 41	47 10 49	5 58	38
23	6 0 32 7	13 49	11 29 27 53	47 4 51	5 58	37
24	6 0 45 56	13 50	11 29 14 4	46 58 53	5 57	36
25	6 0 59 46	13 51	11 29 0 14	46 52 56	5 58	35
26	6 1 13 37	13 54	11 28 46 23	46 46 58	5 57	34
27	6 1 27 31	13 54	11 28 32 29	46 41 1	5 58	33
28	6 1 41 25	13 57	11 28 18 35	46 35 3	5 58	32
29	6 1 55 22	13 57	11 28 4 38	46 29 5	5 57	31
30	6 2 9 19		11 27 50 41	46 23 8		30

XXII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIII Horas.

M.	Longitude.	Differ. commu.	Longitude.	Altura.	Diff.	M.
30	6ˢ 2° 9' 19"	14' 0'	11ˢ 27° 50' 41"	46° 23' 8"	5' 59"	30
31	6 2 23 19	14 1	11 27 36 41	46 17 9	5 58	29
32	6 2 37 20	14 2	11 27 22 40	46 11 11	5 58	28
33	6 2 51 22	14 5	11 27 8 38	46 5 13	5 59	27
34	6 3 5 27	14 5	11 26 54 33	45 59 14	6 0	26
35	6 3 19 32	14 8	11 26 40 28	45 53 14	5 57	25
36	6 3 33 40	14 8	11 26 26 20	45 47 17	5 56	24
37	6 3 47 48	14 9	11 26 12 12	45 41 21	5 57	23
38	6 4 1 57	14 11	11 25 58 3	45 35 24	5 56	22
39	6 4 16 8	14 12	11 25 43 52	45 29 28	5 57	21
40	6 4 30 20	14 14	11 25 29 40	45 23 31	5 56	20
41	6 4 44 34	14 16	11 25 15 26	45 17 35	5 58	19
42	6 4 58 50	14 17	11 25 1 10	45 11 37	5 57	18
43	6 5 13 7	14 19	11 24 46 53	45 5 40	5 58	17
44	6 5 27 26	14 20	11 24 32 34	44 59 42	5 57	16
45	6 5 41 46	14 22	11 24 18 14	44 53 45	5 58	15
46	6 5 56 8	14 24	11 24 3 52	44 47 47	5 57	14
47	6 6 10 32	14 25	11 23 49 28	44 41 50	5 58	13
48	6 6 24 57	14 28	11 23 35 3	44 35 52	5 56	12
49	6 6 39 25	14 29	11 23 20 35	44 29 56	5 55	11
50	6 6 53 54	14 31	11 23 6 6	44 24 1	5 56	10
51	6 7 8 25	14 32	11 22 51 35	44 18 5	5 55	9
52	6 7 22 57	14 35	11 22 37 3	44 12 10	5 55	8
53	6 7 37 32	14 35	11 22 22 28	44 6 15	5 55	7
54	6 7 52 7	14 42	11 22 7 53	44 0 20	5 50	6
55	6 8 6 49	14 34	11 21 53 11	43 54 30	5 55	5
56	6 8 21 23	14 41	11 21 38 37	43 48 35	5 55	4
57	6 8 36 4	14 42	11 21 23 56	43 42 40	5 56	3
58	6 8 50 46	14 44	11 21 9 14	43 36 44	5 55	2
59	6 9 5 30	14 45	11 20 54 30	43 30 49	5 56	1
60	6 9 20 15		11 20 39 45	43 24 53		0

XXII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIV Horas.

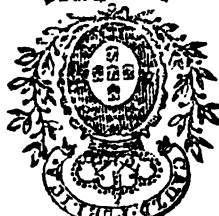
M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	6ˢ 9° 20' 15"	14' 47"	11ˢ 20° 39' 45"	43° 24' 53"	5' 50"	60
1	6 9 35 2	14 49	11 20 24 58	43 19 3	5 50	59
2	6 9 49 51	14 51	11 20 10 9	43 13 13	5 50	58
3	6 10 4 42	14 53	11 19 55 18	43 7 23	5 51	57
4	6 10 19 35	14 55	11 19 40 25	43 1 32	5 51	56
5	6 10 34 30	14 57	11 19 25 30	42 55 41	5 52	55
6	6 10 49 27	14 59	11 19 10 33	42 49 49	5 51	54
7	6 11 4 26	15 1	11 18 55 34	42 43 58	5 53	53
8	6 11 19 27	15 4	11 18 40 33	42 38 5	5 52	52
9	6 11 34 31	15 6	11 18 25 29	42 32 13	5 53	51
10	6 11 49 37	15 7	11 18 10 23	42 26 20	5 53	50
11	6 12 4 44	15 10	11 17 55 16	42 20 27	5 54	49
12	6 12 19 54	15 10	11 17 40 6	42 14 33	5 50	48
13	6 12 35 4	15 13	11 17 24 56	42 8 43	5 50	47
14	6 12 50 17	15 14	11 17 9 43	42 2 53	5 49	46
15	6 13 5 31	15 17	11 16 54 29	41 57 4	5 49	45
16	6 13 20 48	15 18	11 16 39 12	41 51 15	5 48	44
17	6 13 36 6	15 21	11 16 23 54	41 45 37	5 47	43
18	6 13 51 27	15 23	11 16 8 33	41 39 50	5 47	42
19	6 14 6 50	15 25	11 15 53 10	41 34 3	5 48	41
20	6 14 22 15	15 27	11 15 37 45	41 28 15	5 49	40
21	6 14 37 42	15 29	11 15 22 18	41 22 26	5 49	39
22	6 14 53 11	15 31	11 15 6 49	41 16 37	5 50	38
23	6 15 8 42	15 33	11 14 51 18	41 10 47	5 50	37
24	6 15 24 15	15 37	11 14 35 45	41 4 57	5 45	36
25	6 15 39 52	15 39	11 14 20 8	40 59 12	5 44	35
26	6 15 55 31	15 42	11 14 4 29	40 53 28	5 44	34
27	6 16 11 13	15 43	11 13 48 47	40 47 44	5 44	33
28	6 16 26 56	15 46	11 13 33 4	40 42 0	5 44	32
29	6 16 42 42	15 47	11 13 17 18	40 36 16	5 43	31
30	6 16 58 29		11 13 1 31	40 30 33		30

XXI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa 38° 43'.*

Ascensão recta do Meridiano.
XIV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	6ˢ 16° 58′ 29″	15′ 49″	11ˢ 13° 1′ 31″	40° 30′ 33″	5′ 42′	30
31	6 17 14 18	15 52	11 12 45 4	40 24 51	5 44	29
32	6 17 30 10	15 54	11 12 29 50	40 19 7	5 39	28
33	6 17 46 4	15 56	11 12 13 50	40 13 28	5 40	27
34	6 18 2 0	15 58	11 11 58 0	40 7 48	5 45	26
35	6 18 17 58	16 0	11 11 42 2	40 2 3	5 41	25
36	6 18 33 58	16 2	11 11 26 2	39 56 22	5 40	24
37	6 18 50 0	16 4	11 11 10 0	39 50 42	5 40	23
38	6 19 6 4	16 7	11 10 53 56	39 45 2	5 39	22
39	6 19 22 11	16 9	11 10 37 49	39 39 23	5 38	21
40	6 19 38 20	16 12	11 10 21 40	39 33 45	5 37	20
41	6 19 54 32	16 15	11 10 5 28	39 28 8	5 37	19
42	6 20 10 47	16 17	11 9 49 13	39 22 31	5 36	18
43	6 20 27 4	16 20	11 9 32 56	39 16 55	5 35	17
44	6 20 43 24	16 23	11 9 16 36	39 11 20	5 53	16
45	6 20 59 47	16 27	11 9 0 13	39 5 45	5 34	15
46	6 21 16 14	16 26	11 8 43 46	39 0 11	5 33	14
47	6 21 32 40	16 31	11 8 27 20	38 54 38	5 33	13
48	6 21 49 11	16 32	11 8 10 49	38 49 5	5 32	12
49	6 22 5 43	16 35	11 7 54 17	38 43 33	5 32	11
50	6 22 22 18	16 36	11 7 37 42	38 38 1	5 31	10
51	6 22 38 54	16 41	11 7 21 6	38 32 30	5 30	9
52	6 22 55 35	16 42	11 7 4 25	38 27 0	5 30	8
53	6 23 12 17	16 46	11 6 47 43	38 21 30	5 29	7
54	6 23 29 3	16 48	11 6 30 57	38 16 1	5 28	6
55	6 23 45 51	16 50	11 6 14 9	38 10 33	5 28	5
56	6 24 2 41	16 53	11 5 57 19	38 5 5	5 27	4
57	6 24 19 34	16 56	11 5 40 26	37 59 38	5 26	3
58	6 24 36 30	16 58	11 5 23 30	37 54 12	5 25	2
59	6 24 53 28	17 1	11 5 6 32	37 48 47	5 25	1
60	6 25 10 29		11 4 49 31	37 43 22		0

XXI Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
XV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	6ˢ 25° 10′ 29″	17′ 5″	11ˢ 4° 49′ 31″	37° 43′ 22″	5′ 23″	60
1	6 25 27 34	17 8	11 4 32 26	37 37 59	5 23	59
2	6 25 44 42	17 12	11 4 15 18	37 32 36	5 22	58
3	6 26 1 52	17 14	11 3 58 8	37 27 14	5 21	57
4	6 26 19 6	17 16	11 3 40 54	37 21 53	5 20	56
5	6 26 36 22	17 18	11 3 23 38	37 16 33	5 20	55
6	6 26 53 40	17 21	11 3 6 20	37 11 13	5 19	54
7	6 27 11 1	17 24	11 2 49 1	37 5 54	5 19	53
8	6 27 28 25	17 26	11 2 31 35	37 0 35	5 18	52
9	6 27 45 51	17 29	11 2 14 9	36 55 17	5 17	51
10	6 28 3 20	17 32	11 1 56 40	36 50 0	5 16	50
11	6 28 20 52	17 34	11 1 39 8	36 44 44	5 16	49
12	6 28 38 26	17 37	11 1 21 34	36 39 28	5 15	48
13	6 28 56 3	17 39	11 1 3 57	36 34 13	5 14	47
14	6 29 13 42	17 43	11 0 46 18	36 28 59	5 13	46
15	6 29 31 25	17 46	11 0 28 35	36 23 46	5 12	45
16	6 29 49 11	17 50	11 0 10 49	36 18 34	5 10	44
17	7 0 7 1	17 52	10 29 52 59	36 13 24	5 10	43
18	7 0 24 53	17 56	10 29 35 7	36 8 14	5 8	42
19	7 0 42 49	17 57	10 29 17 11	36 3 6	5 8	41
20	7 1 0 46	18 3	10 28 59 14	35 57 58	5 6	40
21	7 1 18 49	18 5	10 28 41 11	35 52 52	5 6	39
22	7 1 36 54	18 8	10 28 23 6	35 47 47	5 4	38
23	7 1 55 2	18 11	10 28 4 58	35 42 43	5 3	37
24	7 2 13 13	18 14	10 27 46 47	35 37 40	5 3	36
25	7 2 31 27	18 16	10 27 28 33	35 32 37	5 2	35
26	7 2 49 43	18 21	10 27 10 17	35 27 35	5 1	34
27	7 3 8 4	18 23	10 26 51 56	35 22 34	5 0	33
28	7 3 26 27	18 26	10 26 33 33	35 17 34	4 58	32
29	7 3 44 53	18 29	10 26 15 7	35 12 36	4 57	31
30	7 4 3 22		10 25 56 38	35 7 39		30

XX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	7s 4° 3' 22"	18' 33"	10s 25° 56' 38"	35° 7' 39"	4' 55"	30
31	7 4 21 55	18 35	10 25 38 5	35 2 44	4 56	29
32	7 4 40 30	18 40	10 25 19 30	34 57 48	4 54	28
33	7 4 59 10	18 41	10 25 0 50	34 52 54	4 53	27
34	7 5 17 51	18 46	10 24 42 9	34 48 1	4 52	26
35	7 5 36 37	18 48	10 24 23 23	34 43 9	4 51	25
36	7 5 55 25	18 52	10 24 4 35	34 38 18	4 49	24
37	7 6 14 17	18 55	10 23 45 43	34 23 29	4 48	23
38	7 6 33 12	18 59	10 23 26 48	34 28 41	4 48	22
39	7 6 52 11	19 1	10 23 7 49	34 23 53	4 46	21
40	7 7 11 12	19 5	10 22 48 48	34 19 7	4 44	20
41	7 7 30 17	19 8	10 22 29 43	34 14 23	4 44	19
42	7 7 49 25	19 11	10 22 10 35	34 9 39	4 42	18
43	7 8 8 36	19 14	10 21 51 24	34 4 57	4 42	17
44	7 8 27 50	19 17	10 21 32 10	34 0 15	4 40	16
45	7 8 47 7	19 21	10 21 12 53	33 55 35	4 40	15
46	7 9 6 28	19 24	10 20 53 32	33 50 55	4 38	14
47	7 9 25 52	19 26	10 20 34 8	33 46 17	4 37	13
48	7 9 45 18	19 30	10 20 14 42	33 41 40	4 35	12
49	7 10 4 48	19 34	10 19 55 12	33 37 5	4 31	11
50	7 10 24 22	19 37	10 19 35 38	33 32 34	4 31	10
51	7 10 43 59	19 42	10 19 16 1	33 28 3	4 28	9
52	7 11 3 41	19 43	10 18 56 19	33 23 35	4 31	8
53	7 11 23 24	19 48	10 18 36 36	33 19 4	4 28	7
54	7 11 43 12	19 51	10 18 16 48	33 14 36	4 27	6
55	7 12 3 3	19 54	10 17 56 57	33 10 9	4 26	5
56	7 12 22 57	19 58	10 17 37 3	33 5 43	4 24	4
57	7 12 42 55	20 1	10 17 17 5	33 1 19	4 23	3
58	7 13 2 56	20 5	10 16 57 4	32 56 56	4 25	2
59	7 13 23 1	20 8	10 16 36 59	32 52 31	4 19	1
60	7 13 43 9		10 16 16 51	32 48 12		0

XX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
XVI Horas.

M.	*Longitude.*	*Differ. comm.*	*Longitude.*	*Altura.*	*Differ.*	*M.*
0	7ˢ 13° 43′ 9″	20′ 11″	10ˢ 16° 16′ 51″	32° 48′ 12″	4′ 14″	60
1	7 14 3 20	20 16	10 15 56 40	32 43 54	4 13	59
2	7 14 23 36	20 18	10 15 36 24	32 39 41	4 14	58
3	7 14 43 54	20 23	10 15 16 6	32 35 27	4 13	57
4	7 15 4 17	20 24	10 14 55 43	32 31 14	4 11	56
5	7 15 24 41	20 29	10 14 35 19	32 27 3	4 11	55
6	7 15 45 10	20 32	10 14 14 50	32 22 52	4 8	54
7	7 16 5 42	20 36	10 13 54 18	32 18 43	4 9	53
8	7 16 26 18	20 39	10 13 33 42	32 14 34	4 7	52
9	7 16 46 57	20 43	10 13 13 3	32 10 27	4 6	51
10	7 17 7 48	20 45	10 12 52 20	32 6 21	4 7	50
11	7 17 28 25	20 50	10 12 31 35	32 2 14	4 2	49
12	7 17 49 15	20 53	10 12 10 45	31 58 12	3 53	48
13	7 18 10 8	20 56	10 11 49 52	31 54 19	4 0	47
14	7 18 31 4	21 1	10 11 28 56	31 50 18	3 53	46
15	7 18 52 5	21 3	10 11 7 55	31 46 25	3 54	45
16	7 19 13 8	21 7	10 10 46 52	31 42 31	3 52	44
17	7 19 34 15	21 10	10 10 25 45	31 38 39	3 52	43
18	7 19 55 25	21 13	10 10 4 35	31 34 47	3 49	42
19	7 20 16 38	21 17	10 9 43 22	31 30 58	3 50	41
20	7 20 37 55	21 20	10 9 22 5	31 27 8	3 48	40
21	7 20 59 15	21 24	10 9 0 45	31 23 20	3 47	39
22	7 21 20 39	21 27	10 8 39 21	31 19 33	3 48	38
23	7 21 42 6	21 31	10 8 17 54	31 15 45	3 42	37
24	7 22 3 37	21 35	10 7 56 23	31 12 3	3 40	36
25	7 22 25 12	21 38	10 7 34 48	31 8 23	3 39	35
26	7 22 46 50	21 42	10 7 13 10	31 4 44	3 36	34
27	7 23 8 32	21 44	10 6 51 28	31 1 8	3 35	33
28	7 23 30 16	21 48	10 6 29 44	30 57 33	3 32	32
29	7 23 52 4	21 51	10 6 7 56	30 54 1	3 31	31
30	7 24 13 55		10 5 46 5	30 50 30		30

XIX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo para a Latitude de Lisboa 38° 43'.

Ascensão recta do Meridiano.
XIV Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	7ˢ 24° 13' 55"	21' 54"	10ˢ 5° 46' 5"	30 50' 30'	3' 28"	30
31	7 24 35 49	21 58	10 5 24 11	30 47 2	3 27	29
32	7 24 57 47	22 00	10 5 2 13	30 43 35	3 24	28
33	7 25 19 47	22 4	10 4 40 13	30 40 11	3 22	27
34	7 25 41 51	22 7	10 4 18 9	30 36 49	3 21	26
35	7 26 3 58	22 10	10 3 56 2	30 33 28	3 18	25
36	7 26 26 8	22 18	10 3 33 52	30 30 10	3 17	24
37	7 26 48 26	22 14	10 3 11 34	30 26 53	3 15	23
38	7 27 10 40	22 20	10 2 49 20	30 23 38	3 13	22
39	7 27 33 00	22 24	10 2 27 00	30 20 25	3 11	21
40	7 27 55 24	22 27	10 2 4 36	30 17 14	3 9	20
41	7 28 17 51	22 30	10 1 42 9	30 14 5	3 7	19
42	7 28 40 21	22 33	10 1 19 39	30 10 58	3 5	18
43	7 29 2 54	22 37	10 0 57 6	30 7 53	3 3	17
44	7 29 25 31	22 40	10 0 34 29	30 4 50	3 1	16
45	7 29 48 11	22 43	10 0 11 49	30 1 49	2 59	15
46	8 00 10 54	22 46	9 29 49 6	29 58 50	2 57	14
47	8 00 33 40	22 49	9 29 26 20	29 55 53	2 55	13
48	8 00 56 29	22 51	9 29 3 31	29 52 58	2 53	12
49	8 1 19 20	22 55	9 28 40 40	29 50 5	2 50	11
50	8 1 42 15	22 57	9 28 17 45	29 47 15	2 49	10
51	8 2 5 12	23 1	9 27 54 48	29 44 26	2 46	9
52	8 2 28 13	23 4	9 27 31 47	29 41 40	2 45	8
53	8 2 51 17	23 7	9 27 8 43	29 38 55	2 42	7
54	8 3 14 24	23 10	9 26 45 36	29 36 13	2 40	6
55	8 3 37 34	23 14	9 26 22 26	29 33 33	2 39	5
56	8 4 0 48	23 17	9 25 59 12	29 30 54	2 37	4
57	8 4 24 5	23 20	9 25 35 55	29 28 17	2 34	3
58	8 4 47 25	23 23	9 25 12 35	29 25 43	2 33	2
59	8 5 10 48	23 26	9 24 49 12	29 23 10	2 30	1
60	8 5 34 14		9 24 25 46	29 20 40		0

XIX Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude* de *Lisboa* 38° 43′.

Ascensão recta do Meridiano.
XVII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
0	8ˢ 5° 34′ 14″	23′ 30″	9ˢ 24° 25′ 46′	29° 20′ 40″	2′ 27″	60
1	8 5 57 44	23 33	9 24 2 16	29 18 13	2 26	59
2	8 6 21 17	23 34	9 23 38 43	29 15 47	2 22	58
3	8 6 44 51	23 37	9 23 15 9	29 13 25	2 21	57
4	8 7 8 28	23 38	9 22 51 32	29 11 4	2 18	56
5	8 7 32 6	23 41	9 22 27 54	29 8 46	2 15	55
6	8 7 55 47	23 43	9 22 4 13	29 6 31	2 14	54
7	8 8 19 30	23 45	9 21 40 30	29 4 17	2 11	53
8	8 8 43 15	23 47	9 21 16 45	29 2 6	2 8	52
9	8 9 7 2	23 49	9 20 52 58	28 59 58	2 7	51
10	8 9 30 51	23 51	9 20 29 9	28 57 51	2 3	50
11	8 9 54 42	23 53	9 20 5 18	28 55 48	2 2	49
12	8 10 18 35	23 59	9 19 41 25	28 53 46	1 59	48
13	8 10 42 34	24 1	9 19 17 26	28 51 47	1 57	47
14	8 11 6 35	24 3	9 18 53 25	28 49 50	1 55	46
15	8 11 30 38	24 5	9 18 29 22	28 47 55	1 52	45
16	8 11 54 43	24 7	9 18 5 17	28 46 3	1 50	44
17	8 12 18 50	24 10	9 17 41 10	28 44 13	1 47	43
18	8 12 43 0	24 11	9 17 17 00	28 42 26	1 46	42
19	8 13 7 11	24 14	9 16 52 49	28 40 40	1 43	41
20	8 13 31 25	24 16	9 16 28 35	28 38 57	1 40	40
21	8 13 55 41	24 18	9 16 4 19	28 37 17	1 38	39
22	8 14 19 59	24 19	9 15 40 1	28 35 39	1 36	38
23	8 14 44 18	24 22	9 15 15 42	28 34 3	1 33	37
24	8 15 8 40	24 21	9 14 51 20	28 32 30	1 30	36
25	8 15 33 1	24 23	9 14 26 59	28 31 00	1 28	35
26	8 15 57 24	24 25	9 14 2 36	28 29 32	1 25	34
27	8 16 21 49	24 27	9 13 38 11	28 28 7	1 23	33
28	8 16 46 16	24 29	9 13 13 44	28 26 44	1 21	32
29	8 17 10 45	24 31	9 12 49 15	28 25 23	1 18	31
30	8 17 35 16		9 12 24 44	28 24 5		30

XVIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

Taboa das Longitudes, e Alturas do Nonagesimo *para a Latitude de Lisboa* 38° 45'.

Ascensão recta do Meridiano.
XVII Horas.

M.	Longitude.	Differ. comm.	Longitude.	Altura.	Differ.	M.
30	8s 17° 35' 16"	24' 34"	9s 12° 24' 44"	28° 24' 5"	1' 16"	30
31	8 17 59 50	24 36	9 12 0 10	28 22 49	1 13	29
32	8 18 24 26	24 37	9 11 35 34	28 21 36	1 12	28
33	8 18 49 3	24 40	9 11 10 57	28 20 24	1 9	27
34	8 19 13 43	24 41	9 10 46 17	28 19 15	1 6	26
35	8 19 38 24	24 44	9 10 21 36	28 18 9	1 4	25
36	8 20 3 8	24 44	9 9 56 52	28 17 5	1 0	24
37	8 20 27 52	24 45	9 9 32 8	28 16 5	0 58	23
38	8 20 52 37	24 44	9 9 07 23	28 15 7	0 55	22
39	8 21 17 23	24 47	9 8 42 37	28 14 12	0 53	21
40	8 21 42 10	24 48	9 8 17 50	28 13 19	0 50	20
41	8 22 6 58	24 49	9 7 53 2	28 12 29	0 48	19
42	8 22 31 47	24 50	9 7 28 13	28 11 41	0 45	18
43	8 22 56 37	24 50	9 7 3 23	28 10 56	0 43	17
44	8 23 21 27	24 52	9 6 38 33	28 10 13	0 40	16
45	8 23 46 19	24 53	9 6 13 41	28 9 33	0 38	15
46	8 24 11 12	24 54	9 5 48 48	28 8 55	0 38	14
47	8 24 36 6	24 54	9 5 23 54	28 8 17	0 30	13
48	8 25 1 00	24 50	9 4 59 0	28 7 47	0 30	12
49	8 25 25 50	24 50	9 4 34 10	28 7 17	0 28	11
50	8 25 50 40	24 52	9 4 9 20	28 6 49	0 26	10
51	8 26 15 32	24 52	9 3 44 28	28 6 23	0 22	9
52	8 26 40 24	24 54	9 3 19 36	28 6 1	0 21	8
53	8 27 5 18	24 54	9 2 54 42	28 5 40	0 17	7
54	8 27 30 12	24 56	9 2 29 48	28 5 23	0 16	6
55	8 27 55 8	24 56	9 2 4 52	28 5 7	0 13	5
56	8 28 20 4	24 58	9 1 39 56	28 4 54	0 10	4
57	8 28 45 2	24 58	9 1 14 58	28 4 44	0 8	3
58	8 29 10 0	25 0	9 0 50 0	28 4 36	0 5	2
59	8 29 35 0	25 0	9 0 25 0	28 4 31	0 3	1
60	9 0 0 0		9 0 0 0	28 4 28		0

XVIII Horas.
Ascensão recta do Meridiano.

PLANO

De Extracção de Loterias.

POR

FRANCISCO ANTONIO CIERA.

Nota A AS combinações distinctas dos numeros desde 1 até 50 inclusive, tomando-os tres a tres, são 19.600: tantos são os Bilhetes desta Loteria, e cada hum tem por divisa huma das ditas combinações.

Nota B Mettem-se na Roda da Fortuna os ditos 50 numeros; e extrahem-se sómente cinco, que se vão escrevendo pela ordem da extracção.

Tem premio os Bilhetes, cujos tres, dous, ou sómente hum numero acertar com algum dos cinco extrahidos: são brancos os Bilhetes, em que nenhum dos tres numeros da divisa acertar com os cinco extrahidos.

Sendo 10 as combinações distinctas dos ditos 5 numeros, tomados tres a tres, haverá Bilhetes com premio por acertarem tres numeros	10
Sendo tambem 10 as combinações distinctas dos ditos 5 numeros, tomados dous a dous, e sendo 45 os numeros não extrahidos, será 10×45 o numero de Bilhetes com premio por acertarem dous numeros	450
Sendo 990 as combinações distinctas dos 45 numeros, tomados dous a dous, será 990×5 o numero de Bilhetes com premio por acertarem hum só numero dos 5 extrahidos - - - - - - - - - - -	4.950
	5.410 pretos
Sendo 14.190 as combinações distinctas dos 45 numeros não extrahidos, tomados tres a tres, será o numero de Bilhetes, em que nenhum dos tres numeros da divisa acerta com os cinco ditos; isto he Bilhetes sem premio, ou brancos - - - - - - - - - - - - -	14.190 brancos
cuja somma -	19.600

he precisamente a mesma, que se acha para as combinações distinctas dos 50 numeros tres a tres, como deve ser.

Sup-

Supponhamos com effeito huma Loteria, cujo numero de Bilhetes seja 19.600 a 10$000 rs. cada hum; teremos 196:000$000 rs. para distribuir em premios. Esta distribuição podendo ser de differentes maneiras, vejamos o Plano, ou typo d'huma, que póde servir de governo para quaesquer outras, que melhor parecão &c.

Acertando		Premios	cada hum	todos
Hum só numero:				
(o primeiro), ou (o segundo), ou (o terceiro) (a)	,,	2.970	20$000 rs.	59:400$000 rs.
(o quarto), ou (o quinto)	,,	1.980	30$000	59:400$000
Dous numeros:				
(o 1.°, e 2.°), ou (o 1.°, e 3.°), ou (o 1.°, e 4.°), ou (o 1.°, e 5.°)	,,	180	40$000	7:200$000
(2.°, e 3.°), ou (2.°, e 4.°), ou (2.°, e 5.°), ou (3.°, e 4.°)	,,	180	50$000	9:000$000
(3.°, e 5.°), ou (4.°, e 5.°) (b)	,,	90	100$000	9:000$000
Tres numeros:				
(1.°, 2.°, e 3.°), ou (1.°, 2.°, e 4.°), ou (1.°, 2.°, e 5.°), ou (1.°, 3.°, e 4.°)	,,	4	1:000$000	4:000$000
(1.°, 3.°, e 5.°), ou (1.°, 4.°, e 5.°), ou (2.°, 3.°, e 4.°)	,,	3	4:000$000	12:000$000
(2.°, 3.°, e 5.°) (c)	,,	1	8:000$000	8:000$000
(2.°, 4.°, e 5.°)	,,	1	12:000$000	12:000$000
(3.°, 4.°, e 5.°)	,,	1	16:000$000	16:000$000
Somma Premios		5.410		196:000$000
Brancos		14.190		
Total		19.600	que a 10$000 rs. dão	

Supponhamos feita huma Loteria pela fórma sobredita, e que no dia da extracção tenhão sahido os cinco numeros seguintes

Primeiro n.°	Segundo n.°	Terceiro n.°	Quarto n.°	Quinto n.°
15	4	33	10	6

Quer-se saber que premio terão os Bilhetes, cujas divisas forem as seguintes, pela distribuição acima:

(8-

(8 - 20 - 33) está no caso (*a*); e tem de premio 20$000 rs., por ter acertado o 3.° n.° extrahido " 33.

(2 - 6 - 10) está no caso (*b*); e tem de premio 100$000 rs., por ter acertado o 4.°, e 5.° n.^os extrahidos " 10 e 6.

(4 - 6 - 33) está no caso (*c*); e tem de prem. 8:000$000 rs.; por ter acertado tres numeros extrahidos 2.°, 3.°, e 5.° " 4, 33, e 6.

(9 - 17 - 44) } brancos, por não terem acertado n.° algum.
(18 - 25 - 32) }

Nota (*A*). *Combinações distinctas* são aquellas em que os numeros combinados são todos differentes; por exemplo (2 - 5 - 6), (3 - 14 - 25), (10 - 20 - 30) &c.: aquellas porém em que algum numero se acha repetido, como (2 - 2 - 5), (2 - 5 - 5), (2 - 2 - 2) &c. não são *distinctas*, nem entrão no plano desta Loteria. Os 50 numeros que nella se empregão para formar as divisas dos Bilhetes são 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50. O numero das combinações distinctas de quaesquer quantidades dadas acha-se *multiplicando o numero dellas successivamente pelos dous numeros immediatamente menores, e tomando a sexta parte do producto*; assim 50, multiplicado por 49, dá 2.450, que, multiplicado por 48, dá 117.600, cuja sexta parte he 19.600, igual ao numero das combinações distinctas dos ditos 50 numeros, tomados tres a tres. Para achar as ditas combinações, que hão de servir para as divisas dos Bilhetes, procede-se como segue:

(1, 2, 3), (1, 2, 4), (1, 2, 5) &c. até chegar a (1, 2, 50)
(1, 3, 4), (1, 3, 5), (1, 3, 6) &c. até chegar a (1, 3, 50)
(1, 4, 5), (1, 4, 6), (1, 4, 7) &c. até chegar a (1, 4, 50)
e continuando a proceder do mesmo modo, chega-se a - - - - - - - - - - - - - - (1, 49, 50)

is-

isto feito, passa-se ás Series que principião por 2, que são (2, 3, 4), (2, 3, 5), (2, 3, 6) &c. até chegar a (2, 3, 50) (2, 4, 5), (2, 4, 6), (2, 4, 7) &c. até chegar a (2, 4, 50) (2, 5, 6), (2, 5, 7), (2, 5, 8) &c. até chegar a (2, 5, 50) e assim se vão achando as Series seguintes, que principião por 3, 4, 5, 6, 7 &c. até que finalmente se chega á ultima que não consta senão de huma combinação que he (48, 49, 50).

Nota (*B*) A Roda da Fortuna deve ser feita de modo que se possa abrir, para o Publico ver que antes de principiar a extracção ella nada tem dentro: deve ter na circumferencia huma portinhola, por onde possa caber o braço de quem ha de extrahir os numeros: e deve poder-se revolver á roda de hum eixo, para se misturarem os numeros. Cada numero deve estar escripto n' hum pequeno papel, e com letras sufficientemente grandes, para se verem e conhecerem pela maior parte dos espectadores. Quando se principia a Loteria, fecha-se a *roda*, deixando sómente aberta a portinhola: por esta se vão deitando hum a hum os 50 numeros, tendo o cuidado de os mostrar ao Publico antes de se lançarem nella. Lançados na *roda* os 50 numeros, fecha-se a portinhola, e revolve-se a *roda* para se baralharem bem as sortes. Na parede fronteira aos espectadores deve haver huma taboa sufficientemente larga, e comprida, pintada de preto, para nella se pintarem brancos os numeros á maneira que se vão extrahindo: a grandeza e grossura delles será a que convier para poderem ser percebidos por todo o auditorio: a figura seguinte he a da dita taboa.

Lisboa » anno » mez » dia » hora				
Numeros extrahidos.				
Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto
(*a*)	(*b*)	(*c*)	(*d*)	(*e*)

Ti-

Tirado o primeiro numero, mostra-se ao Publico, pinta-se em (*a*), e fexa-se a portinhola para de novo se revolver a *roda*: tirado o segundo numero pinta-se em (*b*) &c.: e assim dos mais, que se escreveráõ pela ordem dos extractos em (*c*), (*d*), (*e*).

Observação.

Na presente Loteria tudo he demostrado ao Publico, que vê 1.° a *roda* sem nada; 2.° que se lhe deitão dentro hum a hum os numeros 1, 2, 3, ... 50; 3.° vê logo ao extrahir quaes são os cinco numeros que sahem; 4.° extrahidos estes, podem contar-se os que ficão extrahindo-os todos hum a hum, e (sem os abrir) contando 1, 2, 3, ... até 45: e depois abrindo a *roda*, o que fórma huma especie de prova. He pois de crer que o Publico abrace antes esta Loteria; e isto não só pelas fortes razões ditas, mas tambem pela brevidade com que em duas horas, quando muito, se sabe logo quaes são os Bilhetes que tem premio.

NOTA.

As Taboas do Nonagesimo *tinhão começado a imprimir-se, em outra Collecção Academica, ainda em vida de seu Auctor, o qual faleceo em 7 de Abril de* 1814: *e como se desencaminhasse o Original das ultimas tres Taboas, estas forão suppridas para a presente edição pelo Correspondente da Academia, e Irmão do Auctor*, Paulo José Maria Ciera. *E este tambem communicou á Academia o manuscrito autographo do* Plano de Extracção de Loterias.

ME-

MEMORIAS
DOS
CORRESPONDENTES.

EXTRACTO DE HUMA MEMORIA

Sobre o estado da Agricultura da Comarca de Castellobranco.

POR JOÃO DE MACEDO PEREIRA DA GUERRA FORJAZ.

A Comarca de Castellobranco sendo huma das melhores da Provincia da Beira, e de que os Romanos fazião todo o apreço, não só pelos immensos gados que nella pastoravão, principalmente nos bellos e dilatados campos da antiga e famosa Cidade de Idanha a velha (1), mas pelos viveres de que abundava, e preciosos metaes que della extrahião; se vê hoje aniquilada, e os seus habitantes reduzidos a summa indigencia, ainda mesmo das cousas de primeira necessidade, do que depende sem duvida a sua falta de população.

Por huma consequencia immediata o estado da sua Agricultura merece hoje em dia muito pouca attenção: ella se limita unicamente á sementeira d'hum pouco de centeio, cevada, e trigo, e isso mal cultivado; o que faz, que não obstante serem as terras de boa qualidade, não dem tanto como darião se fossem bem preparadas e agricultadas: parece por conseguinte cousa inutil calcular quaes sejão as suas producções, e que será mais interessante indagar as causas que produzem esta decadencia.

(1) A Idanha a velha, chamada n'outro tempo *Egitania* ou *Egiditania*, foi Cidade grande no tempo dos Romanos, e huma das mais ricas e populosas das Hespanhas, como ainda hoje mostrão muitas Inscripções e Monumentos antigos, que se encontrão nas suas ruinas. Actualmente não excede a sua população a vinte visinhos. Veja-se sobre este assumpto a *Monarquia Lusitana*; a *Corografia Portugueza*; e as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda* de Manoel Pereira da Silva Leal, &c.

Causas que impedem directamente a Agricultura de Castello-branco.

A primeira e principal dellas he sem duvida o destructivo, e muito prejudicial abuso dos Pastos communs e Baldios, e a prohibição dos Tapumes. A segunda a de não usarem de outras sementeiras, senão das do pão de pragana acima dito. A terceira os Pousios das terras. A quarta os muito gados, principalmente Vacum e Caprino, em que até agora tem fundado as suas principaes riquezas. A quinta o nenhum cuidado no arvoredo.

Primeira causa.

Sem nos demorarmos por agora em tratar particularmente dos Baldios, e Communs, nem das divisões que os Economistas fazem delles, diremos sómente que se todos são prejudicialissimos aos progressos da Agricultura, como provão a immensidade de Autores que escrevêrão sobre esta materia, (1) muito mais o são ainda os chamados *Compascuos*, isto he, os Pastos communs constituidos nas terras dos particulares; pois em toda a parte onde tem sido abolidos, como em Inglaterra, França, Saxonia, Alemanha, Suecia, Dinamarca, e Prussia não só os mesmos particulares, mas tambem a Nação tem reconhecido as maiores vantagens.

Se

(1) Veja-se Rozier no seu *Curso de Agricultura* tom. 3. p. 441 e seguintes *L'Ami des Hommes*, edição de 4.° tom. 5. p. 70. Robinet *Diction. univers.* art. Commune. Smith *Richesse des Nacti*. Campomanes na sua *Educação popular* tom. 4.° p. 72 e 81. *Traité de la Legislation civile et penale* tom. 2.° cap. 6. p. 169 e seguintes. Dikson *Agriculture des Anciens* cap. 38. pag. 324. *Instrucção de S. Magestade Imperial Catharina II. para o novo Codigo de Leis* Cap. 13. pg. 103. e seguintes. *Nouvelle Maison rustique* de Legier. tomo 1.° pg. 899. *Memoria sobre os Tapumes* de Mr. Amoureu pg. 200. *Agricultura completa, e arte de melhorar e tapar as terras*, em Francez tom. 1.° pg. 3. *Tratado pratico e Economico dos Communs.* em toda a obra. *Memorias da Sociedade Economica de Berne.* Filangieri *Sciencia da Legislação.* Otero *De pascuis* S. 1. cap. 21. Duarte Nunes de Oliveira. *Discurso Juridico*, &c.

Se dos Eſtados modernos paſſarmos aos antigos, veremos que os Egypcios o primeiro e principal Povo daquella Epoca, os Judeos, e poſteriormente os Romanos, não tinhão lei alguma que tal permittiſſe, e que pelo contrario cada hum era senhor dos seus terrenos em toda a plenitude de Direito, e que ninguem sem crime podia despojallo delles.

A pezar de tudo iſto, introduzio-se entre nós (provavelmente em tempo de continuas guerras, em que a cultura dos campos era incerta, contentando-se os Colonos de tirar os frutos apenas eſtavão maduros) eſte abuso, que não tem lei alguma em que se funde, e contra o qual clama a razão, a juſtiça, e o Direito Social, que neſta parte vão bem de acordo com os principios da Economia Civil.

Com effeito prohibir a hum proprietario que seja senhor dos paſtos das suas terras, que as lavre e semeie quando quizer, e que as tape; prohibir a hum Colono que as defenda da agreſsão de hum eſtranho, he privallo não só do direito de as desfrutar, mas até de se prevenir contra a usurpação.

Além do que, o homem ama a sua propriedade como hum seguro da sua subsiſtencia, porque vive della; como hum objecto da sua ambição porque manda nella: como hum penhor da sua duração, e se pode assim dizer-se como hum annuncio da sua immortalidade, porque eſtabelece sobre ella a sorte da sua descendencia; por isso eſte amor he olhado como a fonte de toda a induſtria, e a elle se devem os prodigiosos adiantamentos, que o engenho e trabalho tem feito na arte de cultivar.

Nem eſta influencia se circunscreve á propriedade da terra, eſtende-se tambem á do trabalho. O Colono de hum predio coutado ou tapado, firme nos direitos de proprietario, sente bem todos eſtes eſtimulos; seguro de que só a sua voz he respeitada naquelle recinto, rega-o incessantemente com o seu suor, e a esperança do premio allivia o seu trabalho; tirado hum fruto, prepara a terra para outro;

be-

beneficia-a, alimpa-a, e forçando-a a huma continua germinação, estende a sua propriedade mesmo sem alargar os seus limites: he a isto que principalmente se deve o estado florescente da Agricultura nos Paizes que temos indicado.

Seria porém possivel sugeitar o homem a pôr em valor hum terreno, que por ser commum para todos se considera de nenhum? Ha de empregar seus esforços, seus cabedaes, e seus dias em quebrar as penhas, furar os montes, terraplanar os altos, levantar os vales de terras em uso suas, e em effeito alheas? Ha de aventurar o precioso bem da sua vida com as feras, para extinguillas de hum solo, que não he proprio, e de que goza sómente em alguns mezes do anno? Pelo contrario, não seria já tempo de se derrogarem entre nós tão barbaros costumes, e de se romperem as cadêas que tanto opprimem a nossa Agricultura, entorpecendo o interesse de seus Agentes? Não seria já tempo de se conhecer que o pasto espontaneo das terras he tambem huma parte da propriedade da mesma terra e do trabalho, e huma porção do producto dos fundos e das fadigas do Colono? Não seria já tempo de se dar por demonstrado, que os Paizes que mais abundão em Communs são os mais despovoados, dando disto huma prova tão evidente! as dilatadas campinas da Idanha, de Monsanto, do Rosmaninhal, de Monforte, e suas visinhanças, e muitas outras da Provincia do Alémtéjo? (1)

Se-

(1) Nos Territorios de Serpa e Moura abolio-se o uso dos Pastos communs de todo o genero pela seguinte Provisão. » Dona Maria por Gra-
» ça de Deos, Rainha de Portugal, &c. Faço saber que sendo me pre-
» sente em Consulta da Minha Real Junta do Commercio, Agricultura,
» Fabricas e Navegação destes Reinos e seus Dominios, as repetidas
» queixas dos Lavradores das Villas de Serpa e Moura, e os muitos e
» gravissimos inconvenientes, que resultão da abusiva pratica dos Pas-
» tos communs ou Compascuos, já por si mesmo abandonada em muitas
» terras daquella Comarca e Provincia, como contraria aos direitos do Do-
» minio e Propriedade, e aos progressos e augmento da Agricultura, e
» só introduzida e fomentada pela ambição, e interesse dos Creadores,
» que sem terras nem lavoura procurão sustentar os seus gados com os
» pastos alheios á custa e com jactura dos Proprietarios e Lavradores; co-
» mo igualmente as multiplicadas desordens, que nascem dos arraiamen-

Segunda causa.

Não usarem os Lavradores de outro genero de sementeiras que não sejão as de centeio, trigo, e cevada, he a segunda causa da decadencia da Agricultura desta Comarca. Todos sabem que o successivo cultivo de plantas cereaes do mesmo genero enfraquece pouco a pouco os terrenos, e os suja e impossibilita por fim para qualquer cultura: por isso todos os bons Agronomos recommendão a intercalação destas sementeiras com outras de diversos generos; e hoje em dia fazem os Inglezes disso o ponto mais essencial da sua cultura; o que tudo he absolutamente desconhecido neste Districto.

Não aconteceria assim, se ao menos se adoptasse a cultura do milho grosso. No descobrimento da America foi achado este grão como ordinario sustento daquelles povos, e dalli passou para Cadiz, donde hum Portuguez dos campos de Coimbra trouxe menos de hum alqueire delle, que sendo semeado produzio abundantissimamente, e dalli se estendeo a sua cultura por quasi todo o Reino. He certo que a sua producção não he igual em todos os terrenos; mas

» tos das terras de restolhice, que as Cameras e os Juizes de Fora daquellas Villas tem arrogado a si, de que resultão continuadas dissensões e pleitos: Tendo consideração a todo o referido, e ao mais que me constou pelas exactas informações a que Mandei proceder, conformando-me com o parecer do mesmo Tribunal: Sou servida declarar e haver por extincto, cassado, e abolido o abuso dos referidos Pastos communs, como tambem os arraiamentos das terras de restolhice, praticados pelas Cameras, e Juizes de Fora das Villas de Serpa e Moura; Ordenando que os Lavradores fiquem integrados no livre uso, fruição e dominios das suas terras e pastagens, e que nem as Cameras, nem os Juizes de Fora procedão mais aos ditos arraiamentos. E attendendo outro sim a que esta minha determinação e providencia, sendo immediatamente executada, viria a causar grandissimo damno aos Creadores, ficando repentinamente privados dos pastos, e sem o tempo necessario de se provêrem por outros meios para a sustentação de seus rebanhos: Hei por bem que a sobredita prohibição só tenha o seu cumprimento e effeito passado hum anno depois da data desta. E nesta conformidade o mando a todas as Justiças, &c. Lisboa aos 17 de Agosto de 1793. . . . .

mas nos que são sufficientemente humidos, e nos em que he ajudado do calor até a sua devida madureza, dá huma colheita, que ás vezes excede toda a expectação, como ha poucos annos succedeo em Silvares, Termo do Fundão, onde hum Lodeiro junto ao rio Zezere, semeado com hum alqueire de milho, produzio duzentos alqueires. (1)

As margens dos rios Ponsul, e Ouravil desta Comarca tem Lodeiros da mesma natureza, que poderião ser as terras mais productivas de Portugal, pelos muitos nateiros que nelles ficão, pelos estrumes dos immensos gados que pastão nos montes das suas visinhanças, e até pelos destroços dos vegetaes que descem dos mesmos montes, carreados pelas chuvas. Nestes lugares, e em muitos valles condenados agora a huma perpetua esterilidade, produziria o milho abundantissimas colheitas, e não se verião os povos na precisão de hir buscallo aos Lugares das faldas da Serra da Estrella, onde os seus moradores, mais agronomos, e menos indolentes, procurão no cultivo do milho, batatas, e outros artigos, com que satisfazer as suas necessidades, e acudir ás dos seus deleixados visinhos.

Ter-

(1) Podcriammos citar outros exemplos da fertilidade de muitos terrenos desta Comarca; e não passaremos em silencio, que os Povos de Monforte da Beira, e Malpica, temendo expôr as suas searas à destruição do inimigo commum, procurárão ha dous annos hum abrigo entre o Téjo e Ouravil, no monte da Cubeira e suas visinhanças, Termo do Rosmaninhal; e alli fizerão as suas roças, semeárão trigo, centeio, e cevada, muita parte com o sacho e enxada, e foi tal a producção, que o menos que tiverão foi quinze por hum. No segundo anno tornárão a semear as mesmas terras e produzirão a vinte e a vinte e dous, e alguns mais curiosos tiverão huma boa producção de batatas e de muitos outros legumes; sendo tão fertil o terreno, que nascendo por acaso junto a huma das Cabanas huma pevide de Melancia, criou o pé sem cultura alguma doze Melancias grandes e dezaseis mais pequenas. Hum exemplo domestico me faz ver hum Catapreiro, que no mesmo anno em que foi enxertado produzio cinco Maçans, das quaes se colhêrão tres bem sazonadas e perfeitas.

Terceira causa.

O Pouzio dos campos he sem a menor duvida outra das principaes causas da decadencia da Agricultura desta Provincia; não sendo até agora licito a pessoa alguma semear a sua terra, sem ser na Folha determinada: assim ficão bons terrenos muitos annos de relva, e ha outros que nunca se cultivão; por isso como ha de o Proprietario fazer caso de hum terreno, que ou nunca se agriculta, ou quando muito produz de dez a dez annos, de vinte a vinte annos; não sendo então senhor de outra cousa senão de huma modica porção de centeio e trigo, que nelle colhe?

Este descanço que se dá as terras provêm talvez em parte de hum principio geralmente adoptado, de que as terras já não são o que forão, e se achão quasi de todo exhaustas: mas já Columella combatendo este mesmo erro, dizia » que o Autor da Natureza communicou á terra hu- » ma fecundidade perpetua; pois tendo delle recebido hu- » ma mocidade divina e eterna, que a fez appellidar Mãi » commum de todos, porque ella nos tem nutrido do seu » seio, e nutrirá sempre quanto subsiste; não ha que te- » mer que caia em caducidade, nem na velhice propria » do homem. Não he pois á intemperie do ar, nem aos » annos que se deve attribuir a esterilidade dos terrenos, » mas unicamente ao despreso e negligencia que se tem » com elles. &c.

Venha porém daqui ou de outro qualquer motivo este abuso dos Pouzios, já desconhecidos na Inglaterra, porém praticados ainda na Hespanha e Portugal; he notavel que usando-se em algumas outras partes do nosso Reino por desleixo e incuria dos particulares, aqui seja por necessidade e obrigação. E não he isto lezar ao Proprietario nos seus mais sagrados Direitos, impedindo-o não só de trabalhar as suas terras segundo a sua vontade, e a seu modo, mas ainda de ser senhor de todo o seu producto?

Em quanto se permite a observancia de humas praticas tão alhêas de toda a equidade e justiça, o que se póde esperar da cultura deste Districto? Não seria occasião de attender aos clamores de tantos Agronomos que se tem reunido contra o mais funesto de todos os systemas de cultura? ..... Porém parece que o nosso seculo he cégo, e que he o mesmo que o Profeta tinha em vista quando exclamava *Depopulata est Regio, luxit humus, quoniam devastatum est triticum, confusum est vinum, elanguit oleum.*

Quarta causa.

Os muitos gados, principalmente Vacum e Caprino, em que até agora os indolentes moradores desta Comarca tem fundado a maior Parte das suas riquezas, e os quaes são criados sómente nos Pastos communs, e nunca á mangedoira, como recommendão os mais habeis Agronomos, he tambem outra causa da decadencia da Agricultura neste Districto; porque confiados no pingue redito do seu producto, abandonão por ella a cultura das terras; e como aonde se cria muito gado, diz hum grande Autor, sempre se cria pouca gente, daqui procede tambem a sua depopulação. Igualmente se enganão estes povos quando pertendem com os Pastos communs segurar a multiplicação dos gados, porque os mesmos Communs reduzidos a propriedades particulares, tapados e lavrados poderião sem hesitação sustentar maior numero delle. Ainda porém que a asserção contraria fosse verdadeira, não he mais rica e poderosa a Nação que abunda em homens e fructos, do que em animaes?

Os Egypcios, por estes ou semelhantes motivos, detestavão os Pastores de Ovelhas, e os fazião expatriar de algumas Provincias. (1) Huma providencia tão rigorosa não deve servir de exemplo para se imitar: a Agricultura tem necessidade de gados, mas a multidão destes, pricipalmente sen-

(1) *Detestantur Ægyptii omnes pastores ovium.* Genes. Cap. 46.

sendo sustentada sómente nos Pastos communs, nunca poderá dar ganho nem interesse consideravel.

Quinta causa.

Outro singular abuso que ha nesta Comarca, e principalmente em Monforte da Beira, he que produzindo espontaneamente as suas terras immensas arvores de sobro e azinho, usão dellas em commum, ainda mesmo que se achem nas terras dos particulares; e como assim ninguem toma privativamente interesse na sua conservação, soccede que ainda aquellas que escapão ao fogo, e á fouce roçadoura as decotão todos os annos para darem a rama aos bois, e outros gados, e deste modo nunca chegão a prosperar: podendo pois ser incalculavel o seu producto, torna-se por estas causas totalmente nullo, sem bastarem providencias nenhumas para impedir esta desordem. (1)

Quaesquer que sejão as razões em que ella se funde, não podem deixar de ser totalmente futeis. As Arvores em lugar de prejudicarem a Lavoura fornecem meios para o seu adiantamento, não só pela madeira que dão para os seus utensilios, mas pela folha, que cahindo e apodrecendo no chão, faz engrossar as terras, produzindo o *humus* ou terra vegetal: a mesma Arvore que secou e apodreceo em hum lugar, dá mais sustancia ao terreno do que este lhe havia subministrado em quanto viva: vejão-se as bellas experiencias de Mr. Hales na sua *Statica dos Vegetaes*, a Mr. Duhamel, e a Memoria do Sr. Constantino Botelho entre as

 de

(1) Por huma ordem da Intendencia Geral da Policia datada de 27 de Maio de 1780 se mandão resalvar estas arvores, e enxertar tambem os zambugeiros, de que abunda o Paiz. Mas estas providentes determinações, os Acordãos da Camera de Castello-branco, tomados em virtude dellas, e até os Avisos Regios de 6 de Maio de 1803, e 15 de Junho do mesmo anno sobre este objecto, tem sempre ficado inuteis, prevalecendo o detestavel erro de se desfrutarem em commum semelhantes arvores, quando ellas por todo o direito pertencem aos proprietarios dos terrenos em que se crião.

de Agricultura premiadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, tom. I. pag. 241.

Mas independente destas utilidades geraes, os sobros em particular tem outras em o seu mesmo fructo, que não são de pouca monta. Os mais habeis Agricultores do Paiz convem em que he mais util alimpar hum chaparro de sobro, do que plantar huma oliveira ou limpar huma azinheira. O sobro produz nos ramos exteriores a bolota temporã, e nos interiores outra mais serodia, que por vir no tempo das geadas faz engordar o gado: além disso, he arvore maior do que as azinhiras; e algumas tem aqui produzido hum moio de lande.

Com esta lande ou crua, ou secando-a á maneira de castanha, se poderião crear muitos Porcos, principalmente nos limites de Monforte, cujos campos, que tem dez legoas de circunferencia, produzem quantidade de sovereiros. Que utilidades resultarião áquelle povo se não só estes, mas tambem os carvalhos que alli abundão, se resalvassem e guardassem? Que cumulo de riquezas lhes não darião não só o fruto, mas as suas madeiras, (1) e cortiça, que hum dia podem vir pelo Téjo de Malpica a Abrantes, e dahi para esta Cidade. Este seria sem duvida hum dos melhores ramos da Agricultura e Commercio de huma porção deste Paiz tambem pelas carnes de Porco, de que então poderia fazer abundar a Capital.

Meios de remediar estes males.

Como não basta indicar os abusos, pareceo-nos conveniente propôr os meios para elles se extinguirem, que a nosso ver são os seguintes.

1.°

(1) A pezar das Leis que prohibem cortar arvores, e chaparros de sobro e azinho dez leguas em distancia do Téjo, cada vez o Arvoredo vai sendo mais raro. Nenhum Lavrador devia cortar Arvore sem plantar primeiro oito ou dez. As Arvores dão frescura e abrigo nos terrenos seccos, ajudão a esgotar a terra nos terrenos húmidos, e tem muitas outras vantagens; sendo certo que huma Povoação falta de madeira he summamente incómmoda.

1.° Determinar que não haja impedimento algum para se tapar qualquer porção de terreno que se quizer; fazendo que esta providencia, que já se tem dado para algumas propriedades em particular (1), se generalise por todas.

2.° Repartir os Baldios, e promover tanto nelles como nos outros terrenos toda a qualidade de cultura, de que logo mostrarei que a terra he susceptivel.

3.° Fazer com que os Lavradores tenhão mais instrucção, pois a falta actual de producções depende tambem muito de não serem as terras bem lavradas, sendo os arados ruins, arranhando a relha mal á superficie da terra; e fazendo-se todos os outros trabalhos imperfeita, e incompetentemente; pois nem sabem adubar, nem fazer estrumeiras, apezar de terem tantos matos, e tão proximos ás suas Povoações, deixando até perder a palha nas eiras, sem della se servirem para cousa alguma.

4.° Introduzir novas especies de trigo, como por exemplo, o Tremez, que aqui não he conhecido. Introduzir tambem a cultura do milho e feijão, que como dissemos, seria em lugares tão vantajosa, principalmente sabendo aproveitar as agoas que lhes deo a natureza, e fazendo Lodeiros junto dos rios e ribeiras, de que abunda o Paiz.

5.° Fazer vir de fora, ou mesmo de dentro do Reino, alguns Colonos, que ensinassem aquelles povos, que não tem outras idéas mais que as da sua pratica, dando-lhes Baldios para poderem cultivar, e obrigando mesmo os Proprietarios ricos a afforar-lhes algumas terras que não podessem agricultar: methodos que os Authores economicos tanto recommendão, e que reputamos hum dos mais poderosos meios para adiantar nesta Comarca, e em outras do Reino, os progressos da Agricultura.

6.°

(1) Assim por exemplo obteve o Coronel Francisco de Albuquerque Pinto Maldonado e Castro, huma Provisão para poder tapar humas terras no sitio da Rebouça, limite de Castello-branco; e sendo-lhe embaraçado o cumprimento desta, decidio-se com tudo a final, que tivesse o seu devido effeito.

6.° Prohibir que as Arvores dos particulares se não desfrutem como propriedade publica, antes que estes as possuão em dominio pleno; pois esta liberdade fará despertar os interesses dos mesmos proprietarios, e restabelecer a actividade que tem amortecido os referidos abusos, soffrendo no seu Arvoredo a escravidão, que os sugeita ao arbitrio alheio.

7.° Fazer que se enxertem os immensos zambujos (1) e pereiras bravas, de que este Paiz he abundantissimo, havendo principalmente junto ao Rosmaninhal legoas de terrenos, que não tem outro mato senão de Catapreiro, com que este Paiz, actualmente esteril, podia vir a ser com pouco custo hum dos mais fructiferos da Beira, como tenho já principiado a mostrar praticamente.

De outros generos de cultura que se podião estabelecer nesta Comarca.

Além das providencias que acabamos de porpôr, seria muito conveniente introduzir diversos generos de cultura além dos actuaes que estão em uso. Nós já fallámos no milho; mas ha muitos outros que prosperarião do mesmo modo; taes são os seguintes.

1.° As Amoreiras, para cuja cultura o Paiz he muito proprio principalmente nos grandes e dilatados Districtos de Idanha a nova, e velha, Monsanto, e Monforte; assim como tambem para a criação dos bichos de seda, que se ultima aqui em muito menos tempo do que n'outras partes, como muitas vezes tenho experimentado; e sendo a seda que produzem mais fina e melhor, he para lastimar que esta cultura se não generalize mais, e que as mulheres muitas vezes

(1) Ninguem hoje duvida que os zambugeiros enxertados dão as melhores oliveiras. Não só por elles se utilizão as proprias penhas, pois entre ellas nascem e se crião; mas até arrancando-se com as raizes podem ser transplantados. O grande olival que S. A. tem na granja de Castello-branco, quasi todo he de zambujos arrancados nas costas do Tejo, Ouravil e outros lugares do Districto de Monforte.

zes ociosas se não fação entreter neſte importante ramo de induſtria.

2.° Os Pinheiros, para o que ha as terras mais proprias e bellas, sendo os poucos que ha de tão boa qualidade, que a sua madeira não sente á mesma corrupção que coſtuma ter nos outros Paizes do Reino, antes permanece tão duravel e incorruptivel como a de Caſtanho.

3.° A Vinha, e Pomares, de que podia ser abundante, pois segundo o Licenciado Jacintho Arias de Quintanaduenas, (que escreveo as Antiguidades de Alcantara, donde era natural e onde viveo sempre, o que influe baſtante em a sua veracidade) as margem do Téjo até Portugal eſtavão já todas plantadas de Vinhas, Olivaes, e Pomares; sendo o vinho tal que hia para Flandes, e para o Imperador Carlos V. eſtando em Juſte, e achando-se agora quasi de todo anniquilado, por causa, (diz elle) dos Communs, que fizerão deſtruir tudo.

4.° As Batatas, vegetal o mais interessante que conhecemos pela abundancia da sua producção, por se dar na maior parte dos terrenos, e pelos multiplicados usos, em que podem empregar-se. Neſta Comarca produzem ellas magnificamente, e no Lugar de Malpica, á força de persuações do Parocho, se tem augmentado já a sua cultura. Eſte anno recolhi eu de quinze alqueires de semeadura, quatro moios, e espero para o seguinte, tendo semeado sessenta alqueires, ser igualmente bem succedido (1).

5° O Linho Gallego. O pouco Linho que até agora se tem cultivado he o chamado Mourisco, persuadidos os Lavradores de que por falta de agoa se não podia cultivar outro.

(1) Entre os usos das Batatas hum dos mais interessantes he fazer-se dellas muito bom páo. Eſte anno fiz cozer algumas, e cortandō-as depois em pequenas talhadas as sequei ao Sol; e eſtando já seccas moi-as em hum moinho de centeio: posso segurar que juntando a eſta farinha outra igual porção de trigo, deo hum páo excellente. Na Obra de Mr. Marshal, intitulada *Agricultura pratica da Inglaterra* tom. 2° da Traducção Franceza, pg. 364. descreve-se hum methodo para eſte vegetal supprir o Sabão, que não me lembro ter lido em outro algum Autor.

tro. Eu fiz semear em Monforte o Gallego, mais cedo do que se coftuma nos lugares regadios, e prosperou tão bem, que já hoje eftá efta cultura em grande augmento.

Causas que embaração indirectamente os progressos da Agricultura nesta Comarca.

Tendo até aqui demonftrado as causas que directamente impedem os progressos da Agricultura na Comarca de Caftellobranco, só me refta mencionar os que lhe obftão indirectamente, ifto he, aquelles que embaração a livre circulação das suas producções.

He tão evidente e reconhecida a importancia das communicações interiores, que segundo diz Bielfeld (1) não ha prova mais evidente do atrazamento ou decadencia de huma Nação, do que acharem-se os seus caminhos impraticaveis e deftruidos. Entre nós ha muitos terrenos inuteis, porque se não sabe delles; são tão desconhecidos como as Terras Auftraes. Hum grande caminho que atravessa hum Paiz he hum raio de luz, que o esclarece em toda a sua extensão.

O nosso Governo convencido defta verdade algumas providencias tem dado para a conftrucção de novas eftradas; sem embargo do que na maior parte do Reino, principalmente na Beira baxa, são ellas tão ruins, que nem ainda acavallo se podem transitar. Seria pois da maior utilidade que se fizessem capazes, muito principalmente as de Abrantes a Villa velha, e para o Fundão, e Covilhã, e outras, por meio das quaes se communicassem os povos dalém da Serra da Eftrella, e com muita especialidade a eftrada da Serra do Assor e Manteigas; sendo a primeira assim mesmo como eftá (feita ha annos por alguns visinhos da mesma Serra) a que fornece incessantemente viveres aos povos defta Comarca; e ifto não só dos generos daquelle Paiz, mas muito principalmente daquelles, que vem de Avei-

(1) Vid. Bielfeld. *Institutions Politiques* tom. I. Cap. 5. pg. §. XLIII.

Aveiro, e da Figueira, embarcados pelo Mondego até a Foz d'Alva.

He certo que obras desta natureza exigem fundos muito consideraveis; redundando porém ellas em utilidade e proveito não só do Estado, mas tambem dos individuos particulares, he indubitavel que para supplemento das rendas publicas se deve exigir o trabalho, e concurso destes mesmos individuos; o que sendo feito sem distincção de pessoas, e dirigido por homens capazes, em quem os Povos confiem, não póde ser de grande pezo, principalmente attendendo á felicidade que promettem para as gerações futuras.

Não poucos Authores lembrando-se do que fez Alexandre, Sylla, Cesar, e muitos Principes modernos, querião que estes trabalhos em tempo de paz fossem feitos pelos Soldados. Alguns Estados, principalmente a Suecia, ganhárão consideravelmente com esta singular providencia; e se ella em tempo opportuno se adoptasse em Portugal, que emprezas se não terião podido conseguir com tão poderoso auxilio! Quanto não teria crescido a Agricultura e o Commercio por hum meio tão suave! E a que ponto por conseguinte não teria já hoje subido a força do Estado!

Igualmente interessantes que as communicações terrestes são as maritimas, e nesta parte de Portugal regada pelo rio Téjo, podia elle dar vantagens muito consideraveis, sendo a sua navegação mais extensa do que he actualmente. A este respeito propuz ao Governo destes Reinos hum Plano, que foi adoptado pela Portaria de 6 de Abril de 1812, (1) e já acompanhado de meus filhos fiz a navega-

(1) » O Principe Regente Nosso Senhor attendendo á representação » de João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz, que a beneficio dos trans- » portes, e do Publico pertende desembaraçar á sua custa a navegação » do Tejo até o Porto de Malpica, e ainda mais adiante se for possivel: » Manda que elle possa fazer á sua custa todas as obras que forem in- » dispenssaveis para facilitar a dita navegação. E ordena que todos os Mi- » nistros, e mais Justiças do districto, o auxiliem com a sua jurisdicção » a fim de se conseguir tão util e importante objecto. E para que as mes- » mas obras sejão feitas com a devida regularidade, e sem prejuiso de

ção desta Cidade até ao porto de Malpica, e deste por tres vezes ao de Villa velha de Rodão, fazendo subir d'hum a outro porto hum barco carregado de milho para a Tropa: por isso não acho difficuldade em que se possa navegar de Inverno, e mesmo na Primavera até ao dito porto de Malpica, desfeitos alguns obstaculos que ainda occorrem.

Este Rio já noutro tempo foi navegavel até muito mais acima: José Antonio Benqueri na bella traducção que fez da Agricultura do Arabe Abu Zacaria Aben Ahmed em 1802, obra bem digna de ler-se, affirma assim como muitos Authores, que antigamente hião os barcos de Toledo para Lisboa, e vice versa: hoje porém seria isto hum impossivel, porque o Téjo já não está como no tempo de Carlos I. Rei de Hespanha, e de seu Augusto Filho, que foi quando se promoveo com mais calor a navegação dos Rios Guadalquivir, do Téjo, do Ebro, e dos canaes do Xarrama e Manzanares; (1) e por isso julgo, que o projecto da navegação para cima de Malpica seria além de inutil, extremamente difficultoso, como o poderia demonstrar sendo necessario.

Ou-

» terceiro, Ordena que o Engenheiro Anastasio Joaquim Rodrigues as re-
» gule, e dirija de acordo com o referido João de Macedo Pereira da
» Guerra Forjaz, ao qual permitte por tres annos, tres Barcos privativos
» para seu uso e serviço, que possão navegar de Abrantes até o dito
» porto de Malpica, livres de todos e quaesquer embargos, e embaraços
» em compensação da despeza que fizer. O Intendente Geral da Policia
» mande passar as Ordens necessarias, ficando na intelligencia de que pe-
» la Repartição dos Negocios da Guerra se expede a que respeita ao dito
» Engenheiro. Palacio do Governo em seis de Abril de mil oitocentos e
» doze. = Com a Rubrica dos Governadores do Reino =

(1) Foi nesta mesma época que o célebre Engenheiro João Baptista Antonelli escreveo de Thomar huma Carta a Fillipe II. offerecendo-se a franquear a navegação interior de toda a Hespanha. Veja-se esta Carta nas Obras de D. Benito Baile. *Elementos de Mathematica*, tom. 9.º pg. 2. Vejão-se tambem sobre a navegação do Téjo as Cartas do erudito Jesuita André Barriel, publicadas por D. Antonio Valladares, em huma escrita a D. Carlos de Simon Pontero em 19 de Setembro de 1785, digna na verdade de ler-se, por dar a historia circunstanciada da navegação daquelle famoso Rio.

Outro Rio de cuja navegação esta parte da Provincia receberia grande beneficio he o Zezere. Este célebre Rio, que tem a sua origem na Serra da Estrella no sitio onde chamão os Cantaros, em que tambem nascem o Mondego e Alva, já se navega huma legoa para sima de Punhete, e ainda se poderia subir até junto de Dornes, onde está situada a Fabrica de Ferro, a hum porto que os nacionaes chamão a Machuca; segundo attestão os Engenheiros que ha annos forão mandados para este fim: o que seria huma das obras mais proficuas e vantajosas para huma grande parte das Provincias da Beira, e Estremadura, e até para as conducções dos Exercitos, por ser a estrada melhor e mais abreviada para estes pontos. Feitas estas duas obras ver-se-hia renascer a actividade, animada pela circulação e consumo dos generos, augmentar-se-hia a povoação, e abrir-se-hião as fontes da riqueza em grandes territorios, que podendo ser os mais ferteis, são os mais despovoados e incultos de Portugal.

De varias preciosidades deste Terreno.

Não he porem sómente dos frucos da Agricultura que este Terreno poderia tirar riquezas consideraveis, outras tem elle escondidas dentro do seu seio, nas preciosas minas de que abunda, sendo a principal dellas a de Ouro do Rosmaninhal. Junto a esta Villa, huma das mais antigas da Comarca, ha huma terra a que os moradores chamão a Folha do ouro, a qual já mais se agricultа, sem que se encontrem algumas folhetas deste metal; e ha poucos annos hum Pastor de Monforte descobrio huma que eu vi, e que pezava huma oitava, sendo certo que tem apparecido de muito maior pezo. Esta mina não sei quė fosse ainda ensayada, mas o seu ouro he purissimo, e de mais quilates que algum do Brasil; o que tudo faria a sua extracção summamente vantajosa.

Após esta mina do Rosmaninhal segue-se a de S. Miguel de Axa, conhecida ha bastantes tempos; fez-se já hu-

ma tentativa para se extrahir a Prata, que ella contém em grande abundancia, a qual com tudo não foi ávante talvez por falta de meios dos emprendedores, ou por outros motivos que ignoramos. Além da Prata contêm ella Chumbo, e Zinco, mineraes em que despendemos annualmente grandes sommas, que poderião ficar-se conservando no Paiz.

Do mesmo Chumbo ha tambem em Monforte minas riquissimas; pois segundo o ensayo da que se descobrio no sitio do Pereiral, contêm hum quintal do mineral perto de oitenta arrateis de metal purissimo. Eſta mina he tanto mais eſtimavel, que perto daquelle deſtricto ha lenha de toda a qualidade, e passa além disso nas visinhanças o Rio Ouravil, que de Inverno he muito abundante d'agoa.

Nas Serras do sobredito Povo de Monforte ha varias minas de Ferro, que sem duvida forão trabalhadas em outros tempos, como se vê pela quantidade de escorias que ainda alli se conservão, e que deverão ser reconhecidas, porque dão todos os indicios de serem muito abundantes.

Os moradores deſte Lugar tem fabulado muito sobre eſtas minas, affirmando terem sido trabalhadas pelos Mouros: he certo porem que elles não tratárão deſte objecto em Portugal, e que os reſtos de trabalhos, que ainda se observão, datão do tempo dos Romanos, mais induſtriosos do que os seus successores.

CONCLUSÃO.

SE de quanto até aqui temos dito se colhe por huma parte o infeliz e miseravel eſtado, em que se acha a Comarca de Caſtellobranco, conhece-se pela outra que com baſtante facilidade ella se poderia tornar rica e respeitavel: acima indicámos os meios de effeituar eſta mudança, mas talvez ainda com elles se não alcance o desejado fim, em quanto os nossos Lavradores não adquirirem maior consideração, e não forem tirados do eſtado, em que hoje tem decahido. Se a antiga Grecia fez Deoses dos seus primeiros Agricul-

cultores, porque razão não serão entre nós tratados ao menos como homens respeitaveis? Porque rezão será desconhecido o lugar que lhe compete na Sociedade? O Lavrador he huma das pessoas mais interessantes e necessarias do Estado, e sem a qual não pode por modo algum subsistir; elle he o chefe dos seu subditos, provê a sua subsistencia, occupa-os, mantem-nos em ordem e subordinação, destina a cada hum o trabalho que melhor lhe compete, e vella a fim de que sejão executados os seus precitos, dos quaes depende não só a sua prosperidade, mas tambem a do Paiz.

E que de conhecimentos não necessita elle para desempenhar bem as suas obrigações? Tem que examinar os climas, as differentes especies de terras, de culturas, e de producções, os não valores reaes ou suppostos, as suas causas passageiras ou constantes, a proporção entre as despezas e os reditos., os preços dos viveres, a sua consummação pronta ou dilatada, os recursos do Paiz, a extensão e qualidade do seu Commercio, as cousas cuja acquisição custa menos e produz mais, e huma infinidade de outros objectos, cujo conhecimento requer talentos, instrucção, e actividade.

Se os Lavradores fossem olhados debaixo deste ponto de vista, e estimados á proporção, a sua sorte seria bem diversa; apreciando então o seu estado; a sua alma se engrandeceria pelo vigoroso exercicio de todas suas faculdades: depois de terem apropriado a si parte dos seus cabedaes, elles conhecerião que a outra parte devia ser destribuida a bem da humanidade; elles se animarião a empregar o laborioso Paisano em arrotear novas terras, e farião outras tantas conquistas para o Estado: augmentada por este modo a sua industria, o Artista acharia meios de se occupar, e os seus visinhos de subsistirem; este manancial de riquezas nunca se esgota, não causa sustos nem remorsos, e he o mais digno de huma alma generosa, e que se apraz de fazer o bem dos seus semelhantes.

ME-

MEMORIA

Sobre a descripção, e vantagens de huma cadeira obstetricia da invenção do Professor Stein, *depois reformada, e emendada principalmente pelo Professor* Osiander, *escripta pelo*

D.or JUSTINIANNO DE MELLO FRANCO.

INTRODUCÇÃO.

TOdo o animal busca no afflicto momento do parto hum lugar cómmodo, e huma poſtura adequada á configuração da sua bacia. Os homens porem alterando as leis de seu inſtincto, á medida que aperfeiçoão suas faculdades intelectuaes, tem, segundo o coſtume dos differentes paizes, adoptado varias poſturas, a maior parte das quaes são desarrazoadas, incómmodas, e mesmo damnosas á mãi, e á criança. A situação, que a experiencia nos tem moſtrado, ser a mais conveniente para o bom exito do parto, he a posição, em que as parturientes podem mais cómmodamente fazer os esforços necessarios, e descançar d'elles nos intervallos das dores, iſto he, a poſtura meia deitada, e iſto mais, ou menos segundo as circunſtancias o exigem.

A experiencia, meſtra de todas as cousas, foi com o andar do tempo moſtrando os inconvenientes de varias cadeiras, que diversos Authores inventárão; mas entre todas a que merece a preferencia, he a que tiver as seguintes condições, poſtas em pratica por *Stein*, e *Osiander*, ás quaes (segundo me parece) addicionei algumas, que facilitão muito o seu uso. Deve ter por tanto:

1.° Coſtas moveis, que se possão levantar, e abaixar, segundo a necessidade.

2.°

2

Sol

lu
da
in
ct
ac
ai
ci
se
p
te
te
n
a
d
a
c
(
t

2.° A maior simplicidade possivel.

3.° Facilidade em se desmanchar, e armar; mas de construcção forte.

4.° A commodidade de transformar-se em huma cama sem grande movimento da parturiente.

5.° A de transportar-se facil, e decentemente.

6.° A de ser finalmente de preço accommodado.

As cadeiras obstetricias de que desde *Voelter* para cá se tem usado, e que elle descreveo em 1679, são as unicas de que desgraçadamente as nossas Parteiras ainda usão, não obstante serem mal construidas, e não preencherem de modo algum os fins para que são feitas; por que tendo as costas quasi perpendiculares, e immoveis, não podem admittir senão huma unica postura das parturientes. He desnecessario trazer aqui a historia das differentes cadeiras, bancos, e leitos obstetricios, que varias Nações tem adoptado. (1)

Só direi, que *Deventer* em 1740 foi o primeiro, que substituio ás cadeiras com costas perpendiculares, e immoveis, outras mais bem construidas, cujas costas se podião abaixar, e por isso prestavão muito mais cómmodo ás parturientes. Esta lembrança de *Deventer* foi melhorada por muitos parteiros, e publicada nas suas obras, ficando porem sempre, como tudo he no principio, muito longe da devida perfeição.

A historia dos melhoramentos desta cadeira obstetricia de *Deventer* nada interessa; e por isso só darei o devido nome de inventor da cadeira obstetricia, que me empenho em descrever, ao celebre Professor *Stein* de *Cassel.* Este grande Parteiro vendo os incommodos, e desastres, que causavão as informes cadeiras obstetricias, e conhecendo quanto seria util huma bem construida, publicou em 1772 hum

(1) *Sieboldii commentatio de cubilibus sedilibus que obstetriciis Goettinga* 1790. Aqui se acha a historia de todas as cadeiras, e leitos obstetricios até o nosso tempo.

hum Opusculo (1), em que descrevia huma de sua invenção, a qual se podia facilmente converter em leito.

Ainda que não tivesse todas as qualidades acima expostas, esta cadeira todavia comprehendia as propriedades essenciaes, hoje levadas a grande perfeição.

Este Opusculo fez-se tão raro, que me não foi possivel alcançar hum só exemplar, nem mesmo o vi na grande Bibliotheca de Gottinga. *Richter*, Professor nesta Universidade, traz hum annuncio na sua *Bibliotheca Chirurgica* vol. 2. caderno 2. pg. 171; e nos *Elementos da arte obstetricia de Plenck* se acha a estampa desta cadeira, ou leito obstetricio.

Todos os Parteiros, e Chirurgiões da maior reputação reconhecêrão a utilidade desta invenção; e rapidamente começou a generalizar-se o seu uso com gramde, e reconhecido proveito da Humanidade (vede Richter no lugar citado).

O Professor *Osiander* discipulo de *Stein*, quando acabou os seus estudos, e voltou para a Suabia, sua patria, levou huma destas cadeiras da invenção de seu Mestre; e tendo-a experimentado por espaço de oito annos na extensa, prática, que o seu grande merecimento lhe proporcionára, como habilissimo Parteiro, insigne Medico, e homem de probidade, tirou sempre della as maiores vantagens; e levado por tanto do bem da Humanidade deo nova descripção da mesma cadeira em 1790 com alguns melhoramentos principalmente na parte economica. Soube além disto de tal modo haver-se com os artifices do seu paiz, que pôde offerecer ao publico cadeiras destas completas pelo modico preço de trinta e tres florins do Rheno, ou pouco mais ou menos dez mil trezentos e sessenta réis da nossa moeda. Elle tambem teve o gosto de ver, que apezar da aversão natural do povo a tudo o que he novidade, e que apezar do cégo apego, que tem aos seus costumes, sómente por serem antigos, muitos dos Parteiros, e Partei-

(1) *Kurtze Beschreibung ein neues Geburts Stuhls, ü Bettes Cassel* 1772.

teiras de paizes distantes mandárão buscar destas cadeiras, que em pouco tempo se espalhárão por todo o Norte.

No anno de 1804 tive o gosto de conhecer, e tratar familiarmente com este insigne Parteiro dos nossos tempos, Director, e Lente no Hospital obstetricio de Gottinga, e meu obsequioso Mestre. Este incançavel, e philantropico homem não perdendo de vista o adiantamento e perfeição da sua Arte, nunca deixou de reformar, e emendar alguns defeitos, que a reflectida experiencia lhe hia mostrando, de sorte que as cadeiras de partos, de que agora usa, differem bastantemente das de *Stein*, principalmente nos cómmodos, e no modo de usar dellas. Eu fui por mais de quatro annos testemunha ocular das commodidades, que ellas procurão ás afflictas parturientes, principalmente nos partos longos, e difficeis. Por isso não posso deixar de lastimar as minhas compatriotas, vendo-as martyrisar nas cadeiras vulgares de costas immoveis, que deverião já ter sido proscriptas por todos os Parteiros, que pertendem merecer este nome. Com sincero desejo de lhes ser util, lhes offereço hum importante meio, pelo qual poderáõ suavisar, e supportar com mais cómmodo os trabalhos do afflicto momento a que as destinára a Natureza.

Vantagens desta cadeira obstetricia, de que carecem as outras usadas até agora.

ESta cadeira parece ter hoje em dia chegado á sua perfeição (1), pois se acha tão reformada, que nenhuma das partes, que a compõem, he inutil, ou superflua.

Nenhum Parteiro póde ignorar, que he necessario adequar a postura da parturiente á diversa inclinação, e con-

(1) Ainda que a cadeira de que aqui trato parecia não dar já lugar a melhoramentos, com tudo as mudanças que lhe fiz, e que occorrêrão ao pôr em prática a sua construcção, senão são de essencial proveito em quanto ao uso della nos partos, a fazem de certo muito mais simples, e consideravelmente mais barata. Estes melhoramentos descrevellos-hei em hum appendix no fim da explicação das figuras.

figuração da Bacia, e situação da criança, o que he de summa importancia. Quantas parturientes não tem sido martyrisadas muitas horas, e ainda dias nas cadeiras vulgares, fazendo nellas esforços baldados, e exhaurindo as forças com grande risco da sua vida, até que por fim recorrem ao Parteiro; o qual se he habil, depois de examinar o estado, e configuração da parturiente, nada faz senão dar-lhe outra situação, e em poucos inſtantes se adianta o parto, e nasce sem difficuldade a criança, quasi sempre morta, ou mui fraca, a qual teria nascido viva, e forte, se apoſtura da mãi fosse desde o principio adequada ás circunſtancias. O mesmo accontece com a expulsão das secundinas, que quasi sempre sahem sem cuſto, logo que se espera o tempo necessario; e se dá á parturiente a situação reclinada, iſto he, geralmente fallando, quasi deitada. Conservando-se porem a parturiente sentada nas cadeiras com costas perpendiculares, em que se não póde recoſtar, muitas vezes as secundinas não podem sahir, e dá iſto lugar a que Parteiros ignorantes temtem a extracção dellas, sendo muitas vezes a consequencia deſta inconsideração hemorragias perigosissimas, e rompimento do cordão umbilical, &c.

Além das differentes inclinações da bacia, que fazem necessarias as diversas poſturas da parturiente, ha muitos accidentes, que logo no principio do parto, ou no decurso delle requerem huma posição mais ou menos reclinada, e até de todo deitada, taes são os froxos, convulsões, desmaios, prolapsos do utero, ou da vagina, hernias, &c. Muitas vezes fica a parturiente tão fraca depois de operações trabalhosas, por exemplo, da versão da criança, extracção della com o Forceps &c, que não poderia ser transportada para a cama, sem correr risco de algum froxo, que, de certo lhe acabaria os poucos reſtos de vida: tendo sido porem feita a operação neſta cadeira de que trato, em alguns minutos se proporciona á parturiente huma boa cama, sem ella fazer movimento algum, e aqui fica mui cómmodamente o tempo necessario para recobrar forças, e po-

poder ser levada sem perigo para o seu leito, que acha limpo, e enxuto; o que não seria possivel, se se tivesse feito a operação na mesma cama em que houvesse de ficar.

Nem nas cadeiras vulgares com coſtas immoveis, nem nos leitos obſtetricios póde o Parteiro fazer qualquer operação difficil, porque nas cadeiras com coſtas perpendiculares não póde deixar de offender o Perineo; e nos leitos não eſtão as partes baſtantemente livres para elle poder operar, e além disso por mais roupa que haja, nunca póde haver o aceio, que ha nas cadeiras de *Stein*, nas quaes o assento aberto dá sahida aos liquidos, e mesmo aos escrementos, que cahem em hum vaso qualquer, que se metta debaixo da cadeira. Deſte modo fica a parturiente sempre enxuta, e póde com os mesmos veſtidos ser levada para a cama, não tendo necessidade de mudar de roupa, o que lhe póde ser nocivo.

A abertura do assento não deve ser como nas cadeiras vulgares em fórma de meia lua, mas sim na de hum parallelo gramo, cujos angulos sejão arredondados na parte poſterior.

A fórma da meia lua da abertura do assento das cadeiras vulgares tem os incómmodos seguintes.

A parturiente ou eſtá sentada, de fórma que o Parteiro não póde operar livremente, por eſtarem parte dos orgãos genitaes sobre a borda poſterior do assento da cadeira, ou para evitar iſto, deve a parturiente sentar-se tanto para diante, que lhe não sirva de apoio ao corpo, senão huma pequena parte das coxas, poſtura incómmoda, que não póde supportar por muito tempo. Se a parturiente he de eſtatura pequena, he obrigada a alargar muito as coxas para se poder segurar, o que lhe impede então fazer os esforços necessarios, e se os faz neſta poſtura expõem-se ou a huma hernia, ou prolapso do utero, da vagina, ou lezão do perineo, &c. &c. Pelo contrario na cadeira, de que tratamos, com a abertura oblonga, póde tanto huma pessoa alta, ou baixa, magra, ou gorda eſtar cómmodamen-

te sentada, ficando sempre as partes da geração desembaraçadas para as operações manuaes, ou inſtrumentaes, para a applicação de injecções, bahos de vapor &c, tudo decentemente praticado, pois póde eſtar a parturiente sempre coberta. Já fica dito que por meio deſta abertura se póde conservar o maior aceio. Sobre eſte assento ha hum coxim do mesmo feitio, que póde ou ser inteiro, ou em duas métades, bem eſtofado de clina, ou mesmo ainda de pello de cabra, porque conserva melhor a fórma, e não faz tão facilmente cova. Eſte coxim deve ser coberto de coiro, ou de oleado para reſiſtir á humidade. O oleado porem tem o incómmodo de se pegar ás coxas da parturiente com o calor, o qual porem se remedeia facilmente, cobrindo o assento com huma toalha.

Quando a parturiente tem necessidade de descançar no decurso do parto, ou depois delle, para impedir a corrente do ar, ha huma taboa, que se corre por meio de huma corrediça feita no mesmo assento da cadeira, e que tapa ou de todo, ou em parte a abertura mencionada.

Eſta mesma taboa póde servir para hum assento muito cómmodo, e de altura proporcionada para o Parteiro, por meio de quatro pés, que se atarraxão em quatro buracos, que tem a taboa pela parte, que corresponde á inferior do assento da cadeira. Do mesmo feitio deſta taboa deve haver hum coxim, que encha exactamente o vão da cobertura do assento para cómmodidade da parturiente, quando a cadeira lhe deve pôr algum tempo servir de cama, podendo servir tambem para hum assento macio ao Parteiro, e para metter debaixo dos joelhos, quando elle he obrigado a ajoelhar, e a fazer neſta poſtura operações longas. He tão necessario, que o operador tenha modos de se collocar cómmodamente, como he á parturiente eſtar na devida, e cómmoda situação; por quanto faltando áquelle o vigor que deve empregar, ficará eſta sem o preciso soccorro.

Vi algumas vezes o Professor *Osiander*, sem embargo de

de ser mui robusto, e de ter todas as commodidades possiveis, ser obrigado a descançar para poder ultimar algumas operações: e lembra-me principalmente hum parto artificial mui trabalhoso com o Forceps, que elle concluio empregando cento e quarenta tracções, mas nas ultimas estava elle já tão abatido, que incumbio a hum de seus discipulos finalizar esta grande operação, que ainda no tempo de *Stein* se teria terminado pela horrivel perforação (1), ou operação cesariana. A criança nasceo ainda viva, mas durou só algumas horas. A mãi deixou o Hospital inteiramente boa.

Todos sabem quanto alivio dá ás parturientes a compressão no lugar dos rins, ou cadeiras; a quàl se consegue por meio de hum traveceiro de coiro, da largura do assento da cadeira; e como deva ser bem estofado de clina, fóra da occasião das dores póde servir para a parturiente recostar a cabeça.

Os braços da cadeira são estofados, e não podem molestalla. Na extremidade destas ha duas maçanetas, que servem para as parturientes se pegarem puxando-as a si, ao mesmo tempo que firmão os pés nos estribos, que depois descreveremos; o que facilita muito o parto; e quando as circunstancias exijão, que a parturiente esteja tão reclinada, que não possa chegar ás maçanetas, prendem-se nestas humas fitas fortes, e largas para não magoarem as mãos, e a ellas se segura do mesmo modo que ás maçanetas.

Hu-

(1) Só quando a bacia he absolutamente mal construida, he que se deve recorrer a huma operação tão barbara, e tão perigosa; ou tambem quando a cabeça da criança, ou toda ella he de tamanho tal, que seja impossivel a passagem pelas aberturas da bacia, o que porém raras vezes acontece em bacias bem construidas. Seja a posição da criança qualquer que for, por meio de huma versão da criança mais ou menos trabalhosa, ou com o soccorro do Forceps, do gancho rombo, e da alevanca nenhum parto he impossivel, já se entende perdendo a criança muitas vezes a vida, mas ao menos salvando a mãi dos perigos infaliveis dos instrumentos de corte, para a perforação, e desmembração da criança, cuja idéa só basta para fazer horror, principalmente sendo dirigidos estes terriveis ferros por homens ignorantes, que sem consciencia sacrificão impunemente á sua sordida cobiça tantas victimas.

Huma das grandes vantagens defta cadeira he o apoio seguro, e cómmodo para os pés da parturiente. Efte apoio he conftruido, de modo que serve a todas as eftaturas, porque segundo a necessidade póde-se fazer mais, ou menos longo, mais, ou menos alto, como se vê na explicação das figuras. Efta he huma das reformas mais proveitosas, que se tem feito a eftas cadeiras. Nenhum Parteiro póde ignorar quanto o apoio firme dos pés lhes facilita, e apressa o parto, pondo ainda as mais fracas em eftado de fazer grandes, e proveitosos esforços sem se fatigarem.

Para mais segurança das operações em que o Parteiro tem de empregar grandes forças, pode-se fazer fixa a cadeira no sobrado, por meio dos fechos de correr pregados pela parte de fóra aos pés da cadeira, e taboa, que serve para segurar o eftribo. Eftes fechos tem a ponta aguda, e podem cravar-se facilmente no sobrado, de sorte que por mais forças, que faça o Parteiro, a cadeira não se póde mover. Havendo ifto baftão para ajudar quando muito duas pessoas, o que não succede principalmente nos leitos obftetricios, ou nos outros modos, que o Parteiro he obrigado a adoptar na falta defta cadeira.

Todos os Praticos sabem, quanto he difficil achar meios de armar hum lugar cómmodo para o parto, principalmente em casa de gente pobre, onde he muitas vezes impossivel; e ainda quando ifto se consiga, nunca tem as commodidades da cadeira de que tratamos. Além deftas difficuldades ha a grande perda de tempo, de que depende ás vezes a vida das mãis, e das crianças. Pelo contrario efta cadeira além dos cómmodos acima ditos, he mui facil de transportar; porque se desmancha, e póde ser levada com toda a decencia n'huma caixa propria, a toda a hora que for necessaria; e armar-se com muita facilidade como se verá da explicação das figuras. Em poucos minutos tem o Parteiro hum lugar mui cómmodo, e feguro para qualquer operação, sem necessidade de muita roupa, que he de qualquer outro modo indifpensavel. Eftas mui consideraveis vantagens

gens são as que fazem esta cadeira preferivel a todas as outras, e seria muito para desejar, que as nossas parteiras desterrassem as antigas principalmente de costas immoveis, se he que conhecem outras, que são quasi sempre prejudiciaes, ou pelo menos não podem deixar de magoar muito as parturientes, e tornar-lhes as dores muito mais insupportaveis.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS.

FIGURA I.

REpresenta a cadeira vista meia de face meia de perfil com as ferragens pertencentes.

a. a. a. As costas moveis da cadeira.

b. b. Ponto em que andão as costas da cadeira por meio de hum eixo de cada lado.

c. c. c. c. c. Buracos em que andão cavilhas de ferro bastantemente fortes para segurar as costas da cadeira com o pezo do corpo da paturiente. Estes buracos devem corresponder exactamente aos do outro lado, e devem ser numerados, de sorte que com mais facilidade, se mettão as cavilhas nos lugares certos.

Estas cavilhas devem andar pela parte de fora para mais cómmodamente poderem mudar-se de hum buraco para o outro. Sendo estas cavilhas mais compridas do que a grossura dos braços da cadeira, sobresahem pela parte de dentro quanto he bastante para segurar as costas.

d. d. Maçanetas a que a parturiente se pega, ou a que se atão fitas. Devem ser de modo que não magoem as mãos. Isto he, ou bem polidas, ou melhor ainda estofadas.

e. e. Taboas em que andão os estribos. Estas taboas tirão-se para fora, quando se quer transportar a cadeira (1).

f. f. f. Buracos por meio dos quaes se podem fazer mais

(1) Segundo os melhoramentos de que trato no appendix não he necessario o tirar estas taboas. Veja-se a *Fig. VII.*

mais ou menos compridos os eſtribos, ou mais ou menos altos conforme a eſtatura da parturiente. Com huma cavilha de ferro se fixão ém qualquer ponto que se queira, os eſtribos por meio deſtes buracos que correspondem a outros que tem os eſtribos.

g. Hum fecho de correr, que serve para fixar as taboas dos eſtribos nos pés anteriores da cadeira para que não possa jogar (1).

h. h. h. Fechos de correr com ponta aguda, que servem quando he preciso para fazer a cadeira fixa cravando-os no sobrado.

i. i. Eſtribos concavos do feitio quasi de hum çapato em que se firma a parturiente, o qual para mais cómmodo póde ser eſtofado pela banda de dentro.

k k. Parte do eſtribo que serve para eſte se poder mover, e mudar para mais curto, ou mais comprido sem tocar no pé da parturiente, e sem a mover.

l. l. Parte dos braços da cadeira, que devem ser eſtofados.

m. m. Assento da cadeira.

n. n. Abertura oblonga, em que encaixa a taboa representada pela Figura II.

o. o. Corrediça do assento da cadeira, em que anda a dita taboa.

FIGURA II.

REpresenta a taboa, que serve para tapar a abertura oblonga do assento, e ao mesmo tempo atarraxando-lhe quatro pés serve de banco para o Parteiro.

a. a. a. Relevo por meio do qual anda na corrediça do assento da cadeira.

b. b. b. b. Os quatro pés que se atarraxão na dita taboa, e por meio dos quaes serve tambem de banco.

FI-

(1) Como digo no appendix he eſte fecho desnecessario. Veja-se a *Fig. VII.*

FIGURA III.

REpresenta a taboa dos eſtribos pela parte de dentro. (Veja-se tambem a eſte respeito o appendix a eſta Memoria.)

a. a. a. Corrediças em que andão os eſtribos.

b. b. b. Buracos onde se mettem as cavilhas para segurar os eſtribos no ponto que se quizer.

c. c. Lemes com que encaixa nos pés dianteiros da cadeira. Eſtes lemes devem ter quadrada aquella parte, que emcaixa nos pés da cadeira.

d. d. Risco, ou traço que paſſa por cima dos buracos, o qual correspondendo áquelle, com que são marcados os dos eſtribos pela parte de dentro, facilita a armação da cadeira.

e. e. A face anterior de hum dos pés dianteiros da cadeira, em que se vê o modo por que encaixão os lemes quadrados das taboas dos eſtribos.

FIGURA IV.

REpresenta hum dos eſtribos pela parte de dentro.

a. a. a. Buracos marcados com os riscos parallelos, de que tratámos.

b. Concavidade do eſtribo do feitio de hum çapato, cuja superficie deve ser bem liza, e mesmo eſtofada, para não magoar os pés da parturiente.

c. Parte do eſtribo feita ao geito da mão, para se poder mover com mais facilidade.

d. Feitio do relevo, que anda nas corrediças das taboas dos eſtribos. Elle deve encaixar exactamente, sem porem andar muito apertado.

FIGURA V.

REpresenta a parte posterior da cadeira, que pelo que fica dito não carece de mais explicação.

FIGURA VI.

REpresenta o traveceiro redondo, e estofado de clina, que serve para amparar as cadeiras da parturiente.

APPENDIX.

A' explicação das Figuras.

AO pôr em execução a construcção da cadeira obstetricia de que trato nesta memoria, occorrêrão varias mudanças, as quaes fazem não só mais simples a dita cadeira, mas tambem diminuem muito o seu preço, huma condição mui importante para a introducção della.

FIGURA VII.

REpresenta a parte anterior da cadeira pela parte de dentro, e hum dos estribos na sua corrediça competente.

a. a. a. a. Caixilho ou grade em que andão os estribos, em vez das taboas descriptas acima na *Fig. I. e. e.* Estas taboas tinhão o inconveniente de serem inteiriças, e por isso ser necessario hum grande pedaço de taboa, e de huma grossura não vulgar, o que augmenta muito o preço da cadeira. Por meio dos caixilhos fica muito mais barato, do mesmo modo seguro, e até mais elegante.

b. b. b. Machas femeas por meio das quaes andão os caixilhos annexos aos pés anteriores da cadeira. Estas machas femeas, são mais convenientes do que os lemes quadrados em que fallei na explicação da *Fig. I. e. e.*, primeiramen-

mente porque achando-se feitas, são muito mais baratas, do que os lemes, que he necessario mandar fazer expressamente; em segundo lugar fica a armação da cadeira muito mais simples, não sendo necessario se não abrir, ou fechar eftes caixilhos para usar della. *c. c. c.* Corrediças pela parte de dentro em que anda o eftribo, as quaes não necessitão de mais explicação. *d. d.* Eftribo que anda nas corrediças, e que se faz fixo segundo he necessario, pelo modo acima dito na explicação da *Fig. I.*

As corrediças, e os eftribos por efte modo poupão o fecho de correr para segurar as taboas dos eftribos (*Fig. I. g.*), o que tambem augmenta o preço da cadeira.

Parecêrão-me muito importantes eftas mudanças por tenderem a fazer o preço defta cadeira mais cómmodo, e por conteqencia mais facil a introducção della.

A madeira mais propria para a conftrucção defta cadeira, he o páo de nogueira por ser forte, e ao mesmo tempo leve, condições tão necessarias para a facilidade dos transportes.

Sem embargo defta ser a madeira mais propria, com tudo he muito cara, e para as cadeiras vulgares das parteiras seria o páo de pinho muito baftante, disiftindo mesmo dos eftofados, que fazem a perfeição da cadeira, mas não são de extrema necessidade.

ALGUMAS ADVERTENCIAS

Sobre o modo de usar desta cadeira obstetricia.

A Cadeira deve-se pôr o mais perto possivel da cama em que ha de ficar a parturiente, de modo porem que fique de todas as partes livre para se poder andar á roda della. Para com mais facilidade ser levada a parida para a sua cama, devem colocar-se as coftas da cadeira para a par-

te dos pés da cama. Deſte modo duas pessoas podem sem grande movimento leva-la para a cama deſtinada, pegando huma das pessoas pela parte da cabeça, e virando pela parte de fora para a banda dos eſtribos, que vem a ser a cabeceira da cama, em quanto a outra que pega pelos pés vai virando entre a cadeira, e a cama, deſte modo com o movimento de meio circulo se acha a parida sem ter sido muito incommodada com a mudança no lugar deſtinado para descançar dos seus trabalhos.

Deve-se ter cuidado em que a cadeira fique bem assente no chão. Em operações grandes, ou quando o sobrado he desigual, deve-se fixar por meio dos fechos de correr em que acima fallamos. Poſta a cadeira deſte modo encaçaixão-se depois as taboas dos eſtribos, correm-se os fechos, que as segurão (1), e poem-se tudo prompto para logo que seja necessario se sentar nella a parturiente.

Não he meu intento expôr aqui nem os differentes periodos do parto em que segundo as circumſtancias a parturiente deve subir á cadeira, nem as diversas posições, que deve tomar nella: só direi, que nos partos inteiramente naturaes, e quando a parturiente he bem configurada, póde ella a seu arbitrio nos dous primeiros periodos andar, sentar-se, ou deitar-se para a parte esquerda; e só quando a vesicula eſtá perto de arrebentar deve sobir á cadeira. Neſtes partos deve por via de regra ser o angulo, que fazem as coſtas da cadeira com a linha orisontal do assento de 130 até 135 gráos.

Tendo a parturiente tomado eſta posição, e tendo-se-lhe amparado as cadeiras com o travesseiro redondo em que fallámos, então se ajuſtão os eſtribos á eſtatura da parturiente, de modo que as coxas devem descançar até á cur-

va

(1) Segundo as mudanças que fiz a eſta cadeira, e que expuz no appendix, em lugar de se encaixarem as taboas dos eſtribos, só se abrem para fóra, pois andão unnexas á cadeira por meio de humas machas-femeas; em lugar de correr os fechos, mettem-se logo os eſtribos, e elles mesmos fazem com que a cadeira fique do mesmo modo segura sem tanta complicação.

va da perna sobre o assento, firmando os pés nos eſtribos de sorte que a parte da perna do joelho para baixo faça com a linha orisontal das coxas pouco mais ou menos hum angulo igual ao que fazem as coſtas com a mesma linha.

Então pega a parturiente nas maçanetas, que se achão na parte anterior, e superior dos braços da cadeira, ou nas fitas, que nellas eſtão atadas, e assim puxando para si, ao mesmo temo que se firma nos pés, sem porém escorregar com o assento para diante, póde fazer os maiores esforços, que devem ser bem regulados pelo Parteiro, ou Parteira, para se não gaſtarem forças sem utilidade. Quasi sempre he necessario reclinar mais para traz as coſtas da cadeira, á proporção que o parto se vai adiantando: para o que se mudão as cavilhas de ferro para os buracos mais baixos, que sendo marcados com numeros de huma e outra banda com a maior brevidade se acertão as cavilhas (1).

Os quatro pés, que com a taboa, que tapa a abertura do assento, fórmão o banco para o Parteiro, devem-se logo atarraxar, viſto que os ditos pés não impedem, que eſta taboa entre na corrediça, que ha no assento da cadeira. Quando o Parteiro se queira sentar para alguma indagação, não tem mais do que puxar para fóra a dita taboa, e assenta logo o banco como deve ficar.

Debaixo da cadeira deve-se eſtender algum panno ou eſteira, e sobre eſte pôr hum vaso assaz grande para que o sangue, e as aguas do parto não sujem a casa.

Se a parturiente tem necessidade de banhos de vapôr ás partes genitaes, poem-se a agua quente, ou o que se tem deſtinado para o banho, em hum vaso alto debaixo da abertura do assento, e puxa-se a tapadoira mais ou menos pa-

(1) Niſto differe eſta cadeira não só da do Professor *Stein*, mas tambem da reformada pelo Professor *Osiander*. Eu adoptei eſte modo de segurar as coſtas da cadeira, por me parecer mais simples, o mesmo mais seguro. Compare-se a eſtampa da cadeira obſtetricia de *Stecin* nos Elementos da Arte obſtetricia por *Plenck*.

para fóra segundo a necessidade. Antes da parturiente sobir á cadeira, deve vestir-se, como faz tenção de ficar na cama, isto he, hum mandrião lalgo, e nada mais do que huma saia leve em cima da camiza, a qual se deve arregaçar, e dobrar igualmente, ficando debaixo do osso sacro, e cobrindo o ventre, e as coxas pela parte de diante.

Tanto a camiza, como a saia devem dobrar-se de modo que não magoem as costas da parturiente, antes lhe devem servir de amparo ás cadeiras ajudadas do travecei-ro redondo acima dito. As coxas da parturiente ficão nuas pela parte de baixo assentes na cadeira, o que lhes he suave pela fresquidão do assento estofado, e coberto de coiro.

A saia basta para cobrir decentemente, mas para maior cautela, e quando isto não embaraça ao Parteiro, pode-se cobrir a parturiente até os pés com hum lançol.

Acabado o parto, e depois de levar a parida para a cama com facilidade se lhe desata, ou desprega a saia, e ella se acha logo em enxuto, sem ter o trabalho de mudar de roupa, e correr o risco de se constipar, o que he muito facil, pois quasi sempre estão em transpiração quando acabão este trabalho.

A caixa, em que ella se transporta, deve ser exactamente feita á medida da altura que tem a cadeira desde o chão até a parte superior dos braços, porque as costas virão-se para diante, e de baixo dos pés se arrumão estribos, coxins, &c. &c. &c.

Agora só me resta protestar, pelo que vi, e pratiquei, que deste modo suavisaráõ as minhas Compatriotas as dores, e trabalhos, a que a Natureza as condemnára. Nem posso deixar de lamentar, que na minha Patria não haja hum Estabelecimento Publico, onde se formem Parteiros, e Parteiras, que sirvão de auxilio, e não de ruina ás desgraçadas, que os hão mister; sendo aliàs indubitavel que sem boas Escolas nunca haverá hum bom Parteiro. Digno he por tanto este objecto da mais sé-

ria

ria attenção do noſſo Auguſto Soberano, que por eſta falta todos os dias se empobrece de vaſſallos. A Humanidade reclama efficazes providencias a eſte reſpeito; e he de eſperar que não eſteja longe o remedio para tanto mal, se eſta neceſſidade for repreſentada a hum Principe, como temos a fortuna de ter, Pai de seus vaſſallos, se lhe forem lembrados os meios de o remediar. Que ſuſtos, que amarguras não padeceráõ as Senhoras Portuguezas nas suas prenhezes, vendo-se no riſco de poderem ter hum parto difficil, ou trabalhoso, sem terem a doce consolação de que sem duvida lhes aſſiſtirá então hum Profeſſor, que as auxilie. Perdêrão ha pouco em Lisboa hum dos homens, em quem em taes circunſtancias punhão com mais confiança seus afflictos olhos: fallo do virtuoso, e habil Parteiro João Baptiſta, que chegou á força de muito, e aturado uso a fazer-se deſtro por extremo neſta precioſiſſima arte.

ANNAES VACCINICOS DE PORTUGAL,

Ou Memoria Chronologica da Vaccinação em Portugal, desde a sua introducção até o estabelecimento da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

POR ANTONIO DE ALMEIDA.

QUando me propuz a escrever os Annaes Vaccinicos de Portugal, muito bem previ que não podia desempenhar cabalmente este assumpto, não só por me faltarem o talento, capacidade, e conhecimentos necessarios para escolher, ordenar, e analysar os materiaes de que elles devião ser compostos; como tambem porque não me seria facil obter todas as noticias particulares dos Facultativos, que se empregárão em tão importante objecto. Assim não se deve esperar de mim na presente Memoria mais do que marcar épocas geraes, que sirvão de guia a quem com melhores meios intente completar a obra, que eu esboço. Se algum Facultativo fizer reparo em não ser contemplado por mim, deve persuadir-se que esta falta não he voluntaria, e estimarei faça sciente o Publico dos seus serviços filantropicos, pois assim vinga a sua fama, e emenda a minha falta.

§. I.

Introducção da Vaccinação em Portugal no anno de 1799.

Eduardo Jenner, Medico em Berkley, publicando em Junho de 1798 huma obra com o titulo de *Indagação sobre as causas, e effeitos das bexigas das vaccas*, aturdio os Medicos Inglezes com a novidade das suas observações e con-

conclusões, e attrahio a attenção de alguns para rivalisarem com elle na verificação de factos, que aliàs erão materia de infructuosa disputa entre grande numero de outros; pois logo em Novembro do mesmo memoravel anno de 1798 publicou o Dr. Pearson a sua obra, que tem por titulo *Indagação sobre a historia da Vaccina, com o principal fim de extinguir as bexigas*; na qual examinando as proposições e inferencias do Dr. Jenner, com o criterio e candura que exigia a importancia do objecto, elle deduzio consequencias analogas ás daquelle sabio observador.

O Dr. Jenner não afrouxou com as observações Vaccinicas, antes logo no principio do anno de 1799 dêo á luz outro Tratado, que intitulou *Ulteriores observações sobre as bexigas de Vacca, ou Vaccina*, em que confirma o poder anti-varioloso da Vaccina. Os mais Medicos, e Cirurgiões Inglezes forão adoptando a doutrina de Jenner, apoiada por Pearson, e confirmada pelas suas observações particulares: assim se foi generalisando a Vaccinação em Inglaterra, não obstante a opposição do Dr. Woodville, encarregado da inoculação das bexigas no Hospital de Londres, o qual publicou em Maio do mesmo anno a *Relação de huma serie de inoculações Vaccinicas; com notas e observações sobre a Vaccina, considerada como substituta das bexigas*, em cuja obra quer destruir a prerogativa anti-variolosa da Vaccina.

Em quanto em Inglaterra se disputava, e obrava assim ácerca da Vaccina, não ficou o Continente da Europa simples espectador: o Dr. Balhorn, e o Cirurgião Strohmeyer, trazendo-a daquelle Paiz para Hannover no principio do anno de 1799, plantárão nelle o fermento que gradualmente se foi propagando para outros Estados. Portugal tambem não foi tardio em semear no seu territorio tão benefica producção, graças a seus sabios e curiosos Facultativos: e ainda que me não seja possivel determinar a época precisa da introducção da Vaccina em Lisboa, com tudo posso asseverar por documentos, que foi neste mesmo anno de 1799 que occorreo tão fausto acontecimento. O Auctor do arti-

go 4. do N.° 3. da *Bibliotheca Universal* expressamente assim o diz em huma nota a pag. 120. *Em 1799 inoculou-se de Vaccina no Hospital de inoculação de Lisboa*; *e em todos os inoculados se verificárão os effeitos*, *que os Vaccinadores Estrangeiros tem observado*. Os Redactores do *Investigador Portuguez* em o N.° de Janeiro de 1812 vol. 2. a pag. 352 referem que logo pouco depois do descobrimento do Dr. Jenner, entrárão a vaccinar em Lisboa muitos Medicos, e Cirurgiões Portuguezes, e entre elles nomea Francisco Tavares, José Correa Picanço, Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Manoel Vieira da Silva, Francisco José de Almeida, Norberto Antonio, Antonio de Almeida, Fr. Custodio de Campos, e Theodoro Fereira de Aguiar. He verdade que este modo de fallar não fixa exactamente a época feliz da introducção da Vaccina em Lisboa, porém a Carta do Medico Francisco José de Almeida aos Redactores do *Investigador*, datada de Lisboa aos 30 de Março de 1811 referida no mesmo Numero, diz que elle vaccina ha doze annos com bom successo; e por tanto aqui temos afiançada a época de 1799 por hum Medico sabio, e de caracter; e por consequencia confirmado por mais este testemunho o que se refere na nota da *Bibliotheca Universal*. ¿ Acaso as Vaccinações feitas no Hospital da inoculação das bexigas de Lisboa serião aquellas encumbidas por S. A R. o Principe Regente Nosso Senhor ao seu Cirurgião da Camara Theodoro Ferreira de Aguiar, de que faz menção o *Investigador* no vol. 3. a pag. 59 referindo-se á Gazeta do Rio de Janeiro N.° 80? Eu não pude obter mais clarezas sobre este ponto historico, nem nos lugares citados se indica o anno do mandado de S. A. R.: mas nem por isso fica menos manifesto, que Portugal principiou a adoptar a Vaccinação na mesma época em que ella começou a propagar-se no Continente da Europa, e que a Cidade de Lisboa foi o primeiro lugar de Portugal onde ella se praticou por Facultativos Nacionaes.

Tudo o que está expendido até aqui destruirá inteira-

tamente a errada opinião, que se possa ter formado de que só em 1801 he que se introduzio a Vaccinação em Portugal, originada da lição de huma Memoria traduzida do Alemão em Portuguez pelo Dr. Domeier. Este Medico Inglez parece estar persuadido, que antes do anno de 1801, se não tinha introduzido a pratica da Vaccinação em Portugal; por quanto referindo-se na sobredita Memoria, da qual farei menção no seu lugar, os Paizes a que tinha chegado este benefico descobrimento até o anno de 1800, e concluindo o §. a pag. 10 com estas palavras: *ElRei de Hespanha interessa-se vivamente na sua vulgarisação*, sem que falle em Portugal, acrescenta o Dr. Domeier em huma nota: *Depois que chegámos a Lisboa no mez de Fevereiro deste anno, já temos inoculado com o puz da Vaccina cincoenta e tres individuos com tanta felicidade, que nenhum delles careceo do mais insignificante remedio da Botica* &c. Estas expressões sem alguma outra declaração, na occasião em que se tratava da introducção da Vaccina pelos diversos Paizes da Europa, parece tendem a querer fazer acreditar que só depois da sua chegada a Lisboa em Fevereiro de 1801, he que se deve contar com a introducção da Vaccina em Portugal, e por consequencia que foi elle Domeier o primeiro Vaccinador. Tanto mais nos devemos persuadir que esta era a opinião do Auctor da nota, e Traductor da Memoria, porque: 1.° no Additamento que elle compoz, e anda anexo á Memoria, principia assim a pag. 39: *Podendo acontecer, que alguns Fysicos depois da leitura deste opusculo se inclinem a praticar a inoculação das Vaccinas, sem nunca as terem visto, julgamos* &c.; e 2.° porque a pag. 33 diz assim: *Sua Ex. a Duqueza do Cadaval tem todo o direito ás mais ternas lagrimas de gratidão, por ser a primeira que como Mãi illustrada pizou aos pés as preocupações do vulgo contra a inoculação, segurando a seus filhos a vida, a saude, a formosura.*

Não he esta a primeira vez que os Estrangeiros se enganão a respeito das nossas cousas; e os Medicos, e Cirurgiões Portuguezes já não estranhão a falsa opinião que

 del-

delles fazem alguns destes Escriptores. Se o Dr. Domeier conversasse em 1801 com os Facultativos Portuguezes, saberia que já naquelle tempo lhes não erão desconhecidos os seus Jenners, e Pearsons, e que grande parte delles manejão as linguas vivas para beberem na fonte os novos descobrimentos, que se fazem nos diversos Paizes a favor da humanidade enferma, e se apressão a pôllos em pratica com o maior zelo; e que isto tinha acontecido particularmente com a Vaccina, sendo adoptada no anno de 1799 pelos Facultativos Nacionaes. Graças aos Facultativos Portuguezes, que tanto se interessão pela saude dos seus compatriotas, como pelo credito nacional da sua nobre, e honrada Profissão.

§. II.

Interessa-se o Governo na verificação dos effeitos da Vaccina. Primeiras producções literarias em Portuguez sobre este objecto em 1801.

Sendo a Vaccina o preservativo das bexigas, e formando a população do Paiz hum dos objectos mais interessantes de qualquer Estado, não póde hum Governo providente e paternal olhar com indifferença para hum descobrimento, que não só lhe augmenta o numero dos braços, mas tambem lhe poupa a maior parte dos Cidadãos, invalidos e inuteis pelas resultas frequentes das bexigas. Não era pois de esperar, que o nosso paternal Governo desprezasse hum objecto tal; mas o genio Nacional, pouco amante da novidade, não tinha sido excitado assaz pelas primeiras tentativas, e o Reino todo deplorou a morte do Serenissimo Principe da Beira pelas bexigas, aos 11 de Junho de 1801. Talvez este golpe despertasse mais a lembrança de fazer verificar por experiencias Nacionaes os factos referidos pelos Facultativos Estrangeiros, mesmo dentro do nosso Paiz, como os do Dr. Domeier acima referidos, e igualmente os já experimentados nas primeiras tentativas de alguns Facul-

ta-

tivos Nacionaes. He certo que o Governo incumbio este importante negocio a alguns, mas ignoro aquelles a quem se dirigio, á excepção de Manoel Joaquim Henriques de Paiva, e do Dr. João Antonio Monteiro. Aquelle assim o declara na Dedicatoria, e Prefação ao Publico, datada aos 30 de Setembro de 1801 da Obra intitulada *Preservativo das bexigas* &c., de que logo fallarei, dizendo que elle estava encarregado por S. A. R. para verificar com observações, e experiencias os effeitos da Vaccina, mas que a pezar de poder já confirmallos com algumas observações em Portugal, com tudo em quanto não tinha huma enfiada de observações exactas e verdadeiras, tomava a seu encargo dar ao Publico a noticia da origem, progressos, e operação da Vaccina. Do que se collige, que este sabio Medico, praticando a Vaccinação, reunia factos, que inteirassem o Governo da bondade della. O Dr. João Antonio Monteiro, hoje Lente de Metallurgia na Universidade de Coimbra, trouxe laminas vaccinicas vindas de Cadix para esta Cidade, para nella fazer as experiencias por ordem do Ex.mo D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Associou este ao Dr. Angelo Ferreira Diniz, então Medico dos Expostos, para tão filantropico serviço; porém as suas tentativas forão inuteis, e infructuosas desta vez, não se propagando a Vaccina nem nos Expostos, nem nos outros a quem se fez a enxertia.

Entre tanto já o prélo Portuguez trabalhava, e no segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa N.º 40, em 10 de Outubro foi annunciada a primeira producção litteraria sobre a Vaccina, escripta em Portuguez debaixo do titulo de « *Memoria sobre a utilidade da inoculação das bexigas vaccinas, traduzida do Alemão, e offerecida a todos os Professores de Medicina e Cirurgia, Pais de familias, e Chefes de Corporações, por hum amigo da humanidade; com hum Additamento de varias noticias tiradas dos papeis publicos de París, e huma exposição dos signaes da verdadeira Vaccina.* Lisboa 1801. » Ainda que no titulo desta obra se não declara o traductor, com tudo não padece duvida ser o Dr. Domeier, porque

a

a nota a pag. 10 diz «*Nota do Dr. Domeier*»; e o Additamento expressamente assim o declara. A Memoria he extrahida do *Magazin de Bronswic* N.os 45 e 46: o Additamento he do Dr. Domeier, e nelle dá huma breve noticia das bexigas Vaccinas verdadeiras, ou duvidosas, e declara o modo da operação, sem especificar a qualidade que deve ter o humor vaccino para estar apto para a Vaccinação, ou em que periodo se deve extrahir para produzir Vaccina legitima: a terceira parte he hum Extracto do *Monitor* de França. Não me propuz dar noticia particular das obras que não são nacionaes, e por isso me limito ao pouco que acabo de dizer. O Dr. Domeier merece o nosso agradecimento, por se interessar tanto na propagação da Vaccinação, escrevendo e praticando.

Em quanto se espalhava no publico esta obra, grassavão em Lisboa as bexigas, que não tardárão a acometer huma filha do Ex.mo Duque de Lafões. Foi só então que se instou com os Medicos para que vaccinassem ao Ex.mo Duque de Miranda, o qual vivia na mesma casa em que sua Irmã estava bexigosa, e recebia da sua amavel Mãi os carinhos proprios, apezar de ser ella quem mais se disvelava com o tratamento da sua filha enferma. Os bem fundados discursos do Ex.mo Duque vencêrão a renitencia dos Facultativos, que vaccinárão o Duquezinho duas vezes; mas no quinto dia da segunda Vaccinação aos 14 de Novembro morreo em convulsões, apparecendo-lhe pelo rosto signaes de errupção variolosa. Hum tal acontecimento fez estrondo em Lisboa, e dêo occasião para os antagonistas da Vaccina erguérem orgulhosos o colo, e intimidarem com as suas declamações o povo, sempre desconfiado das novidades. Porém louca enfatuação!... A Vaccina para ser victoriosa não necessita das armas da impostura; tem a seu favor milhares de individuos salvos sem a menor molestia. Quando mesmo o Duquezinho de Miranda fosse victima da Vaccinação, de balde lançaria elle lamentos tristes, porque suas vozes ficarião suffocadas pelos alegres vivas de milhares de

ven-

vencedores das bexigas. E porque alguns forão victimas da inoculação das bexigas naturaes ¿deixou ella de ser adoptada pela maior parte das Nações cultas da Europa? O facto presente, olhado com imparcialidade e sem prevenção, não authoriza as declamações anti-vaccinicas, pois a lembrança sómente de existirem bexigas na mesma casa, e de má qualidade, era bastante para se dever suspender o juizo de attribuir á Vaccina hum acontecimento tão alheio da sua marcha, ainda a mais irregular. E não apparecendo no Duquezinho outros symptomas senão aquelles, que costumão preceder a huma erupção variolosa tão violenta, que as forças da natureza succumbem antes de a effectuar ¿para que no concurso de duas causas, havemos de lançar mão daquella, até agora reputada innocente, e esquecer a outra tantas vezes desgraçadamente observada? Mas tal he a fraqueza, e prevenção humana!... A experiencia sendo cousa tão difficultosa, todos se presumem aptos para a fazer, e daqui dimanão erros tão funestos á humanidade. Deixemos ao tempo o vingar esta afronta da Vaccinação, ainda que della se sirva algum espirito singular e turbulento; e admiremos a circunspecta, e sabia reflexão do Ex.mo Duque de Lafões aos Facultativos para os persuadir. « *Se meu filho não está ainda contagiado, a Vaccinação o póde livrar de tão terrivel molestia; e se elle já o está, eu sou superior ao vulgo para julgar effeito da Vaccinação, o que só he devido ás bexigas.* »

Não tardou a ser annunciada no primeiro Supplemento á Gazeta de Lisboa N.° 48 em 4 de Dezembro outra obra sobre a Vaccina com o titulo seguinte *Preservativo das bexigas, e dos seus terriveis estragos, ou historia da Vaccina, dos seus effeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação &c. publicado de Ordem e Mandado do Principe Regente Nosso Senhor por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico da Camera do mesmo Senhor, Censor Regio &c. Lisboa* 1801 em hum volume de 8.° com estampas. Como esta obra he producção Portugueza, darei della mais ampla noticia.

O

O Author exprime a Sua Alteza Real a sua extrema satisfação, por ter sido escolhido para verificar em Portugal as observações feitas com a Vaccina nos outros Paizes, e declara que, na impossibilidade de dar já observações proprias, publíca a presente obra extrahida dos trabalhos da Junta Medica de París, e do Dialogo de D. Pedro Hernandes na Hespanha sobre a Vaccina. No 1.° artigo explica como se origina a Vaccina no ubere das Vaccas, e a fórma della: no 2.° dá as propriedades do humor Vaccino, a saber: liquido, contagioso, e preservativo das bexigas: no 3.° refere como chegando estes factos á noticia do Dr. Jenner, elle tentou por si as experiencias da Vaccinação, e as publicou em 1798, sendo logo imitadas e seguidas: no 4.° expõe a innocencia da operação, por não carecer de previa preparação, não ser dolorosa, nem acompanhada de incidentes de consideração, e facil de executar em qualquer idade do vaccinando: no 5.°, 6.°, e 7.° descreve a marcha da Vaccina desde a enxertia até ao fim, e os symptomas que a acompanhão nas suas especies de verdadeira e falsa: no 8.° ensina o modo de fazer a Vaccinação, o lugar em que se deve praticar, e os instrumentos com que, fazendo tudo mais palpavel por meio de estampas: no 9.° diz quaes são as qualidades do humor Vaccino apto para o contagio, os dias, e as circunstancias em que se deve tirar: no 10.° expende algumas das circunstancias mais adequadas para se fazer melhor a operação, e haver prospero fim della: no 11.° e 12.° indica o modo de conservar o humor Vaccino, e como se deve usar delle: no 13.° finalmente mostra a preferencia da Vaccinação sobre a innoculação. A clareza e boa deducção da presente obra a fez digna de ser publicada debaixo dos auspicios de S. A. R.; e do titulo della se manifesta, que o nosso Augusto Principe não só auxiliava as experiencias vaccinicas, mas tambem promovia a impressão de obras, que instruissem os seus fieis Vassallos sobre tão importante objecto: assim tivesse havido a lembrança de a mandar distribuir *gratis* pelos Magistrados, Parochos, Medi-

dicos, Cirurgiões, e Boticarios do Reino, pois talvez se conseguisse que a Vaccina não fosse olhada ainda hoje por huns com duvida, e por outros indifferentemente.

§. III.

Não se perde de vista a Vaccinação em Portugal até ao anno de 1803, e publicão-se outras obras sobre este assumpto.

Ainda que eu não posso produzir provas especificas da Vaccinação em Portugal, no periodo de tempo que decorreo desde 1801 até 1803 inclusivamente, com tudo as darei geraes, e que afianção não se ter posto de parte a continuação de tão efficaz beneficio. A Gazeta de Lisboa N.° 22 em data de 31 de Maio de 1803, referindo o bom effeito da Inoculação das bexigas em Moçambique, promovida pelos paternaes cuidados do Principe Regente, conclue: *He de esperar, que em breve se ouvirá da Vaccina o que neste tempo escrevia o Fysico Mór sobre a Inoculação.* A' vista do que, palpavelmente se póde deduzir que até este tempo se não tinha descontinuado a pratica da Vaccinação, antes os seus felizes resultados se hião disseminando de sorte, que se esperava do tempo a persuasão do seu benefico effeito, do qual o Governo se não achava ainda cabalmente inteirado, pois que promovia nas Colonias a Inoculação. A *Bibliotheca Universal* no Artigo 4.° do N.° 3.° a pag. 120 conclue a nota que já citámos a pag. 43 desta Memoria por esta maneira; *e o mesmo succedeo a respeito dos vaccinados nestes ultimos annos*: e como a sobredita obra data a sua impressão de 1803, fica evidente saber o Author da continuação da Vaccinação neste espaço de tempo.

Em quanto huns Facultativos se occupavão em verificar e propagar a Vaccina pela sua pratica, outros trabalhavão em obras, que illuminassem a Nação sobre este tão desusado como importante objecto. Duas são as producções litterarias, que se concluírão neste anno de 1803, e ainda

que forão annunciadas ao publico, huma a 24 de Abril, e a outra a 27 do mesmo mez e anno de 1804; com tudo a data das suas impressões he do anno de 1803, e por tanto julgo não alterar a essencia da Historia, referindo a este anno a sua noticia.

A primeira que sahio ao publico, foi o artigo 4.° do N.° 3.° da *Bibliotheca Universal* pertencente ao mez de Março de 1803 pag. 103, constante de 47 paginas, divididas n'huma introducção, e dous capitulos. Naquella se diz que o fim do Seculo passado se póde honrar por nelle se ter descoberto a Vaccinação, quando no principio do mesmo se tinha introduzido a Inoculação, descobrimentos estes os mais uteis á Humanidade, e adquiridos ambos não pelas discussões scientificas das escolas, mas pelo acaso e pratica rustica: expõe-se huma abreviada historia da Inoculação em Inglaterra e mais Paizes, dos obstaculos que encontrou na França, e da adopção geral della na Europa, até que quando se esperava ver chegado á sua ultima perfeição este esforço do espirito da observação humana, então flameja a Vaccina alcançada por hum similhante modo. No primeiro capitulo narra o Author, como pelo descobrimento da Vaccina pelo Dr. Jenner se entrárão a reproduzir factos, que indicavão ser esta pratica, e seu conhecimento muito antigos, principalmente em Irlanda, aonde se póde buscar a origem do mesmo nome desde os povos Celtas, bem como entre os povos do Norte da Alemanha, e tambem da Italia; mas todas estas lembranças erão factos isolados, e de que nada se tinha deduzido naquelle tempo, produzindo-se sómente depois que o sagaz Jenner pela sua observação tirou as duas novas conclusões; de que a Vaccina he preservativo das bexigas, e que só se communica por Vaccinação, e não por effluvios: refere depois como Pearson, Simmons, e Woodville seguírão em Inglaterra as pizadas de Jenner, e pela concordancia geral dos factos se foi popularizando a Vaccina por differentes partes da Europa, mórmente na occasião de contagio das bexigas, instituindo-se Estabelecimentos

tos publicos para a manutenção e propagação deste utilissimo remedio, nomeando os principaes Facultativos que tiverão parte nesta gloriosa empresa. No capitulo segundo começa a descrever a marcha da Vaccina nos tres periodos que denomina de inercia, de inflammação, e dessicação, caracterizando-os nos 27 dias da sua duração com os symptomas regulares, que costumão occorrer: nota de passagem algumas irregularidades que acontecem, bem como que a Vaccina não muda de caracter pela transmutação em individuos de differentes cores: descreve as duas especies de Vaccina falsa, de que fallão os DD. Odier, e Decarro; e tambem os dois generos de accidentes que acompanhão algumas vezes a Vaccina, a saber a ulcera, e as erupções rozada e miliar: declara finalmente em que época se deve tirar a materia vaccinica para se propagar, bem como o modo de fazer esta operação. Tudo he expendido com methodo e clareza, e pela lição desta obra se adiantão mais os conhecimentos, já adquiridos pelas duas obras de que fizemos menção no §. II.

A segunda obra publicada neste anno de 1803 he a traducção das obras do Dr. Jenner com o titulo de *Indagação sobre as causas e effeitos das bexigas de Vaccas* &c. *por Eduardo Jenner. M. D. F. R. I. Segunda edição publicada em Londres em* 1800, *traduzida do original Inglez por Ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor por J. A. M. Lisboa* 1803. O Traductor desta obra he João Antonio Monteiro, de que já fallei no §. II. Comprehende ella o primeiro tratado que Jenner imprimio no mez de Junho de 1798 debaixo do titulo acima referido; o segundo tratado do mesmo Author impresso no principio do anno de 1799 com o titulo de *Ulteriores observações sobre as bexigas de Vacca ou Vaccina*; e o terceiro Tratado do mesmo Dr. intitulado *Continuação de factos e observações relativas ás bexigas de Vacca ou Vaccinas.* Este ultimo tratado he de 1800, e os dous antecedentes forão reimpressos, e reunidos nesta edição com o terceiro. No fim destes tres tratados de Jenner

vem igualmente traduzidas noticias concernentes á Vaccina nos annos de 1801, 1802, e 1803 tiradas do *Correio Mercantil*, e da *Gazeta de Madrid*, que não só comprovão o proseguimento dos bons effeitos da Vaccina como preservativo das bexigas, mas tambem do terrivel mal da peste, dando igualmente conhecimento da Expedição vaccinica, que o Governo Hespanhol mandou para as suas Colonias. Tambem ahi se encontra huma tabella com o *Quadro comparativo das bexigas naturaes, das bexigas inoculadas, e da Vaccina inoculada, nos seus effeitos sobre os individuos, e a Sociedade*; obra de João Addington, e traducção de Theodoro Ferreira de Aguiar, de quem já fallei no §. I. Não entra no meu plano especificar a composição desta obra, por não ser Nacional; mas do titulo della, e de seu Author se deduz o interesse que os Facultativos podem tirar da sua lição, vendo na fonte as primeiras tentativas de tão importante descobrimento, podendo a mesma obra servir-lhes de norma para conseguirem igual gloria, aproveitando-se de factos rusticos, que a bem deduzida experiencia poderá levar a descobertas da primeira utilidade para o genero humano. Na mesma obra temos mais hum testemunho de que o nosso Governo se não descuidava de hum objecto que tanto interessa o Estado.

§. IV.

Estabelecimento Vaccinico da Universidade de Coimbra. Expedição Vaccinica para o Brazil. Propagação pela Beira, e Algarve no anno de 1804.

O benemerito e bem conhecido Vice-Reitor da Universidade de Coimbra Dr. José Monteiro da Rocha, como sabio, e zeloso Patriota, não se descuidou em ordenar no Hospital da Universidade estabelecimento proprio, em que se puzesse em pratica a Vaccinação, havendo de antemão

mão conseguido materia vaccinica directamente de Londres, e de Lisboa, como melhor constará do termo da Congregação seguinte. *Em Congregação de Medicina de 15 de Março de 1804, a que presidio o Ill.^mo Sr. José Monteiro da Rocha, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, forão apresentados dous vidrinhos de puz vaccino, havidos por diligencia do mesmo Senhor, e com grande provcito da Nação, que deve começar assim a perder os prejuizos contra esta preciosa descoberta; hum dos quaes tinha vindo em direitura de Londres, outro de Lisboa. O Dr. Bento Joaquim de Lemos, actual Director do Hospital da Universidade foi incumbido de aprompta r camas, e fazer os diarios das pessoas que fossem vaccinadas: e por não haver mais que tratar se déo por acabada a presente Congregação, de que eu Francisco Soares Franco, Secretario da Faculdade de Medicina, fiz este termo* &c. Na verdade a decisão da Faculdade de Medicina n'uma materia tal, devia ter grande influencia para augmentar a boa opinião do Povo, a quem hião tambem incitando a maior parte dos Lentes, e Oppositores da mesma Universidade. Porém esta tão util determinação não chegou a tomar a consistencia necessaria: a sahida daquelle Vice-Reitor para occupar o distincto emprego de Mestre dos nossos Serenissimos Principes interrompeo por algum tempo a pratica da Vaccinação, que com tudo ainda depois por varias vezes tornou a começar; em fim a desgraçada invasão das Tropas Francezas em Portugal pôz termo a tudo, de sorte que nem mesmo houve a fortuna de se conservarem as observações, que tinha feito o Director do Hospital o Dr. Bento Joaquim de Lemos, as quaes se extraviárão com os seus outros papeis.

Entretanto se a Vaccinação perdeo de alguma sorte este apoio Academico, não perdeo a opinião dos Facultativos, que a entrárão a espalhar. Entre estes merece hum distincto lugar o Dr. Angelo Ferreira Diniz, Lente da Faculdade de Medicina, o qual a foi conduzir e propagar pessoalmente a Pereira, Tentugal, Arazede, S. Silvestre, S. Martinho do Bispo, Condeixa, e Ceira, conseguindo por es-

este modo alistar no numero dos Vaccinadores Guilherme Neuton, Medico de Pereira, Francisco Manoel de Mello Sousa e Alvim, Medico de Tentugal, Francisco Ferreira, Medico de S. Martinho do Bispo, o Dr. Serafim José de Castilho, Prior Arcipreste de Arazede, com o Reverendo Antonio Pedro, e o Major de Milicias Francisco Antonio de Castro em S. Vicente. O mesmo mencionado Lente persuadia e animava a propagação da Vaccina em outras terras, mandando Vaccina para Scure, Figueira &c. com que conseguio mais a cooperação de João O' Conor, Medico da Figueira, João Justiniano Vieira, Medico de Soure, o Dr. José de Jesus Marques, Oppositor em Canones, que a fez propagar na Villa de Botão. Outro Lente de Medicina, que merece lugar distincto nesta bemfazeja empreza, he o Dr. Bento Joaquim de Lemos, o qual tambem a propagou n'uma parte consideravel da Beira. Tanto póde o exemplo dos homens sabios!

Foi neste mesmo anno que o Dr. Lazaro Doglioni a introduzio no Reino do Algarve, e com bom successo, como referem os Redactores do *Investigador Portuguez* no numero do mez de Janeiro de 1812 a pag. 352.

O segundo facto memoravel desta época foi a introducção da Vaccina nos Estados do Brazil. Por Ordem do Governo foi a materia vaccinica fresca enviada de Lisboa para a Bahia em rapazes, a quem se hia propagando ordenadamente, e houve a felicidade de chegar no dia 30 de Dezembro á Bahia no ultimo rapaz, e no periodo proprio para a propagação; a qual foi immediatamente feita pelo Dr. José Avelino de Barbosa por ordem do Governador, a quem S. A. R. tinha encarregado esta tão saudavel empresa. Brazileiros! eis chega ao vosso continente o presente mais rico, e a mercadoria mais inapreciavel! Accudi ao novo trafico que a Mãi Patria vos envia, e bemdizei o nosso benefico Principe que tanto de vós se lembra! Já o seu paternal cuidado tinha animado entre vós a inoculação das bexigas, mas inteirado da efficacia da Vaccina, apres-

sa-

sa-se a communicar-vo-la. Assim os seus Agentes desempenhem as suas providas e paternaes intenções.

§. V.

No anno de 1805 vaccinão-se os Serenissimos Infantes de Portugal, e propaga-se a Vaccinação na Provincia do Minho, e Conquistas.

O presente anno de 1805 faz huma época memoravel nos Fastos vaccinicos de Portugal pelo acontecimento da Vaccinação dos Serenissimos Infantes Dona Isabel Maria, e D. Miguel. As enfermidades do Serenissimo Snr. D. Miguel retardárão a execução desta operação, da qual o Governo estava já tão capacitado, que tinha expedido Ordens as mais terminantes para ella se propagar nas Colonias. Foi no dia 6 de Julho que o habil e perito Cirurgião mór do Reino José Correa Picanço, meu Mestre, vaccinou a Serenissima Senhora Dona Isabel Maria; e depois com materia vaccinica della, o Serenissimo Snr. Infante D. Miguel no dia 14; nos quaes ambos correo a Vaccina os seus periodos regulares sem a menor molestia, como se póde ver no Diario que o Governo mandou publicar no Supplemento á Gazeta N.° 32 em 9 de Agosto, para que animados os Pais de familia com este importantissimo exemplo, o seguissem, e imitassem, não devendo haver escusa ou desculpa alguma; pois não se havião de sacrificar a incertezas vidas tão preciosas como as daquelles Serenissimos Senhores, por huns Pais tão ternos e amantes, que jámais consentírão na inoculação variolosa delles pelas incertezas a que he sugeita; e por huns vassallos tão fieis e zelosos. Aqui cumpre-me notar, que não deve fazer duvida alguma o que se refere na mesma Gazeta sobre a vinda da Vaccina de Inglaterra no anno de 1800, pois o que referimos no §. I. a este respeito, prova o contrario exuberantemente.

Igual conceito merece a meu ver o que nella se refere

re sobre a propagação da Vaccina na Provincia do Minho, pois não encontro memoria alguma, que faça ser a introducção deste saudavel beneficio anterior ao anno de 1805. Ignoro a época prefixa da primeira Vaccinação, mas por carta de 6 de Abril de 1813 me participa a philantropica Vaccinadora do Porto Dona Maria Isabel Wanzeller, que ella recebêra as instrucções sobre a Vaccina, e a materia, do Cirurgião Manoel da Cunha, principiando assim na sua brilhante carreira aos 15 de Agosto de 1805 na sua Quinta de Fiães; na qual tem interessado a Humanidade e a Patria tanto, como em ter ella vaccinado desde aquelle dia até 4 de Abril de 1813 o numero de 7920 creaturas (*a*). Tão relevantes serviços feitos por huma pessoa de hum sexo destinado ordinariamente a outras occupações, não merecião jazer no esquecimento, e por isso a Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias não só a premiou com huma medalha de ouro, mas tambem a nomeou sua Correspondente: recompensa a meu ver assás lisongeira, e que lhe deve crear emulas. Alguns Facultativos se empregárão tambem por algum tempo na Vaccinação pela Cidade do Porto, entre os quaes numéro a Carlos Vieira de Figueiredo, e a José Joaquim Vaz Pinto.

A este devo o vaccinar-me huma filha, que fiz conduzir áquella Cidade, não só para a livrar do terrivel contagio varioloso, mas tambem para persuadir ao povo da Cidade de Penafiel com o exemplo o benefico presente da Vac-

(*a*) *A pag.* 137 *dos* Opusculos da Vaccina *diz a Senhora Dona Maria Isabel Wanzeller em huma carta que alli se transcreve, que principiára a vaccinar na sua Quinta dos Fiães aos* 15 *de Agosto de* 1809, *e que desde este dia até aos* 7 *de Fevereiro de* 1813 *tinha vaccinado* 4428 *pessoas: quasi o mesmo se repete em as* Memorias de Mathematica e Fysica da Academia *Tom.* 3. *part.* 2. *pag. LXXXI, onde consta que desde a época acima mencionada até o fim de Abril de* 1813 *tinhão sido vaccinados pela mesma Senhora* 5030 *individuos. Havendo pois discrepancia entre estes artigos e o da Memoria que agora se publica: recorreo-se de novo á mesma Senhora, a qual rectificando aquella primeira Conta, certificou a Instituição Vaccinica da exactidão da presente, tanto a respeito da época em que principiára a vaccinar, como do numero dos vaccinados.*

Vaccina que lhe offertava dos braços de minha filha. Não foi o povo duro inteiramente, e pela cooperação do Boticário Francisco José Ferreira se vaccinárão nesta occasião acima de 300 pessoas. Continuei em diversos tempos a repetir a operação até á invasão dos Francezes, na qual perdi os meus apontamentos, assim como algumas outras cousas litterarias, de que ainda me lembro magoado; e por isso ignoro o numero total dos vaccinados.

Neste mesmo tempo começou a vaccinar Francisco Manoel de Barros, Medico do Partido de Filgueiras, com sua mulher, progredindo neste interessante serviço até a desastrosa época acima mencionada, segundo elle mesmo refere no *Jornal de Coimbra* N.° 3. pag. 227.

Ao passo que no Reino de Portugal se hia propagando a Vaccina, acontecia o mesmo na Bahia, Rio de Janeiro, e Goa, como se póde ver nos Supplementos ás Gazetas de Lisboa N. 13, N. 16, N. 18, N. 30, N. 39, e na Gazeta N. 40, em cujas particularidades não entro por não serem do meu objecto.

§. VI.

Progressos da Vaccina nos annos de 1806 *e* 1807 *pelas Provincias da Beira, Minho, e Algarve. Extracto da Carta do Fysico mór da India sobre o mesmo objecto.*

A Vaccinação quasi amortecida em Coimbra e suas visinhanças, tornou a ser excitada pelo Dr. Angelo Ferreira Diniz. Este benemerito Lente de Medicina, animado pelo seu philantropico genio, fez algumas viagens pelas visinhanças de Coimbra, conduzindo comsigo crianças vaccinadas, laminas, e agulhas vaccinicas para propagar a Vaccina, e e instruir aquelles que se destinassem para tão saudavel emprego; e n'uma digressão que fez á Cidade de Braga, foi exercendo em Santo Antonio d'Arrifana, Porto, Barca da Trofa, S. Mamede de Villa Chã, e ultimamente na Ci-

dade de Braga a Vaccinação, de cujos resultados e operações forão testemunhas oculares o Dr. João Correa Botelho, Lente de Theologia, e o Dr. Narciso Joaquim de Araujo Soares, Lente de Leis. Foi então pela primeira vez que se introduzio a Vaccinação em Braga, porém com pouco fructo, como refere o Medico do Partido da mesma Cidade J. J. da Costa na sua conta de Fevereiro de 1803, (*Jornal de Coimbra* N.° 5. a pag. 19); e por isso esta Cidade chora amargamente os funestos resultados do contagio varioloso, que nella se desenvolveo, com a morte de muitas pessoas no fim do anno de 1814. Em Ovar o Cirurgião Francisco Leonardo de Carvalho começou a vaccinar neste anno de 1806 (*Jornal de Coimbra* N.° 6. a pag. 83); e em Alpedrinha o Dr. José Nunes Chaves, com materia que obteve de Alcantara de Hespanha (Opusculo 9. a pag. 122). No Algarve pôz o Dr. Abrantes em acitividade a Vaccinação já de todo abandonada, e a este habil Medico se deve o louvavel costume de fazer vaccinar os individuos do Exercito Portuguez. (*Investigador Portuguez* N.° 5. a pag. 42) Ainda que não posso produzir provas das mais partes do Reino em que a Vaccinação prosperou, com tudo ha toda a probabilidade do seu progresso, até ao tempo das perturbações politicas e militares do Reino.

No Supplemenro á Gazeta de Lisboa N. 51 de 21 de Março de 1806 acha-se inserta huma carta, que o Fysico mór do Estado da India escreveo ao Governador e Capitão General do mesmo Estado, sobre a inoculação da Vaccina naquelle Paiz, a qual vou extractar por conter particularidades dignas de nota. Nella se declara que a facilidade da operação, e os seus bons effeitos tem vencido a preoccupação do povo para se sujeitar a ella: indica-se a marcha regular da Vaccina nos quatorze dias, com as suas variedades, mesmo as provenientes da côr dos individuos, e symptomas que algumas vezes occorrem, notando os dias em que mais ordinariamente acontecem: dizem-se os dias em que ha maior abundancia de materia vaccinica, e em esta-

do

do proprio para se poder extrahir: nota-se que a Vaccinação nas crianças de menor idade he mais benigna, augmentando os symptomas progressivamente, e havendo nos adultos affecção geral, quasi sempre com febre primaria ou secundaria: descrevem-se as duas variedades de Vaccina espuria, huma das quaes póde muito bem equivocar-se com a legitima, á excepção da rapidez do desenvolvimento, e da falta de affecção geral; e a outra não, pela sua apparencia verrucosa, e secreção de hum ichor córado: mostra-se que naquelle Paiz he mui ordinario sobrevirem á Vaccina erupções, que alguns pretendião serem bexigas, mas que pelo seu cuidadoso exame se devem reputar effeitos do calor e da sarna, pela falta de lavagem no tempo da Vaccinação: explica-se de quem com mais segurança se deve extrahir a materia vaccinica, em que dia, e com que qualidades; modo de fazer a Vaccinação; maneira de conservar sempre materia fresca, e de vaccinar com esta: nota-se a igualdade da marcha, e symptomas da Vaccina pelo espaço de tres annos de transmissão, e por tanto que se não deve esperar que ella pelo seu enfraquecimento deixe de continuar a ser o preservativo das bexigas: refere-se não se ter até ao presente descoberto cousa que deva embaraçar a Vaccinação, pois ha observações da sua marcha em todas as idades, e constituições, em sãos, ou valetudinarios, nos que sofrem affecções de pelle, e mesmo nos cobertos de lepra.

Não devo acabar este paragrafo sem declarar que os serviços vaccinicos do Dr. Angelo Ferreira Diniz são credores do maior reconhecimento da Patria. Vaccinações, revaccinações, inoculação; tudo tem sido tentado por este Facultativo para com imparcialidade verificar o que se acha escripto pelos sabios Estrangeiros. São dignas de particular memoria as suas observações; e se a Patria lhe he devedora por tão relevantes serviços em que ainda continua, eu lhe devo todas as noticias sobre a Vaccinação de Coimbra e suas visinhanças, e por tanto seja-me licito tributar-lhe aqui os meus devidos agradecimentos.

§. VII.

Enfraquecimento ou quasi interrupção da Vaccinação nos annos de 1808 *até* 1810. *Producção do Dr. Heliodoro.*

Em quanto se lutava em Portugal contra as oppressões de hum Governo intruso, caviloso, e despotico; e os Cidadãos de todas as classes se esmeravão e competião em fazer os sacrificios mais generosos a favor da lealdade, e liberdade; pouco se podia esperar das observações scientificas. Não se colhem fructos sasonados desta arvore, sendo combatida pelo despotismo, e furores da Guerra. Entre tanto porém não se pôz de parte inteiramente a Vaccinação; ainda pela Beira se vaccinava no tempo da invasão de Soult no Minho, como observou o Dr. Angelo Ferreira Diniz; elle mesmo ainda em Dezembro de 1809 recebeo laminas vaccinicas, mandadas pelo Dr. Francisco Tavares, meu sabio Mestre; e he provavel houvessem mais alguns destes exemplos.

Foi no anno de 1808 que o Dr. Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro, encarregado pelo Principe Regente Nosso Senhor de consultar e observar os Hospitaes e Escolas mais celebres de Medicina na Europa, escreveo em Londres *Reflexões e observações sobre a pratica da inoculação da Vaccina, e as suas funestas consequencias.* Este Portuguez, seguindo as pizadas dos Doutores Woodville, Mosely, Rowly, e Birch, que se oppozerão á introducção da Vaccina, despreza a estrada trilhada pelos Doutores Jenner, Pearson, Deccarro, Heim, Hufeland, Sacco, Marshall, Lavater, Moreschi, Stromayer, Bulhorn, Scassi, Gregori, e Spence, que em differentes partes da Europa seguírão o mesmo norte, observárão os mesmos effeitos, sempre reproduzidos pela mesma maneira, ainda que em diversas circumstancias; e emfim não dá attenção ás observações, que os seus Nacionaes rectificavão ao mesmo tempo em que elle escrevia. As

cri-

criticas circunstancias em que nos achavamos escondêrão aos nossos olhos este parto da singularidade, até que foi reproduzido no anno de 1810; estampando-se em Lisboa huma reimpressão da edição de Londres, que se annunciou na Gazeta N. 91 em 16 de Abril. Os Pais de familia estremecêrão com a sua leitura, principalmente no Reino do Algarve, aonde a Vaccinação tornava a introduzir-se pela terceira vez, como refere o Dr. Lazaro Doglioni na sua carta de 28 de Novembro de 1810 aos Redactores do *Investigador Portuguez* (N.° 2. a pag. 173): não aconteceo porém assim aos Medicos, e Sabios, os quaes desde logo olhárão a obra, que abaixo faremos mais conhecida, com o despreso que merece; entre tanto concluiremos com as palavras do Dr. Bernardino Antonio Gomes *esta obra he tal, que o seu Author parece ter tido em a fazer o mesmo intuito de Herostrato, quando queimou o templo de Diana em Ephesó; isto he, quiz fazer-se celebre por huma singularidade, pela qual merecia soffrer realmente a mesma pena, que se impôz ao seu prototypo.* (Collecção de Opusculos sobre a Vaccina N. 2. a pag. 23.)

§. VIII.

Estabelecimento vaccinico no Rio de Janeiro em 1811, e resposta á obra do Dr. Heliodoro.

Este anno não offerece particularidades vaccinicas no Paiz: havia quasi as mesmas causas do anno antecedente, pelo bulicio da guerra, para se não colher fructo abundante, mas as sementes lançadas anteriormente não deixarião de germinar em alguns destrictos.

Foi neste mesmo anno, no dia 17 de Janeiro, que entrou em exercicio o Estabelecimento vaccinico, que S. A R. mandou formar na Corte do Rio de Janeiro á custa da Sua Real Fazenda; por neste mesmo dia ter chegado áquella Cidade a materia vaccinica, que por Ordem do mesmo Augus-

gusto Principe se tinha mandado buscar á Cidade da Bahia. (*Investigador Portuguez* N.° 3. pag. 59.)

No mesmo anno appareceo hum Portuguez defendendo a Vaccina contra o Dr. Heliodoro. Os Redactores do *Investigador Portuguez* (N.° 2. pag. 173) tomão á sua conta a defeza della, e o duelo parece-me decisivo, porque as armas dos contendores são fortes. Produzindo elles o extracto da obra mencionada, dizem logo que ella se deve julgar inteiramente suspeita, por ser escripta por hum Author prevenido contra a Vaccina, e que se fundamenta n'um facto (a morte do Duquezinho de Miranda) que elle diz que víra, quando os Redactores provão ser falsa esta asserção: respondem ao argumento produzido contra o Dr. Jenner ácerca da origem, preparação, e modificação da materia vaccinica dos arestins dos cavallos para as tetas das vaccas, pela confissão do mesmo Jenner; chamando a isto conjecturas: rebatem a imputação feita a Jenner de se ter deixado persuadir pela tradição popular dos habitantes de Gloucestershire sobre o preservativo das bexigas, dizendo que por isso mesmo que o facto era referido por pessoas despidas de toda a prevenção, he que elle fórma hum argumento mais forte de persuasão: vingão a criminação feita ao Dr. Jenner pela introducção do virus bestial, que póde inficcionar o systema, e produzir para o futuro males maiores; trazendo á lembrança a obrigação em que está a humanidade aos Facultativos, que introduzírão no curativo o Opio, o Sublimado, e Arsenico, &c. apezar de serem venenos; notando que ha já bastante tempo que se vaccina, e podia o virus bestial estar desenvolvido, e até agora não se notão molestias algumas novas; aconselhando ao Author não se sustente de vacca, nem de carnes de animaes para evitar o virus bestial, que de similhante sustento se póde originar: mostrão que a distincção de Vaccina verdadeira e falsa que Jenner descobrio he tão indispensavel, que só quem nunca vaccinou he que póde duvidar della: respondem que nada valem as declamações de alguns contra a Vac-

Vaccina, pois que o Mercurio, e o Opio ainda não deixárão de ser remedios efficacissimos, porque tiverão, e tem detractores: despresão o argumento da reproducção dos delirios da Alchimia, e Transfusão; mostrando que a experiencia he quem decide; que aquelles delirios se desvanecerão, e a Vaccina não só se propaga pela Europa, mas que tambem já della participão com vantagem as outras partes do Mundo: dizem finalmente que o Dr. Mosely, Rowly, e Birch não conseguirão tirar o credito á Vaccina, por quanto sendo chamados á Camera dos Communs em Londres para responderem ao Dr. Jenner, resultou desta conferencia ser prohibida a inoculação das bexigas, supprimir-se a Dissertação de Rowly, e continuar-se com os Estabelecimentos vaccinicos. Taes e tão energicos argumentos destroem todo o edificio que o Dr. Heliodoro pretendia levantar sobre as ruinas da Vaccina; e certamente S. A. R. o Principe Regente N. S. fez pouco apreço do fructo das indagações a que foi mandado o Author, pois vemos que apezar da sobredita obra mandou organisar no Rio de Janeiro hum Estabelecimento vaccinico.

§. IX.

Continuação dos extractos do Investigador *sobre a Vaccina no anno de* 1812. *Estabelecimento da Instituição vaccinica.*

No Numero pertencente ao mez de Janeiro de 1812 a pag. 352 do N.° 2. dão os Redactores do *Investigador* noticia da Introdução da Vaccina na Cidade de Lisboa, pouco depois do descobrimento do Dr. Jenner, como já mencionei no §. I.: produzem o testemunho do Cirurgião Antonio de Almeida para vingar o successo da morte do Duquezinho de Miranda, attribuido á Vaccina, como notei no §. II.: referem como na Hespanha se propagou a Vaccina rapidamente, estabelecendo-se por Ordem Regia huma Junta vaccinica no anno de 1805, e mandando-se no de 1806 para as Colonias huma Expedição vaccinica, a qual interrompeo os seus serviços em 1808 pelas causas politicas que occorrêrão: noticião como em

em París se formou huma Junta Central Vaccinica no anno de 1800, que não tem cessado nas suas utilissimas observações até ao anno de 1810 (e ainda até aos nossos dias), o que tambem acontecia com as mais Juntas estabelecidas em diversas partes da Europa, afiançando todas os beneficos resultados da Vaccinação, a pezar das declamações do Dr. Heliodoro.

O exemplo de tantos, e tão proficuos Estabelecimentos vaccinicos, espalhados pelos diversos Estados da Europa; aquelle do nosso Augusto Principe no Rio de Janeiro; o socego em que já estava a Nação, vendo longe das nossas fronteiras a guerra bem assombrada, erão sobejos motivos para estimular os Facultativos a continuar na propagação do presente, que a Providencia nos tinha liberalisado: mas obstaculos indispensaveis, quando se tem a tratar com toda a classe de Cidadãos, não podião ser vencidos por esforços particulares; era preciso que interviesse nisto huma authoridade. ¿E a quem competia com mais razão arrostar os prejuizos populares, desfazer as duvidas, e espalhar as luzes, do que a huma Corporação de Sabios? A Academia Real das Sciencias de Lisboa tomou em consideração tão interessante objecto, e formou com oito Medicos seus Socios huma Instituição Vaccinica para dirigir, animar, e propagar a Vaccinação por todo o Reino, a qual principiou o seu benefico exercicio no dia 7 de Junho de 1812.

Os progressos que a Vaccinação tem feito desde esta época; as providencias que a Instituição tem dado; a coadjuvação do nosso Governo; e as observações, que se vão adquirindo sobre tão importante materia, fazem objecto da Collecção, que a Academia vai publicando. ¡Praza ao Ceo que tão util e interessante Estabelecimento não afrouxe, para ainda termos a felicidade de ver cessar entre nós o terrivel contagio das bexigas!

EX-

EXTRACTO

De huma Memoria sobre a decadencia das minas de Ouro da Capitania de Minas Geraes, e sobre varios outros objectos Montanisticos.

POR GUILHERME, BARÃO DE ESCHWEGE.

Achando-me nomeado Inspector das minas da Capitania de Minas Geraes, devia-se com toda a razão esperar de mim, e era do meu dever, communicar á Academia Real das Sciencias ao menos hum resumo dos meus trabalhos e observações mineralogicas, geologicas, e metallurgicas, feitas em aquelle mesmo Paiz.

Esta tão celebre Capitania tem sido com razão admirada, desde o seu descobrimento, pelo Ouro e pedras preciosas que della se tem tirado, e os Naturalistas estrangeiros tiverão sempre pezar de que se achasse tão longe de seus olhos: eu mesmo confessarei de mim, que o desejo de viajar por estes Paizes foi o principal estimulo, que me incitou a sahir da minha Patria, e a aceitar as offertas do Governo Portuguez.

Realisados os meus designios, authorisado por Avisos Regios, e auxiliado em todos os meus passos pelo dignissimo Governador desta Capitania o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Conde de Palma, não tardei muito em conhecer que as minas d'Ouro (aquellas que fixárão primeiro a minha attenção) hião em bastante decadencia. Os Reaes Quintos do Ouro tinhão chegado ainda no anno de 1753 a cento e dezoito arrobas, e não obstante o accrescimo da população, diminuírão constantemente desde aquelle tempo, de tal sorte que hoje em dia importão em pouco mais de vinte arrobas. Este facto

por si só dizia bastante; restava-me porém indagar as causas desta decadencia, como expressamente me tinha sido recomendado pelo Governo; e este exame obrigou-me naturalmente a subir ao tempo do descobrimento das mesmas minas, isto he, ao anno de 1695, em que os Paulistas mandárão a primeira amostra daquelle Ouro ao Senhor D. Pedro II.

Não parece que então se dessem outras providencias para a exploração, e extracção daquelle Metal, se não a de nomear-se hum Provedor dos Quintos, franqueando-se a exploração aos descobridores; mas seis annos depois deo-se huma nova fórma á arrecadação do mesmo Quinto, nomeando-se Superintendentes, Escrivães, Thesoureiros, e Registos nos caminhos que conduzem fóra da Capitania, a fim de que nenhum Ouro sahisse della sem guia, pela qual se mostrasse haver pago a Sua Magestade o dito Quinto.

Como o Governo só tinha dado providencias a respeito da arrecadação dos Direitos da Coroa, tudo o mais ficou em desordem; os Paulistas erão incapazes de derigir por si os trabalhos montanisticos n'aquelles novos estabelecimentos; e esqueceo o meio de que tinhão usado com tanto fructo os visinhos Hespanhoes, mandando vir de Alemanha directores, e trabalhadores em grande numero para as suas minas da America; em fim alguns destes descobridores, descontentes com o pouco interesse, e outros cedendo á força dos Europeos, que para alli concorrião, desampará-rão estes estabelecimentos, de que os Europeos se achárão de posse pelos annos de 1708 e 1709.

No anno de 1710 assentou-se que os Quintos se cobrassem por batéas; mas os inconvenientes que disto resultárão forão causa, que este systema de arrecadação durasse pouco tempo. Com effeito em 1713 obrigárão-se os Povos a pagar em satisfação dos Reaes Quintos trinta arrobas de Ouro por anno, com a condição de se levantarem os Registos dos caminhos. Este offerecimento foi aceito, e esteve em vigor em os annos de 1714, 15, e 16.

No

No anno de 1717 tinha já crescido grandemente o numero daquelles habitantes, e por isso julgou-se tambem conveniente accrescentar os Quintos: assim obrigárão-se os Povos a pagar nos annos futuros vinte e cinco arrobas de Ouro, ficando além disso livres para a Fazenda Real os direitos das entradas. Mas a desigualdade com que os mesmos Povos erão fintados para esta Contribuição, dêo lugar a queixas e representações; até que huma Lei do Senhor Rei D. João V. em o anno de 1719 determinou que não tivesse mais vigor aquella finta, e que para cobrar os Quintos do Ouro se estabelecesse á custa da Fazenda Real huma ou mais Casas de fundição, nas quaes se fundisse, e reduzisse a barras todo o Ouro extrahido das minas, prohibindo-se a sua exportação para fóra da Capitania, huma vez que não fosse fundido.

Esta Lei causou então grandes descontentamentos entre os mineiros, e foi motivo de algumas desordens: para evitar estas, e condescender com o desejo dos Povos, aceitou-se a nova prestação de trinta e sete arrobas de Ouro por anno; a qual continuou até 1724, estabelecendo-se finalmente em o anno seguinte as Casas de fundição, que anteriormente tinhão sido ordenadas.

Em 1734 dêo Sua Magestade ás Ordens necessarias para pôr em pratica a commutação do Quinto do Ouro em Capitação dos Escravos, e censo das Industrias; mas conhecendo-se logo que este methodo seria ruinoso aos moradores das Minas Geraes, ajustou-se no mesmo anno que os Povos se obrigassem a dar cem arrobas de Ouro; inteirando a dita quantia, no caso de que as Casas de fundição a não produzissem.

Hum novo Governador que chegou em 1735 mudou este systema, e fez com que se pozesse outra vez em pratica a cobrança do Quinto por meio da Capitação, ruina infalivel para todos aquelles que não tiravão Ouro.

Era já tempo que se acabassem tantas alterações, e em 1751 foi novamente abolida a Capitação, e estabelecidas

as Casas de fundição, como ainda hoje se conservão, e de que ao diante fallarei.

Além destas differentes determinações a respeito do methodo de cobrar os Quintos, tinhão-se tomado outras, durante este mesmo periodo, sobre outros objectos bastantemente importantes, e que he necessario não passar totalmente em silencio; taes forão as Leis, que regulárão a repartição dos terrenos e agoas; o Regimento dos Guardas móres dado em 1702; e alguns Privilegios concedidos aos mineiros. Mas tanto estas providencias, como as que acima mencionámos, conhece-se que forão principalmente dirigidas a obter os fins, sem se pôr grande cuidado na escolha dos meios; isto he, sem se determinarem os modos de conservação e melhoramento da mineração do Ouro: era isto sem duvida nascido da falta de conhecimentos daquelle tempo, o que não he para admirar, visto que agora mesmo (como diz o Dr. José Bonifacio de Andrada em a sua Memoria inserida no *Patriota* do mez de Julho de 1814) « he tal » a cegueira e o desleixo, que mui pouca gente ha entre » nós, que esteja capacitada das grandes vantagens e pro- » veitos que comsigo trará a lavra regular das nossas mi- » nas, e huma boa Administração metallurgica. »

Esta falta de laboração regular, e de huma Administração adequada, he sem duvida a que desde o descobrimento das minas foi causa dos males que actualmente se experimentão. Verdade bem obvia, que ficou com tudo occulta a algumas Pessoas aliàs instruidas, que tratárão deste objecto; pois segundo ellas as causas desta decadencia são a falta do Ouro (sim na superficie, mas certamente não no interior, onde nunca se chegou, nem se sabe chegar), a pobreza dos mineiros, a falta de Negros, os abusos nas concessões dos Guardas móres, as Demandas sobre terras e agoas, e sobre os privilegios a que chamão *Trintada*, e à divisão das Fabricas, por morte de hum mineiro que seja Pai de Familias, em fim o máo methodo de mineração, ponto este em que tocão levemente, e de que não estão

bem

bem persuadidos, por não terem ainda visto praticar outro melhor.

He certo que todos estes males influem sensivelmente na decadencia das minas, mas todos elles procedem de duas unicas causas, e são terem-se franqueado ao Povo as minas de Ouro sem limitação, e sem inspecção sobre os seus trabalhos; e na falta absoluta de Leis montanisticas, adequadas a este Paiz.

Quem conhece as sabias Leis montanisticas da Alemanha; quem vê por meio dellas abrir e lavrar com vantagem as minas mais pobres; quem sabe que a Sciencia metallurgica naquelle Estado tem chegado ao ponto de se extrahir com lucro huma pequenissima porção de Ouro, por exemplo $\frac{1}{4}$ de grão de oito arrobas de terras metaliferas; fica bem pasmado das riquezas immensas deste Paiz, e da imperfeição dos seus trabalhos, em que sómente se aproveita o Ouro, que se mostra visivel n'huma batéa de terra, que não conterá mais que huma arroba, lançando-se fóra toda a terra, em que se não acha alguma faisca visivel.

Os mineiros do Paiz aproveitão só o que podem separar mecanicamente e de huma maneira a mais imperfeita. Assim, contando todas as perdas que soffrem, causadas pela sua ignorancia, desde que tirão o Ouro do seu leito natural, até que sahe fundido da Casa da fundição, e da da Moeda, não será por certo exagerado quem avaliar estas perdas em a metade do mesmo Ouro: convir-se-ha facilmente nisto considerando-se o seguinte.

(1.° No trabalho dos Vieiros e Camadas nunca chegão ao fundo; o minimo obstaculo que se encontra, ou a falta de Ouro visivel, faz esmorecer o mineiro: não sabendo remediallo, e temendo perder mais serviços huma vez que continue, larga o trabalho, e principia n' outro lugar, arranhando só a superficie do terreno.

(2.° Para a apuração da terra extrahida não sabem outro methodo, senão o da lavagem; e isto sem engenho ou máquina alguma, aproveitando sómente o Ouro mais grosso

e

e pesado; pois o mais fino o arrasta a agoa comsigo para os Rios. Não fallamos no Ouro que se acha chimicamente ligado com outras substancias, e que desapparece de todo nestes trabalhos; nelle he que o mineiro soffre a maior perda.

(3.° A perda nas Fundições. Desde o principio das Casas de Fundição usou-se sempre, e usa-se ainda com grande prejuizo da Fazenda Real, para a apuração e fundição do Ouro, do Muriato de Mercurio (*Solimão*) o qual vem por hum preço subido dos Paizes estrangeiros. He bem sabido que elle se decompõe na fundição, passando o Acido muriatico a oxidar o Ferro, Cobre, e outros metaes com que ordinariamente o Ouro está misturado. O Mercurio, que então se volatiliza com grande velocidade, arrasta comsigo mecanicamente em os seus vapores muitas particulas de Ouro; e eis-aqui porque os trabalhos das Fundições quasi sempre differem, mostrando menos perda hum do que outro, em Ouro do mesmo toque.

Cheguei a esta Capitania, e visitei muitas e muitas lavras della, com o maior enthusiasmo de espalhar entre os mineiros algumas luzes para huma mineração regular, e apuração mais perfeita; muitos me vierão consultar, notavão o que eu dizia; até me não poupei a despezas para mandar fazer modellos de Engenhos, a fim de mostrar as suas vantagens. Principiei esta doutrina com os mineiros mais opulentos, que podião servir de exemplo aos outros, e não descancei com estas diligencias, até me desenganar inteiramente de que todo o meu trabalho era baldado. Huns riem-se de cousas de que nunca ouvirão fallar, cuidando que são chimeras; outros tem a condescendia de fingirem estar persuadidos do que digo; outros estão realmente convencidos, mas não tem animo de largar a pratica antiga; outros finalmente reconhecem as vantagens que lhe proponho, mas não tem resolução de despender o dinheiro que exige a construcção de alguma maquina, ou hum serviço regular, em que não se póde tirar Ouro logo nos primeiros dias.

Des-

Deste comportamento dos mineiros o que devo concluir he, que o que principalmente lhes falta são exemplos; estou certo que elles logo os imitarião, se o Governo ou alguma Sociedade patriotica lhos desse, debaixo da inspecção de homens formados na Sciencia montanistica. No estado actual dos seus conhecimentos (que se lemitão ao que aprendêrão maiormente dos Escravos negros da Costa da Mina) mais depressa compra o mineiro hum Escravo por 200 ou 300$ rs. do que gasta 20$ rs. em huma maquina que lhe pouparia os braços de seis Escravos. Mas he já tempo de passarmos a outros assumptos.

As immensas riquezas que esta Capitania offerece em mineral de Ferro, espantão o conhecedor, não havendo parte nenhuma do Mundo até agora examinada pelos Mineralogistas, que apresente maior abundancia delle. Montes e Serranias inteiras estão cobertas de *Ferro micaceo*, *magnetico*, *especular*, e *vermelho*. Parece, segundo todas as noticias que pude alcançar, que os Escravos negros da Costa da Mina derão as primeiras luzes aos mineiros do conhecimento deste mineral, e da extracção do Ferro.

Muitos Ferreiros então se occupárão em o extrahir para o gasto das suas officinas: e o numero destes fabricantes tem crescido consideravelmente depois da chegada de Sua A. R. a estes Estados, por ter aquelle Senhor franqueado a factura do Ferro: mas estes fabricantes trabalhão ainda, para assim dizer, ás cegas; sem ao menos terem engenho para puxar o Ferro em barra, senão os braços dos seus Escravos.

A muitos destes fabricantes dei idéas para melhorarem o seu trabalho; nenhum porém se aproveitou tanto destas instrucções como F. Nunes, da Itaubira do Mato-dentro, que no mez de Abril do anno proximo passado puxou o primeiro Ferro com hum malho movido por huma roda d' agoa.

He para lastimar a escacez de matos, e sobre tudo nos districtos ferreos desta Capitania, produzida principalmente

te

te pelo methodo barbaro da cultura das terras, queimando-se para este fim as mais bellas florestas. Esta Capitania poderia supprir de Ferro todo o mundo, sem nunca exhaurir as suas riquezas; mas esta escacez de lenhas he causa de não se poder extender tanto hum ramo de industria tão proveitoso.

Não podendo pois pelos motivos sobreditos extrahir-se este metal em tanta abundancia e perfeição, nem por preço tão commodo, como exigem as necessidades desta Capitania, abraçou o Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Conde de Palma a minha proposta de erigir á custa de alguma Sociedade huma Fabrica maior; e não pedindo eu mais do que dez mil cruzados para a sua erecção, não se encontrou difficuldade alguma, ajuntando o mesmo Sñr. dez accionistas: assim depois da approvação de S. A. R. pela Carta Regia de Agosto de 1811 metteo-se logo a mão á obra, e tive a satisfação de fundir e puxar o primeiro ferro no Faustissimo dia dos Annos da Rainha N. Senhora em 17 de Dezembro de 1812. Este dia será perpetuamente memoravel para a Fabrica de Ferro de Congonhas do Campo, e a mesma Fabrica sello-ha tambem sempre na historia das Fabricas de Ferro do Brazil, por ser a primeira e unica nestes Estados, que até agora trabalhou em grande.

Construi cinco fornalhas á maneira dos Suecos, quatro das quaes estarão em continuo trabalho. A imperfeição que ainda se observa nos mestres (todos Brasileiros e ensinados por hum fundidor Alemão) desapparecerá pouco a pouco, e espero chegar ao ponto de dar cento e cincoenta arrobas de Ferro em barra por semana. Entre tanto já assim mesmo remedea esta Fabrica as maiores necessidades de Ferro nas visinhanças de Villa Rica, e por metade do preço por que se costuma comprar o Ferro estrangeiro.

Supponde que ella não produza mais de quatro mil arrobas annuaes, já lucra a Capitania vinte e quatro mil cruzados, que aliàs havião de sahir para fóra, não mettendo em conta outros vinte e quatro mil cruzados, que os compra-

do-

dores poupão em Quintos e carretos, sendo o preço ordinario e medio do Ferro de fóra, posto em Villa Rica, 4$800 rs. por arroba. O mineiro em consequencia disso, assim como o lavrador, já póde ter os seus instrumentos por metade do preço do que anteriormente tinha, o que he huma vantagem extraordinaria.

As exagerações, que fizerão os primeiros descobridores, da riqueza de huma mina de Galena, que encontrárão nos certões do Rio Abaeté, andando a garimpar diamantes, chamárão a attenção do Governo, que me incumbio de fazer a este respeito os exames necessarios.

Está esta mina no meio de hum inculto certão de matos; e existia hum unico velho, que depois do descobrimento tinha chegado a ella por hum Ribeirão, chamado da Galena, que desagôa no Rio Abaeté. Para se mandarem amostras d'aquella mina a S. A. R., gastavão cinco dias pelo dito Ribeirão acima; e como nunca se tomou o rumo delle, custou muito abrir huma *picada* por terra, que alli se dirigisse. Consegui-o finalmente no mez do Julho do anno passado; mas longe de achar, como dizião, huma serra inteira de Galena, achei hum Vieiro da *posança* de hum palmo, que atravessa de Norte a Sul rochas calcarias secundarias. Esta Galena he acompanhada de Spatho calcareo, Quartzo, Brunispatho, Verde de cobre, Pyrites de cobre, *Fahlertz*, e Blenda brunea.

Depois de huma demora de tres mezes n'aquelle certão, estando convencido que se não devia abandonar aquella mina, e que ao contrario se deveria erigir hum estabelecimento regular, formei hum plano da futura administração della. Entre tanto deixei hum Mestre mineiro Alemão, e huns poucos de Escravos para continuarem os trabalhos. Além disso, como esta mina se acha desviada quasi vinte e cinco legoas do povoado, foi-me preciso para manter a gente occupada, mandar derrubar os matos, e cultivar terras nas visinhanças.

No presente anno augmentei o numero dos Escravos,

e passei outra vez quatro mezes n'aquelle certão, cuidando principalmente em fazer estradas, e augmentar a cultura das terras; convencido sempre de que se não deve abandonar este estabelecimento. Os trabalhos da lavra fazem-se por Poços e Galerias.

A Prata que contém esta Galena he outra tanta, como costumão conter as Galenas das minas de Alemanha. Já me tinha provado isto hum ensayo feito no Laboratorio de Coimbra, e no da Real Fabrica das Sedas de Lisboa, em companhia do Sñr. Dr. José Bonifacio d'Andrada: repetindo-o na Casa da Fundição de Villa Rica, novamente se confirmárão as minhas observações.

Em algumas partes desta Capitania acha-se tambem Cobre, mas á excepção do Cobre nativo em pó, que se encontra nos corregos, e n'huma camada de Argilla schistosa-bituminosa nas visinhanças do Arrayal do Inficionado, não pude descobrir o seu leito natural; vi só amostras de Cobre vermelho e *Fahlertz* em grandes pedaços, que me dizião ter-se achado na falda de huma serra, que tem lavras de Ouro, ao pé da Fazenda dos *Caldeirões*, pertencente á Familia dos Macieis em Villa Rica.

A respeito do Cobre nativo em pó, dei todas as providencias para o seu exame: mas como não me foi possivel assistir com a minha presença, o dono da Lavra, que devia fazer estes exames, não fez caso das minhas direcções; e em consequencia não resultou nada de hum trabalho em que se consumírão mais de quatro mezes.

Cinabre nativo acha-se no Cascalho (*caillou roulé*, *Geschieb*) d'alguns corregos de Tripui, meia legoa de Villa Rica. Todos estes corregos nascem nas faldas da Serra de Caxoeira, e não vem muito longe. Esta Serra (formada principalmente de Greda, sobreposta a hum Schisto argilloso-ferruginoso, que passa muitas vezes a Argilla schistosa) contém certamente em si vieiros do dito mineral, que na flor da terra são lavados pelas torrentes da chuva, e suas particulas conduzidas aos corregos visinhos, onde apparecem

mui-

muito roladas. O accaso deve aqui descobrir o que todas as minhas indagações até ao presente não produzírão.

Achou-se, ainda ha pouco, Estanho nas areas do Rio Paraupeba; o seu estado he o do *Cornisch-Zinertz*, ou Estanho lenhoso de Cornoailhes; mas he em tão pequena quantidade, que não faz conta aproveitallo. As margens deste Rio, e o terreno visinho são formados de *Gneis*, e he de esperar que se encontraráõ aqui vieiros do dito Metal.

Em humas lavras de Ouro perto do Arrayal de Congonhas do Campo, achei o Chumbo vermelho n'hum Vieiro de Quartzo e area branca mui decomposta, e que atravessa rochas de pedra de Sabão. Este vieiro estava só trabalhado á flor da terra, e largou-se o trabalho apenas se encontrou o Quartzo menos decomposto, e mais rijo. Disserão-me, que na parte em que o Chumbo vermelho era mais abundante, tambem alli era o Vieiro mais rico em Ouro. Ainda até agora não pude persuadir o dono da lavra a continuar este serviço, aproveitando o mesmo Chumbo vermelho, que até então não conhecião e deitavão fóra.

Além destes Metaes que examinei, tenho noticia que se achão os seguintes.

(1.° Platina; ao pé do Arrayal da Conceição do Serro, de que possuo amostras; e no Rio Abaeté e suas visinhanças.
(2.° Chumbo; em differentes partes nas margens do Rio de S. Francisco.
(3.° Estanho; no Rio de Antonio Dias.
(4.° Bismutho; no Rio Guarapiranga, em S. Anna do deserto.
(5.° Cobalto; ao pé do Arrayal de Tejuco, no Serro do frio.
(6.° Cobre; no sitio de S. Domingos Comarca do Serro.
(7.° Manganez; em toda a Capitania.
(8.° Zinco; acha-se em quantidade grande no sitio chamado Tocaios, nas margens do Rio Jequetinhonha &c. &c.

Pelo que acabamos de expor tão resumidamente, se vêm as riquezas que esta Capitania offerece em Metaes; e sendo tal a sua posição geografica, que pouco ou nenhum proveito se póde nella tirar da Agricultura, dever-se-hião fazer to-

dos os esforços para promover a exploração, e trabalho regular das Minas; e estabelecer as competentes Fabricas.

(*Post-scriptum.*)

Esta Memoria, escrita em Villa Rica no mez de Novembro de 1813, não pôde por varios motivos ser remettida senão em Fevereiro de 1815. Entre tanto o estado das Minas tem tido pequena alteração. A Fabrica de Ferro de Congonhas do Campo he ainda a unica, que trabalha em grande nos Estados do Brazil com bastante proveito.

Com tudo as Fabricas pequenas de Particulares tem-se augmentado muito, principalmente na Itaubira do Matodentro, onde o numero das fornalhas já chega a doze.

A mina de Galena de Abaeté continúa ainda nos seus trabalhos; mas como os fundos destinados para ella não passavão de cinco mil cruzados, e como faltão Mestres habeis para a sua mineração, nunca poderá neste estado de cousas tirar-se della hum grande proveito. No presente anno (1815) pretendo fazer a fundição de duas mil arrobas de Galena pura, que foi tirada por quatro Escravos mineiros em tempo de dois annos e meio; e como as despezas até agora não subírão a mais de tres mil cruzados, espero podellos tirar do producto das Fundições.

Restava-me ainda dar o plano da Administração regular e economica das Minas e Fundições; e eu offereço á Academia as bases delle a fim de que, mandadas examinar por Pessoas sabias e zelosas do bem publico, possa finalmente apresentar-se hum plano completo e perfeito para se administrarem as Minas deste Paiz, principalmente da Capitania de Minas: o que he necessarissimo, principalmente para as de Ouro, cuja decadencia ainda continúa, não tendo chegado o Quinto no anno passado para pagar as despezas da extracção diamantina, e das Casas de Fundição.

FIM.

ME-

MEMORIAS,

QUE SE CONTÉM NA II. PARTE, DESTE QUARTO TOMO.

Historia.

Memorias dos Socios.

Memorias dos Correspondentes.

CA-

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes, para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - - . 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia, por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

III. Memoria sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, remettida á Academia, pelo mesmo, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

VII. Osmia, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° - - 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° 160

IX. Vestigios da Lingua Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli, Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. 4.° - - 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Dinis, até ao do Senhor Rei D. João II. 4. vol. *fol.* - - - - - - - - - - - - - - 7200

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - - - - *gr.*

XV.

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. 4.° - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Hiſtoria Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Mageſtade, e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Poruguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 vol. 8.° *mai.* - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis. Labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Hiſtoria, e Eſtudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anaſtasio de Figueiredo, Correspondente da mesma Academia, 2 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Aguas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - - - - - - - - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. 4.° - - - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da Lingua Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* - - 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia, 8.° - - - - - - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Sereníssimo Principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Scien-

Sciencias, pelo seu Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, segunda edição corregida, e accrescentada pelo mesmo Auctor, 1 vol. 4.º - - - - - - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevão Cabral, Socio da Academia, em 8.º - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chymica da Agua das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez, *folh.* 4.º - - - - - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Num. da Academia, 1 vol. 8.º 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 4 vol. *fol.* - 8000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.º - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Parte I. 4.º - - - - - - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum, 1 vol. 4.º - - - - - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.º - 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle, &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves, para distribuir-se ao Exercito, *folh.* 12.º - *gr.*

XXXVII. Advertencia dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição, accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569. *folh.* 12.º - - - - - - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.º - - - - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias, por J. M. D. P. 1 vol. 8.º - - - - - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza, posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª 2.ª 3.ª e 4.ª - - - - - - - - - - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.º vol. 8.º - - - - - - 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia Real das Sciencias, 8 vol. em 8.º - - - - - 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. 4.º - - - - - - - - - - - - - - - 2400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das

Na-

Nações Ultramarinas, Tom. I. Numeros 1.° 2.° 3.° e 4.° - - 600
O Tomo II. - 800
XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco Mendo Trigozo, *com os textos*, 1 vol. 4.° - 600
XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Num. I. até XIII. - - - 300
XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte I. e II. - - - - - - - - - - 600
XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidade do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. 4.° 400
XLIX. Taboas Auxiliares para uso da Navegação Portugueza, compiladas de ordem da Academia R. das Sciencias, 1. vol. 4.° 600
L. Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, Lente de Mathematica na Academia Real da Marinha, e Socio da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 8.° - - - - - - - 800

Estão no prélo as seguintes.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, e outros.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.°
Obras escolhidas do Padre Vieira.
Memoria sobre os Foraes.

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*